

lig

revista de psicanálise

27

Nº2 · 2025

ISSN 2238-9083

VERSÃO IMPRESSA

ISSN 2316-6010

VERSÃO ONLINE



revista de psicanálise

ANO 14, Nº 2, JUL-DEZ/2025 - PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

SIG REVISTA DE PSICANÁLISE

REVISTA SEMESTRAL DA SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

ANO 14, NÚMERO 2, JUL-DEZ/2025

ISSN 2238-9083 VERSÃO IMPRESSA

ISSN 2316-6010 VERSÃO ONLINE

A SIG Revista de Psicanálise é a publicação científica da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, editada regularmente desde 2012. Nos formatos impresso e on-line, em duas edições anuais, publica artigos teórico e teórico-clínicos, ensaios, resenhas, traduções de artigos de autores estrangeiros e entrevistas no campo psicanalítico. Publica, ainda, textos voltados à interlocução entre a psicanálise e outros campos do saber, como filosofia, literatura, história e outras áreas ligadas ao estudo crítico da sociedade e da cultura.

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de ser um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais, científicas, não comerciais, desde que citada a fonte.

As normas para a publicação e instruções para submissão de artigos estão disponíveis em:

<http://sig.org.br/revista-sig>

VERSÃO ONLINE DA REVISTA EM <https://ojs.sig.org.br>

TIRAGEM: 180 EXEMPLARES | IMPRESSÃO: DEZEMBRO DE 2025

S574 Sig: revista de psicanálise / Sigmund Freud Associação
Psicanalítica. - Vol. 14, n. 27 (jul./dez.2025). - Porto Alegre:
Sigmund Freud Associação Psicanalítica, 2012-

Semestral
ISSN 2238-9083

1. Psicanálise - Periódicos. I. Sigmund Freud Associação
Psicanalítica.

CDU 159.964.2(05)

Bibliotecária responsável: Clarice da Luz Rodrigues, CRB 10/1333.

Sig revista de psicanálise

REVISTA DE PSICANÁLISE

PUBLICADA POR SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

PORTO ALEGRE, RS - BRASIL

2025

SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

GESTÃO 2024/2026

Presidente: Elenara Vaz Faviero

Diretora Administrativa: Renata Aspar Lima

Diretora de Ensino: Luciana Rechden da Rocha

Diretora Científica: Débora Marcondes Farinati

Diretora da Clínica Psicanalítica: Joana Nazário Schmidt

Diretora de Comunicação: Mariana Machado Felin

Secretária do Conselho Deliberativo e Fiscal: Isabel Cristina Moraes Doval

SIG REVISTA DE PSICANÁLISE

Editora: Mariana Steiger Ungaretti

CORPO EDITORIAL:

Adela Stoppel de Gueller	Edson Luiz André de Souza	Miriam Chnaiderman
Almerindo Boff	Eneida Cardoso Braga	Mônica Medeiros K. Macedo
Ana Lúcia W. dos Santos	Ernani Pinheiro Chaves	Nelson da Silva Júnior
Bárbara de Souza Conte	Eurema Gallo de Moraes	Patrícia Alkolombre
Bianca Savietto	Gabriela Xavier de Araújo	Patrícia Porchat P. S. Knudsen
Carolina N. de Barros Falcão	Julio Bernardes	Paulo Cesar de Carvalho Ribeiro
Charles Elias Lang	Karin Wondracek	Paulo Endo
Cláudia Perrone	Luciana Maccari Lara	Rafael Marucco
Clarice Moreira da Silva	Luís Claudio Figueiredo	Roberta Araujo Monteiro
Cristina L. Saint Martin	Magda Mello	Sérgio de Gouveia Franco
Christian Ingo Lenz Dunker	Maria Cristina Poli	Sidnei Goldberg
Daniel Kupermann	Marília Etienne Arreguy	Simone Perelson
Débora Farinati	Marina Lucia Tambelli Bangel	Sissi Vigil Castiel
Denise Costa Hausen	Marta Rezende Cardoso	Vera Blondina Zimmermann

COMISSÃO EXECUTIVA:

Adriana Silveira Gobbi

Ângela Segabinazzi
Rodrigues

Cristina Gudolle Herbstrith

Gabriele Honscha Gomes

Pâmela Soares Bratkowski

PROJETO GRÁFICO:

Débora Dutra

*Capa: arte sobre fragmento
da obra de Henri Matisse
(reprodução), Litografia para
a Verve, 1937.

DIAGRAMAÇÃO:

Marconbrasil
Comunicação Direta

SUMÁRIO SUMMARY

EDITORIAL9

EM PAUTA/ON THE AGENDA

A MULTIMODALIDADE DA LINGUAGEM NA CLÍNICA PSICANALÍTICA DO BEBÊ: ESTUDO DE CASO E MICROANÁLISE11

La multimodalité du langage dans la clinique psychanalytique du bébé: étude de cas et microanalyse

The multimodality of language in the psychoanalytic clinic with infants: case study and microanalysis

La multimodalidad del lenguaje en la clínica psicoanalítica del bebé: estudio de caso y microanálisis

- *Marie Nilles*

- *Dulcinea Alves dos Santos*

- *Erika Parlato-Oliveira*

LA MULTIMODALITÉ DU LANGAGE DANS LA CLINIQUE PSYCHANALYTIQUE DU BÉBÉ: ÉTUDE DE CAS ET MICROANALYSE25

A multimodalidade da linguagem na clínica psicanalítica do bebê: estudo de caso e microanálise

The multimodality of language in the psychoanalytic clinic with infants: case study and microanalysis

La multimodalidad del lenguaje en la clínica psicoanalítica del bebé: estudio de caso y microanálisis

- *Marie Nilles*

- *Dulcinea Alves dos Santos*

- *Erika Parlato-Oliveira*

AUTISMO OU PSICOSE: NECESSÁRIA DISTINÇÃO DESDE A INFÂNCIA.....39

Autism or psychosis: necessary distinction from childhood

Autismo o psicosis: una distinción necesaria desde la infancia

- *Renata Wirthmann Gonçalves Ferreira*

- *Rosana Fantini*

- *Luciana Rodrigues Mossolin*

- *Francisco de Assis Xavier Neto*

A GRAMÁTICA DO CONTROLE E A LINGUAGEM DAS INFÂNCIAS: NOTAS PARA O EXERCÍCIO DA ÉTICA DO CUIDADO51

The grammar of control and the language of childhoods: notes for the exercise of the ethics of care

La gramática del control y el lenguaje de las infancias: notas para el ejercicio de la ética del cuidado

- *Márcio Pereira Cabral*

A UTOPIA CONSTRUINDO UM HORIZONTE POSSÍVEL PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ENFRENTAMENTO DO RACISMO: OS 35 ANOS DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE63

Utopia building a possible horizon for children and adolescents in confronting racism: the 35th anniversary of Brazil's Child and Adolescent Statute

La utopía construyendo un horizonte posible para niños y adolescentes en el enfrentamiento al racismo: 35 años del Estatuto del Niño y del Adolescente de Brasil

- *Carolina Mousquer Lima*

- *Fernanda Dornelles Hoff*

- *Gabriela Weber Itaquy*

- *Luciane Susin*

- *Marisa Batista Warpechowski*

- *Marta Conte*

SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS: CLÍNICA E IDENTIDADE A LA LUZ DE LAS NOVEDADES TECNOLÓGICAS.....	79
Subjetividades contemporâneas: clínica e identidade à luz das novidades tecnológicas	
Contemporary subjectivities: clinic and identity in light of technological advances	
- <i>María Cristina Rother Hornstein</i>	

ARTIGOS/ARTICLES

DE MATCH EM MATCH, O AMOR CAI NAS REDES	85
Match by match, love goes viral	
De match en match, el amor cae en las redes	
- <i>Joana Alvares</i>	
- <i>Ana Julia Dierings</i>	
- <i>Emily Pinsetta Dalpian</i>	
- <i>Laura Gabardo Baggio</i>	

MARCAS DO MASOQUISMO ORIGINÁRIO E DA PASSIVIDADE À LUZ DA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA DE LAPLANCHE	95
Marks of original masochism and passivity considering Laplanche's theory of generalized seduction	
Marcas del masoquismo originario y de la pasividad a la luz de la teoría de la seducción generalizada de Laplanche	
- <i>Carla Heloisa Schwarzer</i>	

ENTRE MÃE E FILHA: EFEITOS DE RELAÇÕES SIMBIÓTICAS NA SUBJETIVAÇÃO FEMININA.....	105
Between mother and daughter: effects of symbiotic relationships on female subjectivation	
Entre madre e hija: efectos de relaciones simbióticas en la subjetivación femenina	
- <i>Geórgia Fiori</i>	
- <i>Carolina Neumann de Barros Falcão</i>	

ENSAIO/ESSAY

O LUGAR DA ESCRITA PSICANALÍTICA NO ENQUADRE INTERNO DO ANALISTA: UMA TOPOGRAFIA ÉTICA	121
The role of psychoanalytic writing in the psychoanalyst's internal setting: an ethical topography	
El lugar de la escritura psicoanalítica en el encuadre interno del psicoanalista: una topografía ética	
- <i>Felipe Szyszka Karasek</i>	

A MULHER INTEIRA CONSTITUI TABU: UM ENUNCIADO DO HORROR À DIFERENÇA	135
The entire woman constitutes a taboo: a statement about the horror of difference	
La mujer entera constituye un tabú: una declaración del horror de la diferencia	
- <i>Renata Brum Birck</i>	

ENTREVISTA/INTERVIEW

ENTREVISTA COM JULIETA JERUSALINSKY: A INFÂNCIA DE NOSSOS TEMPOS	147
Interview with Julieta Jerusalinsky: the childhood of our times	
Entrevista con Julieta Jerusalinsky: la infancia de nuestros tiempos	
- <i>Julieta Jerusalinsky</i>	

RESENHAS/REVIEW

A TESE DE VÍCTOR GUERRA — SOBRE A INTERSUBJETIVIDADE E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO	155
Víctor Guerra's thesis — on intersubjectivity and the process of becoming a subject	
La tese de Víctor Guerra — sobre la intersubjetividad y los procesos de subjetivación	
- <i>Angela Flores Becker</i>	
- <i>Renata Chaves Serafini</i>	
- <i>Tatiana Giron Cardon</i>	
LER O MASOQUISMO PELO AVESSO.....	161
Reading masochism from the reverse side	
Leer el masoquismo desde el reverso	
- <i>Rafael Werner Lopes</i>	

EDITORIAL

Prezadas(os) leitoras(es),

Chegamos ao número 27 da *SIG Revista de Psicanálise*. Mantemos aqui o gesto que nos movimenta: fazer da revista um lugar de interlocução entre teoria, clínica e cultura, contemplando diferentes modalidades de escrita psicanalítica — *Em Pauta*, *Artigos*, *Ensaios*, *Resenhas* e *Entrevista*.

A seção *Em Pauta* deste número volta-se à infância e à adolescência. Em um cenário marcado por excessos diagnósticos e hipermedicalização, os trabalhos aqui apresentados convocam a recusar a mera classificação e a sustentar o trabalho de simbolização. Os textos percorrem desde a investigação do campo tátil na constituição psíquica do bebê e o valor do toque como vetor de subjetivação até a análise crítica dos 35 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente e seus desafios ético-políticos em um país ainda atravessado por desigualdades estruturais. Seguem reflexões sobre a adolescência e seus modos de subjetivação diante das transformações tecnológicas, sobre a distinção entre autismo e psicose na infância sob olhares psicanalíticos e psiquiátricos, e sobre a escuta das violências simbólicas e afetivas no espaço escolar a partir de Ferenczi e de uma ética decolonial da linguagem.

Na seção *Artigos*, reunimos contribuições teóricas e teórico-clínicas que problematizam os processos de subjetivação e os impasses do laço. O amor na era digital é interrogado à luz das transformações da virtualidade e de suas novas formas de idealização e vazio; a simbiose entre mães e filhas é pensada em sua complexa travessia rumo ao feminino; e a teoria da sedução generalizada de Laplanche inspira uma leitura sobre a constituição psíquica diante das marcas traumáticas e da violência das mensagens enigmáticas.

Em *Ensaios*, abrimos espaço à criação e ao pensamento. O primeiro texto entrelaça escrita e psicanálise, refletindo sobre o ato de escrever como gesto ético e criativo que sustenta a alteridade no campo analítico. O segundo propõe uma leitura crítica sobre o tabu do feminino e o medo social do desejo, repensando o enigma da diferença para além da lógica fálica.

Nas *Resenhas*, contamos com a discussão do livro *Vida psíquica do bebê*, de Víctor Guerra, que aprofunda a compreensão da constituição psíquica a partir da clínica com bebês, e também do livro *Gramáticas do masoquismo*, de Sander Machado da Silva, que percorre o conceito freudiano articulando-o à cultura e à clínica contemporânea.

Por fim, apresentamos uma instigante *Entrevista* com Julieta Jerusalinsky, que situa a infância contemporânea diante das novas formas de mal-estar social, interrogando o impacto da virtualidade, das crises civilizatórias e da perda dos espaços de convivência sobre a subjetivação infantil.

Se há um fio que costura esta edição, é a aposta no tempo do sujeito — tempo para que o sintoma seja mais do que rótulo, para que a palavra trabalhe. Em meio às turbulências do mundo atual, a psicanálise marca aqui seu lugar como abertura à interrogação e ao reconhecimento da alteridade. Agradecemos aos autores, avaliadores e leitores que fazem desta revista um lugar vivo de transmissão.

Boa leitura,

Mariana Steiger Ungaretti
Editora

Adriana Silveira Gobbi
Ângela Segabinazzi Rodrigues
Cristina Gudolle Herbstrith
Gabriele Honscha Gomes
Pâmela Soares Bratkowski
Comissão Executiva

A MULTIMODALIDADE DA LINGUAGEM NA CLÍNICA PSICANALÍTICA DO BEBÊ: ESTUDO DE CASO E MICROANÁLISE

LA MULTIMODALITÉ DU LANGAGE DANS LA CLINIQUE PSYCHANALYTIQUE
DU BÉBÉ: ÉTUDE DE CAS ET MICROANALYSE

THE MULTIMODALITY OF LANGUAGE IN THE PSYCHOANALYTIC
CLINIC WITH INFANTS: CASE STUDY AND MICROANALYSIS

LA MULTIMODALIDAD DEL LENGUAJE EN LA CLÍNICA PSICOANALÍTICA
DEL BEBÉ: ESTUDIO DE CASO Y MICROANÁLISIS

Marie Nilles¹

Dulcinea Alves dos Santos²

Erika Parlato-Oliveira³

Resumo: Esta pesquisa se inscreve na clínica psicanalítica do bebê e explora o papel do campo tátil na construção psíquica inicial. É baseada no caso de Luca, um bebê de seis meses que chega por demanda espontânea, cujos pais estavam preocupados com a ausência de olhar do filho. O objetivo é questionar a forma como o toque pode se tornar um vetor de interação e conexão com o outro dentro do processo terapêutico. Nossa reflexão se baseia na teoria das pulsões de Freud e na noção de circuito da pulsão desenvolvida, em particular, por Lacan e Laznik, bem como na reflexão de Couvert sobre o campo tátil como campo pulsional. A microanálise de dois vídeos de sequências de sessões foi realizada com o uso do software ELAN, a fim de objetivar as interações motoras, táteis e visuais do bebê com sua mãe e o analista. Os resultados evidenciam uma evolução em suas interações, cada vez mais orientadas para o outro, bem como um vínculo em construção com a mãe. O estudo também destaca a importância de os profissionais ampliarem a escuta das formas de comunicação não verbal do bebê, especialmente o toque. Ao reconhecer o tátil como uma das modalidades de interação do bebê, este trabalho evidencia a possibilidade de intervir junto a bebês em sofrimento e apoiar seu processo de subjetivação em uma perspectiva de devir e não de causalidade.

Palavras-chave: Clínica psicanalítica. Bebê. Pulsão. Caso clínico. Interações iniciais.

Résumé: Cette recherche s'inscrit dans la clinique psychanalytique du bébé et explore le rôle du champ tactile dans la construction psychique précoce. À partir du cas de Luca, un bébé de six mois, arrivant en consultation à la demande des parents, préoccupés par l'absence de regard de leur fils. L'objectif est d'interroger la manière dont le toucher peut devenir un vecteur d'interaction et de lien à l'autre au sein du processus thérapeutique. Notre

¹ PhD Student Université Paris Cité. Psychothérapeute. ORCID: 0000-0003-2692-3252.
E-mail: nillesmarie@gmail.com.

² Enseignante Universidade Funorte-Minas-Gerais. Psychologue. ORCID: 0009-0003-2050-453X.
E-mail: dulcinea.a.dossantos@gmail.com

³ Psychanalyste. Membre de l'ALI. Directrice de thèse à l'Université Paris Cité. Directrice du Babylab Cerep-Phymentin. ORCID: 0000-0003-4500-8498. E-mail: eparlato@hotmail.com

réflexion s'appuie sur la théorie freudienne des pulsions et la notion de circuit pulsionnel développée notamment par Lacan et Laznik, ainsi que sur la réflexion de Couvert sur le champ tactile en tant que champ pulsionnel. La microanalyse de deux vidéos de séquences de séance ont été analysées à l'aide du logiciel ELAN, afin d'objectiver les interactions motrices, tactiles et visuelles du bébé avec sa mère et l'analyste. Les résultats mettent en évidence une évolution dans ses interactions, de plus en plus orientées vers l'autre, ainsi qu'un lien en construction avec sa mère. L'étude souligne également l'importance, pour les professionnels, d'élargir leur écoute aux formes non verbales de communication du bébé, en particulier le toucher. En reconnaissant le tactile comme l'une des modalités d'interaction du bébé, ce travail met en lumière la possibilité d'intervenir auprès des bébés en souffrance et de soutenir leur processus de subjectivation dans une perspective de devenir plutôt que la causalité.

Mots-clés : Clinique psychanalytique. Bébé. Pulsion. Cas clinique. Interactions précoces.

Abstract: This research is situated within infant psychoanalytic clinical practice and explores the role of the tactile field in early psychic construction. It is based on the case of Luca, a six-month-old infant brought to consultation at the request of his parents, who were concerned about their son's lack of eye contact. The objective is to examine how touch can become a vector for interaction and connection with the other within the therapeutic process. Our reflection draws on Freud's drive theory and the concept of the drive circuit as developed by Lacan and Laznik, as well as on Couvert's proposal to include the tactile as a full drive field. A microanalysis of two video-recorded therapy sessions was conducted using ELAN software in order to objectify the baby's motor, tactile, and visual interactions with his mother and the analyst. The results highlight an evolution in his interactions, increasingly oriented toward the other, as well as the construction of a bond with his mother. The study also emphasizes the importance, for professionals, of expanding their attention to the baby's non-verbal modes of communication, particularly touch. By recognizing the tactile as one of the baby's modes of interaction, this work brings to light the potential for early intervention with infants in distress and supports their process of subjectivization, within a perspective grounded in becoming rather than causality.

Keywords: Psychoanalytic clinic. Infant. Drive. Clinical case. Early interactions.

Resumen: Esta investigación se inscribe en la clínica psicoanalítica del bebé y explora el papel del campo táctil en la construcción psíquica temprana. Se basa en el caso de Luca, un lactante de seis meses que llega a consulta a pedido de sus padres, preocupados por la ausencia de contacto visual de su hijo. El objetivo es examinar cómo el tacto puede convertirse en un vector de interacción y de vínculo con el otro dentro del proceso terapéutico. Nuestra reflexión se apoya en la teoría freudiana de las pulsiones y en la noción de circuito pulsional desarrollada en particular por Lacan y Laznik, así como en la propuesta de Couvert de incluir el campo táctil como un campo pulsional pleno. Se realizó un microanálisis de dos secuencias de sesiones grabadas en vídeo mediante el software ELAN, con el fin de objetivar las interacciones motoras, táctiles y visuales del bebé con su madre y analista. Los resultados ponen en evidencia una evolución en sus interacciones, cada vez más orientadas hacia el otro, así como la construcción de un vínculo con su madre. El estudio subraya también la importancia, para los profesionales, de ampliar su escucha hacia las formas no verbales de comunicación del bebé, en particular el tacto. Al reconocer lo táctil como una de las modalidades de interacción del bebé, este trabajo pone de relieve la posibilidad de intervenir precozmente con bebés en sufrimiento y de acompañar su proceso de subjetivación desde una perspectiva de devenir más que de causalidad.

Palabras clave: Clínica psicoanalítica. Bebé. Pulsión. Caso clínico. Interacciones precoces.

INTRODUÇÃO

Recentemente, o atendimento psicanalítico de bebês experimentou um boom significativo. Notadamente nutrido por outras áreas do saber, como, por exemplo, a neurociência, o bebê passa a ser considerado um sujeito capaz de intencionalidade, de interação e de comunicação multimodal.

Atualmente, entende-se que o bebê é capaz de falar muito antes de produzir as primeiras palavras, especialmente através do corpo. Assim, o campo tátil assumiu recentemente um lugar central na clínica psicanalítica do bebê. Pensado como um campo pulsional, ao lado dos campos oral, escópico e invocante (Couvert, 2018), ele permite identificar não apenas formas de se dirigir ao outro, mas também compreender as dificuldades de interação do bebê em caso de sofrimento psíquico.

Nesse contexto, o presente estudo propõe uma análise do campo tátil na relação mãe-bebê por meio do caso clínico de Luca, que chegou para análise através da demanda espontânea de sua mãe, preocupada com a falta de olhar do filho. Realizamos a microanálise de duas sequências de sessões, utilizando o software ELAN. Baseando-se em particular na teoria do circuito pulsional sobre a qual Freud já havia falado em 1915 (Freud, 2018; Laznik, 2000), exploramos como o toque e os movimentos táteis podem ser uma fonte de interação quando mãe e bebê ainda não encontraram maneiras de interagir.

Essa microanálise nos levou a realizar análises quantitativas e qualitativas, com o objetivo de demonstrar o interesse do trabalho psicanalítico com o bebê. Neste artigo, apresentaremos a análise de vídeo através de gráficos.

O CASO DE LUCA

Luca é um bebê recebido com seus pais por Erika Parlato-Oliveira em seu consultório particular. Neste artigo, não apresentamos o histórico do caso, seguindo a proposta atual de François Ansermet (2023). De fato, este último destaca uma tensão entre origem e devir, dois conceitos centrais na psicanálise. Segundo ele, o devir pode ser inventado ao longo da vida e não pode ser reduzido apenas às condições de origem, uma vez que a origem não é um destino. Distingue, assim, uma clínica de origem de uma clínica do vir-a-ser, mais atual, acolhendo o imprevisível e na qual o indivíduo é ator de seu próprio devir, para além dos determinismos.

O acompanhamento começa a pedido dos pais, quando Luca tem seis meses e duas semanas de idade. Sua mãe primeiro expressou suas preocupações ao pediatra: seu filho não olha para ela. A mãe de Luca está muito preocupada porque leu, em um livro antigo destinado a pais, que a dificuldade de olhar de um bebê pode estar associada à esquizofrenia. O pediatra os encaminha a um psiquiatra infantil que, por sua vez, os redireciona a um profissional que ele designa como “especialista em bebês”. Foi assim que encontraram Erika Parlato-Oliveira, que se tornaria sua analista (Parlato-Oliveira, 2015).

A clínica psicanalítica do bebê é objeto de cada vez mais pesquisas do ponto de vista científico. Nessa clínica, o bebê é escutado, reconhecido como atuante em sua própria constituição psíquica. Muito cedo, ele pode interpretar o seu entorno. Desde o nascimento, o bebê mostra formas de comunicação com os outros. Com sua linguagem multimodal, comunica-se por meio de suas posturas, gestos, olhares e vocalizações. Assim, ele fala, mesmo antes da produção de palavras. Os profissionais da primeira infância são, portanto, convidados a reconhecer e a valorizar os saberes do bebê, mas, acima de tudo, a aprender a escutá-lo, pois ele é capaz de nos contar sobre seu sofrimento e de nos mostrar, por diferentes meios expressivos, o que quer nos dizer sobre o que está vivenciando (Parlato-Oliveira, 2022). E, de acordo com Parlato-Oliveira (2022), se nem sempre sabemos escutá-lo, é nosso dever pelo menos tentar.

Tendo em mente a importância de considerar diferentes campos pulsionais, optamos por enfatizar o tátil neste trabalho. Assim, nosso objetivo é analisar o papel da pulsão tátil nas sessões de análise por meio da microanálise de dois vídeos.

Freud (2018) descreveu, em 1915, um circuito pulsional em três tempos. O primeiro é um tempo ativo, no qual o sujeito se move em direção a um objeto externo de satisfação. O segundo é reflexivo: o sujeito usa uma parte de seu corpo; é um tempo autoerótico. E o terceiro é dito passivo, ou seja, o sujeito se torna o objeto da pulsão de outro. Lacan (1964) acrescenta a noção de circuito, e é essa noção que permitiu a Laznik (2000) refletir sobre o papel do circuito pulsional na emergência psíquica do bebê. Ela retoma os três tempos do circuito pulsional e os aplica à clínica do bebê. No primeiro tempo, o bebê vai em direção ao objeto de satisfação: este é o tempo ativo. No segundo, reflexivo, o bebê é capaz de se acalmar tomando uma parte de seu próprio corpo como objeto de satisfação, por exemplo, chupando a mão ou o polegar. No terceiro tempo do circuito pulsional, o bebê se faz objeto do outro: é o momento em que o bebê se oferece ao outro, colocando o pezinho na boca da mãe, por exemplo, que finge comê-lo com prazer.

O bebê tem, assim, prazer em ver que pode despertá-lo no outro, é o tempo do “fazer-se”. É também neste tempo do circuito pulsional que o bebê procurará ser olhado, escutado. É um tempo necessário para o fechamento do circuito pulsional. Mas bebês que estão em uma trajetória autística apresentam uma falha nesse terceiro tempo e, consequentemente, uma falha no fechamento do circuito. Eles não procuram ser o objeto da pulsão do outro (Laznik, 2013).

Em 2018, a clínica e a ideia de uma linguagem multimodal do bebê levaram Marie Couvert a propor o tato como um registro pulsional, ao lado dos campos oral, escópico e invocante. O registro tátil abriria uma possibilidade de entrada no pulsional e, como tal, pode ser usado para fechar o circuito. Como no caso de outros campos pulsionais, os três tempos do circuito podem ser aplicados ao tátil: tocar, tocar-se, fazer-se tocar. Dentro desse circuito, também pode haver falhas, que nos guiam no processo analítico. O registro tátil também permite identificar a qualidade da relação com o outro. Por exemplo, um bebê que fica tenso, dobra-se ou se recusa a tocar comunica algo de seu estado psíquico.

Luca é acompanhado por seus pais durante a primeira sessão. A mãe explica que tende a comparar o filho à prima da mesma idade, que parece mais sociável e mais comunicativa. Ela também consegue chamar a atenção da sobrinha com muita facilidade, ao contrário do filho. A demanda inicial é, portanto, feita principalmente pela mãe e diz respeito ao olhar, ou melhor, neste caso, à ausência do olhar (Parlato-Oliveira, 2015). É a partir dessa demanda e seguindo a reflexão do analista sobre as dificuldades apresentadas por Luca que a análise tem início. Sobre a questão da demanda, Lacan (1964) ensina que é a partir dela que se constitui o endereçamento ao Outro, que é a condição da transferência. Ora, sem transferência, não pode haver análise. O analista não responde à demanda, mas ele a interpreta. De fato, o processo analítico é estruturado com base na demanda (Lacan, 1966). Sustentamos que os bebês são capazes, à sua maneira, de expressar a sua demanda desde os primeiros meses de vida e que devemos aprender a escutá-los. Devemos analisar com base no que os pais e o bebê manifestam em seus relacionamentos iniciais.

Na primeira sessão, a analista notou que o bebê não demonstrava interesse pelas pessoas na sala. Durante a discussão, o olhar de Luca recai sobre a analista, mas é, sem hesitação, seu colar, feito de grandes bolas vermelhas, que atrai seu olhar. A mãe insiste em suas preocupações, enquanto o pai não demonstra preocupação. Pelo contrário, ele valoriza o comportamento do filho, sobretudo em comparação com a sobrinha, destacando o seu grande interesse em observar e a sua curiosidade. Ele também explica que não lhe

parece difícil entrar em contato com seu filho. Segundo ele, Luca é muito inteligente, muito observador e curioso. No entanto, mesmo que considere que seu filho não apresente problemas, ele concorda em ouvir a opinião de um “especialista em bebês”. Acreditamos que o pai aderiu ao processo graças a esse termo utilizado pelo médico, apesar de inicialmente não ter visto nenhum problema com o filho. Destacamos a importância da forma como os profissionais fazem os encaminhamentos. O futuro do bebê pode ser completamente impactado (Parlato-Oliveira, 2015).

Durante a sessão, o pai de Luca expressa que reconhece seu filho como a criança que ele foi. Ele menciona que todos dizem que eles são muito parecidos. Ele então mostra uma foto sua com a mesma idade e diz que fica impressionado com a semelhança (Parlato-Oliveira, 2015). Pensamos que esse pai vê seu filho da maneira como ele era visto pelo outro quando tinha sua idade.

No final desta primeira sessão, os pais e a analista concordam em realizar uma segunda sessão na semana seguinte. Tendo os pais dado o seu acordo, todas as sessões serão filmadas pela mesma estagiária. As instruções dadas à estagiária são simples: focar as interações entre Luca e os adultos, enquanto filma em um plano amplo, e interagir com o bebê se ele estiver olhando para ela. O objetivo da filmagem é favorecer um posterior estudo do que está em jogo nas sessões: o conteúdo linguístico, mas também o não verbal, em particular os gestos, os olhares, a multimodalidade da linguagem. De fato, em nossa opinião, dedicar um tempo para entender a comunicação não verbal é muito útil para a compreensão e evolução da clínica do bebê (Parlato-Oliveira, 2015).

Duas sequências de vídeo foram analisadas, com atenção especial ao registro tátil. Realizamos uma microanálise, detalhada, dessas sequências usando o software ELAN (EUDICO Linguistic Annotator), um instrumento de anotação complexo, desenvolvido no Instituto Max-Planck de Psicolinguística, em Nijmegen, Holanda. Ele permite criar, editar, visualizar e pesquisar anotações associadas a dados de vídeo e áudio (Crasborn; Sloetjes, 2008). Segmentamos e anotamos todas as ações do bebê, de sua mãe e da analista, utilizando uma codificação composta por rótulos representativos de cada comportamento, para analisar suas ocorrências e durações. Por uma questão de rigor científico, optamos por uma metodologia duplo-cega para a codificação de cada sessão, ou seja, dois pesquisadores analisaram de forma independente; em caso de discordância, um terceiro pesquisador comparou a codificação e decidiu quando houve desacordo sobre o rótulo ou a duração.

Foram analisadas as interações táteis do bebê, também em correlação com os comportamentos e ações da mãe e da analista. Nossa prioridade de análise foi a relação do bebê com a mãe, e nossa atenção se concentrou principalmente nela durante nossas análises.

O primeiro vídeo que será analisado em detalhes na segunda parte do artigo é uma sequência da segunda sessão. No momento em que o analista usa a prosódia característica do manhês, Luca olha para ela intensamente. Ele sustenta o olhar. Essa observação corrobora os resultados de algumas pesquisas que mostram que o manhês facilita o contato com os bebês, mas não de forma sistemática. Em particular, Laznik et al. (2005) apontam que, de acordo com suas análises de filmes familiares, todos os momentos em que os bebês em risco interagem são em reação ao manhês, mas eles não respondem sistematicamente à presença da prosódia do manhês. De acordo com Roman (2024), os suportes corporais oferecidos pelo ambiente também têm efeitos positivos nas interações. Esta sequência de vídeo de Luca e sua mãe nos mostra os esforços contínuos feitos por esta última para atrair a atenção de seu filho que, por outro lado, esforça-se para evitar encontrar o olhar de sua mãe, mesmo no nível motor. Aqui está uma ilustração de como é muito difícil para os pais estabelecerem uma conexão com esses bebês em dificuldade.

Figura 1 — Luca se esforça para não olhar para a mãe

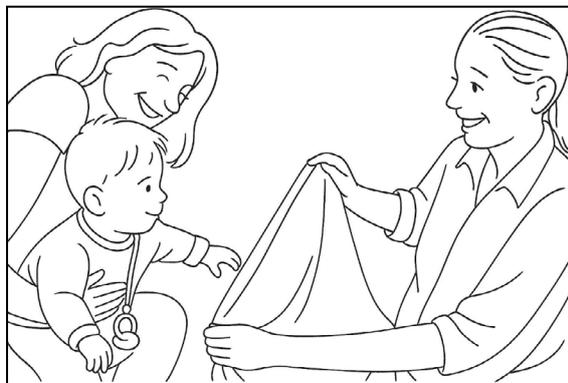


Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

No final dessa sessão, a analista e os pais de Luca concordam com a frequência semanal para a análise de Luca. Nas sessões seguintes, o pai continua elogiando o comportamento de Luca: ele é uma criança exemplar, não demanda atenção. Entre as sessões, a mãe de Luca frequentemente telefona ou envia e-mails: fala principalmente sobre suas grandes preocupações e suas tentativas de atrair a atenção de Luca. Ela também explica como é difícil para ela que seu marido não perceba as dificuldades do filho. No entanto, ele está presente nas sessões e participa ativamente delas (Parlato-Oliveira, 2015).

O segundo vídeo analisado na segunda parte deste artigo é da oitava sessão, quando Luca tinha oito meses de idade. Foi nessa sessão que a mãe refere sentir-se olhada pela primeira vez. Ela relata isso com muita alegria e emoção. Essa troca ocorreu através de uma brincadeira com um lenço.

Figura 2 — O olhar através da brincadeira com o lenço



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Desde então, há cada vez mais respostas de Luca aos adultos. Como Luca está prestes a comemorar seu primeiro aniversário, tanto a mãe quanto o pai de Luca destacam a grande importância do trabalho que foi feito com a analista, bem como os grandes avanços de seu filho. A mãe não tem mais preocupações e relata que seu filho agora está mostrando um “comportamento normal” para sua idade, comparável ao de sua prima. Não há mais demanda para continuar a análise. A terapia termina. Com efeito, se é necessária uma demanda para haver análise, a ausência de demanda indica o final da análise (Parlato-Oliveira, 2015).

Segundo Freud (2018), a análise termina quando o analisante não sofre mais com os sintomas que o levaram à análise e quando os processos patológicos não se repetem mais. Em outras palavras, o fim da análise ocorre quando o analisante não dirige mais uma demanda ao Outro suposto saber e, ao mesmo tempo, quando os sintomas cessam

(Freymann, 2024). Nasio (2009) aborda o fim da análise das crianças. Segundo ele, termina quando os problemas diminuem ou mesmo desaparecem. Isso pode ser visível em seu comportamento e, muitas vezes, os pais constataam a evolução. Assim, a análise não é mais necessária.

No entanto, foi decidido marcar uma consulta seis meses depois, para quando Luca completasse 18 meses de idade, a fim de aplicar o *Modified Checklist for Autism in Toddlers* (M-CHAT) para verificar o desenvolvimento típico de Luca (Parlato-Oliveira, 2015). Trata-se de um questionário composto por 23 itens, para triagem de risco para autismo em crianças de 16 a 30 meses (Robins et al., 2001).

Nessa sessão, pela primeira vez, o pai de Luca não os acompanha. A mãe relata que atualmente Luca interage e pede atenção constantemente. O resultado do M-CHAT confirma que Luca não apresenta, nesse momento, nenhum risco de autismo. Dois exemplos de itens bem realizados são impressionantes. Primeiro, ele é capaz de fazer de conta, com uma xícara de café de brinquedo, ou seja, realizar o jogo simbólico. Ele não apenas oferece o “cafezinho” à mãe, como também se interessa em verificar se a mãe gostou do que ele ofereceu. Ele testemunha um prazer em agradar sua mãe, mostrando o fechamento do circuito pulsional, o “se fazer”.

Figura 3 — Luca oferece à mãe o “café” de faz de conta



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Luca também nos mostra o apontar protodeclarativo quando aponta para a janela, a fim de compartilhar com as pessoas presentes o que vê lá fora (Parlato-Oliveira, 2015).

Luca tem agora 12 anos e sua mãe, que dá notícias dele à analista no final de cada ano, o descreve como um jovem adolescente “como os outros”. Ele tem amigos na escola, interage também com outras crianças da família, treina futebol, adora matemática. Seus pais são bastante exigentes; apenas mencionam que ele gosta um pouco demais de telas e que não é o representante de sua classe, mas todos pensamos, os pais e a analista, que ele mostra um desenvolvimento adequado para sua idade.

ANÁLISE DE VÍDEO

Gostaríamos agora de apresentar as análises dos dois vídeos de sequências de sessões selecionadas para a realização deste trabalho. Mas, para começar, aqui está uma tabela com os diferentes rótulos que compõem nossa codificação. Cada rótulo representa um comportamento do bebê, da mãe ou da analista. É o uso rigoroso dessa codificação que possibilitou a microanálise desses vídeos.

Tabela 1 — Glossário de códigos utilizados para microanálise de vídeo no software ELAN

Categoria	Descrição	Code
Olha para a mãe	Olha sua mãe	regM
	Olha na direção da mãe	regDM
	Olha um objeto	regO
Sorriso	Sorriso dirigido à analista	sourT
	Sorriso dirigido à mãe	sourM
Mostrar a língua	Mostrar a língua para a analista	tirT
	Mostrar a língua para a mãe	tirLM
Falar ao bebê	Em manhês	mmnB
	Sem manhês	
Falar ao analista	Sem manhês	
Falar no lugar do bebê	Em manhês	placeBm
Oferecer um objeto	Ao bebê	offoB
	Ao analista	offroT
	À mãe	offroM
Apontar	Apontar proto-declarativo	poinPD
Tocar	Tocar o bebê	touB
	Tocar o analista	touT
	Tocar a mãe	touM
Fazer um movimento/gesto	Em resposta a algo	mvtrép
	Espontaneamente	mvtS
Dar ritmo corporal		berB
Pegar o bebê no colo		brasB
Oferecer apoio dorsal		apdB

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Aqui estão as análises do vídeo 1, sequência da segunda sessão:

Tabela 2 — Ações motoras observadas do bebê (vídeo 1)

	TOTAL dos tipos de ações observadas	PORCENTAGEM dos tipos de ações em relação à duração total do vídeo	DURAÇÃO (segundos)	PORCENTAGEM DA DURAÇÃO em relação à duração total do vídeo	DURAÇÃO MÉDIA (segundos)
Duração total do vídeo	—	—	300	100%	—
TOTAL	76	100%	244,34	81%	2,830
touM (tocar a mãe)	6	8%	16,39	5%	2,731
mvtrép (movimento de resposta)	30	39%	79,13	26%	2,638
mvtS (movimento espontâneo)	34	45%	131,09	44%	3,856
berB (dar ritmo corporal)	16	21 %	56,10	19%	3,506

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Dos 720 segundos que o vídeo 1 dura, foram identificados 64 movimentos motores do bebê. O tempo total acumulado destes é de 305,42 segundos. Isso representa 42% da duração total do vídeo. 48% dessas ações motoras são movimentos “espontâneos” (mvtS): tempo total de 129,56 segundos, ou 18% da duração total do vídeo. Os chamados movimentos de “resposta” (mvtrép) representam 23% das ações motoras. Isso equivale a 13% da duração total do vídeo. 59% têm mais de 3 segundos, cobrindo 34% da duração total do vídeo, ou seja, 241,61 segundos.

Aqui estão as análises do vídeo 2, sequência da oitava sessão:

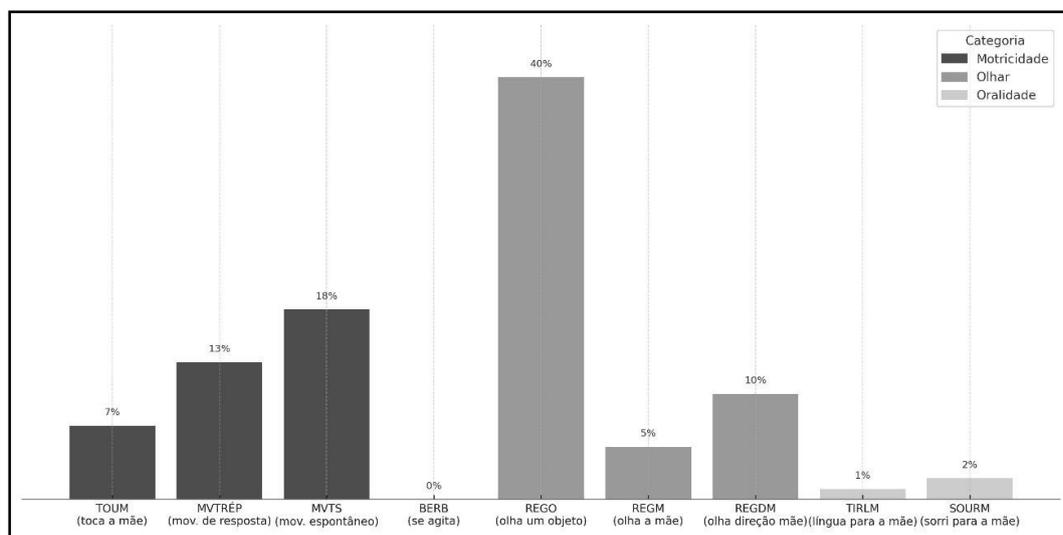
Tabela 3 — Ações motoras observadas do bebê (vídeo 2)

Tipos de ações motoras observadas com duração superior a 3 segundos	TOTAL dos tipos de ações observadas	PORCENTAGEM dos tipos de ações em relação à duração total do vídeo	DURAÇÃO (segundos)	PORCENTAGEM DA DURAÇÃO em relação à duração total do vídeo	DURAÇÃO MÉDIA (segundos)
TOTAL	33	43%	195,76	65%	5,932
touM (tocar a mãe)	3	4%	12,80	4%	4,268
mvtrép (movimento de resposta)	10	13%	57,01	19%	5,701
mvtS (movimento espontâneo)	17	22%	109,22	36%	6,425
berB (dar ritmo corporal)	7	9%	43,69	15%	6,242

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

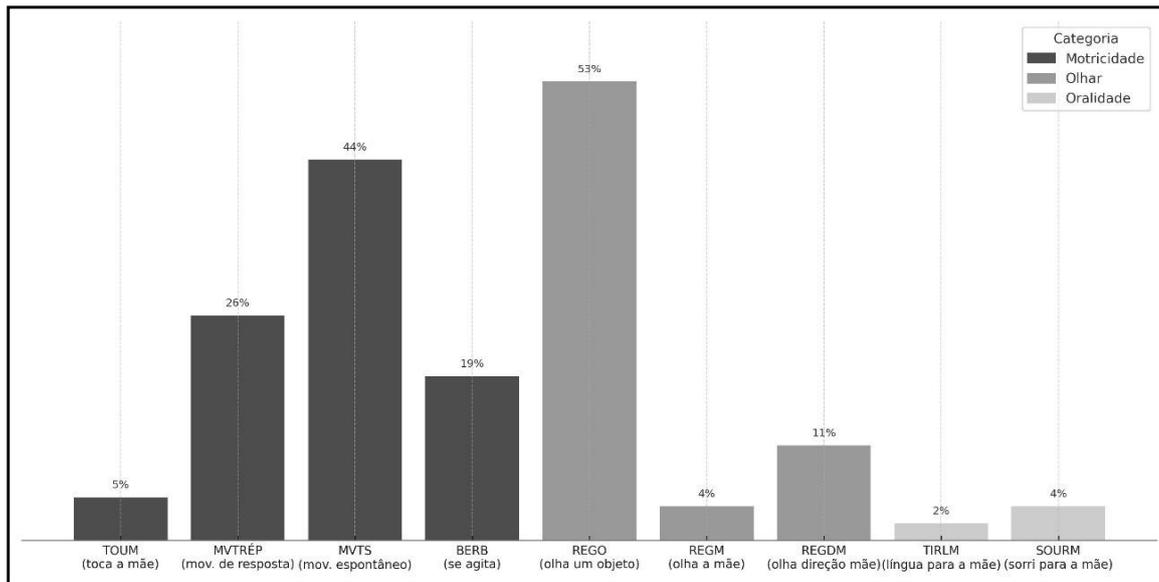
Dos 300 segundos de duração do vídeo 2, identificamos 76 movimentos relacionados às habilidades motoras do bebê, com duração acumulada total de 244,34 segundos, ou 81% do tempo total do vídeo. Há um aumento de quase 19% em comparação com o vídeo 1. 45% desses movimentos são considerados “espontâneos” (mvtS) e representam 131,09 segundos, ou seja, 44% da duração total do vídeo. Os chamados movimentos de “resposta” (mvtrép) equivalem a 39% e representam 26% da duração total do vídeo. 43% têm mais de 3 segundos, cobrindo 65% da duração total do vídeo, ou seja, 195,76 segundos.

Gráfico 1 — Porcentagem da duração de cada tipo de ação de motricidade, de olhar e de oralidade do bebê, em comparação com a duração total do vídeo 1



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Gráfico 2 — Porcentagem da duração de cada tipo de ação de motricidade, de olhar e de oralidade do bebê, em comparação com a duração total do vídeo 2



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

É bastante claro que, nos dois vídeos, o bebê olha pouco para a mãe (regM) ou na direção dela (regDM). Seus olhares são direcionados principalmente para objetos (regO): 40% dos olhares durante o vídeo 1 e 53% dos olhares durante o vídeo 2. Observamos que, no segundo vídeo, é o lenço da analista que atrai a atenção do bebê e assume o papel de meio de comunicação através da motricidade.

Tanto as ações motoras quanto os diferentes tipos de olhar (exceto regM, porém não estatisticamente significativa) aumentam do vídeo 1 para o vídeo 2. Os chamados movimentos de “resposta” (mvtrép) são duplicados e os chamados movimentos “espontâneos” (mvtS) são mais do que duplicados. Percebe-se também que as ações relacionadas à oralidade do bebê, por exemplo, mostrar a língua ou sorrir para a mãe, dobram do vídeo 1 para o vídeo 2. Isso é interpretado como prova de uma intenção de compartilhar.

ANÁLISE DE GRÁFICO DE RODA HIERÁRQUICA

Procurou-se verificar quais poderiam ser as ações dos adultos na origem das ações motoras do bebê. Essa análise nos ajuda a distinguir se essas ações motoras são movimentos “espontâneos” (mvtS) ou “em resposta” (mvtrép). Além disso, podemos identificar melhor as ações espontâneas que entram em um diálogo físico, uma troca que o bebê mantém com sua mãe e/ou com a analista, na ausência de poder oralizar. Dois gráficos de roda hierárquica, um para cada um dos vídeos, permitem classificar e ordenar os movimentos do bebê:

O primeiro círculo dessas rodas, partindo do centro, apresenta as diferentes ações motoras e táteis do bebê e sua proporção de tempo em relação ao conjunto de ações do bebê. O segundo círculo do centro representa, em porcentagem, os atores que podem estar na origem das ações do bebê, por meio de suas próprias ações (iniciadas pelo menos 3 segundos antes do início da ação do bebê). O terceiro círculo do centro diz respeito às diferentes ações desses atores. A proporção de cada tipo de ação de cada ator em relação ao tempo total do vídeo é representada em porcentagem.

do tempo do vídeo. Em 56% dos casos, trata-se de ações espontâneas da mãe, ou seja, solicitações ao bebê por parte da mãe. Os movimentos “em resposta” (mvtrép) dobram do vídeo 1 para o vídeo 2, de 13% para 26%. Assim, verifica-se a hipótese de um diálogo por meio das ações motoras entre mãe e bebê.

No vídeo 1, as ações táteis começam nos primeiros segundos, quando o bebê toca a mãe. Ao mesmo tempo, o bebê faz um enorme esforço corporal para não olhar para a mãe, mas, mesmo sem olhar para ela, ele a toca. A mãe, por outro lado, desde o início do vídeo, busca uma interação com seu bebê através do olhar e não reconhece o contato estabelecido por seu bebê, que a toca. A mãe chega à consulta com uma preocupação sobre a ausência de olhar e não reconhece o toque do filho como comunicação. Como profissionais, é imperativo que olhemos para além do olhar, para outras modalidades, para o aspecto multimodal da linguagem. Nesse caso, levantamos a hipótese de que Luca e sua mãe têm expectativas diferentes e que isso não favorece a interação. A mãe procura o olhar e não reconhece o toque, a forma de comunicação de Luca, e não se sente convocada. De fato, notamos a ausência de um olhar direcionado à mãe.

Nesse segundo vídeo, as ações táteis e o toque são vistos desde o início, logo após a analista ter oferecido o lenço ao bebê. Ela reconheceu a intenção do bebê. Esse lenço, segurado por um lado pelo bebê e por outro pela mãe, torna-se então um elo entre eles, o que torna possível o encontro e a interação.

Também durante essa troca com o lenço, o bebê, seduzido pelas solicitações motoras de sua mãe, olha para ela intensamente e sorri. A mãe expressa que sente estar sendo olhada pela primeira vez. Esse momento torna-se, então, uma experiência de satisfação para a díade. Também nos parece importante enfatizar a intersecção das pulsões escópica, oral, invocante e, claro, tátil nesse episódio de interação, confirmando a proposta de Couvert (2018).

O caso de Luca e as análises que dele emergem nos levam a confirmar que a identificação da relação do bebê com a pulsão em seus diferentes campos, além de nossa atenção à escuta, pode servir como um guia valioso para todo profissional confrontado com a clínica psicanalítica do bebê.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve a clínica psicanalítica do bebê, mais do que nunca atenta ao bebê, como ponto de partida para analisar o registro tátil na relação do bebê com o outro. O estudo de caso de Luca, por meio de microanálise, destaca a relevância clínica do campo tátil na relação mãe-bebê. Portanto, é essencial levá-lo em consideração no atendimento psicanalítico de bebês. Consideramos agora o registro tátil como um verdadeiro vetor da pulsão, bem como uma verdadeira ferramenta para entrar em interação, participando da criação do laço entre o bebê e o adulto.

Este trabalho destaca o papel do circuito pulsional e, mais particularmente, do fechamento do terceiro tempo, na construção psíquica do sujeito. Esse fechamento está ausente em bebês com trajetória autística. No caso de Luca, nossas análises mostram uma evolução em suas interações, cada vez mais orientadas para o outro, bem como um vínculo em construção com sua mãe. A primeira experiência de satisfação dentro da díade ocorreu por meio da pulsão tátil. Nosso trabalho também destaca a importância de reconhecer a linguagem multimodal do bebê, seus gestos — suas posturas, seus olhares e, claro, seus toques — para poder escutar e encontrar o bebê em sua subjetividade, ponto central dos avanços da atual clínica psicanalítica do bebê.

Por fim, este caso mostra como uma clínica psicanalítica do bebê, atenta à demanda dos pais, mas também à demanda do bebê, pode favorecer um encontro entre duas subjetividades que, até então, não conseguiam se encontrar, apesar dos esforços de cada uma.

REFERÊNCIAS

- ANSERMET, François. *L'origine à venir*. Paris: Odile Jacob, 2023.
- COUVERT, Marie. *La clinique pulsionnelle du bébé*. Toulouse: Érès, 2018.
- CRASBORN, Onno; SLOETJES, Han. Enhanced ELAN functionality for sign language corpora. In: LREC 2008, 8th International Conference on Language Resources and Evaluation, 2008. Proceedings.
- FREUD, Sigmund. *Pulsions et destin des pulsions*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 2018.
- FREYMANN, Jean-Richard. *Fins d'analyse et fins de cure*. Fins de cure(s) et fins d'analyse(s). Paris: Érès, 2024.
- LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Le Seuil, 1966.
- LACAN, Jacques. *Le séminaire, livre XI*. Paris: Le Seuil, 1964.
- LAZNIK, Marie-Christine. La voix comme premier objet de la pulsion orale. *Psychanalyse et enfance*, n. 28, p. 101-117, 2000.
- LAZNIK, Marie-Christine et al. Les interactions sonores entre les bébés devenus autistes et leurs parents. In: CASTARÈDE, Marie-France; KONOPCZYNSKI, Gabrielle (Eds.). *Au commencement était la voix*. Ramonville-Saint-Agne: Érès, 2005. p. 171-189.
- LAZNIK, Marie-Christine. Pulsion invocante avec les bébés à risque d'autisme. *Cahiers de PréAut*, v. 10, no 1, p. 23-78, 2013.
- NASIO, Juan Davis. *Psychanalyse: comment conduire une cure d'enfant? Séminaires psychanalytiques de Paris*. Paris: [s.n.], 2009.
- PARLATO-OLIVEIRA, Erika. Le bébé dans le regard de l'Autre. *Cahiers de PréAut*, Toulouse, n. 12, p. 165-188, 2015.
- PARLATO-OLIVEIRA, Erika. *Le bébé et ses savoirs*. Toulouse: Érès, 2022.
- ROBINS, D. L. et al. The modified checklist for autism in toddlers: an initial study investigating the early detection of autism and pervasive developmental disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 31, n. 2, p. 131-44, 2001.
- ROMAN, Laura. *Les enjeux corporels des bébés et ses effets dans les interactions parents-bébés*. 2024. Thèse (Doctorat) — Recherches en psychanalyse et psychopathologie, Université Paris Cité, Paris, 2024.

Artigo recebido: 15 de junho de 2025

Artigo aceito: 27 de agosto de 2025

LA MULTIMODALITÉ DU LANGAGE DANS LA CLINIQUE PSYCHANALYTIQUE DU BÉBÉ: ÉTUDE DE CAS ET MICROANALYSE

A MULTIMODALIDADE DA LINGUAGEM NA CLÍNICA PSICANALÍTICA
DO BEBÊ: ESTUDO DE CASO E MICROANÁLISE

THE MULTIMODALITY OF LANGUAGE IN THE PSYCHOANALYTIC
CLINIC WITH INFANTS: CASE STUDY AND MICROANALYSIS

LA MULTIMODALIDAD DEL LENGUAJE EN LA CLÍNICA PSICOANALÍTICA
DEL BEBÉ: ESTUDIO DE CASO Y MICROANÁLISIS

Marie Nilles¹

Dulcinea Alves dos Santos²

Erika Parlato-Oliveira³

Résumé: Cette recherche s'inscrit dans la clinique psychanalytique du bébé et explore le rôle du champ tactile dans la construction psychique précoce. À partir du cas de Luca, un bébé de six mois, arrivant en consultation à la demande des parents, préoccupés par l'absence de regard de leur fils. L'objectif est d'interroger la manière dont le toucher peut devenir un vecteur d'interaction et de lien à l'autre au sein du processus thérapeutique. Notre réflexion s'appuie sur la théorie freudienne des pulsions et la notion de circuit pulsionnel développée notamment par Lacan et Laznik, ainsi que sur la réflexion de Couvert sur le champ tactile en tant que champ pulsionnel. La microanalyse de deux vidéos de séquences de séance ont été analysées à l'aide du logiciel ELAN, afin d'objectiver les interactions motrices, tactiles et visuelles du bébé avec sa mère et l'analyste. Les résultats mettent en évidence une évolution dans ses interactions, de plus en plus orientées vers l'autre, ainsi qu'un lien en construction avec sa mère. L'étude souligne également l'importance, pour les professionnels, d'élargir leur écoute aux formes non verbales de communication du bébé, en particulier le toucher. En reconnaissant le tactile comme l'une des modalités d'interaction du bébé, ce travail met en lumière la possibilité d'intervenir auprès des bébés en souffrance et de soutenir leur processus de subjectivation dans une perspective de devenir plutôt que la causalité.

Mots-clés : Clinique psychanalytique. Bébé. Pulsion. Cas clinique. Interactions précoces.

Resumo: Esta pesquisa se inscreve na clínica psicanalítica do bebê e explora o papel do campo tátil na construção psíquica inicial. É baseada no caso de Luca, um bebê de seis meses que chega por demanda espontânea, cujos pais estavam preocupados com a ausência de olhar do filho. O objetivo é questionar a forma como o toque pode se tornar um vetor de

¹ PhD Student Université Paris Cité. Psychothérapeute. ORCID: 0000-0003-2692-3252.
E-mail: nillesmarie@gmail.com

² Enseignante Universidade Funorte-Minas-Gerais. Psychologue. ORCID: 0009-0003-2050-453X.
E-mail: dulcinea.a.dossantos@gmail.com

³ Psychanalyste. Membre de l'ALI. Directrice de thèse à l'Université Paris Cité. Directrice du Babylab Cerep-Phymentin. ORCID: 0000-0003-4500-8498. E-mail: eparlato@hotmail.com

interação e conexão com o outro dentro do processo terapêutico. Nossa reflexão se baseia na teoria das pulsões de Freud e na noção de circuito da pulsão desenvolvida, em particular, por Lacan e Laznik, bem como na reflexão de Couvert sobre o campo tátil como campo pulsional. A microanálise de dois vídeos de sequências de sessões foi realizada com o uso do software ELAN, a fim de objetivar as interações motoras, táteis e visuais do bebê com sua mãe e o analista. Os resultados evidenciam uma evolução em suas interações, cada vez mais orientadas para o outro, bem como um vínculo em construção com a mãe. O estudo também destaca a importância de os profissionais ampliarem a escuta das formas de comunicação não verbal do bebê, especialmente o toque. Ao reconhecer o tátil como uma das modalidades de interação do bebê, este trabalho evidencia a possibilidade de intervir junto a bebês em sofrimento e apoiar seu processo de subjetivação em uma perspectiva de devir e não de causalidade.

Palavras-chave: Clínica psicanalítica. Bebê. Pulsão. Caso clínico. Interações iniciais.

Abstract: This research is situated within infant psychoanalytic clinical practice and explores the role of the tactile field in early psychic construction. It is based on the case of Luca, a six-month-old infant brought to consultation at the request of his parents, who were concerned about their son's lack of eye contact. The objective is to examine how touch can become a vector for interaction and connection with the other within the therapeutic process. Our reflection draws on Freud's drive theory and the concept of the drive circuit as developed by Lacan and Laznik, as well as on Couvert's proposal to include the tactile as a full drive field. A microanalysis of two video-recorded therapy sessions was conducted using ELAN software in order to objectify the baby's motor, tactile, and visual interactions with his mother and the analyst. The results highlight an evolution in his interactions, increasingly oriented toward the other, as well as the construction of a bond with his mother. The study also emphasizes the importance, for professionals, of expanding their attention to the baby's non-verbal modes of communication, particularly touch. By recognizing the tactile as one of the baby's modes of interaction, this work brings to light the potential for early intervention with infants in distress and supports their process of subjectivization, within a perspective grounded in becoming rather than causality.

Keywords: Psychoanalytic clinic. Infant. Drive. Clinical case. Early interactions.

Resumen: Esta investigación se inscribe en la clínica psicoanalítica del bebé y explora el papel del campo táctil en la construcción psíquica temprana. Se basa en el caso de Luca, un lactante de seis meses que llega a consulta a pedido de sus padres, preocupados por la ausencia de contacto visual de su hijo. El objetivo es examinar cómo el tacto puede convertirse en un vector de interacción y de vínculo con el otro dentro del proceso terapéutico. Nuestra reflexión se apoya en la teoría freudiana de las pulsiones y en la noción de circuito pulsional desarrollada en particular por Lacan y Laznik, así como en la propuesta de Couvert de incluir el campo táctil como un campo pulsional pleno. Se realizó un microanálisis de dos secuencias de sesiones grabadas en vídeo mediante el software ELAN, con el fin de objetivar las interacciones motoras, táctiles y visuales del bebé con su madre y analista. Los resultados ponen en evidencia una evolución en sus interacciones, cada vez más orientadas hacia el otro, así como la construcción de un vínculo con su madre. El estudio subraya también la importancia, para los profesionales, de ampliar su escucha hacia las formas no verbales de comunicación del bebé, en particular el tacto. Al reconocer lo táctil como una de las modalidades de interacción del bebé, este trabajo pone de relieve la posibilidad de intervenir precozmente con bebés en sufrimiento y de acompañar su proceso de subjetivación desde una perspectiva de devenir más que de causalidad.

Palabras clave: Clínica psicoanalítica. Bebé. Pulsión. Caso clínico. Interacciones precoces.

INTRODUCTION

Récemment, la prise en charge psychanalytique du bébé a connu un essor notable. Notamment nourrie par d'autres approches comme les neurosciences, elle présente à présent le bébé comme sujet capable d'intentionnalité, d'interaction et de communication multimodale.

On conçoit actuellement que le bébé est capable de parler bien avant que la parole n'apparaisse, notamment par le corps. Ainsi, le champ tactile a récemment pris une place centrale dans la clinique psychanalytique du bébé. Pensé comme un champ pulsionnel à part entière, aux côtés des champs oral, scopique et invocant (Couvert, 2018), il permet de repérer non seulement des formes d'adresse à l'autre, mais aussi de comprendre où ratent les interactions du bébé en cas de souffrance psychique précoce.

Dans ce contexte, la présente étude propose une analyse du champ tactile dans la relation mère-bébé à travers le cas clinique de Luca, arrivé en consultation à la demande de sa mère, préoccupée par l'absence de regard de son fils. Nous avons procédé à la microanalyse de deux séquences de séances de ce suivi d'orientation analytique, grâce au logiciel ELAN. En nous appuyant notamment sur la théorie du circuit pulsionnel dont Freud commençait déjà à parler en 1915 (Freud, 2018; Laznik, 2000), nous avons exploré comment le toucher et les mouvements tactiles peuvent être source d'interaction, lorsque mère et bébé n'ont pas encore trouvé la manière de se rencontrer dans l'interaction.

Cette microanalyse nous a menées à procéder à des analyses quantitatives et qualitatives, dans le but de démontrer l'intérêt du travail psychanalytiques avec le bébé. Au sein de cet article, nous vous présenterons les analyses des vidéos ainsi que des analyses par graphiques.

LE CAS DE LUCA

Luca est un bébé reçu avec ses parents par Erika Parlato-Oliveira à son cabinet libéral. Dans cet article, nous ne présentons pas l'historique du cas, suivant la proposition actuelle de François Ansermet (2023). En effet, ce dernier met en évidence une tension entre l'origine et le devenir, deux concepts centraux en psychanalyse. Selon lui, le devenir peut s'inventer tout au long de la vie et ne peut être ramené aux seules conditions d'origine, l'origine n'étant pas un destin. Il distingue ainsi une clinique de l'origine, d'une clinique du devenir, plus actuelle, accueillant l'imprévisible et dans laquelle l'individu est acteur de son propre devenir, au-delà des déterminismes.

Le suivi commence à la demande des parents alors que Luca a 6 mois et 2 semaines. La maman de celui-ci avait d'abord exprimé ses inquiétudes au pédiatre : depuis toujours, son fils ne la regarde pas. La maman de Luca est très inquiète car elle a lu, dans un ancien livre destiné aux parents, qu'une difficulté de regard chez un bébé peut être associée à une schizophrénie. Le pédiatre les redirige vers un pédopsychiatre qui les redirige ensuite vers une professionnelle qu'il désigne comme « spécialiste des bébés ». C'est ainsi qu'ils s'adressent à Erika Parlato-Oliveira qui deviendra leur analyste (Parlato-Oliveira, 2015).

La clinique psychanalytique du bébé fait l'objet de plus en plus de recherches d'un point de vue scientifique. Telle qu'elle est considérée actuellement, elle mène à écouter le bébé et à le reconnaître comme capable et actif dans sa propre constitution psychique. Très tôt, le bébé peut dialoguer et interpréter ce qui lui est adressé. Depuis la naissance, le bébé fait preuve de formes spécifiques de communication avec l'autre. Avec son langage multimodal, il communique à travers ses postures, ses gestes, son regard ou encore ses vocalisations. Il peut parler, avant même que la parole n'émerge. Les professionnels de la petite enfance sont ainsi invités à reconnaître et à valoriser les savoirs du bébé, mais surtout à apprendre à écouter ce dernier car il est capable de nous raconter sa souffrance et de nous montrer par différents moyens expressifs ce qu'il veut nous dire sur ce qu'il vit (Parlato-Oliveira, 2022).

Et, selon Parlato-Oliveira (2022), si nous ne savons pas encore toujours comment l'écouter correctement, il est au moins de notre devoir de tenter d'aller vers lui.

Gardant à l'esprit l'importance de considérer différents champs pulsionnels, nous faisons le choix de souligner le toucher dans ce présent travail. Ainsi, notre objectif est d'analyser le rôle de la pulsion tactile dans les séances de psychothérapie analytique grâce à la microanalyse de deux vidéos de ce suivi.

Freud (2018) décrit en 1915 un circuit pulsionnel en 3 temps. Le premier est un temps actif, où le sujet va vers un objet externe de satisfaction. Le deuxième temps est réflexif : le sujet utilise une partie de son corps, il s'agit d'un temps auto-érotique. Et le troisième temps est dit passif, c'est-à-dire que le sujet se fait l'objet de la pulsion d'un autre. Lacan (1964) ajoute une notion de circuit et c'est cette notion qui a permis à Laznik (2000) de réfléchir au rôle du circuit pulsionnel dans l'émergence psychique du bébé. Elle reprend les trois temps de la pulsion pour l'appliquer à la clinique du bébé. Dans le premier temps, le bébé va vers l'objet de satisfaction, c'est le temps actif. Dans le second, temps réflexif, le bébé est capable de s'apaiser en prenant une partie de son propre corps comme objet de satisfaction. Par exemple, en suçant sa main ou son pouce. Au troisième temps du circuit pulsionnel, le bébé se fait l'objet de l'autre. C'est le moment où le bébé s'offre à l'autre, en mettant son petit pied dans la bouche de sa mère, par exemple, qui feint de le manger et de se régaler.

Le bébé a ainsi du plaisir à voir qu'il peut en susciter chez l'autre, c'est le temps du « se faire ». C'est également à ce moment du circuit pulsionnel que le bébé va chercher à se faire regarder, à se faire entendre. Il s'agit d'un temps nécessaire au bouclage du circuit pulsionnel pour parler de satisfaction pulsionnelle. Mais chez les bébés à risques d'autisme, il y a un ratage de ce troisième temps et donc un ratage du bouclage du circuit pulsionnel. Il ne cherche pas à se faire l'objet de la pulsion de l'autre (Laznik, 2013).

En 2018, la clinique et l'idée d'un langage multimodal chez le bébé amènent Marie Couvert à faire entrer le tactile dans le champ des registres pulsionnels, aux côtés du champ oral, du champ scopique et du champ invocant. Le toucher ouvrirait donc une voie d'entrée dans le pulsionnel et à ce titre, peut être utilisé dans un exercice de bouclage du circuit pulsionnel. Comme dans le cas des autres champs pulsionnels, les trois temps du circuit pulsionnel peuvent être appliqués au tactile : toucher, se toucher, se faire toucher. Au sein de ce circuit pulsionnel, il peut également y avoir des ratages, qui nous guident dans la cure. Le champ tactile permet aussi de repérer la qualité du lien à l'autre. Par exemple, un bébé qui se tend, se replie ou encore refuse le toucher communique quelque chose de son état psychique.

Luca est accompagné de ses deux parents lors de la première séance. La maman explique qu'elle a tendance à comparer son fils à sa cousine du même âge qui lui semble plus sociable et davantage dans la communication. Elle parvient également à accrocher très facilement le regard de sa nièce, contrairement à celui de son fils. La demande initiale est donc principalement portée par la mère et concerne le regard ou plutôt, dans ce cas, l'absence de regard (Parlato-Oliveira, 2015). C'est à partir de cette demande et suite à la réflexion de l'analyste face aux difficultés présentées par Luca, qu'une prise en charge uniquement psychanalytique est mise en place. Au sujet de la demande, Lacan (1964) enseigne que c'est sur base de celle-ci que se constitue l'adresse à l'Autre, qui est la condition du transfert. Or, sans transfert, il ne peut y avoir d'analyse. L'analyste ne répond pas à la demande mais il l'interprète. En effet, la cure se structure à partir de la demande mais elle doit avant tout être analysée et déployée (Lacan, 1966). Nous soutenons l'idée que le bébé est capable, à sa manière, de manifester sa demande dès les premiers mois de vie et que nous devons apprendre à l'écouter. Aussi, nous devons intervenir à partir de ce que manifestent parents et bébé dans leurs relations initiales.

A la première séance, l'analyste constate que le bébé ne manifeste aucun intérêt pour les personnes présentes dans la pièce. Au cours de la discussion, le regard de Luca tombe sur l'analyste mais c'est sans hésitation son collier, fait de grosses boules rouges, qui retient son

regard. La mère insiste sur ses préoccupations tandis que le père ne s'inquiète pas. Au contraire, il valorise la façon d'être de son fils, notamment en comparaison à sa nièce, mettant en avant son grand sens de l'observation ainsi que sa curiosité. Il explique aussi qu'il ne lui semble pas difficile d'entrer en contact avec son fils. Selon lui, Luca est très sage, très observateur et curieux. Cependant, même s'il considère que son fils ne présente aucun problème, il est d'accord d'entendre l'avis d'un « spécialiste des bébés ». Nous pensons que le père a adhéré au processus de soins grâce à ce terme dit par le médecin, malgré le fait qu'il ne voyait initialement aucun souci chez son fils. Notons ainsi la grande importance de la manière dont les professionnels adressent. Le devenir du bébé peut en être tout à fait impacté (Parlato-Oliveira, 2015).

Pendant la séance, le père de Luca exprime reconnaître dans son fils l'enfant qu'il était lui-même. Il mentionne que tout le monde dit qu'ils se ressemblent très fort. Il montre ensuite une photo de lui au même âge et dit être impressionné par la ressemblance (Parlato-Oliveira, 2015). Nous pensons que ce père voit son fils de la manière dont il était vu par l'autre lorsqu'il avait son âge.

A la fin de cette première séance, les parents et l'analyste conviennent d'un second rendez-vous la semaine suivante. Les parents ayant donné leur accord, toutes les séances seront filmées par une même stagiaire. Les consignes données à la stagiaire sont simples : se concentrer sur les interactions entre Luca et les adultes, tout en filmant en plan large, et interagir avec le bébé s'il la regarde. L'objectif est d'ainsi créer le matériel pour analyser ce qui se joue dans les séances : les contenus linguistiques mais également le non verbal, notamment les gestes, les regards, la multimodalité du langage. En effet, selon nous, prendre le temps de comprendre la communication non verbale est très utile à la compréhension et à l'évolution de la clinique du bébé (Parlato-Oliveira, 2015).

Deux séquences vidéos de ce suivi ont été analysées, avec une attention particulière portée sur la pulsion tactile. Nous avons procédé à une microanalyse, dans les moindres détails, de ces séquences grâce au Logiciel ELAN (EUDICO Linguistic ANnotator), un instrument d'annotations complexes, développé au Max Planck Institute for Psycholinguistics, à Nijmegen, aux Pays-Bas. Il permet de créer, éditer, visualiser et rechercher des annotations associés à des données vidéo et audio (Crasborn; Sloetjes, 2008). Nous avons ainsi segmenté et annoté l'intégralité des actions du bébé, de sa mère et de l'analyste, à l'aide d'un codage composé d'étiquettes représentant chaque comportement, pour en analyser les occurrences et les durées. Par souci de rigueur scientifique, nous avons opté pour une méthodologie en double aveugle pour le codage de chaque séance. Un juge neutre a ensuite comparé les codages et tranché lorsqu'il y avait désaccord sur l'étiquette ou la durée.

Les interactions tactiles du bébé ont été analysées, aussi en corrélation avec les comportements et actions de la mère et de l'analyste. Notre priorité d'analyse étant la relation du bébé avec la mère, notre attention s'est principalement centrée sur eux lors de nos analyses.

La première vidéo qui sera analysée en détail dans la seconde partie de l'article est une séquence de la seconde séance. A un moment où l'analyste utilise la prosodie caractéristique du mamanais, Luca la regarde intensément. Il soutient le regard. Cette observation corrobore les résultats de certaines recherches montrant que le mamanais facilite l'entrée en contact avec les bébés mais pas de façon systématique. Notamment Laznik et al. (2005) soulèvent que, d'après leurs analyses de films familiaux, toutes les fois où les bébés à risques regardent et interagissent sont en réaction à du mamanais mais que ces bébés n'y répondent pas systématiquement. Selon Roman (2024), les appuis corporels proposés par l'environnement ont aussi des effets positifs sur les interactions. Cette séquence vidéo de Luca et de sa mère nous montre les efforts continus fournis par cette dernière afin d'attirer l'attention de son fils qui, en revanche, en fournit beaucoup pour justement ne pas rencontrer le regard de sa mère, même au niveau moteur. Voici une illustration de comment il est très difficile pour les parents d'établir un lien avec ces bébés en difficulté.

Figure 1 — Luca fait un effort pour ne pas regarder sa mère

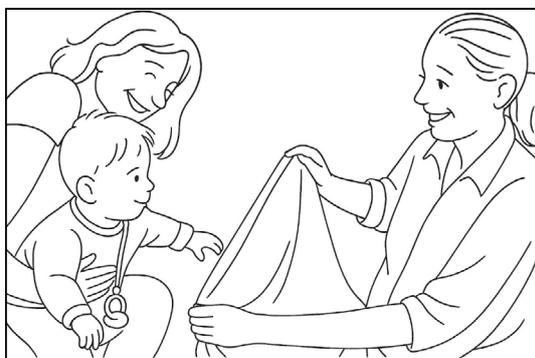


Source : Élaboré par les auteures (2025).

A la fin de cette séance, l'analyste et les parents de Luca conviennent d'un suivi à raison d'une séance par semaine. Au cours des séances suivantes, le père continue à faire des éloges au sujet du comportement de Luca : c'est un enfant exemplaire dont il ne faut pas s'occuper à la maison et qui ne demande pas d'attention. Entre les séances, la mère de Luca téléphone fréquemment ou envoie des mails : elle parle surtout de ses grandes inquiétudes et de ses tentatives d'attirer l'attention de Luca. Elle explique également combien il est difficile pour elle que son mari ne remarque pas les difficultés de leur fils. Il remet ainsi en doute la nécessité du suivi. Cependant, il est présent aux séances et y participe activement (Parlato-Oliveira, 2015).

La deuxième vidéo analysée dans la seconde partie de cet article est extraite de la huitième séance, lorsque Luca avait 8 mois. C'est à l'occasion de celle-ci qu'a eu lieu le premier échange de regards entre le bébé et sa mère. Celle-ci se sent regardée pour la première fois par son fils, elle le dit avec énormément de joie et d'émotion. Cet échange a eu lieu lors d'un jeu avec un foulard.

Figure 2 — Le jeu du foulard



Source : Élaboré par les auteures (2025).

Il y aura ensuite de plus en plus de réponses de Luca aux appels des adultes durant la suite du suivi. Alors que Luca est sur le point de fêter son premier anniversaire, tant la mère que le père de Luca mettent en évidence la grande importance du travail qui a été fait avec l'analyste, ainsi que les grandes avancées de leur fils. La maman n'a plus d'inquiétude et trouve que son fils fait preuve à présent d'un « comportement normal » pour son âge, comparable à celui de sa cousine. Il n'y a plus de demande de la part des parents de continuer le suivi. La thérapie prend fin. En effet, s'il est nécessaire qu'il y ait une demande pour qu'il y ait analyse, en l'absence de demande, c'est la fin de l'analyse (Parlato-Oliveira, 2015)

D'après Freud (2018), la cure se termine lorsque l'analysant ne souffre plus des symptômes l'ayant mené à l'analyse et lorsque les processus pathologiques ne se répètent plus. Dit d'une autre manière, la fin de la cure arrive au moment où l'analysant ne fait plus de demande

à l'Autre supposé savoir et, en même temps, où les symptômes cessent de faire loi (Freyman, 2024). Nasio (2009) aborde la fin de la cure chez l'enfant. Selon lui, elle se termine quand les troubles se sont atténués voire ont disparu. Cela peut être visible à son comportement et souvent les parents en constatent l'évolution. Ainsi, la cure n'a plus lieu d'être.

Il est tout de même décidé d'un rendez-vous six mois plus tard, aux 18 mois de Luca afin de passer le Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-CHAT) afin de vérifier le développement typique de Luca (Parlato-Oliveira, 2015) Il s'agit d'un questionnaire composé de 23 items, destiné à dépister le risque d'autisme chez les enfants de 16 à 30 mois (Robins et al., 2001).

Lors de cette séance, la maman de Luca vient seule avec lui. Elle explique qu'il continue à interagir et à demander de l'attention. La passation du M-CHAT nous confirme que Luca ne présente pas, à ce moment, de risque d'autisme. Deux exemples de réussite d'items sont frappants. Premièrement, il est capable de jeu symbolique à travers la dinette. Il propose à sa maman de goûter ce qu'il imagine être dans la cuillère. Il témoigne, de plus, d'un plaisir de faire plaisir à sa mère, montrant le bouclage du circuit pulsionnel, le « se faire ».

Figure 3 — Luca joue à la dinette et offre à sa mère



Source : Élaboré par les auteures (2025).

Deuxièmement, Luca nous montre un magnifique pointage proto-déclaratif lorsqu'il montre la fenêtre afin de partager avec les personnes présentes ce qu'il voit à l'extérieur (Parlato-Oliveira, 2015).

Luca a aujourd'hui 12 ans et sa mère, qui donne des nouvelles de lui lors de chaque fin d'année à l'analyste, le décrit comme un jeune adolescent « comme tous les autres ». Il interagit beaucoup avec les autres à l'école, poursuit un parcours scolaire classique, a des amis, échange avec ses cousins et demande toujours de l'attention. Ses parents étant plutôt exigeants, mentionnent juste qu'il aime un peu trop les écrans et qu'il n'est pas le délégué de sa classe chaque année mais nous pensons tous, eux comme nous, qu'il fait preuve d'un développement tout à fait dans la norme.

ANALYSE DES VIDÉOS

Nous souhaitons à présent présenter les analyses des deux vidéos de séquences de séance qui ont retenu notre attention en vue de réaliser ce travail. Mais pour commencer, voici un tableau reprenant les différentes étiquettes composant notre codage. Chaque étiquette représentant un comportement, du bébé, de la mère ou de l'analyste. C'est l'utilisation scrupuleuse de ce codage qui a permis la microanalyse de ces vidéos.

Tableau 1 — Glossaire des codes utilisés pour la microanalyse des vidéos sur le logiciel ELAN

Catégorie	Description	Code
Regard envers sa mère	Regarde sa mère	regM
	Regarde en direction de sa mère	regDM
	Regarde un objet	regO
Sourire	Sourires adressés au thérapeute	sourT
	Sourires adressés à sa mère	sourM
Tire la langue	Tire la langue au thérapeute	tirT
	Tire la langue à sa mère	tirLM
À bébé	En mamanaïs	mmnB
	Sans mamanaïs	
Au thérapeute	Sans mamanaïs	
À la place du bébé	En mamanaïs	placeBm
Offre l'objet	Offre un objet à bébé	offoB
	Offre l'objet au thérapeute	offroT
	Offre l'objet à sa mère	offroM
Pointe	Pointage proto-déclaratif (regarde)	poinPD
Touche	Touche bébé	touB
	Touche le thérapeute	touT
	Touche la mère	touM
Fait un mouvement/geste	En réponse à quelque chose	mvtrép
	Spontanément	mvtS
Donne rythme corporel		berB
Prend bébé dans les bras		brasB
Installer l'arrière-fond du bébé		apdB

Source : *Élaboré par les auteures (2025).*

Voici les analyses de la vidéo 1, séquence de la deuxième séance :

Tableau 2 — Motricité du bébé observée (vidéo 1)

	TOTAL des types d'actions de motricité observés	PORTION des types d'actions rapportée au total	DURÉES (secondes)	PORTION DES DURÉES rapportée à la vidéo globale	DURÉE MOYENNE (secondes)
Durée totale de la vidéo	—	—	300	100%	—
TOTAL	76	100%	244,34	81%	2,830
touM (touche la mère)	6	8%	16,39	5%	2,731
mvtrép (mouvement de réponse)	30	39%	79,13	26%	2,638
mvtS (mouvement spontané)	34	45%	131,09	44%	3,856
berB (donne rythme corporel)	16	21 %	56,10	19%	3,506

Source : *Élaboré par les auteures (2025).*

Sur les 720 secondes que dure la vidéo 1, 64 mouvements de motricité du bébé ont été repérés. Le temps total accumulé de ceux-ci est de 305,42 secondes. Cela représente 42% de la durée totale de la vidéo. 48% de ces actions motrices sont des mouvements dits « spontanés » (mvtS) : temps global de 129,56 secondes, soit 18% de la durée total de la vidéo. Les mouvements dits « en réponse » (mvtrép) représentent, quant à eux, 23% des actions motrice. Cela équivaut à 13% de la durée totale de la vidéo. 59% durent plus de 3 secondes couvrant 34% de la durée totale de la vidéo, c'est-à-dire 241,61 secondes.

Voici les analyses de la vidéo 2, séquence de la huitième séance:

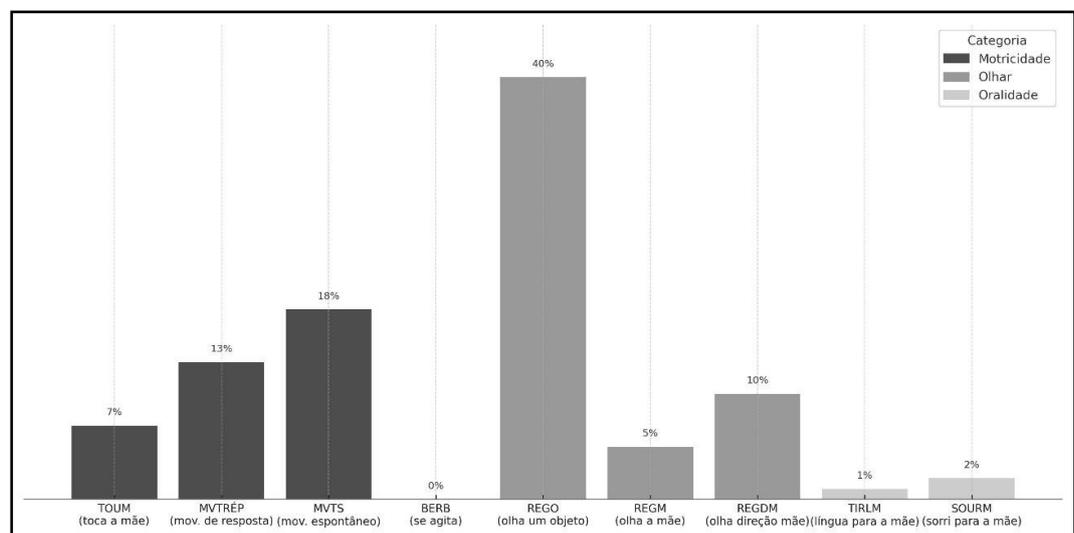
Tableau 3 — Motricité du bébé observée (vidéo 2)

Types d'actions de motricité observés durant plus de 3 secondes	TOTAL des types d'actions de motricité observés	PORTION rapportée au total des actions de motricité	DURÉES (secondes)	PORTION DES DURÉES rapportée à la vidéo globale	DURÉE MOYENNE (secondes)
TOTAL	33	43%	195,76	65%	5,932
touM (touche la mère)	3	4%	12,80	4%	4,268
mvtrép (mouvement de réponse)	10	13%	57,01	19%	5,701
mvtS (mouvement spontané)	17	22%	109,22	36%	6,425
berB (donne rythme corporel)	7	9%	43,69	15%	6,242

Source : *Élaboré par les auteures (2025).*

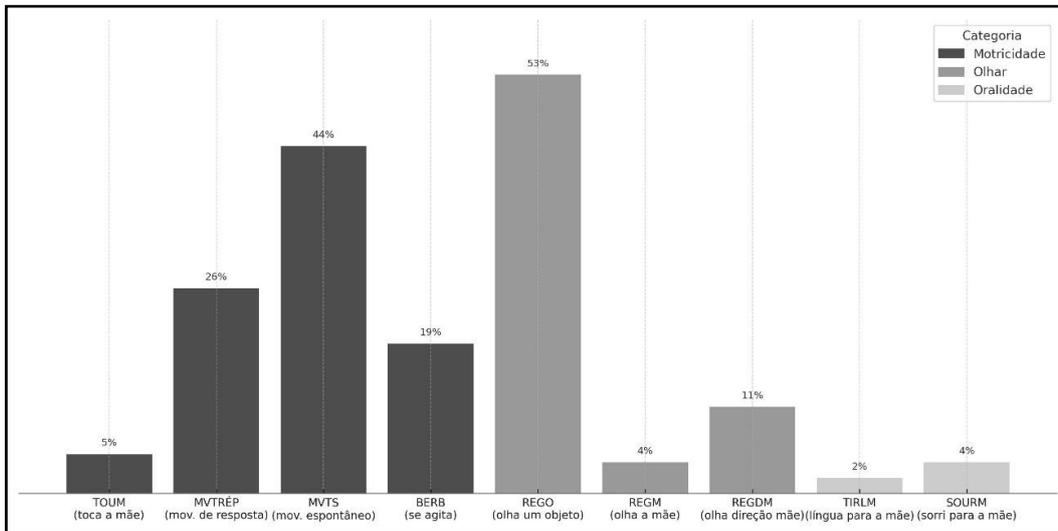
Sur les 300 secondes que dure la vidéo 2, nous avons repéré 76 mouvements liés à la motricité du bébé, avec une durée totale cumulée de 244,34 secondes, soit 81% du temps total de la vidéo. On observe une progression de près de 19% en comparaison à la vidéo 1. 45% de ces mouvements sont dits « spontanés » (mvtS) et représentent 131,09 secondes, donc 44% de la durée totale de la vidéo. Les mouvements dits « en réponses » (mvtrép) équivalent à 39% et représentent 26% de la durée totale de la vidéo. 43% durent plus de 3 secondes, couvrant 65% de la durée totale de la vidéo, c'est-à-dire 195,76 secondes.

Graphique 1 — Portion de la durée de chaque type d'action de motricité, de regard et d'oralité du bébé, rapportée à la durée globale de la vidéo 1



Source : *Élaboré par les auteures (2025).*

Graphique 2 — Portion de la durée de chaque type d'action de motricité, de regard et d'oralité du bébé, rapportée à la durée globale de la vidéo 2



Source : Élaboré par les auteures (2025).

Il apparaît assez clairement que sur l'ensemble des deux vidéos, le bébé regarde peu sa mère (regM) ou en direction de celle-ci (regDM). Ses regards sont essentiellement dirigés vers des objets (regO) : 40% des regards durant la vidéo 1 et 53% des regards durant la vidéo 2. Notons que dans la seconde vidéo, c'est le foulard de l'analyste qui attire l'attention du bébé et qui prendra le rôle de média de communication par la motricité.

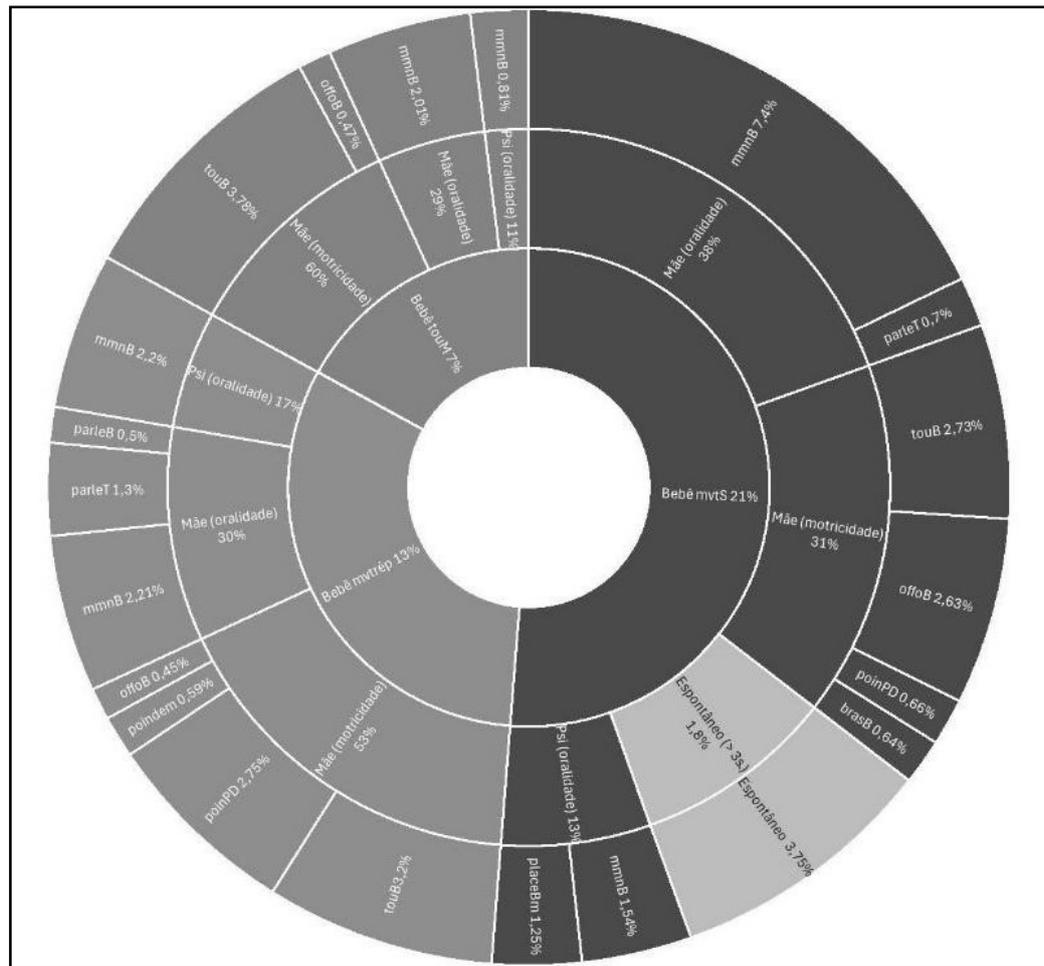
Tant les actions motrices que les différents types de regard (sauf RegM mais de façon non significative) augmentent de la vidéo 1 à la vidéo 2. Les mouvements dits « en réponse » (mvtrép) sont doublés et les mouvements dits « spontanés » (mvtS) sont, quant à eux, plus que doublés. Nous remarquons aussi que les actions en lien avec l'oralité du bébé, par exemple le tirage de langue ou le sourire adressé à sa mère, doublent de la vidéo 1 à la vidéo 2. On l'interprète comme une preuve d'une intention de partage qui se développe.

ANALYSE PAR GRAPHIQUE EN ROUES HIÉRARCHIQUES

Nous avons tenté de vérifier quelles pourraient être les actions des adultes à l'origine des actions de motricité du bébé. Cette analyse nous aide à bien distinguer si ces actions motrices sont des mouvements « spontanés » (mvtS) ou « en réponses » (mvtrép). Aussi, nous pouvons ainsi mieux repérer les actions spontanées entrant dans un dialogue physique, un échange, que le bébé entretient avec sa mère et/ou l'analyste, à défaut de pouvoir oraliser. Deux graphiques en roues hiérarchiques, un pour chacune des vidéos, permettent de classer et d'ordonner les mouvements du bébé :

Le premier cercle de ces roues, en partant du centre, présente les différentes actions de motricité et actions tactiles du bébé et leur proportion de temps par rapport à l'ensemble des actions de motricité du bébé. Le second cercle en partant du centre représente, en pourcentage, les acteurs pouvant être à l'origine des actions du bébé, par leurs propres actions (entamées depuis au moins 3 secondes avant le début de l'action du bébé). Le troisième cercle en partant du centre concerne les différentes actions de ces acteurs. La proportion de chaque type d'actions de la part de chaque acteur par rapport au temps total de la vidéo est représentée en pourcentage.

Graphique 3 — Roue hiérarchique des causes de la motricité du bébé, rapportée au global de la durée de la vidéo (vidéo 1)



Source : Élaboré par les auteures (2025).

Dans ce graphique concernant la vidéo 1, nous voyons que les actions de motricité du bébé occupent 41% du temps total de la vidéo. Plus précisément, touM : 7%, mvtrép : 13% et mvtrS : 21%. Parmi celles-ci, 31% des mouvements sont dits « en réponse » (mvtrép) et 18% sont assimilés à des mouvements de « toucher de la mère » (touM). 51% sont assimilés à des mouvements dits « spontanés » (mvtrS) (pas d'action spécifique visant à créer une réponse chez le bébé), dont 9% uniquement sont totalement spontanés, c'est-à-dire qu'aucun acteur n'a pu être, par ses actions (volontaires ou non), à l'origine des actions du bébé (3,75% du temps de la vidéo).

Ainsi, d'après les critères choisis, les autres actions du bébé pouvant être au départ assimilées à des mouvements « spontanés » (mvtrS) semblent en réalité être des mouvements en réponse à des actions d'autres acteurs présents en séance. De ce fait, il est possible de plutôt les assimiler à des mouvements « en réponse » (mvtrép). C'est-à-dire que ce nouvel ensemble représenterait 71% des actions de motricité, pour 73% du temps cumulé rapporté au temps cumulé d'actions de motricité et pour 31% du temps cumulé rapporté à la vidéo dans sa totalité.

Le contact tactile direct à la mère est assez faible (7% du temps total d'actions motrices) et ces actions tactiles dirigées ont presque essentiellement une origine liée à des actions de la mère, le plus souvent des actions tactiles. Ces actions du bébé sont alors assimilées à des mouvements « en réponse ». Cela montre que le bébé est capable de répondre à des sollicitations de sa mère.

Pendant la vidéo 2, l'analyste propose un jeu avec un foulard au bébé, de manière à solliciter l'interaction. Les actions tactiles sont ainsi davantage appuyées entre la mère et le bébé et les actions de motricité du bébé en conséquence des actions de la mère (Mvtrép) représentent la majorité du temps de la vidéo. Dans 56% des cas, il s'agit des actions spontanées de la mère, donc des sollicitations volontaires du bébé de la part de la mère. Les mouvements « en réponse » (mvtrép) doublent de la vidéo 1 à la vidéo 2, passant de 13% à 26%. Ainsi, l'hypothèse d'un dialogue par la motricité entre la mère et le bébé se vérifie.

Au cours de la vidéo 1, les actions tactiles commencent dès les premières secondes, au moment où le bébé touche sa mère. Parallèlement, le bébé fait un énorme effort corporel pour ne pas regarder sa mère mais même sans la regarder, il la touche. La mère, quant à elle, dès le début de la vidéo, cherche une interaction avec son bébé, à travers le regard et ne reconnaît pas le contact mis en place par son bébé qui la touche. La mère vient en consultation avec une demande concernant l'absence de regard mais ne reconnaît pas le toucher de son fils comme une communication. En tant que professionnel, il est impératif que nous allions voir au-delà du regard, vers les autres modalités. Dans le cas présent, nous posons l'hypothèse que Luca et sa maman ont des attentes différentes et que ça les empêche de se rencontrer dans l'interaction. La maman cherche le regard et ne reconnaît pas le toucher, la tentative de Luca et elle ne se sent pas regardée. En effet, nous remarquons l'absence de regard dirigé vers la mère jusqu'au premier au cours de la vidéo 2.

Dans cette dernière, les actions tactiles et le toucher se voient dès le début de la vidéo, juste après que l'analyste ait proposé le foulard au bébé. Elle a reconnu l'intention du bébé. Ce foulard, tenu d'un part par le bébé et d'autre part par la maman, devient alors une connexion entre eux, qui rend possible la rencontre et les interactions.

Également lors de ce jeu du foulard, le bébé, séduit par les sollicitations motrices de sa mère, la regarde intensément et lui sourit. La maman exprime qu'elle se sent regardée pour la première fois. Ce moment devient alors une expérience de satisfaction pour la dyade. Il nous semble également important de souligner le croisement des pulsions scopiques, orales, invocantes et, bien sûr, tactiles dans cet épisode d'interaction, confirmant cette idée avancées par Couvert (2018).

Le cas de Luca et les analyses qui en ressortent nous mènent à confirmer que l'identification du rapport du bébé à la pulsion dans ses différents champs, en plus de notre attention à son écoute, sert de guide précieux à chaque professionnel confronté à la clinique psychanalytique du bébé.

CONCLUSION

Cette recherche avait la clinique psychanalytique du bébé, plus que jamais à l'écoute de celui-ci, comme point de départ pour analyser le champ tactile dans la relation du bébé avec l'autre. L'étude du cas de Luca, de par notre microanalyse, met en évidence la pertinence clinique du champ tactile dans la relation mère-bébé. Il est ainsi primordial de la prendre en compte dans la prise en charge psychanalytique des bébés. Nous considérons à présent le tactile comme un véritable vecteur de pulsion ainsi qu'un véritable outil d'entrée en interaction, participant à la création du lien du bébé à notamment l'adulte.

Ce travail met en évidence le rôle du circuit pulsionnel, et plus particulièrement du bouclage du troisième temps, dans la construction psychique du sujet. Ce bouclage étant absent chez les bébés à risque d'autisme. Dans le cas de Luca, nos analyses montrent une évolution dans ses interactions, de plus en plus orientées vers l'autre, ainsi qu'un lien en construction avec sa mère. La première expérience de satisfaction au sein de la dyade ayant eu lieu via la pulsion tactile. Notre travail met aussi en avant l'importance de reconnaître les différentes modalités de langage du bébé, ses gestes, ses postures, ses regards et, bien sûr ses mouvements

tactiles, afin de pouvoir écouter et rencontrer le bébé dans sa subjectivité, point central des avancées de la clinique psychanalytique du bébé actuelle.

Enfin, ce suivi présente comment une clinique psychanalytique du bébé, attentive à la demande parentale mais aussi à la demande du bébé, peut permettre une véritable rencontre entre deux subjectivités qui, jusque-là, ne parvenaient pas à se rencontrer malgré les efforts de chacun.

RÉFÉRENCES

- ANSERMET, François. *L'origine à venir*. Paris: Odile Jacob, 2023.
- COUVERT, Marie. *La clinique pulsionnelle du bébé*. Toulouse: Érès, 2018.
- CRASBORN, Onno; SLOETJES, Han. Enhanced ELAN functionality for sign language corpora. In: LREC 2008, 8th International Conference on Language Resources and Evaluation, 2008. Proceedings.
- FREUD, Sigmund. *Pulsions et destin des pulsions*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 2018.
- FREYMANN, Jean-Richard. *Fins d'analyse et fins de cure*. Fins de cure(s) et fins d'analyse(s). Paris: Érès, 2024.
- LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Le Seuil, 1966.
- LACAN, Jacques. *Le séminaire, livre XI*. Paris: Le Seuil, 1964.
- LAZNIK, Marie-Christine. La voix comme premier objet de la pulsion orale. *Psychanalyse et enfance*. n. 28, p. 101-117, 2000.
- LAZNIK, Marie-Christine et al. Les interactions sonores entre les bébés devenus autistes et leurs parents. In: CASTARÈDE, Marie-France; KONOPCZYNSKI, Gabrielle (Eds.). *Au commencement était la voix*. Ramonville-Saint-Agne: Érès, 2005. p. 171-189.
- LAZNIK, Marie-Christine. Pulsion invocante avec les bébés à risque d'autisme. *Cahiers de PréAut*, v. 10, no 1, p. 23-78, 2013.
- NASIO, Juan Davis. *Psychanalyse: comment conduire une cure d'enfant? Séminaires psychanalytiques de Paris*. Paris: [s.n.], 2009.
- PARLATO-OLIVEIRA, Erika. Le bébé dans le regard de l'Autre. *Cahiers de PréAut*, Toulouse, n. 12, p. 165-188, 2015.
- PARLATO-OLIVEIRA, Erika. *Le bébé et ses savoirs*. Toulouse: Érès, 2022.
- ROBINS, D. L. et al. The modified checklist for autism in toddlers: an initial study investigating the early detection of autism and pervasive developmental disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 31, n. 2, p. 131-44, 2001.
- ROMAN, Laura. *Les enjeux corporels des bébés et ses effets dans les interactions parents-bébés*. 2024. Thèse (Doctorat) – Recherches en psychanalyse et psychopathologie, Université Paris Cité, Paris, 2024.

Artigo recebido: 15 de junho de 2025

Artigo aceito: 27 de agosto de 2025

AUTISMO OU PSICOSE: NECESSÁRIA DISTINÇÃO DESDE A INFÂNCIA

AUTISM OR PSYCHOSIS: NECESSARY DISTINCTION FROM CHILDHOOD

AUTISMO O PSICOSIS: UNA DISTINCIÓN NECESARIA DESDE LA INFANCIA

Renata Wirthmann Gonçalves Ferreira¹

Rosana Fantini²

Luciana Rodrigues Mossolin³

Francisco de Assis Xavier Neto⁴

Resumo: Este artigo discute a distinção entre autismo e psicose na infância a partir de duas perspectivas: a psiquiátrica, com ênfase na evolução nosográfica dos manuais DSM e CID, e a psicanalítica, destacando o estatuto estrutural do autismo e seus desdobramentos clínicos. Na psiquiatria, reconstrói-se o percurso que vai da vinculação histórica do autismo às psicoses infantis (DSM-I/II; CID-6 a CID-9) à separação atual como transtorno do neurodesenvolvimento (DSM-5; CID-11). Na psicanálise, argumenta-se que autismo e psicose não formam um contínuo, mas estruturas distintas, com diferenças quanto à relação entre linguagem e corpo, presença de alucinações, temporalidade de aparecimento e vontade de imutabilidade. Conclui-se que a diferença entre esses dois diagnósticos — autismo e psicose — é condição para a direção do tratamento e para a articulação ética entre clínica, pesquisa e formação.

Palavras-chave: Autismo. Psicose infantil. Psicanálise. Psiquiatria.

Abstract: This article discusses the distinction between autism and psychosis in childhood from two perspectives: the psychiatric, with an emphasis on the nosographic evolution of the DSM and ICD manuals, and the psychoanalytic, highlighting the structural status of autism and its clinical implications. In psychiatry, it reconstructs the trajectory from the historical linkage of autism to childhood psychoses (DSM-I/II; ICD-6 to ICD-9) to its current separation as a neurodevelopmental disorder (DSM-5; ICD-11). In psychoanalysis, it is argued that autism

¹ Psicanalista, escritora e professora do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Possui mestrado e doutorado em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB), pós-doutorado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e graduação em Psicologia pela PUC-GO. ORCID: 0000-0002-8320-912X. E-mail: renatawirthmann@gmail.com

² Psicanalista e psicóloga com pós-graduação em Psicanálise com Crianças e Adolescentes pelo ESPE. É formada em Direito. Foi juíza do Trabalho de 1996 a 2018. ORCID: 0009-0003-2799-3380. E-mail: rosanafantini@gmail.com

³ Discente do curso de Psicologia da UFCAT. Também possui graduação em Ciências Biológicas e em Pedagogia, além de ser especialista em Arteterapia. ORCID: 0009-0001-2499-4201. E-mail: lu.mossolin@gmail.com

⁴ Psicanalista e psicólogo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com especialização em Saúde Mental pelo Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa (CINTEP) e especialização em Psicanálise e Educação: A Prática da Inclusão nos Autismos pela Universidade Candido Mendes (UCAM). É coordenador do Grupo de Estudos Autismo, Psicanálise e Musicoterapia. ORCID: 0009-0003-4008-064X. E-mail: fxnneto@yahoo.com.br

and psychosis do not form a continuum but rather distinct structures, differing in their relation between language and body, the presence of hallucinations, temporality of onset, and the will to immutability. It concludes that the distinction between these two diagnoses — autism and psychosis — is a condition for guiding treatment and for the ethical articulation between clinical practice, research, and training.

Keywords: Autism. Childhood psychosis. Psychoanalysis. Psychiatry.

Resumen: Este artículo analiza la distinción entre autismo y psicosis en la infancia desde dos perspectivas: la psiquiátrica, con énfasis en la evolución nosográfica de los manuales DSM y CIE, y la psicoanalítica, que destaca el estado estructural del autismo y sus implicaciones clínicas. Desde la perspectiva psiquiátrica, el artículo reconstruye la trayectoria desde el vínculo histórico entre el autismo y las psicosis infantiles (DSM-I/II; CIE-6 a CIE-9) hasta su separación actual como trastorno del neurodesarrollo (DSM-5; CIE-11). El psicoanálisis argumenta que el autismo y la psicosis no forman un continuo, sino estructuras distintas, con diferencias en la relación entre el lenguaje y el cuerpo, la presencia de alucinaciones, la temporalidad de inicio y el deseo de inmutabilidad. Se concluye que la diferencia entre estos dos diagnósticos —autismo y psicosis— es una condición para la orientación del tratamiento y para la articulación ética entre la práctica clínica, la investigación y la formación.

Palabras clave: Autismo. Psicosis infantil. Psicoanálisis. Psiquiatría.

INTRODUÇÃO

O presente artigo resulta do projeto de pesquisa e extensão Saúde Mental na Infância e Adolescência, orientado pela prof.^a Dr.^a Renata Wirthmann G. Ferreira, da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), que está em funcionamento desde 2016 até a presente data. Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP — Parecer 1.705.702), tem suas atividades práticas realizadas no Centro de Estudos Aplicados em Psicologia (CEAPSI), da UFCAT.

No plano nosográfico, o artigo reconstitui o percurso histórico que vincula o autismo às psicoses infantis nas duas primeiras edições do Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-I e DSM-II) e na Classificação Internacional de Doenças (CID-6 à CID-9), até a sua inscrição atual como transtorno do neurodesenvolvimento (DSM-5 e CID-11), abordando a trajetória do transtorno desintegrativo da infância e os efeitos da retirada da categoria psicose infantil a partir da terceira edição do DSM (1980).

No plano psicanalítico, explicitam-se diferenças estruturais entre autismo e psicose que incidem na direção do tratamento: modos de aparecimento da angústia, relação entre linguagem e corpo, estatuto das alucinações, temporalidade de instalação e economia de estabilização marcada pela vontade de imutabilidade. Essa distinção se articula a operadores clínicos como a noção de borda autística — duplo, objetos e ilhas de competência —, tomada aqui como orientação para construir vias de laço sem violentar a economia singular do sujeito. O texto também discute as consequências éticas e institucionais de diagnósticos imprecisos.

O presente artigo tem por objeto esclarecer, com base em fontes históricas, manuais diagnósticos e aportes da psicanálise, as diferenças entre autismo e psicose na infância e suas consequências clínicas. O percurso compreende, primeiro, a reconstrução histórico-nosográfica na psiquiatria (com foco em DSM e CID e na posição do transtorno desintegrativo da infância) e, depois, a explicitação dos critérios estruturais que distinguem autismo e psicose na psicanálise, culminando na discussão de implicações para a direção do tratamento. A metodologia consiste em revisão da literatura selecionada e debatida no eixo teórico do projeto desde 2016, incluindo textos clássicos de psiquiatria e psicanálise, e edições sucessivas dos manuais diagnósticos.

PSICOSE INFANTIL E AUTISMO NA PSIQUIATRIA

A história da psiquiatria infantil foi dividida por Bercherie (2001) em três momentos. No primeiro (primeiro quarto do século XIX), o foco era discutir a noção de retardamento mental e seu grau de irreversibilidade. Nesse período, não se supunha a ideia de haver a loucura na criança, pois a loucura seria, essencialmente, a idiotia.

No segundo tempo (segunda metade do século XIX), a clínica psiquiátrica infantil passou a utilizar como parâmetro a clínica para os adultos, como se não houvesse diferenças entre o período da infância e o da vida adulta (Cirino, 2015 apud Bianchi; Abrão, 2023). Portanto, nesse segundo tempo, era comum diagnosticar crianças não adaptadas sob os nomes de: depressão, fobia, mania, melancolia, obsessão, excitação, alucinação, delírio, loucura moral (perversão) e neurose. Marfinati e Abrão (2014) pontuam que é nesse momento que aparece a diferenciação entre as formas congênicas e as adquiridas no campo do retardamento e das demências infantis.

Por fim, o terceiro e último período, iniciado nos anos de 1930 e estendido até os dias de hoje, tem, como uma de suas características, a influência das ideias psicanalíticas na clínica infantil, somada ao desenvolvimento do modelo psicossomático na psiquiatria infantil. Tal influência permitiu a ampliação e a estruturação da clínica psicopatológica infantil.

Alguns nomes se destacaram na observação e avaliação de crianças na história da psiquiatria infantil. Dentre eles, Theodor Heller (Viena, 1869-1938), psicólogo austríaco ligado à educação especial, descreveu, em 1908, um quadro que chamou de *dementia infantilis* — após pelo menos dois anos de desenvolvimento considerado típico, crianças entre três e quatro anos apresentavam regressão global, com perda rápida de linguagem, sociabilidade, autocuidados e do brincar, frequentemente com humor lábil e desorganização marcante. Seu método foi essencialmente clínico-observacional em contexto educacional, com seguimento de casos e proposição de critérios descritivos para esse padrão regressivo; a série original incluiu seis crianças acompanhadas longitudinalmente. A síndrome de Heller, mais tarde denominada transtorno desintegrativo da infância (TDI) ou psicose desintegrativa, permaneceu por décadas em um limbo classificatório, apesar de sua caracterização precoce.

A trajetória nosográfica do TDI contrasta com a da demência precoce, conceito do médico alemão Kraepelin (1856-1926) para psicoses do fim da adolescência/início da vida adulta, renomeado como esquizofrenia pelo médico suíço Bleuler (1857-1939), em 1911. Enquanto Heller sublinhava uma regressão maciça do desenvolvimento em idade pré-escolar, Kraepelin e Bleuler descreviam uma psicose com delírios, alucinações e desorganização do pensamento cujo núcleo não é a regressão multissistêmica infantil. Essa diferença explicaria o destino desigual nos manuais: até meados do século XX, quadros autísticos e regressivos eram rotineiramente abrigados sob rótulos psicóticos amplos, especialmente “esquizofrenia infantil”.

Para Bleuler (1911), na realidade, haveria uma desintegração da personalidade, indicando a presença de uma cisão entre pensamento, emoção e comportamento. Ele não concordava com o progresso implacável da demência, portanto renomeou a demência precoce de esquizofrenia infantil, grupo de psicoses caracterizado “por uma alteração do pensamento, do sentimento e das relações com o mundo exterior de um tipo específico, e que não encontramos em nenhum outro lugar” (Tenório, 2016, p. 947). Bleuler aponta, como sintomas fundamentais da esquizofrenia infantil, as associações cindidas, o afeto inadequado ou embotado, a ambivalência e o autismo, termo novo cunhado por ele e que diz respeito a “uma tendência a colocar sua própria fantasia acima da realidade e a se retirar desta última” (Tenório, 2016, p. 947). Apesar de o termo “autismo” já aparecer em Bleuler, ele só começou a ser tratado como uma patologia diferenciada a partir do fim da Segunda Guerra Mundial.

Do DSM-I (1952) ao DSM-II (1968), casos hoje lidos como autismo ou TDI eram tipicamente classificados como “reação esquizofrênica, tipo infantil” (DSM-I) ou “esquizofrenia, tipo infantil” (DSM-II), categorias que explicitamente mencionavam “comportamento autístico” e retraimento como centrais. Não havia, portanto, um lugar próprio para a síndrome de Heller, que ficava diluída no espectro das psicoses infantis. A virada ocorre com o DSM-III (1980), que abandona a noção de “esquizofrenia infantil” e introduz os transtornos globais do desenvolvimento (TGD), reconhecendo o autismo infantil como entidade distinta. Ainda assim, o TDI não ganha categoria própria nesse momento (nem no DSM-III-R, de 1987).

A primeira inclusão formal do TDI nos manuais da Associação Americana de Psiquiatria (APA) dá-se no DSM-IV (1994), que o situa entre os TGD ou, na sigla em inglês, PDD (*Pervasive Developmental Disorder*), ao lado de autismo, síndrome de Rett, síndrome de Asperger e TGD-NOS ou no inglês PDD-NOS (*Pervasive Developmental Disorder — Not Otherwise Specified*), posição que é mantida no DSM-IV-TR (2000).

Em 2013, o DSM-5 extinguiu as subcategorias de TGD e as fundiu no transtorno do espectro do autismo (TEA); com isso, o TDI deixou de existir como diagnóstico separado. O texto do DSM-5 preserva a noção de regressão como curso possível dentro do TEA (uma minoria das crianças perde habilidades previamente adquiridas), mas sem um rótulo próprio para a síndrome de Heller; registra-se clinicamente a história de perda de habilidades e os especificadores usuais do TEA. Em síntese, a descoberta de Heller ingressa tardiamente (DSM-IV) e é absorvida (DSM-5), ao passo que a demência precoce de Kraepelin segue outro trilha e participa da história da esquizofrenia, mas não da história dos transtornos do neurodesenvolvimento.

Já entre as décadas de 1940 e 1950, as psicoses infantis ou a esquizofrenia foram campos com evidente desorganização diagnóstica: “Mais frequentemente se fala de esquizofrenia infantil quando não se compreende muito bem o que se passa” (Lacan, 2009, p. 124).

Em meio a todas essas investigações acerca dos quadros de psicopatologia da infância, alguns pesquisadores se destacaram. Dentre eles, Leo Kanner (1943), pioneiro na publicação do termo “autismo” como uma patologia, denominou o autismo infantil de distúrbio autístico do contato. Ele observou o caso de 11 crianças que apresentavam características como isolamento precoce, perturbações nas relações afetivas (seria uma incapacidade inata), dificuldade em responder a determinados estímulos, incapacidade na utilização da linguagem de maneira significativa e extrema insistência na preservação da mesmice (Marfinati; Abrão, 2014).

Outro psiquiatra importante foi Hans Asperger (1944), que propôs a definição de um distúrbio que ele denominou psicopatía autística. A APA, em 1980 (DSM-III), reconheceu oficialmente o autismo como uma categoria distinta, inicialmente nomeada como autismo infantil. A psiquiatra Lorna Wing, em 1981, reacendeu a pesquisa sobre o trabalho de Asperger e renomeou a psicopatía autista como síndrome de Asperger. Os primeiros critérios diagnósticos para a síndrome de Asperger foram propostos em 1989.

Enquanto o DSM foi criado pela Associação Americana de Psiquiatria com o objetivo de padronizar os critérios de diagnóstico dos transtornos mentais, facilitando assim a comunicação entre profissionais de saúde, clínicos e pesquisadores, a OMS (Organização Mundial da Saúde) criou o CID. Atualmente, o CID está em sua décima primeira edição. Os manuais são o sustentáculo da psiquiatria moderna, que trabalha com sistemas classificatórios, com o objetivo de padronizar os diagnósticos. Já a psicanálise segue um caminho teórico e prático distinto, partindo do sujeito do inconsciente e do sintoma como uma produção subjetiva a ser escutada.

Em relação ao CID, de acordo com Bosa (2002, p. 28 apud Bianchi; Abrão, 2023), o autismo não foi mencionado nas primeiras edições. No CID-6, foi inserido na categoria “perturbações esquizofrênicas”, mantendo-se associado à esquizofrenia até o CID-9 (1979),

com a nomenclatura “psicose infantil” ou “síndrome de Kanner”. Já no CID-10 (1993), aparecem os transtornos globais do desenvolvimento (TGD), que incluem: autismo infantil; autismo atípico; síndrome de Rett; outro transtorno desintegrativo da infância; transtorno com hipercinesia associada a retardo mental e a movimentos estereotipados; síndrome de Asperger; transtornos globais não especificados do desenvolvimento. Por fim, no CID-11 (2019), estabeleceram-se critérios diagnósticos do TEA semelhantes aos do DSM-5.

Ao longo da história, o conceito de autismo, em relação à sua distinção com a psicose e a esquizofrenia infantil, mostrou-se problemático e controverso, como se pode notar na evolução histórica dos manuais diagnósticos.

PSICOSE INFANTIL E AUTISMO NA PSICANÁLISE

O DIAGNÓSTICO EM PSICANÁLISE

Na psicanálise, o diagnóstico funda-se na relação do sujeito com a linguagem e, conseqüentemente, com a realidade psíquica, entendida como efeito do inconsciente que emerge na fala e orienta o trabalho clínico. Freud apresenta a formulação de que o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, tão inacessível quanto o mundo externo aos dados imediatos da consciência; daí a centralidade de ouvir o que dessa realidade comparece em palavras e atos. Nessa perspectiva, a clínica se inicia na própria palavra do sujeito e se faz sob transferência, pois o observador não está fora do campo observado, mas marca, desde o começo, os instrumentos de diagnóstico e de tratamento.

Em contraste, a psiquiatria trabalha com diagnóstico nosológico (DSM/CID), derivado de descrições fenomenológicas padronizadas e construídas de fora da transferência. Lacan acompanhou os DSMs I e II, mas os considerou tributários do mesmo método descritivo da psiquiatria clássica; por isso, tomou as categorias psiquiátricas à luz dos postulados psicanalíticos, reduzindo-as a grandes campos (neurose/psicose) e, depois, aos modos de amarração dos registros, em vez de proliferar rótulos. O ponto decisivo, então, não é apenas o que o paciente apresenta, mas como se amarra à linguagem, o que recoloca o valor dos tipos descritivos na direção do tratamento.

Daí a distinção entre estrutura e categoria: a estrutura não é uma classe nosográfica, mas um modo de funcionamento que decorre da linguagem e produz efeitos de sujeito (neurose, psicose, perversão e autismo). A estrutura se diferencia das categorias por se interessar mais por como se dá a amarração do sujeito com a linguagem.

Embora a psicanálise possua o diagnóstico estrutural e não fenomenológico, seria incorreto pensar que ela não se utiliza dos fenômenos. Para Vieira (2001), é a partir dos fenômenos que podemos ter acesso à estrutura do sujeito, auxiliando no estabelecimento do diagnóstico estrutural. Enquanto isso, a psiquiatria trabalha com a descrição de fenômenos.

No diagnóstico em psicanálise, consideramos que a “doença” ocupa um sentido para o sujeito, que está afastado de sua consciência, mas inserido na trama de seu desejo. A associação livre deve assumir um papel de extrema importância para a escuta desse sujeito, pois é a partir dela que poderemos ter acesso aos seus desejos inconscientes (Prizskulnik, 1998 apud Loures; Fernandes, 2015, p. 286).

Tanto os psicanalistas quanto os psiquiatras recebem, em seus consultórios, sujeitos queixosos de seus sintomas e sofrimentos que o mal-estar produz. Entretanto, nesse momento, cada área toma sua direção, segundo sua proposta de diagnóstico e tratamento. Na psicanálise, o trabalho do analista segue a direção de levar o analisando a transformar a queixa em demanda de análise, interrogando-o acerca de suas queixas.

AS PSICOSES INFANTIS NA PSICANÁLISE

A questão das *psicoses na infância* pressupõe a compreensão das estruturas clínicas teorizadas por Lacan, tendo como referencial a sua concepção do inconsciente freudiano estruturado com linguagem e a ideia da constituição psíquica do sujeito como efeito de linguagem, produzida a partir do seu encontro com o Outro.

Lacan, em seu *Seminário 3: as psicoses* (1981) e no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses* (1998), dos *Escritos*, promoveu o resgate da doutrina freudiana das psicoses e, em diálogo com a psiquiatria clássica, produziu a elaboração dos fenômenos elementares da psicose à luz da teoria dos significantes, inaugurando, assim, a causalidade significante da psicose (Barroso, 2014).

[...] o estado do sujeito S (neurose ou psicose) depende do que se desenrola no Outro A. O que nele se desenrola articula-se com um discurso (o inconsciente é o discurso do Outro), do qual Freud procurou inicialmente definir a sintaxe relativa aos fragmentos que nos chegam em momentos privilegiados, sonhos, lapsos, chistes (Lacan, 1998, p. 555).

Analisando o adulto neurótico, Freud concluiu que o sujeito se constitui desse encontro traumático com a castração, que o mantém ligado, em sua fantasia, à criança que ele foi um dia (Barroso, 2014). No mesmo sentido, os efeitos desse encontro com o discurso do Outro são promotores das demais estruturas psíquicas: psicose, perversão e autismo. Assim como a neurose traz, na condição de mecanismo fundador, o recalque, na psicose opera-se a forclusão; o desmentido, na perversão; e a elisão, no autismo.

Freud tomou emprestado da mitologia a saga de Édipo para teorizar a constituição psíquica dos sujeitos neuróticos, marcados pela castração e pelo complexo de Édipo. Lacan fez a passagem do mito à lógica, introduzindo os operadores “desejo da mãe” (DM) e “nome do pai” (NdP) na constituição da estrutura, marcando, assim, a importância para qualquer sujeito tanto do lugar real daqueles que ocupam as funções materna e paterna quanto do fato de ter sido desejado pelos pais (Flesler, 2012).

Centrada na lógica do desejo, a função materna realiza a “antecipação de um sujeito por vir”; trata-se de uma operação essencial para o sustento narcísico e todas as suas consequências. Para o sujeito, é um tempo que irá se transformar dialeticamente numa bivalência: ser ou não ser o falo (Flesler, 2012).

Ainda segundo Flesler (2012), Freud identificou o momento fundador para o filhote humano em sua entrada no mundo através de uma equivalência simbólica significativa para outro ser humano, mas foi Lacan quem estabeleceu uma diferença essencial entre o falo como significante, peça elementar da lógica de incompletude na dinâmica da relação mãe-filho, e o falo imaginário capaz de recobrir a primeira falta original que provocou na mãe o desejo de ter um filho.

O desejo do pai tem a sua relevância como promotor de uma operação nominante que efetiva o enlace do sustento narcísico (imaginário) com a ordem significante e o real que um filho representa (Flesler, 2012). Quando não se verifica essa operação de inscrição da metáfora paterna, ou seja, quando os operadores DM e NdP não produzem esses efeitos de alienação e separação, podemos dizer que não houve a inscrição do S1, o significante-mestre, no corpo significante.

Eis o mecanismo fundamental que suponho na base da paranoia. Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante. É no interior desse corpo primordial que Freud supõe se constituir o mundo da realidade, como já pontuado, já estruturado em termos significantes (Lacan, 1981, p. 174).

A forclusão do nome do pai, mecanismo fundador da psicose, encontra-se na origem da constituição psíquica do sujeito psicótico, de modo que não se pode admitir qualquer entrave ao reconhecimento das psicoses na infância. Entretanto, notam-se grandes resistências a essa hipótese diagnóstica na clínica com crianças, especialmente quando o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais optou por excluir até mesmo a categoria da esquizofrenia infantil de seus quadros nosológicos, desde sua terceira edição em 1980, adotando, em substituição, a categoria genérica dos transtornos globais do desenvolvimento. Com isso, reforçou-se uma tendência histórica de confundir a psicose infantil com a debilidade física ou cognitiva.

Além da posição da psiquiatria infantil, contribui para o mascaramento das estruturas freudianas da psicose na infância a resistência de profissionais da saúde e da educação que optam por tratar distúrbios da linguagem e do corpo, tais como as descoordenações motoras, as agitações, o disfuncionamento dos órgãos de nutrição e de excreção típicos da psicose, com terapias fonoaudiológicas e ocupacionais, fisioterapias e reeducações diversas, sem a menor consideração ao sujeito (Barroso, 2014).

Tais terapias buscam a maior adaptação possível a um modo neurotípico de ser, agravando o sofrimento do sujeito psicótico e dificultando a construção de uma metáfora delirante que lhe dê contornos mínimos de sustentação para ser e estar no mundo a seu modo.

Cumprir observar que a própria clínica da psicose na infância possui os seus entraves, pois a infância tem suas especificidades que não podem ser desconsideradas. Embora o inconsciente não tenha idade, a constituição psíquica observa seus tempos próprios, como o tempo de ser ou não ser o falo e o primeiro despertar sexual; o tempo de ser ou ter o falo, quando o Outro se duplica e o sujeito passa a responder sim ou não, instaurando-se uma redistribuição do gozo; para só então iniciar-se o período de latência ou o tempo de compreender, com as primeiras teorias infantis sobre a sexualidade e o funcionamento do mundo, com a instauração do simbólico (Flesler, 2012).

Em geral, o fenômeno do desencadeamento se mostra mais evidente a partir do segundo despertar sexual. Com a entrada na puberdade, a criança já se encontra munida de muitos significantes que lhe permitem buscar um sentido para aquilo que a atravessa e a angustia. O que chamamos de drama puberal do neurótico encontra seu similar nos sujeitos psicóticos, com a diferença de que o que não foi simbolizado retorna no real, sob a forma de alucinações e delírios.

O sujeito psicótico está na linguagem, porém não traz a inscrição da metáfora paterna, ficando foracluído o que chamamos de significante-mestre, o S1, não simbolizado e, assim, “tudo o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real” (Lacan, 1981, p. 21).

Para além da precariedade das construções delirantes, na criança, a casuística psicanalítica apresenta hipóteses em que a linguagem se mostra reduzida ao caroço de palavras, “estado nodal da palavra” (Lacan, 2009, p. 142), sem qualquer endereçamento ao Outro ou função de comunicar. Nesses casos, o corpo assume o caráter de resposta privilegiada da criança à sua condição de objeto condensador de gozo para o Outro, impondo-se a necessidade de ampliar a concepção do desencadeamento para incluir os distúrbios do corpo que escapam à noção lacaniana clássica do desencadeamento (Barroso, 2014).

É preciso romper barreiras e desafiar tabus, pois essa espécie de apagamento das psicoses infantis não contribui para o tratamento, induzindo hipóteses diagnósticas equivocadas, além de ser prejudicial ao avanço da pesquisa e dos estudos clínicos, em especial da clínica com crianças.

O AUTISMO PARA A PSICANÁLISE

O autismo não é mais uma psicose. A diferenciação entre autismo e psicose, decisiva tanto na clínica quanto na pesquisa, sustenta-se em elementos clínicos e estruturais distintos. Na tradição psicanalítica, essa distinção não decorre de meras diferenças de intensidade, mas de modos diversos de laço com a linguagem, com o corpo e com o Outro. A nosografia contemporânea reforça essa separação ao situar o autismo no campo dos transtornos do neurodesenvolvimento, sem que isso esgote a questão do seu estatuto subjetivo.

Um primeiro ponto de contraste concerne ao modo de aparecimento da angústia. Maleval (2015) observa que, ao contrário do que se verifica em muitas psicoses infantis, a criança autista não converte a angústia em “medos designáveis ligados a forças vivas”. Não predominam temas persecutórios ancorados em figuras humanas ou intenções atribuídas a pessoas (“alguém manda ondas”, “há alguém debaixo da cama”). As representações tendem a se organizar em torno do sensorial e do inanimado; eventos físicos e cósmicos podem ser vividos como ameaçadores, mas sem uma amarração interpretativa que personalize a ameaça: “Se o ambiente físico é descrito como ameaçador e se qualquer acontecimento, relativo ao cosmos, o perturba (tempestade, tremor de terra, tsunami), ele não liga essas ameaças a determinadas pessoas” (Maleval, 2015, p. 3).

A segunda diferença se dá na relação entre linguagem e corpo. Segundo Éric Laurent, tal como citado por Maleval (2015, p. 3), “o cálculo da língua, ao qual esses sujeitos se dedicam, aparece completamente separado do corpo”. Nas psicoses, ao contrário, os acontecimentos de linguagem tocam o corpo e podem produzir efeitos intrusivos e invasivos, como testemunha o caso Schreber, no qual a significação delirante encarna-se como experiência corporal e voz que se dirige ao sujeito (Freud, 2010). No autismo, a atividade sobre a língua tende a se manter apartada do corpo, sem a colagem somática característica de certos fenômenos elementares psicóticos.

A terceira diferença, no campo das alucinações, também é nítida. Se se toma a alucinação verbal como importante critério para a psicose, é preciso reconhecer que ela é rara no autismo. Alucinações podem ocorrer em neuróticos e psicóticos; no autismo, não constituem o eixo do quadro nem organizam a experiência do sujeito (Maleval, 2015).

Um quarto traço diferencial é a vontade de imutabilidade. Maleval descreve um “desejo todo-poderoso de solidão e de imutabilidade” (2015, p. 6) — o sujeito autista trabalha, por meio de regras e rotinas, para construir um mundo estável. A imutabilidade revela que o autista é um sujeito que trabalha para assegurar um mundo experimentado, apartado do mundo regularmente reconhecido como caótico, barulhento ou inquietante. Esse vetor de estabilização contrasta com a ironia esquizofrênica e com a mobilidade dos sistemas delirantes, que não obedecem a uma economia de conservação similar.

Por fim, uma quinta e clara diferença: o autismo não desencadeia. A psicose desencadeia. A psicose se desencadeia, enquanto o autismo estaria presente desde o nascimento. Acentua-se ainda que a maior parte das entradas nas esquizofrenias se dá na adolescência, enquanto o autismo se manifesta quase sempre desde os primeiros anos. Isso leva à constatação de uma clara diferença em relação à temporalidade. Na psicose, fala-se em desencadeamento: uma irrupção clínica frequentemente situada na adolescência ou no início da vida adulta, ainda que haja formas de início precoce. No autismo, ao contrário, não há desencadeamento no mesmo sentido: trata-se de um modo de funcionamento presente desde muito cedo, com sinais que se manifestam nos primeiros anos, antes da idade em que são esperadas eclosões psicóticas típicas (Maleval, 2015; Kanner, 1943).

Daqui decorre a pertinência de pensar o autismo como estrutura. Em primeiro lugar, porque o diagnóstico exclusivamente comportamental nas idades muito precoces é incerto, dado o repertório limitado de condutas (Maleval, 2015, p. 11). Em segundo, porque, como

sublinham Rosine e Robert Lefort, a estrutura psicótica apresenta plasticidade de quadros (esquizofrenia, paranoia, estados melancólicos, episódios maníacos) sob uma mesma lógica estrutural; já o autismo evolui dentro do autismo, indo da síndrome de Kanner à de Asperger, sem produzir a mesma diversidade de “postulados passionais” que se observam na psicose (Lefort; Lefort, 2017). O caso Schreber, canônico para a compreensão da estrutura psicótica, ilustra precisamente essa multiplicidade fenomenológica com unidade estrutural (Freud, 2010). Nada equivalente se verifica no autismo, cujo eixo de funcionamento se mantém (Lefort; Lefort, 2017; Maleval, 2015, p. 13, 15).

Os testemunhos dos próprios autistas corroboram a hipótese estrutural. Jim Sinclair (1993) afirma que o autismo não é algo que a pessoa “tem”, separável do sujeito: trata-se de “uma forma de ser”. Temple Grandin (1995), em entrevistas e relatos pessoais, insiste no mesmo ponto: se pudesse “deixar de ser autista”, não o faria, pois isso a desvincularia de quem ela é. Esses testemunhos orientam a clínica ao indicar que a intervenção não visa retirar o autismo, mas ampliar vias de laço e de invenção que façam borda ao real que angustia.

As implicações clínicas dessa diferenciação são diretas. Em vez de buscar normalizar e padronizar a partir de protocolos de treino, a direção de tratamento considerará os dispositivos de borda descritos por Maleval (2017): o duplo, os objetos autísticos e as ilhas de competência. A borda autística funciona como fronteira protetiva e, ao mesmo tempo, como possibilidade de aproximação ao laço social; pode ainda operar como captador e organizador do gozo, protegendo o sujeito autista de estímulos invasivos e lhe permitindo conviver, de um modo menos desgastante, com a vida cotidiana. Desse modo, quando um interesse específico (ilha de competência) se transmuta em competência social, o encapsulamento inicial dá lugar a formas de circulação mais amplas sem que se viole a economia singular do sujeito (Maleval, 2017).

Para detalhar os três elementos da borda, podemos descrevê-los da seguinte forma: o duplo consiste em uma imagem que não se impõe ao sujeito e o permite se manter numa solidão tranquilizadora. De modo paradoxal, o duplo, ao cumprir a proposta da borda de tranquilizar, mantém o autista distante da interação, pois tudo que o duplo lhe oferece é uma enunciação artificial, não vinculada ao gozo, que não sintoniza suas ações com seus sentimentos e que o fará, posteriormente, passar da tranquilidade para uma angústia cada vez maior.

Os objetos autísticos visam, segundo Tustin, “impedir o desenvolvimento do grau de consciência da separação corporal. Eles forjariam uma proteção contra um ‘buraco negro’ angustiante [...]” (1990, p. 132). Desse modo, os objetos autísticos simples são utilizados como se fossem parte do corpo do autista, proporcionando-lhe calma e suprimindo a invasão do meio, enquanto os objetos autísticos complexos, apesar de buscarem essas mesmas sensações, fazem com que o gozo do sujeito seja afastado do corpo para inseri-lo em uma borda que o liga à sociedade.

Outra borda autista pode se expressar na forma de ilhas de competência, as quais compreendem a construção de um conhecimento resultante de uma escolha singular que pode “possibilitar um crescimento afetivo, cognitivo e social, imbricando tais áreas em uma solução original, possibilitando uma mudança subjetiva” (Bialer, 2014, p. 157). Nesse funcionamento, o Outro se apresenta rígido devido ao sujeito autista não ter flexibilidade com os significantes, mas constituirá, ainda assim, o melhor, dentre os elementos da borda, facilitador para permitir e ampliar o contato do autista com o mundo exterior.

Do ponto de vista ético, trata-se de não impor ao sujeito uma semântica que o intimide ou o invada. Lacan (2016) assinala que, para certos sujeitos, o peso das palavras é muito sério e que insistir nelas pode acentuar o retraimento. Daí o interesse de vias mediadas, como a música enquanto endereçamento não intimidador — por intermédio da música, por exemplo, o autista pode vir a ter a experiência de ser endereçado sem ser intimado (Vivès, 2012). Como lembra Lévi-Strauss, a música é linguagem menos o sentido, o que explica sua potência de borda quando a incidência de demanda simbólica exacerba a angústia. Nessa perspectiva,

o trabalho clínico consistiria em apoiar e refinar a borda e seus elementos (duplos, objetos, interesses específicos) para fazer furo no encapsulamento e permitir deslocamentos possíveis, mas sem jamais destruir a borda e respeitando seus elementos.

Em síntese, a diferença entre autismo e psicose não se limita a um contínuo de gravidade. Ela envolve modos distintos de laço com a linguagem e com o corpo, uma temporalidade diversa (presença precoce *versus* desencadeamento) e economias próprias de estabilização. Essas diferenças legitimam, na psicanálise, a tese de que o autismo constitui uma estrutura distinta, o que converge com a separação nosográfica atual na psiquiatria e orienta práticas de tratamento centradas na invenção singular do sujeito.

As teorias, em psicanálise, se modificam conforme a clínica avança. Se o diagnóstico do autismo e da psicose é um diagnóstico eminentemente clínico, será a própria clínica que vai nos orientar acerca do diagnóstico diferencial. O psicanalista, com sua posição ética, oferece, portanto, uma escuta ao sujeito autista, mesmo que ele não fale, e aposta que o saber está do lado dele e não de quem o trata, e que, por isso, não cede às tentações dos protocolos, mas sim aos efeitos de um encontro. Em psicanálise, não há previamente um método a ser aplicado; o clínico terá, sempre, a difícil tarefa de pensar e construir suas intervenções a cada encontro, nunca antes deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo sustentou, portanto, que autismo e psicose na infância não compõem um contínuo de gravidade, mas remetem a lógicas distintas de laço com a linguagem, com o corpo e com o Outro. No plano nosográfico, mostrou-se o deslocamento histórico que separa o autismo das psicoses infantis e o inscreve, hoje, entre os transtornos do neurodesenvolvimento (DSM-5; CID-11), ao passo que a psicose mantém sua referência a eixos delirantes-alucinatorios. No plano psicanalítico, argumentou-se que a diferença inclui a forma de aparecimento da angústia, a relação entre linguagem e corpo, a raridade de alucinações verbais no autismo, a temporalidade sem desencadeamento e a vontade de imutabilidade como estratégia de estabilização.

Do ponto de vista clínico, a consequência central é a diferença do diagnóstico. Tratar um psicótico como autista ou um autista como psicótico orienta intervenções inadequadas, empobrece a direção do tratamento e produz efeitos éticos e institucionais danosos. Muitas crianças psicóticas também têm sido diagnosticadas como autistas devido à presença dos sintomas negativos e iniciais das psicoses que, somente pela fenomenologia, assemelham-se muito ao autismo. Contudo, é importante destacar que nenhum diagnóstico é sem consequências. E é imprescindível e ético denunciar que o diagnóstico equivocado levará a graves consequências.

Da perspectiva da clínica psicanalítica, o manejo é orientado pela escuta do sujeito e, no autismo, essa escuta se apoia nos elementos da borda autística (duplo, objetos, ilhas de competência) para ampliar vias de laço sem violentar a economia singular. Já nas psicoses infantis, a referência central é a concepção lacaniana do inconsciente como discurso do Outro e da constituição do sujeito como efeito de linguagem.

A diferenciação estrutural, para a psicanálise, entre neurose, psicose, perversão e autismo decorre dos diferentes modos de defesa: na psicose, a forclusão (*Verwerfung*); na neurose, o recalque (*Verdrängung*); na perversão, o desmentido (*Verleugnung*); e no autismo, a elisão (*Vermeiden*). No presente artigo, decidimos pelo recorte da diferença entre autismo e psicose, especialmente na infância.

Nas psicoses infantis, a referência central é a concepção lacaniana do inconsciente como discurso do Outro e da constituição do sujeito como efeito de linguagem. Clinicamente, é decisivo distinguir a lógica do déficit da lógica da produção. A primeira reduz a psicose a falhas adaptativas; a segunda interpreta os fenômenos (delírios, alucinações, perturbações do corpo e da linguagem) como tentativas de reconstrução, recursos de amarração e invenções do sujeito. Na infância, os marcadores podem aparecer como *caroços de palavra* sem endereçamento,

distúrbios do corpo e respostas ao gozo do Outro, o que recomenda ampliar a noção de desencadeamento para além da irrupção típica da adolescência e incluir manifestações corporais precoces. A retirada da psicose infantil das classificações e o predomínio de protocolos reeducativos tendem a mascarar a estrutura e a deslocar o tratamento para metas de normalização, agravando o sofrimento e obstaculizando a construção de metáforas e amarrações possíveis.

Para a direção do tratamento, impõe-se sustentar a categoria clínica de psicose na infância, operar com diagnóstico estrutural e orientar a intervenção pela escuta e pela função de invenção do sujeito, evitando confundir quadros psicóticos com deficiência, inibição ou transtornos do neurodesenvolvimento. Reconhecer a temporalidade própria da infância e o papel de viradas maturacionais (como a puberdade) permite situar melhor os fenômenos elementares e decidir por dispositivos que apoiem, em vez de quebrar, as soluções singulares que o sujeito produz para habitar o laço.

Na orientação adotada neste artigo, o autismo é concebido como quarta estrutura. Não se trata de doença a ser curada, mas de um modo de existência e de laço; por isso, nenhum tratamento deve visar curar alguém do seu autismo, sob pena de apagar o sujeito, mas permitir que cada criança elabore, com seus pais, um caminho próprio e o prossiga na vida adulta (Laurent, 2014). Longe de estar fora da linguagem, o autista não abdica da língua: pode operar um domínio singular sobre ela, inclusive pela recusa de arriscar-se a falar (Maleval, 2017), e amarra sua possibilidade de amor e de singularidade a partir desse funcionamento.

Na psicanálise, a hipótese estrutural do autismo, formulada nos anos 1990 por Rosine e Robert Lefort (2017), apoia-se, entre outros pontos, em três marcas: (1) retenção inicial dos objetos pulsionais (recusa do olhar, da voz e de certas trocas); (2) primado do signo, com correlações literais e evitamento de polissemias; e (3) aparelhamento do gozo pela borda. Essa borda autística se compõe, de modo articulado, de objetos autísticos (que intermediam o contato e protegem do excesso do Outro), de um duplo (semelhante previsível que apazigua e serve de apoio) e de interesses específicos (focos de saber e invenção que podem se converter em competências sociais). Esses elementos orientam a direção do tratamento, que não busca normalizar, mas sustentar e ampliar, com o mínimo de intrusão, as vias singulares pelas quais o sujeito autista faz laço e habita o mundo.

O presente estudo apresentou a natureza teórica da distinção diagnóstica entre o autismo e a psicose na infância. Como desdobramentos, sugerimos pesquisas clínicas com documentação sistemática de processos e resultados, estudos comparativos entre serviços e a continuidade da articulação entre formação, assistência e extensão universitária. Em síntese, a distinção conceitual e clínica entre autismo e psicose é condição para decisões terapêuticas responsáveis e para a construção de dispositivos de cuidado ajustados à singularidade de cada sujeito.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais — DSM-5*. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-IV-TR*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-III-R*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-I*. Washington, DC: American Psychiatric Association; 1952.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-II*. Washington, DC: American Psychiatric Association; 1968.
- ASPERGER, Hans. “Die Autistischen Psychopathen” im Kindesalter. *Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten*, v. 117, p. 76-136, 1944.
- BARROS, Rogério de Andrade; FERNANDES, Mariana Martins; SILVA, Beatriz de Souza. A (dis)função do diagnóstico: uma leitura psicanalítica sobre o DSM. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, Salvador, v. 11, e4136, 2022.

- BARROSO, Suzana Faleiro. *As psicoses na infância: o corpo sem a ajuda de um discurso estabelecido*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2014.
- BERCHERIE, Paul. A clínica psiquiátrica da criança. In: CIRINO, Oscar (Org.). *Psicanálise e psiquiatria com crianças: desenvolvimento ou estrutura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 129-144.
- BIALER, Marina. *Ilhas de competência: clínica e autismo*. São Paulo: Escuta, 2014.
- BIANCHI, Vilma Aparecida; ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. A construção histórica do autismo. *Revista Brasileira de Revisão de Saúde*, [S. l.], v. 2, p. 5260-5277, 2023.
- BLEULER, Eugen. *Dementia praecox oder Gruppe der Schizophrenien*. Leipzig: Deuticke, 1911.
- CIRINO, Oscar. *Psicanálise e psiquiatria com crianças: desenvolvimento ou estrutura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FLESLE, Alba. *A psicanálise de crianças e o lugar dos pais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- FREUD, Sigmund. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia paranoides) [1911]. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GRANDIN, Temple. *Thinking in pictures*. New York: Vintage, 1995.
- KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*, v. 2, p. 217-250, 1943.
- LACAN, Jacques. Conferência na Universidade de Columbia 01 de dezembro de 1975 (1975). In: *Lacan in North America*. [recurso eletrônico] / Frederico Denez, Gustavo Capobianco Volaco (Orgs.) - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.
- LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 531-590.
- LACAN, Jacques. *Seminário 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LACAN, Jacques. *Seminário 3: das psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- LAURENT, Éric. *A batalha do autismo: da clínica à política*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- LEFORT, R., & LEFORT, R. (2017). *A distinção do autismo* (A. L. Santiago & C. Vidigal, trad.). Belo Horizonte, MG: Relicário Edições. (Trabalho original publicado em 2003).
- LOURES, Natália Raquel Pereira; FERNANDES, Paula Brant. A soberania da clínica: além do diagnóstico em psiquiatria e psicanálise. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 279-295, ago. 2015.
- MALEVAL, Jean-Claude. *O autista e a sua voz*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- MALEVAL, Jean-Claude. Por que a hipótese de uma estrutura autística? *Opção Lacaniana online nova série*, ano 6, n. 18, nov. 2015.
- MARFINATI, Anahi Canguçu; ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 244-262, maio/ago. 2014.
- PRISZKULNIK, Raquel. Diagnóstico e estrutura em psicanálise. In: COSTA, Jurandir Freire (Org.). *Psicanálise e medicina: uma nova visão do sujeito na saúde mental*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998. p. 67-77.
- SINCLAIR, Jim. *Don't mourn for us*. 1993. Disponível em: https://www.autreat.com/dont_mourn.html.
- TENÓRIO, Fernando. Psicose e esquizofrenia: efeitos das mudanças nas classificações psiquiátricas sobre a abordagem clínica e teórica das doenças mentais. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 1167-1185, out./dez. 2016.
- TUSTIN, Frances. *Estados autísticos na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- VIEIRA, Marcus André. Dando nome aos bois: sobre o diagnóstico em psicanálise. In: FIGUEIREDO, Ana Cristina (Org.). *Psicanálise: pesquisa e clínica* (v. 1). Rio de Janeiro: IPUB/UFRJ, 2001. p. 171-181.
- VIVÈS, Jean-Michel. *A voz na psicanálise e fora dela*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

Artigo recebido: 6 de agosto de 2025

Artigo aceito: 10 de setembro de 2025

A GRAMÁTICA DO CONTROLE E A LINGUAGEM DAS INFÂNCIAS: NOTAS PARA O EXERCÍCIO DA ÉTICA DO CUIDADO

THE GRAMMAR OF CONTROL AND THE LANGUAGE OF CHILDHOODS:
NOTES FOR THE EXERCISE OF THE ETHICS OF CARE

LA GRAMÁTICA DEL CONTROL Y EL LENGUAJE DE LAS INFANCIAS:
NOTAS PARA EL EJERCICIO DE LA ÉTICA DEL CUIDADO

Márcio Pereira Cabral¹

Resumo: O artigo propõe uma leitura psicanalítica e decolonial das violências simbólicas, afetivas e institucionais na escola, especialmente no início da escolarização. Parte de Sigmund Freud para entender o trauma como falha de simbolização, e de Sándor Ferenczi para formular a “confusão de linguagens” entre o discurso normativo do adulto e a linguagem corporal-afetiva da criança. Dialoga com Michel Foucault ao evidenciar o biopoder na pedagogia do controle e com Manfred Liebel ao afirmar as infâncias protagônicas como sujeitos de direitos, agência e participação. Com Silvia Bleichmar, mostra como o silenciamento institucional produz adaptação traumática e alimenta a medicalização precoce. Critica a centralidade de desempenho, metas e normalização, que converte sofrimento em “desvio”. Em resposta, propõe a ética do cuidado — escuta radical, vínculo e presença — como posição clínica e política capaz de sustentar o sofrimento sem apagá-lo e de transformar a escola em lugar de simbolização e reconhecimento.

Palavras-chave: Infâncias. Trauma. Ética do cuidado. Psicanálise. Educação.

Abstract: The article offers a psychoanalytic and decolonial reading of symbolic, affective, and institutional forms of violence in schools, especially at the beginning of schooling. It draws on Sigmund Freud to understand trauma as a failure of symbolization and on Sándor Ferenczi to formulate the “confusion of languages” between the adult’s normative discourse and the child’s bodily-affective language. It engages with Michel Foucault to highlight biopower within pedagogies of control and with Manfred Liebel to assert protagonistic childhoods as subjects of agency, rights, and participation. Through Silvia Bleichmar, it shows how institutional silencing produces traumatic adaptation and drives early medicalization. The text criticizes the dominance of performance, standardization, and productivity, which convert suffering into “deviance.” In response, it proposes the ethics of care — radical listening, presence, and bonding — as a clinical and political stance capable of sustaining suffering without erasure and transforming schools into spaces of symbolization and recognition.

Keywords: Childhoods. Trauma. Ethics of care. Psychoanalysis. Education.

¹ Psicanalista em formação, mestre pela UFRGS, membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, diretor do Instituto SIG — Psicanálise & Política e do Instituto E Se Fosse Você?
ORCID: 0009-0001-6946-5944. E-mail: mrciocabral@gmail.com

Resumen: El artículo propone una lectura psicoanalítica y decolonial de las violencias simbólicas, afectivas e institucionales en la escuela, especialmente en el inicio de la escolarización. Retoma a Sigmund Freud para comprender el trauma como una falla de simbolización y a Sándor Ferenczi para formular la “confusión de lenguajes” entre el discurso normativo del adulto y el lenguaje corporal-afectivo de la niña o del niño. Dialoga con Michel Foucault al evidenciar el biopoder en las pedagogías del control y con Manfred Liebel al afirmar a las infancias protagónicas como sujetos de agencia, derechos y participación. A través de Silvia Bleichmar, muestra cómo el silenciamiento institucional produce adaptación traumática y favorece la medicalización precoz. Critica la centralidad del rendimiento, la normalización y la productividad, que convierten el sufrimiento en “desvío”. Como respuesta, propone la ética del cuidado — escucha radical, presencia y vínculo — como posición clínica y política capaz de sostener el sufrimiento sin borrarlo y transformar la escuela en un espacio de simbolización y reconocimiento.

Palabras clave: Infancias. Trauma. Ética del cuidado. Psicoanálisis. Educación.

A ESCOLA ENTRE A REPETIÇÃO DO TRAUMA E A POSSIBILIDADE DE ESCUTA DAS INFÂNCIAS

Nos corredores e pátios das escolas brasileiras, uma rotina inquietante se instalou. Não se trata apenas dos ataques que ganharam manchetes ou das estatísticas que colocam o país no topo do ranking mundial de violência contra professoras e professores (OCDE, 2018). Há também um clima cotidiano, menos visível, de medo e vigilância, de corpos tensos e vozes contidas. Essa atmosfera corrói silenciosamente a qualidade do trabalho docente e transforma a promessa de acolhimento em terreno fértil para mecanismos sutis de silenciamento. O que antes parecia exceção se converteu em hábito. Em artigo anterior (Cabral, 2023), analisou-se essa trama mais ampla — ataques à escola, precarização das condições de trabalho, reprodução de traumas coletivos. Aqui, porém, o olhar se volta para outro ponto: não apenas para os eventos extremos, mas também para as pequenas desmentidas diárias, os gestos de normalização que negam ou minimizam o sofrimento infantil e funcionam como uma forma persistente de violência simbólica e institucional.

Nos primeiros anos da escolarização — sobretudo entre os quatro e seis anos —, essa gramática do controle se torna mais nítida. É o momento em que a criança atravessa a fronteira entre o lar e a instituição, trazendo no corpo e na fala marcas que ainda não têm nome. O psiquismo está em formação, as relações com adultos de referência são intensas e estruturantes, e linguagem e afeto se entrelaçam de maneira decisiva. Mas essa não é uma etapa previsível nem uma linha reta de desenvolvimento, como imaginam as psicologias normativas. Sigmund Freud já advertia, em seus textos sobre a sexualidade infantil (2010), que a infância é atravessada desde sempre pelo inconsciente e pelo desejo, marcada por conflitos e perdas que não obedecem a cronologias evolutivas. Manfred Liebel (2008) acrescenta que a infância não é um simples “vir-a-ser adulto”, mas uma experiência radical e complexa do humano, dotada de uma linguagem própria que a escola, muitas vezes, não escuta.

Neste sentido, Liebel (2021) acrescenta a perspectiva das infâncias protagônicas, o que contribui para que as analisemos como uma categoria multifacetada, constituindo uma abordagem decolonial das infâncias ao romper com a imagem hegemônica — forjada no Norte Global² — da criança como sujeito universal, homogêneo e passivo, mero “futuro adulto”

²O termo *Norte Global* é usado nas ciências sociais para designar os países e regiões que concentram maior poder econômico, tecnológico e político no sistema mundial — em geral, a Europa Ocidental, os Estados Unidos, o Canadá, o Japão, a Austrália e a Nova Zelândia. Mais do que um critério geográfico, trata-se de uma categoria analítica que expressa relações históricas de dominação colonial e neocolonial sobre o chamado *Sul Global*, marcando a assimetria na produção de saberes, recursos e normas internacionais.

a ser tutelado. Ao usar o termo “protagônicas”, Liebel não sugere uma adultização precoce, mas afirma que as crianças já exercem agência dentro das suas próprias condições e culturas: criam redes, produzem saberes, organizam práticas e reivindicam direitos coletivos mesmo quando os adultos não reconhecem isso. Essa noção propõe reconhecer as múltiplas infâncias existentes e compreender cada uma como agente capaz de interpretar e transformar o mundo, deslocando as políticas e práticas da tutela para a escuta real e para a participação efetiva das crianças na construção dos seus direitos “a partir de baixo”. Assim, o conceito de infâncias protagônicas torna-se um princípio político fundamental para descolonizar as políticas públicas e as práticas voltadas às infâncias, valorizando suas culturas, vontades próprias e formas de organização coletiva.

É neste contexto que, ao ingressar na escola, a criança pequena se depara com um novo campo relacional, novos ritmos, novas exigências de inscrição simbólica. O espaço escolar, nesse sentido, deveria ser capaz de sustentar essa transição com mais delicadeza, oferecendo acolhimento, continuidade e espaço para a elaboração do estranhamento e da perda. No entanto, o que temos observado é o oposto: um ambiente cada vez mais hostil, apressado, marcado por relações verticais, exigências precoces de desempenho e gestos de exclusão simbólica. A escola, ao invés de proteger a criança de violências anteriores, torna-se ela mesma uma produtora de novos traumas, porque converteu-se num ambiente atravessado por múltiplas violências dentro da contemporaneidade³.

O sofrimento infantil, nesses contextos, não costuma ser reconhecido. A criança que chora, que se isola, que se agita ou que se recusa a obedecer é, muitas vezes, tratada como “indisciplinada”, “imatura”, como se tivesse um “problema de comportamento”. Sua expressão afetiva não encontra tradução, nem escuta, nem reconhecimento. O trauma não se define apenas pela intensidade objetiva de um acontecimento, mas pela impossibilidade de simbolização. Sofre, acima de tudo, a criança que vive uma experiência que ninguém nomeia, que ninguém acolhe, que ninguém sustenta. Sofre a criança que fala por gestos, por atos ou por sintomas — e é corrigida, incompreendida.

A contribuição da psicanálise para essa discussão é decisiva justamente porque ela se recusa a patologizar preliminarmente o sofrimento, e porque se orienta pela ética da escuta — do que escapa, do que insiste, do que retorna. Em Freud, especialmente nos textos sobre o traumático e a compulsão à repetição (Freud, 2010), as infâncias aparecem como tempo privilegiado de constituição do psiquismo, mas também como lugar em que o desejo do adulto pode incidir de modo violento e silenciador. A análise freudiana do trauma, longe de reduzi-lo a uma resposta emocional desproporcional, revela a complexidade das inscrições psíquicas que não puderam ser elaboradas, e que, por isso, se repetem em novos contextos. A criança que sofre, nesse sentido, não “dramatiza” — ela responde, com os recursos que tem, a uma experiência psíquica que não encontrou inscrição simbólica.

Sándor Ferenczi (2025) já antecipava uma ideia decolonial das infâncias ao ampliar e radicalizar a leitura freudiana e nos oferecer uma chave ainda mais precisa para compreender as violências — físicas, simbólicas e afetivas — que, muitas vezes, não são reconhecidas: quando a experiência traumática não encontra quem a nomeie e a acolha, a criança pode ser levada a duvidar da própria percepção. É nesse contexto que Ferenczi propõe a noção de “confusão de linguagens”: o adulto se expressa na linguagem do poder, da racionalização

³ Nem toda escola é violenta o tempo todo. As violências atravessam a instituição, mas não a definem de forma absoluta. Desde os estudos críticos sobre educação, como os de Bourdieu e Passeron (1992), reconhece-se que a escola pode reproduzir desigualdades sociais por meio de mecanismos sutis e naturalizados. Ao mesmo tempo, inspirada em perspectivas como a de Paulo Freire (2019), ela também pode ser um espaço de libertação pedagógica e construção crítica do saber. A escola é, portanto, contraditória: lugar de possibilidade e, simultaneamente, de reprodução de desigualdades — uma tensão com a qual precisamos lidar de forma consciente e crítica.

e do desmentido; a criança, na linguagem do afeto, do corpo e do apelo. Se essa diferença radical não é mediada por um gesto de cuidado — ou, como ele descreve, por um “sentir com”⁴ — a ruptura se cristaliza, transformando-se em retraimento, anestesia psíquica e formas patológicas de adaptação.

No espaço escolar, essa confusão de linguagens se reproduz cotidianamente. A linguagem da instituição — centrada em regras, objetivos, avaliações — se choca com a linguagem da criança, feita de gestos, brincadeiras, medos e explosões. Em vez de uma mediação cuidadosa, o que se oferece é, muitas vezes, a punição, a medicalização ou o silêncio. A criança que se recusa a sentar-se, que não responde à chamada, que não acompanha a atividade proposta, é lida como resistente ou problemática. Mas a pergunta que deveríamos fazer é: do que essa criança está falando com o seu corpo? Escutar o sofrimento infantil é desafiar a ordem do silenciamento. É recusar a ideia de que a criança pequena não sabe o que sente, de que é “imatura”, “exagerada”, “sem noção”. É reconhecer que ali, onde há excesso de afeto, há um pedido de reconhecimento. Que, onde se vê sintoma, pode haver uma tentativa de elaborar algo que o mundo ainda não foi capaz de escutar.

A psicanálise, sobretudo em sua vertente ferencziana, nos oferece uma linguagem para acolher esse sofrimento sem negá-lo, sem apressar sua tradução, sem convertê-lo imediatamente em diagnóstico. Mas ela nos oferece também uma posição ética: a de não abandonar a criança à sua dor. A de sustentar, com presença e cuidado, aquilo que ainda não pode ser dito — mas que já está sendo vivido.

A CRIANÇA, O TRAUMA E A AUSÊNCIA DE SIMBOLIZAÇÃO: COMO A PSICANÁLISE ANTECIPOU A DECOLONIALIDADE DAS INFÂNCIAS AO LONGO DE SEUS ESTUDOS SOBRE CRIANÇAS

A psicanálise nos ensina que o sofrimento psíquico não pode ser reduzido a eventos objetivos ou mensuráveis. O trauma, em particular, se constitui como uma experiência que ultrapassa a capacidade do sujeito de dar sentido ao que vivencia. Em *Além do princípio de prazer* (Freud, 2010), o trauma é descrito como uma intrusão de excitação que não pode ser ligada ou representada. O que retorna na forma de sintoma, de compulsão, de fragmento onírico ou de perturbação comportamental não é apenas uma lembrança — é uma falha na simbolização.

Esse retorno do trauma não é narrativo: ele se manifesta por vias indiretas, corporais, repetitivas. Freud observa que o sujeito traumatizado não revive o passado como memória, mas o repete como se estivesse preso a uma cena que nunca chegou a ser vivida como experiência subjetiva. Esse ponto é crucial para pensarmos as infâncias: o sofrimento da criança não pode ser interpretado segundo os parâmetros da fala adulta. A criança fala com o corpo, com os gestos, com os silêncios — e, quando não é escutada, repete.

Sándor Ferenczi (2011) aprofunda essa concepção ao introduzir uma noção relacional do trauma. Para ele, uma experiência não se torna traumática apenas quando a violência não encontra acolhimento simbólico. O trauma é uma experiência que excede e, ao mesmo tempo, colapsa a possibilidade de tradução. Quando a criança é deixada sozinha diante de um excesso — seja um grito, uma ausência, um toque invasivo, um silêncio destrutivo — e não encontra uma figura que possa nomear ou sustentar o que ela está vivendo, esse excesso se converte em ruído psíquico.

⁴ Aqui se apoia no conceito ferencziano de *Einfühlung*, usualmente vertida como “empatia”, mas que, aqui, escolho traduzir por “sentir com”, para sublinhar que, em Ferenczi, trata-se de uma presença implicada: compartilhar algo da dor e da experiência do outro, sem substituí-la pela linguagem do adulto. Esse é um gesto ético de testemunho e reconhecimento, mais que uma compreensão técnica ou distante. Na parte 5 do presente artigo, o conceito de *Einfühlung* se abre para uma maior compreensão.

É nesta “confusão de linguagens” — uma assimetria que não é mediada por escuta — que ocorre o colapso do vínculo simbólico. A criança, ao perceber que sua experiência não é reconhecida, começa a duvidar de si. Essa dúvida é o núcleo do desamparo. Não se trata apenas de um abandono factual, mas de uma cisão na confiança elementar de que aquilo que se sente pode ser legitimamente sentido.

Silvia Bleichmar (1997) também nos oferece uma leitura potente e complementar a essa perspectiva. Ao abordar a constituição subjetiva da criança, ela afirma que a infância não pode ser pensada fora da rede de adultos que a significam. Para ela, o sofrimento infantil se instala quando o desejo e o discurso do adulto anulam a possibilidade de a criança construir uma representação própria de si e do mundo. O sujeito em constituição precisa ser inscrito simbolicamente — não apenas regulado. Quando essa inscrição é substituída por controle, punição ou indiferença, o resultado é uma subjetividade marcada pela ausência.

Bleichmar insiste: há sofrimento psíquico nas infâncias que não se expressa por queixas verbais, mas por condutas que o adulto muitas vezes interpreta como “problemas”. São essas condutas — agitação, isolamento, agressividade, desatenção, recusa alimentar, perturbações do sono — que, no campo institucional escolar, tendem a ser enquadradas como desvio. O gesto clínico que a psicanálise propõe é outro: trata-se de escutar o que está sendo dito, ainda que sem palavras.

Nesse processo, o gesto traumático de abandono é repetido pela escola. Não por perversidade, mas por estrutura. A lógica institucional contemporânea — marcada por produtividade, desempenho, normatização e metas — é pouco compatível com a escuta do sofrimento. Crianças pequenas, em especial as que vivem situações de vulnerabilidade social, racial e afetiva, chegam à escola com experiências que não cabem nas grades curriculares⁵. Elas não precisam apenas aprender a ler e escrever. Elas precisam ser reconhecidas como sujeitos em constituição. Precisam de presença, de cuidado, de simbolização.

Mas o que a escola oferece? Com frequência, oferece silêncio. A medicalização precoce de comportamentos infantis funciona, nesses casos, como um desmentido institucional do sofrimento. O que era um pedido de escuta vira um protocolo. O que era uma expressão subjetiva vira um desvio biológico. E assim, como alertava Ferenczi (2011), o trauma se aprofunda — não porque se repete a mesma cena, mas porque não há quem escute a repetição.

Bleichmar (2001) analisa a crescente tendência à patologização da infância como um sintoma social de intolerância à diferença e à dor. Para ela, a criança contemporânea é cada vez mais objeto de discursos que não reconhecem sua opacidade. O que não é imediatamente compreensível, é tratado como erro. A psicanálise, em contrapartida, nos convida a sustentar o enigma. A criança não deve ser interpretada a partir de um saber externo, mas a partir da escuta do que emerge em sua singularidade.

Quando a escola falha em sustentar essa escuta, ela se torna um lugar de repetição traumática. E é importante nomear: esse trauma não é “natural” das infâncias. Ele é produzido por contextos que não reconhecem a criança como sujeito. Ele é reforçado por políticas públicas que precarizam o trabalho docente, que sobrecarregam educadoras, que impõem currículos fechados e metas inalcançáveis. O sofrimento é institucional.

A resposta psicanalítica a esse cenário não é a culpabilização da escola, mas a restituição de seu papel como espaço de cuidado. Ferenczi propõe que o analista se torne uma “testemunha credível” da dor do analisando. Podemos estender essa proposta à escola: ser

⁵ Os estudos decoloniais das infâncias criticam a visão eurocêntrica que universaliza a criança e apaga as diferenças étnicas, raciais e culturais. Defendem a descolonização do saber e do poder, o reconhecimento do outro e a valorização da singularidade das infâncias. Essa perspectiva questiona currículos, instituições e teorias universalistas, convidando a produzir novas narrativas que garantam direitos, reconheçam a diversidade e promovam um “desaprender” das marcas coloniais em favor do Bem Viver (Dourado, 2020).

testemunha é estar presente sem negar, sem corrigir, sem interpretar de imediato. É reconhecer que há algo que precisa de tempo, de espaço e de vínculo para se transformar em palavra.

Essa escuta, no entanto, não pode ser sustentada por indivíduos isolados. Como alerta Bleichmar, o cuidado com a criança exige um entorno institucional comprometido. Não há escuta possível se o adulto está exausto, se não há tempo para pausa, se o medo de “perder o controle” orienta a relação com os pequenos. É preciso, portanto, que a escuta do trauma seja também uma convocação à transformação das instituições: menos controle, mais cuidado; menos avaliação, mais presença; menos enquadramento, mais vínculo.

Pensar o trauma infantil a partir de Freud, Ferenczi e Bleichmar é romper com a ideia de que a criança se adapta, supera ou se corrige, o que nos ajuda a pensar uma perspectiva decolonial das infâncias a partir do seu psiquismo. Não se trata de corrigir a criança, mas de escutar o que nela resiste à normalização. É nessa resistência que pulsa sua subjetividade. A escola, que poderia ser espaço de elaboração simbólica, torna-se palco de exclusão. A criança aprende, cedo, que não há lugar para sua dor — a não ser no corpo.

O CORPO DA CRIANÇA COMO CAMPO DE DISPUTA

O corpo não é um dado natural. Ele é o primeiro campo de inscrição da experiência subjetiva, o território onde o sujeito começa a se constituir, onde os afetos tomam forma e onde o mundo social se inscreve antes mesmo de que a linguagem possa nomeá-lo. A psicanálise, desde seus primórdios, reconhece o corpo como lugar de inscrição pulsional, como superfície de manifestação do inconsciente e como suporte para as marcas deixadas pelos encontros — e desencontros — com o outro. Para a criança pequena, essa dimensão corporal é ainda mais evidente: o corpo é o primeiro mediador entre o dentro e o fora, entre a excitação e o limite, entre a presença e a ausência.

Freud, em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 2010), já indicava que o corpo da criança é intensamente erotizado, pulsionalizado e socialmente regulado. Mas essa erotização não se dá em termos genitais ou lineares: ela se distribui pelas zonas corporais, pelos gestos, pelos afetos e pelas sensações. Cada cuidado, cada ausência, cada nomeação ou omissão participa da construção desse corpo como corpo próprio, como corpo que sente, deseja, responde e sofre.

Ferenczi (2011) aprofundou essa concepção ao mostrar que o trauma infantil frequentemente se instala no corpo antes de qualquer possibilidade de simbolização. O corpo traumatizado é aquele que foi tocado sem consentimento, invadido sem proteção, silenciado sem tradução. É também o corpo que foi ignorado, que foi deixado só diante da angústia, da excitação, da dor. Para tal, o psiquismo da criança se organiza a partir da confiança que pode ou não ser estabelecida com relação à sua própria sensibilidade corporal. Quando essa confiança é traída — quando o corpo é invadido ou desmentido — o resultado não é apenas o sofrimento, mas a desorganização.

Silvia Bleichmar (1997) contribui para esse debate ao destacar que o corpo da criança é sempre um corpo “significado pelo outro”. Ele não existe fora das atribuições afetivas, simbólicas e discursivas que o constituem. O corpo infantil é um corpo interpretado, nomeado, controlado. Ele é educado antes de falar. É regulado antes de escolher. E é silenciado antes de compreender. A subjetivação passa, portanto, pela disputa sobre os sentidos atribuídos a esse corpo e por suas possibilidades (ou impossibilidades) de tornar-se lugar de expressão singular.

No espaço escolar, essa disputa se radicaliza. A escola opera, muitas vezes, como uma instituição disciplinar que visa não apenas transmitir conteúdos, mas normatizar o corpo infantil. Há uma pedagogia do controle: sentar direito, levantar a mão, andar em fila, ficar em silêncio, pedir permissão para se mover. Essa lógica ecoa o que Michel Foucault descreve como biopoder em *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (2014), um regime que administra,

vigia e corrige os corpos para garantir sua docilidade e utilidade. O corpo da criança pequena, pulsional, espontâneo, em processo de inscrição simbólica, é interpretado como ameaça à ordem. É preciso, então, perguntar: o que isso nos diz? O que está sendo expressado na recusa da criança em se sentar, no choro persistente, na agitação sem causa aparente? A psicanálise nos convida a escutar o sintoma não como falha, mas como tentativa de simbolização. Ferenczi (2025) propõe que o adulto — o analista, mas também o educador — sustente o enigma, sustente o não saber diante do sofrimento da criança. A urgência de interpretar, de enquadrar, de corrigir, é, muitas vezes, uma defesa contra a angústia que o sintoma infantil provoca no adulto. Mas é justamente nesse ponto que o vínculo pode construir-se: quando o adulto se dispõe a não responder de imediato, a não apagar a diferença, a não interromper o gesto com uma explicação.

Bleichmar (2001) reforça essa perspectiva ao afirmar que o corpo da criança é lugar de manifestação do desejo — desejo esse que nem sempre se traduz em palavras, mas que se expressa nas ações, nos ritmos, nas resistências. O sintoma, para ela, é um ponto de condensação entre o que não pôde ser simbolizado e o que tenta emergir como significação. Ao escutar o corpo, o adulto pode abrir uma possibilidade de tradução. Ao silenciá-lo, reforça o trauma.

A escola, quando perde essa escuta, perde também sua função de espaço de simbolização coletiva. Ela se converte em lugar de repetição de violências anteriores, em cenário de reafirmação do desamparo. O corpo da criança, que deveria ser reconhecido como expressão singular de sua subjetividade em constituição, passa a ser tratado como obstáculo ao bom funcionamento da instituição. A criança, por sua vez, aprende que seu corpo precisa ser contido, domesticado, adaptado — e, assim, aprende também que o mundo não tolera sua presença espontânea.

Essa pedagogia do adestramento⁶ se manifesta, muitas vezes, em microgestos: no tom de voz autoritário, na punição pelo movimento, na recusa do toque, no desprezo pela brincadeira. São formas de violência simbólica que vão se acumulando no cotidiano escolar e que produzem efeitos psíquicos profundos. A criança começa a se desconectar do próprio corpo, a não confiar no que sente, a inibir sua espontaneidade. Essa inibição não é conquista da civilidade — é mutilação da subjetividade.

A resposta institucional a esse processo não pode ser individualizada. É preciso repensar coletivamente o modo como as escolas escutam e respondem às demandas das crianças. Isso implica formar professoras e professores para reconhecer os sinais do sofrimento, mas também exige condições concretas de trabalho, tempo para o vínculo, espaços de partilha entre os profissionais. O corpo da criança é campo de disputa porque nele se inscrevem os discursos sobre a infância, os projetos políticos de futuro, as normas de conduta e os desejos dos adultos. O cuidado com a infância é sempre relacional — e, portanto, coletivo.

INFÂNCIAS, COLONIALIDADE E SILENCIAMENTO INSTITUCIONAL

Se Freud e Ferenczi nos ensinaram que o trauma não se define apenas pela intensidade de um evento, mas pela ausência de simbolização e pelo desamparo relacional que o acompanha, os estudos decoloniais das infâncias nos mostram que essa ausência não é apenas contingente, mas produzida por estruturas sociais e institucionais que se repetem historicamente. A escola, neste contexto, é um dos principais espaços onde essas estruturas se atualizam — muitas vezes sob o disfarce da normalização, da inclusão e da disciplina.

⁶O que chamamos aqui de “pedagogia do adestramento” designa as práticas educativas voltadas para a obediência, a repetição mecânica e a disciplina, em contraste direto com a proposta de Paulo Freire (2019), para quem a educação deve ser entendida como prática de liberdade, isto é, um processo crítico e dialógico que possibilite a conscientização e a transformação social.

Maira Prieto Bento Dourado (2020), em sua crítica nos estudos decoloniais das infâncias, afirma que a escola continua operando sob a lógica da colonialidade, exigindo da criança, com diversos marcadores de diferenças, a adaptação a uma norma que a exclui. Essa norma não é apenas curricular ou linguística: é corporal, afetiva, temporal. Espera-se da criança que ela se conforme a um modelo idealizado de comportamento, linguagem e desenvolvimento — um modelo que, historicamente, exclui o modo de ser da maioria das infâncias brasileiras.

Essa lógica está diretamente associada ao que Ferenczi (2011) chamou de adaptação traumática. Quando a criança percebe que aquilo que sente não será acolhido ou nomeado, ela deixa de confiar no valor de sua própria experiência. Adapta-se, para sobreviver psiquicamente, aos moldes de um ambiente que não a reconhece. No lugar de simbolização, o que se instala é o apagamento. O trauma, nesse cenário, não é apenas vivido — ele é reiterado diariamente pela negação institucional da escuta.

Manfred Liebel (2008), ao propor uma leitura crítica das infâncias como categoria social e política, rompe com a noção de que a criança é apenas um “vir-a-ser” adulto. Para ele, a criança é um sujeito do presente, com formas próprias de produzir sentido, de viver o mundo e de resistir. Reconhecer isso implica deslocar o olhar: deixar de ver a criança como um recipiente de conteúdos pedagógicos ou um corpo a ser disciplinado, e começar a escutá-la como alguém que deseja, que sofre, que inventa e que interrompe. O corpo da criança torna-se, assim, um território de colonização simbólica.

Dourado (2020) insiste que a escola opera como um dispositivo de “conversão simbólica”: ela não escuta a infância tal como ela se apresenta, mas tenta traduzi-la imediatamente em termos aceitáveis, previsíveis, controláveis. Essa tentativa de conversão é violenta porque apaga a singularidade da experiência. A criança é convidada a ser “igual às outras” — mesmo que, para isso, precise calar o próprio corpo, silenciar seus afetos, adaptar-se à norma. A escuta, nesse contexto, é sempre condicional: escutamos a criança se ela disser o que esperamos que diga.

A psicanálise, em sua vertente ética e clínica, propõe o oposto. Escutar o trauma é sustentar o que não se encaixa. É tolerar o enigma. É reconhecer que há algo no sofrimento infantil que não pode ser imediatamente traduzido, mas que precisa ser acolhido. A perspectiva ferencziana nos ensina que o trauma se agrava quando a criança é deixada sozinha diante do que sente. Quando não há uma presença que legitime sua dor. Quando a linguagem do adulto nega, distorce ou ridiculariza a linguagem da criança. A “confusão de linguagens”, nesse sentido, é também uma metáfora do silenciamento institucional: a escola fala de cidadania, mas exige conformidade; fala de escuta, mas pune a divergência; fala de inclusão, mas recusa o que não se ajusta.

Neste sentido, Liebel (2008) reforça que essa escuta precisa ser política. Ou seja, uma escuta que reconhece a assimetria entre os discursos. A criança, especialmente aquela em situação de vulnerabilidade social, racial ou afetiva, fala de outro lugar. Sua linguagem é atravessada por dores que não cabem nos currículos, por saberes que não foram legitimados pela academia, por memórias que não têm lugar na escola. Escutar essas crianças é também questionar a forma como o espaço escolar está organizado — em seus valores, em suas normas, em seus afetos.

A colonialidade das infâncias se sustenta, em grande parte, pela recusa em reconhecer que o sofrimento infantil é legítimo mesmo quando não é falado de modo adulto. A criança que não se encaixa não é uma falha. É uma fala. E é essa fala que a escola precisa aprender a escutar, se quiser de fato se constituir a partir da ética do cuidado.

A violência epistêmica nega o saber da criança sobre si mesma. Ela interrompe sua possibilidade de narrar. Ela transforma sua tentativa de existir em disciplina, sua dor em problema,

sua singularidade em desvio. Escutar as crianças, como nos propõe os estudos decoloniais das infâncias, é mais do que uma prática pedagógica: é uma posição política. E, para a psicanálise, é também uma posição de estar junto da criança mal acolhida e do seu sofrimento (Ferenczi, 2011). Sustentar o que a criança tem a dizer, mesmo — e sobretudo — quando ela ainda não encontrou as palavras.

POR UMA ÉTICA DO CUIDADO DAS INFÂNCIAS

A experiência de Ferenczi com o trauma o levou a formular um princípio ético que desestabiliza a lógica tradicional da neutralidade analítica: o analista deve tornar-se uma testemunha confiável da dor do outro. Não basta ouvir à distância; é preciso implicar-se na escuta — não como especialista que decifra, mas como presença humana que sustenta o sofrimento infantil. Essa posição não significa “fundir-se” com o analisando, mas sim colocar-se de modo sensível e responsivo diante daquilo que emerge na transferência, especialmente quando se trata de uma criança.

Entre os leitores de Ferenczi, é comum traduzir o conceito de *Einfühlung* como “empatia”. Contudo, empatia é um termo que chega ao campo psicanalítico via tradução do alemão para o inglês e carrega conotações que não correspondem plenamente ao sentido original. Aqui se escolhe a tradução “sentir com”, que preserva o núcleo da concepção ferencziana: não se trata apenas de compreender intelectualmente o que o outro sente, mas de colocar-se, com “elasticidade da técnica”, em posição de acompanhar o afeto, estar presente no mesmo campo emocional, sem perder a função analítica ou, no caso da escola, a função educativa. “Sentir com” implica entrar em ressonância com a experiência da criança, permitindo que ela se sinta reconhecida e não sozinha diante de sua dor. É por essa concepção não tutelada de autoridade sobre as infâncias que se defende aqui a ética do cuidado como princípio decolonial e uma importante contribuição da psicanálise para um campo mais amplo e interdisciplinar sobre o cuidado e a educação das infâncias. Pois quando transposta para o espaço escolar, essa ética do cuidado não significa “psicologizar” a sala de aula ou esperar que professoras e professores tornem-se terapeutas. Significa reconhecer que a escola é inevitavelmente atravessada pelo inconsciente, pelo desejo, pela repetição, pela transferência e pela resistência. Onde há vínculos, há afetos; onde há linguagem, há silêncios que falam; onde há convivência, há também sofrimentos que precisam encontrar um lugar para se inscrever.

A criança, mesmo muito pequena, já está imersa nas exigências simbólicas do mundo adulto. Ignorar isso é recusar-se a ouvir o que está em jogo nas manifestações que a instituição tende a chamar de “comportamento”, “dificuldade” ou “problema”. É assim que se instala, no núcleo da infância, uma solidão subjetiva que constitui o coração do trauma. A escola, muitas vezes, participa desse processo — não por maldade, mas pela estrutura que organiza seu funcionamento. Como vimos ao longo deste artigo, o ambiente escolar, regido por metas, conteúdos, tempos regimentados e avaliações constantes, tende a priorizar a ordem em detrimento da escuta. Mas é precisamente nesse ponto que a clínica ferencziana oferece outra via: sustentar o enigma, reconhecer o excesso como legítimo, oferecer presença e disponibilidade.

Aqui, a contribuição de Alexandre Patrício de Almeida (2022), em *Por uma ética do cuidado, vol. 1: Ferenczi para educadores e psicanalistas*, é central. Almeida aproxima a ética ferencziana da prática escolar e mostra que o cuidado é inseparável de três pilares: escuta, vínculo e afetividade. Para ele, não existe processo educativo que se pretenda emancipador sem o reconhecimento da criança como sujeito de linguagem e desejo. Escutar não é tolerar passivamente, mas colocar-se em relação com o que se manifesta — inclusive o que é incômodo, disruptivo ou aparentemente “sem sentido”. O vínculo não é mera simpatia: é compromisso sustentado, que resiste ao abandono e à indiferença. E a afetividade não é adereço, mas a base sobre a qual se constrói qualquer experiência de aprendizagem significativa.

O cuidado, nesse sentido, é menos uma técnica do que uma posição ética. Implica suportar a angústia de não saber e a frustração de não poder interpretar de imediato, permanecendo, ainda assim, ao lado da criança. Como lembrava Ferenczi, o que cura — ou, no caso da escola, o que transforma — não é a neutralidade, mas a presença afetiva que se dispõe a “sentir com” e que não transforma o sofrimento em patologia antes de escutá-lo em sua singularidade.

Esse tipo de escuta não se ensina por manuais nem se garante por protocolos. Ele exige uma formação ética, sensível e reflexiva — mas também requer que professoras e professores sejam, eles próprios, sustentados em espaços de escuta e elaboração. Ninguém sustenta o sofrimento se está, ele mesmo, silenciado. O desamparo docente, agravado por anos de precarização e ataques à educação pública, repercute diretamente na capacidade de cuidado da escola (Cabral, 2023). Transformar a escola em um espaço de cuidado começa por cuidar de quem cuida.

Esse cuidado ético se expressa num gesto simples e radical: restituir à criança sua dignidade simbólica. Isso significa permitir que chore, que brinque, que se mova, que diga não. Não se trata de permissividade total, mas de disposição para escutar tudo. Reconhecer que o “mau comportamento” pode ser um pedido de ajuda, que a recusa a participar pode ser recusa a ser excluída, que o silêncio pode funcionar como proteção diante de um ambiente que não acolhe. Como lembra Bleichmar (1997), a criança não é apenas aprendiz passiva: é sujeito que interpreta, sofre, resiste — inclusive contra o excesso do mundo adulto.

A ética do cuidado na escola não se opõe à tradição da pedagogia crítica⁷: ela a amplia. Enquanto essa vertente da pedagogia historicamente denunciou as formas de opressão que atravessam a escola, a ética do cuidado introduz um deslocamento fundamental ao reconhecer que o poder também se exerce sobre os corpos e afetos das crianças — e que é aí que a colonização persiste. Nesse sentido, o cuidado não é assistencialismo nem tutela: é reconhecimento da criança como sujeito presente, produtor de linguagem, desejo e saber. Pensar o cuidado como categoria central é aproximar-se de uma perspectiva decolonial das infâncias, que rompe com a ideia moderna, ocidental e normativa da criança como falta, espera ou preparação. A aprendizagem deixa de estar dissociada da experiência afetiva, o conteúdo não se sobrepõe ao vínculo, e o tempo da criança deixa de ser algo a ser adicionado. Essa mudança não exige apenas investimentos materiais — embora a precariedade estrutural da educação pública deva ser combatida —, mas sobretudo um investimento simbólico e político: reconhecer que escutar a criança é um ato clínico e político.

A ética do cuidado, inspirada em Ferenczi e articulada às reflexões de Almeida (2022), permite sustentar o sofrimento sem apagá-lo, corrigi-lo ou enquadrá-lo. Ela assume que a criança não é um vir-a-ser, mas um ser que vive, sente, cria e interpreta agora. Dizer “o que você sente importa” é um gesto clínico e, ao mesmo tempo, um gesto de descolonização: afirma que a criança não é um corpo a ser normalizado, mas um sujeito cuja experiência tem valor próprio. Reconhecer que sua dor não é exagero, que seu medo não é bobagem e que seu corpo tem direito à expressão é romper com a tradição colonial que silencia, patologiza e corrige aquilo que escapa ao padrão adulto, branco, escolarizado e normativo. A ética do cuidado, nesse sentido, oferece à psicanálise sua contribuição mais potente ao debate decolonial sobre as infâncias: desloca o foco da adaptação para a escuta, do controle para o acolhimento, do futuro para o presente, produzindo uma política da presença e do reconhecimento.

⁷ Mais uma vez nos apoiamos na pedagogia freireana (Freire, 2019) para reivindicar uma pedagogia crítica, dialógica e emancipadora, que se oponha às práticas de adestramento e forme sujeitos capazes de refletir e transformar sua realidade.

CONCLUSÃO: A ÉTICA DO CUIDADO COMO APOSTA DE ESCUTA

Quando falamos de violência nas escolas, não estamos descrevendo apenas fatos isolados ou episódios extremos. Estamos apontando para uma estrutura. Uma trama persistente de exclusões, silenciamentos e desmentidos que, sob o manto da normalidade institucional, transforma o trauma em rotina. Essa estrutura não se apresenta apenas nos eventos visíveis — agressões físicas, ataques, encaminhamentos, laudos, punições —, mas também no cotidiano disciplinar que vigia corpos, medicaliza afetos e desautoriza a palavra da criança. É uma máquina simbólica que desampara professoras, professores e crianças simultaneamente, esvaziando o espaço da escola como lugar de produção de sentido e, muitas vezes, traindo sua promessa de acolhimento.

A infância, nesse cenário, é constantemente convocada a se adaptar a um modelo de subjetividade que não a reconhece. Como vimos ao longo do artigo, Freud nos mostra que o trauma não é apenas aquilo que fere, mas aquilo que não encontra inscrição simbólica. Ferenczi acrescenta que a criança que não é escutada não está simplesmente passando por um “mau momento”: ela está sendo formada num campo simbólico que recusa sua subjetividade, desqualifica sua dor e transforma sua expressão em distúrbio. Alexandre Patricio de Almeida reforça, nesse ponto, que qualquer processo educativo que se pretenda humano e emancipador só é possível se houver espaço para a escuta, para o vínculo e para a afetividade — ou, como prefiro traduzir o *Einfühlung* ferencziano, para o sentir com. Sem esse “sentir com”, a escola corre o risco de tornar-se mais um lugar de abandono, mesmo que disfarçado de normalidade.

Diante disso, o que propomos, portanto, é uma mudança de posição ética, política e clínica: uma política do cuidado. Não um cuidado romântico, maternalista/paternalista ou higienista, mas um gesto radical de deslocamento. Cuidar, aqui, é resistir à lógica da medicalização, da rotulação e da normatividade coercitiva. É recolocar a criança no centro da experiência escolar — não apenas como destinatária de conteúdos, mas como sujeito pleno de desejo, sofrimento e invenção. É criar espaço para que sua expressão, por mais estranha, agitada, silenciosa ou caótica que pareça, seja escutada antes de ser interpretada ou corrigida.

Essa ética do cuidado não é uma proposta individualizante. Ela não deposita sobre o professor ou a professora a responsabilidade solitária de “salvar” seus alunos. Ao contrário, exige transformação institucional: uma cultura escolar que reconheça a importância da escuta, do tempo, do vínculo, do erro. Uma escola que aceite ser atravessada pelo inconsciente, que suporte o não saber de imediato, que entenda que educar também é sustentar afetos — inclusive os incômodos. É nesse sentido que a psicanálise pode contribuir com a escola: não oferecendo soluções técnicas prontas, mas sustentando perguntas éticas. Escutando o que a escola silencia. Abrindo espaço para o que foi rejeitado.

Ferenczi nos ensinou que cuidar é não abandonar. E que o abandono não se dá apenas na ausência física, mas no desmentido simbólico. O adulto que não escuta a criança, que desqualifica seu medo, que minimiza sua dor, que exige comportamento sem antes buscar compreender o que a move, mesmo sem intenção, repete o gesto traumático da negação. Por isso, o cuidado começa por um gesto de restituição da dignidade simbólica: escutar, mesmo quando a criança ainda não sabe dizer. Estar com ela, mesmo quando o que ela expressa é difícil de suportar. Oferecer tempo, presença, corpo e palavra. Sem pressa. Sem exigências de produtividade. Sem promessas de normalidade.

A proposta do exercício da ética do cuidado na escola não se opõe à pedagogia. Ela exige que deixemos de ver a criança apenas como um “problema de aprendizagem” ou um “caso para encaminhamento” e passemos a reconhecê-la como interlocutora de sua própria história. Isso vale, sobretudo, para aquelas que mais frequentemente são silenciadas: as que falam outras línguas, trazem outras culturas, carregam em seus corpos as marcas da exclusão social. A política do cuidado é, antes de tudo, uma política da escuta radical da diferença. O que este artigo propõe, portanto, não é uma idealização da escola nem um apelo abstrato ao afeto, mas uma mudança de

posição ética, clínica e política: substituir a gramática do controle pela ética do cuidado. Cuidar, aqui, não significa proteger ou tutelar, mas romper com as formas institucionais de silenciamento que transformam o sofrimento infantil em desvio, adaptação ou diagnóstico. A ética do cuidado, inspirada na clínica ferencziana, oferece uma via concreta para sustentar o que a criança expressa — mesmo quando isso inquieta, desorganiza ou escapa ao discurso adulto — e restitui à infância sua dignidade simbólica. Ao propor essa virada, é possível aproximar a psicanálise da orientação ferencziana dos estudos decoloniais das infâncias, construindo um campo em que a escuta, o vínculo e o reconhecimento substituam o controle, a normatização e o silenciamento. Nesse deslocamento, cuidar torna-se forma de resistência e possibilidade de reinvenção institucional.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alexandre Patricio de. *Por uma ética do cuidado: Ferenczi para educadores e psicanalistas*. São Paulo: Edgard Blücher, 2023.
- BLEICHMAR, Silvia. *La fundación del inconsciente: clínica psicoanalítica y constitución del sujeto*. Buenos Aires: Paidós, 1997.
- BLEICHMAR, Silvia. *Avatares del sujeto en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 2001.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- CABRAL, Márcio. Educação e violência: testemunho sobre o desamparo e o sofrimento psíquico na realidade docente brasileira. *SIG Revista de Psicanálise*, v. 12, n. 1, 2023. Disponível em: <https://ojs.sig.org.br/index.php/sig/article/view/64>. Acesso em: 12 ago. 2025.
- DOURADO, Maira Prieto Bento. Na América decolonial: crianças ou infâncias? Uma interrogação sobre a teorização da fase inicial da vida. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 50, n. 3, p. 249-266, nov. 2019/fev. 2020.
- FERENCZI, Sándor. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In: FERENCZI, S. *Psicanálise IV*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, p. 55-60, 2011. Obra original publicada em 1929.
- FERENCZI, Sándor. *Confusão de linguagens entre o adulto e a criança: a linguagem da ternura e a linguagem da paixão*. Tradução de Eduardo Spieler. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2025. Obra original publicada em 1933.
- FERENCZI, Sándor. *Diário clínico*. Tradução de I. Czelenski; E. V. S. Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2011. Obra original publicada em 1932.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 60ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Obra original publicada em 1905.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Obra original publicada em 1920.
- LIEBEL, Manfred. *Infância como categoria social: reflexões a partir de uma perspectiva internacional*. Buenos Aires: CLACSO, 2008.
- LIEBEL, Manfred. *La niñez popular. Intereses, derechos y protagonismos de los niños y niñas*. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2021.
- OCDE — Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. *Education at a Glance 2018: Um olhar sobre a educação*. 2018. Disponível em: <<https://l1nq.com/2wpvK>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

Artigo recebido: 11 de setembro de 2025

Artigo aceito: 2 de outubro de 2025

A UTOPIA CONSTRUINDO UM HORIZONTE POSSÍVEL PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ENFRENTAMENTO DO RACISMO: OS 35 ANOS DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE¹

UTOPIA BUILDING A POSSIBLE HORIZON FOR CHILDREN AND ADOLESCENTS IN CONFRONTING RACISM: THE 35TH ANNIVERSARY OF BRAZIL'S CHILD AND ADOLESCENT STATUTE

LA UTOPIA CONSTRUYENDO UN HORIZONTE POSIBLE PARA NIÑOS Y ADOLESCENTES EN EL ENFRENTAMIENTO AL RACISMO: 35 AÑOS DEL ESTATUTO DEL NIÑO Y DEL ADOLESCENTE DE BRASIL

Carolina Mousquer Lima²

Fernanda Dornelles Hoff³

Gabriela Weber Itaquy⁴

Luciane Susin⁵

Marisa Batista Warpechowski⁶

Marta Conte⁷

¹ Texto Coletivo Instituto APPOA – Clínica, Intervenção e Pesquisa em Psicanálise e Comissão de Ações Afirmativas da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. A produção desse texto foi motivada pela organização do Seminário “ECA 35 anos: barreiras e possibilidades de acesso aos direitos de crianças e adolescentes” (02 e 03/10/2025 na Assembleia Legislativa do RS) e reuniu colegas psicanalistas das instituições de diferentes campos de ação e escuta clínica, tanto na saúde pública como privada, numa coletiva de estudo e aprendizado.

² Psicóloga, Psicanalista, mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), Membro da APPOA e do Instituto APPOA. ORCID: 0009-0004-1120-9261. E-mail: carolinamousquer@gmail.com

³ Psicóloga e Psicanalista, Membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica e Membro da Sociedade de Psicologia do RS. ORCID: 0000-0001-6676-5215. E-mail: fernandadh@gmail.com

⁴ Psicóloga, psicanalista. Mestre em Psicologia Social e Institucional, doutoranda no PPG Psicologia Social e Institucional, especialista em atendimento clínico ênfase em psicanálise (UFRGS). Associada da APPOA e do Instituto APPOA, Coordenadora da Política de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas da 18ª Coordenadoria Regional de Saúde (SES/RS). ORCID: 0009-0007-7774-6176. E-mail: gabi.itaquy@hotmail.com

⁵ Psicanalista, psicóloga da Equipe Especializada em Saúde da Criança e do Adolescente (EESCA Murialdo), na Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre. Especialista em Problemas do Desenvolvimento da Infância e Adolescência – Abordagem Interdisciplinar – Centro Lydia Coriat, Porto Alegre. Mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). Membro da APPOA e Instituto APPOA. ORCID: 0000-0003-3066-1320. E-mail: luciane.susin@gmail.com

⁶ Psicóloga, psicanalista, mestre em Psicanálise Clínica e Cultura (UFRGS), doutoranda no PPG Psicologia Social e Institucional (UFRGS), Especialista em transtornos globais do desenvolvimento na infância e Adolescência (Instituto Lydia Coriat – POA), Membro da APPOA e do Instituto APPOA, Coordenadora do CREAS Partenon. ORCID: 0000-0001-8379-8190. E-mail: marisabw@gmail.com.br

⁷ Psicanalista, Pós-doutora (FIOCRUZ/CLAVES), membro da APPOA e do Instituto APPOA, membro do Conselho Consultivo da Rede Nacional de Redução de Danos e Direitos Humanos (REDUC) e da Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos sobre Drogas (ABRAMD). ORCID: 0000-0002-6644-6713. E-mail: martacte@gmail.com

Resumo: O artigo reflete sobre os 35 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), enfatizando sua importância como marco civilizatório na defesa dos direitos de crianças e adolescentes no Brasil. A partir de uma perspectiva crítica e interdisciplinar, discute os desafios para a efetivação plena do ECA em meio a desigualdades históricas e estruturais, especialmente as marcadas pelo racismo, pela violência e pela exclusão social. Dados recentes revelam a persistência de violações, como mortalidade infantil evitável, violência sexual, trabalho infantil, encarceramento em massa e impactos da necropolítica sobre populações jovens, em especial negras, indígenas e periféricas. Destaca-se ainda a precarização da saúde mental infantojuvenil, a patologização da adolescência e os limites no acesso a políticas públicas integradas. Nesse contexto, propõe o fortalecimento de redes intersetoriais e políticas de proteção integral que considerem a diversidade das infâncias e adolescências, valorizando sua pluralidade e o protagonismo juvenil no presente. A análise também articula a crítica ao racismo estrutural com conceitos da psicanálise e da ética da alteridade, apontando a urgência de práticas antirracistas no campo social, educacional e clínico. O artigo conclui que a consolidação do ECA exige compromisso coletivo e permanente com a vida, a dignidade e os direitos de todas as crianças e adolescentes, em especial os grupos historicamente vulnerabilizados, indicando que a utopia da proteção integral permanece como horizonte ético e político e já está em curso.

Palavras-chave: Estatuto da Criança e do Adolescente. Racismo estrutural. Adolescências. Psicanálise. Políticas públicas.

Abstract: This article reflects on the 35th anniversary of Brazil's Child and Adolescent Statute (ECA), emphasizing its importance as a civilizing milestone in defending the rights of children and adolescents in the country. From a critical and interdisciplinary perspective, it discusses the challenges of fully implementing the ECA amid historical and structural inequalities, especially those marked by racism, violence, and social exclusion. Recent data reveal the persistence of violations, such as preventable infant mortality, sexual violence, child labor, mass incarceration, and the impacts of necropolitics on young populations, especially black, indigenous, and peripheral communities. It also highlights the precariousness of children's and adolescents' mental health, the pathologization of adolescence, and the limits on access to integrated public policies. In this context, it proposes the strengthening of intersectoral networks and comprehensive protection policies that consider the diversity of childhood and adolescence, valuing their plurality and the role of youth in the present. The analysis also articulates the critique of structural racism with concepts from psychoanalysis and the ethics of alterity, highlighting the urgency of anti-racist practices in the social, educational, and clinical fields. The article concludes that the consolidation of the ECA requires a collective and ongoing commitment to the life, dignity, and rights of all children and adolescents, especially historically vulnerable groups, indicating that the utopia of comprehensive protection remains an ethical and political horizon and that it is already underway.

Keywords: Statute of Children and Adolescents. Structural racism. Adolescence. Psychoanalysis. Public policies.

Resumen: Este artículo reflexiona sobre el 35º aniversario del Estatuto del Niño y del Adolescente de Brasil (ECA), destacando su importancia como hito civilizatorio en la defensa de los derechos de la infancia y la adolescencia en el país. Desde una perspectiva crítica e interdisciplinaria, analiza los desafíos de la plena implementación del ECA en medio de desigualdades históricas y estructurales, especialmente aquellas marcadas por el racismo, la violencia y la exclusión social. Datos recientes revelan la persistencia de violaciones, como la mortalidad infantil prevenible, la violencia sexual, el trabajo infantil, el encarcelamiento masivo y los impactos de la necropolítica en las poblaciones jóvenes, especialmente en las comunidades negras, indígenas y periféricas. También destaca la precariedad de la salud mental de la infancia y la adolescencia, la patologización de la adolescencia y las limitaciones en el acceso a políticas

públicas integradas. En este contexto, propone el fortalecimiento de redes intersectoriales y políticas de protección integral que consideren la diversidad de la infancia y la adolescencia, valorando su pluralidad y el papel de la juventud en el presente. El análisis también articula la crítica al racismo estructural con conceptos del psicoanálisis y la ética de la alteridad, destacando la urgencia de las prácticas antirracistas en los ámbitos social, educativo y clínico. El artículo concluye que la consolidación del ECA requiere un compromiso colectivo y continuo con la vida, la dignidad y los derechos de todos los niños, niñas y adolescentes, especialmente de los grupos históricamente vulnerables, lo que indica que la utopía de la protección integral sigue siendo un horizonte ético y político y ya está en marcha.

Palabras clave: Estatuto del Niño y del Adolescente. Racismo estructural. Adolescencia. Psicoanálisis. Políticas públicas.

É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança.
(provérbio africano)

Iniciamos com a utopia em sua função de crítica social para iluminar o presente e os impasses que nossa sociedade tem encontrado para consolidar o Estatuto da Criança e do Adolescente — ECA (Brasil, 1990). Tomamos as formulações de Sousa (2011) sobre a cultura da Utopia⁸, pois através dela se abre o direito de sonhar e “é muito mais promissor se pensar a realidade como ato de desejar, como lembrou Arthur Schopenhauer” (p. 3).

Desejamos fortalecer as políticas públicas que colaboram para o acesso aos direitos de crianças e adolescentes brasileiros, em especial negros, indígenas, LGBTQIAPN+, imigrantes e vulneráveis. Para isto, trazemos alguns dados e reflexões a fim de tecer um diálogo com profissionais de diferentes áreas, crianças e adolescentes, para, juntos, ocuparmo-nos da função social que nos cabe no cuidado e proteção.

Lembramos o artigo 5º do ECA, que propõe que “nenhuma criança ou adolescente seja objeto de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. Assim, em diálogo com a educação, a História, a sociologia, a psicanálise e as políticas públicas, tomamos o Estatuto da Criança e do Adolescente como bússola para guiar-nos no enfrentamento dos desafios para uma maior proteção e cuidado em relação aos direitos propostos.

Destacamos como um aspecto central, ainda a ser reconhecido e combatido, também a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente, o racismo estrutural e sistêmico que se manifesta em políticas, práticas e processos nas instituições públicas e privadas, que discrimina e que perpetua desigualdades estruturais, impactando em todas as dimensões da vida em sociedade.

Ao analisarmos os dados do último Censo (2022), as populações negras (pretos e pardos) e indígena representam 56,3% da população brasileira. As crianças e os adolescentes são de, aproximadamente, 20%. A faixa onde a população negra tem a maior participação de

⁸ “Cada vez mais precisamos de uma cultura que nos arranque do sono do senso comum e que possa desenhar um horizonte de sonhos que desperte em nós o desejo de construir novas formas para o pensamento e para a vida. Tudo o que podemos fazer, o que podemos dizer, o que podemos pensar depende do ponto de horizonte que vem dar o foco necessário ao cenário da vida. Estes horizontes funcionam não só como mapas que orientam nosso movimento, mas é o motor mesmo de nosso desejo de caminhar” (Sousa, 2011, p. 1). O mesmo autor cita “Thomas Morus na sua ‘ilha de papel’ que não se tratava de afirmar um horizonte possível no sonho de um ideal descrito e objetivável, mas, ao contrário, iluminar o presente e indagar assim os impasses da sociedade do seu tempo. Estas formas de pensar nos auxiliam, portanto, a recuperar histórias esquecidas ou recalçadas” (p. 3).

peças autodeclaradas pardas ou pretas é a de jovens entre 15 a 29 anos, representando 45% dos indivíduos, número superior à média nacional.

No Brasil, as crianças negras têm muito mais chances de morrer por causas evitáveis do que crianças brancas; meninas negras são as principais vítimas de violência sexual; crianças e adolescentes negros são maioria nos índices de trabalho infantil, são também os mais desassistidos no acesso e permanência na educação básica; estão mais expostos aos conflitos territoriais, seja nas periferias, nas comunidades quilombolas ou nos territórios indígenas; sofrem mais com os impactos ambientais, a exemplo de crianças atingidas por barragens e grandes empreendimentos ambientais; foram as principais vítimas da orfandade causada pela Covid-19, entre outras desigualdades que se estendem para todas as áreas de direitos sociais (Marques, 2017). E, no RS, o sentimento de desamparo impera frente às novas enchentes e suas consequências cotidianas, devido à falta de medidas de prevenção e proteção, que são resultado da incompetência dos governos municipal e estadual.

Em relação às taxas de mortalidade, como aponta o 19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2025), observamos uma redução nas mortes violentas intencionais. No entanto, na contramão dessa tendência, as mortes de adolescentes de 12 a 17 anos seguem elevadas, registrando um crescimento no período de 2023-2024. Situação alarmante, pois esse aumento foi impulsionado pelas mortes decorrentes de intervenção policial.

Em 2023, tais mortes correspondiam a 16,6% das mortes violentas intencionais de adolescentes (12-17 anos). Em 2024, o percentual foi de 19,2%. Dessa forma, o cenário brasileiro ainda reflete graves violações dos direitos de crianças e adolescentes, perpetrados por instituições que deveriam protegê-los, reforçando que as políticas de morte e o genocídio da população jovem e negra ainda se constituem como um desafio a ser enfrentado, corroborando com o que Achille Mbembe (2018) denominou *necropolítica*. A necropolítica corresponde a uma política de morte, assentada sobre o racismo estrutural do Estado moderno, herdeira do colonialismo europeu e da escravização. O anonimato dos atingidos, o seu silenciamento, compõem também esse arranjo dos dispositivos do regime de terror com que opera a necropolítica.

Urge pensar no encarceramento no Brasil, associado ao racismo, e que funciona como controle e punição através da seletividade penal. Neste cenário, destacamos que o Brasil é o país com a terceira maior população carcerária do mundo, com 909.594 pessoas privadas de liberdade conforme o 19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2025). Deste total, 94% são homens e 68,7% são negros. Além disso, cerca de 43% da população carcerária é composta por jovens negros.

Em números absolutos, 37.380 mulheres estão em situação prisional. Poderia parecer não tão alarmante, no entanto, este segmento é o que mais cresce no encarceramento. Entre 2000 e 2014 houve um aumento de 567,4% no contingente de mulheres encarceradas, enquanto no de homens, o aumento foi de 220%. Do total de mulheres encarceradas, 68% são negras e três em cada dez não tiveram julgamento. Por isso, são consideradas presas provisórias. Além disso, 50% delas não concluiu o ensino fundamental. São jovens, tendo em média 20 anos (Borges, 2023).

Considerando que 49,1% (Censo, 2022) dos lares brasileiros são chefiados por mulheres, a prisão destas pode recrudescer o abandono e a exposição ao risco de crianças e adolescentes. De acordo com Gil, Sales e Novais (2024) uma das principais dificuldades apresentadas pelas mulheres encarceradas é a condição de ser mãe e, mesmo que o artigo 318 do Código Penal indique que mulheres gestantes e mães de filhos menores de 12 anos devem responder em liberdade ou ter prisão preventiva substituída pela domiciliar, o acesso a esses direitos ainda é dificultado. O acesso à saúde das mulheres nas unidades penitenciárias também é de difícil acesso pelo sucateamento e, quando precisam de transferência a unidades de saúde no território, não raro, enfrentam maus tratos e grande estigmatização por serem apenadas.

No sistema socioeducativo, temos 10.696 adolescentes privados de liberdade, sendo 74,2% pretos e pardos (Brasil, CNJ, 2025), percentual muito superior ao da população de negros em relação à população brasileira. Segundo o Levantamento Nacional do SINASE (Brasil, 2025), no socioeducativo, 4% são meninas negras, e elas sofrem com a invisibilidade devido à falta de políticas de gênero, já que o sistema foi historicamente concebido com o foco masculino. São mães precoces, em contexto de vulnerabilidade, violência, exclusão e com vínculos familiares fragilizados. Estes dados evidenciam a necessidade de uma análise interseccional que contemple raça e gênero para a formulação de políticas públicas que considerem as especificidades de mulheres e meninas apenas ou em privação de liberdade.

Aqui apontaremos brevemente que esta realidade se dá por conta da política de guerra às drogas e da seletividade penal presentes nos processos do judiciário (Ribeiro, 2019; Borges, 2019; Ferrugem, 2019). O argumento de análise destaca a raça como fator decisivo para a seletividade no encarceramento em massa, demonstrando que o direito penal não atinge a todos de forma igualitária, pois seleciona e estigmatiza os mais vulneráveis da sociedade. Por isso, se faz necessário um projeto estratégico e emergencial que transforme esta realidade.

Conforme o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2025), também se observa o aumento nas formas de violência não letal contra crianças e adolescentes em 2024, decorrentes do cenário social e político, incluindo: abandono, violência física, violência sexual e violação do direito de guarda. Os dados levantados reiteram uma situação persistente de violações de direitos, com crescimento expressivo em diferentes tipos de crimes, o que indica a naturalização dessas práticas no país.

Também tem ocorrido uma constante patologização da infância e da adolescência, que tem como consequência a hipermedicalização, além do aumento do número de internações hospitalares relativas à saúde mental. Conforme estudos da Fiocruz (2025), é cinco vezes maior o risco de uma internação psiquiátrica para jovens com baixa renda que foram expostos à violência. Ainda, conforme o Relatório da Situação Mundial da Infância (UNICEF, 2021), estima-se que, no Brasil, 1 em cada 6 jovens entre 10 e 19 anos de idade viva com algum transtorno mental, ficando mais exposto ao risco de automutilações, depressão e suicídio. Em contrapartida, percebe-se uma precarização dos serviços relacionados à saúde mental no SUS, tendo em vista o aumento do discurso neoliberal que desacredita, desinveste e inviabiliza a potência do trabalho terapêutico nestes espaços.

Esse contexto revela a premência em ampliar políticas públicas integradas que garantam prevenção de riscos e proteção da vida. Essas iniciativas são especialmente urgentes em função do inquietante aumento das taxas de suicídio entre adolescentes no Brasil nas últimas duas décadas, conforme revela uma pesquisa recente da Escola Nacional de Saúde Pública (Fiocruz, 2024).

O QUE AS INFÂNCIAS E AS ADOLESCÊNCIAS DEMANDAM DO ESTADO E DA SOCIEDADE?

Ir à escola, ter acesso mínimo à saúde, não precisar temer a violência do próprio Estado são sinônimos de cidadania. Se você tem equipamentos sociais à sua disposição significa que você é um cidadão, são direitos e não privilégios sociais. (Bueno, 2023, p. 97)

Nos 35 anos do Estatuto da Criança e Adolescente (Brasil, 1990), precisamos, enquanto sociedade, fortalecer o compromisso com a vida e com a proteção de crianças e adolescentes, e isso se constrói com a integração de políticas de educação, saúde, cultura, esporte, lazer, assistência social, emprego e renda, habitação e segurança. A diretriz do trabalho precisa ser de articulação em redes intersetoriais, considerando seus direitos civis, políticos, sociais, culturais e econômicos.

Para o público adolescente, os programas de aprendizagem, garantidos pela Lei da Aprendizagem (Brasil, 2000), são importantes ferramentas, bem como o incremento das

políticas públicas para juventude: ProUni, FIES, SiSU, ENEM⁹, que ampliam o acesso ao ensino superior. No entanto, temos um grande número de adolescentes, que, por estarem em extrema vulnerabilidade social, não conseguem acessar esses programas, não preenchendo os critérios exigidos. São adolescentes que, muitas vezes, já romperam seus laços com a escola e com a família, e que estão em situação de trabalho infantil, em suas piores formas, entre estas o tráfico de drogas e a exploração sexual infantil. Essas situações exigem que, enquanto sociedade, nos interroguemos sobre nossa função de proteção.

Com relação às políticas públicas, observamos que existe uma tendência maior a fomentar políticas de inclusão no mundo do trabalho, focando na produtividade capitalista. Mesmo assim, estas são pouco abrangentes e não se integram às demais políticas, como esporte, lazer e cultura, mantendo-se como barreiras de acesso.

O Estatuto da Criança e do Adolescente representa um avanço como marco civilizatório na proteção de crianças e adolescentes, constituído a partir da mudança de uma lógica minorista para uma concepção da proteção integral, mesmo que ainda se encontrem muitos desafios para sua concretização. Apresenta o reconhecimento de crianças e adolescentes como sujeitos de direitos e em processo de desenvolvimento, efetivou a criação e descentralização de mecanismos de proteção como os Conselhos Tutelares, incentivou a ampliação de acesso à saúde, educação, combate à violência e ao trabalho infantil, além de ter incentivado também a produção de leis e políticas complementares que vêm fortalecendo esse arcabouço jurídico, promovendo ampliações com vistas à garantia da proteção e do acesso aos direitos sociais.¹⁰

O Plano Juventude Negra Viva (PJNV), elaborado pelo Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), busca a redução das vulnerabilidades que afetam a juventude negra brasileira e a violência letal alicerçada no racismo estrutural. De forma transversal, possui 11 eixos de atuação e conta com ações pactuadas com 18 Ministérios, coordenado pelo Ministério da Igualdade Racial. A partir de um processo democrático de ampla participação, o PJNV foi construído com a escuta de aproximadamente 6.000 jovens negros/as durante a realização das Caravanas Participativas (Brasil, 2024).

Estas mudanças se articulam com as possibilidades de interrupção de violências, bem como com o reconhecimento de seus efeitos. Entretanto, interrogamos como o alcance destas mudanças e do conjunto de leis garantidoras do Estatuto da Criança e do Adolescente pode incidir de forma efetiva em relação ao racismo vivido por crianças, adolescentes e suas famílias.

Assim, propõe-se enfatizar que os efeitos do alcance do movimento negro e da política de cotas, estabelecida em 2000, siga se consolidando como um dispositivo de acesso e garantia de direitos à população negra. Constatam-se mudanças na produção de conhecimento, na literatura, nos destaques em várias áreas de alunos/as e profissionais negros/as, bem como na produção de projetos sociais/culturais que vão transformando a realidade.

⁹ Estes programas foram criados pelo Governo Federal: o Programa Universidade para Todos (ProUni) é de 2004 e oferece bolsas de estudo em universidades particulares de todo o Brasil; o FIES é um financiamento para estudantes em instituições de ensino superior privadas; o SiSU oferece vagas em instituições públicas de ensino superior de todo o país. A seleção dos candidatos é feita com base no desempenho obtido no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), destinado aos estudantes que já terminaram o ensino médio.

¹⁰ A lei n.º 12.010/2009, que qualificou o processo de adoção no Brasil e instituiu o Cadastro Nacional de Adoção. (Brasil, 2009). A lei n.º 13.010/2014, conhecida como Lei Menino Bernardo, que proibiu o uso de castigos físicos ou tratamento cruel ou degradante na educação de crianças e adolescentes (Brasil, 2014). A lei n.º 13.431/2017, que institui a Escuta Especializada de crianças e adolescentes vítimas ou testemunhas de violência, visando evitar a revitimização durante processos judiciais e administrativos. (Brasil, 2017). A lei n.º 14.344/2022, Lei Henry Borel, reforçou medidas protetivas para crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica e familiar (Brasil, 2022).

Além destes aspectos, a política de cotas vem movimentando o debate e estabelecendo ações no âmbito de toda a sociedade em relação ao racismo estrutural que implica a brancos e negros, na transformação de uma sociedade ainda pautada na branquitude. Maria Aparecida Silva Bento (2002) define o conceito de branquitude como uma crítica aos sistemas sociais, culturais, políticos, econômicos e educacionais, historicamente impostos na construção da sociedade, que beneficiam e confirmam o lugar da população branca como lugar de prestígio. De acordo com a autora, a branquitude opera através de acordos implícitos voltados à manutenção dos privilégios de um grupo, que são preservados e repassados entre gerações. Trata-se de um debate crucial e que se torna ainda mais premente quando falamos do Estatuto da Criança e do Adolescente.

ADOLESCÊNCIAS: DESAFIOS DA DIVERSIDADE E DA RELAÇÃO ALTERITÁRIA

A infância e a adolescência são tempos de estruturação subjetiva com especificidades e complexidades distintas. Na adolescência, em particular, abre-se um campo de relações nas quais o falar transcende o ato de emitir palavras e se torna um ato de existir, ideia que se alinha com o conceito trabalhado por Collins (1997) como “Lugar de fala”, possibilitando questionar ou mesmo refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes. Quando se fala de direito à existência digna, à voz, estamos falando de lócus social e de como a imposição de um lugar dificulta a transcendência. É através de um intenso trabalho psíquico que os adolescentes vão “furando” os códigos segregatórios para estabelecer um campo mais diverso para as coletividades.

Entretanto, como esse movimento realizado pelas juventudes através da ocupação dos espaços e da transformação dos lugares discursivos pode encontrar lugar se os jovens estão sendo mortos? É com intenção de interrogar essa violência e sua letalidade sobre este grupo específico que destacamos esse tempo de vida.

Podemos pensar no adolescer como tempo de transições, tempo de fazer uma passagem de uma posição a outra, tempo de construir um novo lugar como sujeito no mundo, saindo de uma infância mais tutelada para uma condição na qual se espera uma maior autonomia. Mais do que uma passagem cronológica, é um processo de um intenso trabalho psíquico que vai se constituindo de forma muito singular e diversa. Não existe uma forma hegemônica de ser adolescente ou de ser jovem.

Conceber as adolescências como plurais implica considerar o contexto histórico, social, econômico e geopolítico a fim de escutar, especialmente, aquelas que não se veem e que também não se leem, como alerta Guerra (2023) ao destacar as adolescências indígenas, pretas e periféricas que trazem referências diversas de família e coletividade.

Rosa (2002a) destaca que, na adolescência, novas operações se processam para a validação de um outro discurso, diverso do discurso familiar, operações que possibilitam o reconhecimento e o pertencimento dos adolescentes ao grupo social e que são dependentes das formas, das condições e das estratégias oferecidas por esses grupos sociais para que os adolescentes encontrem referenciais nesses discursos nos quais possam projetar o seu futuro na passagem do familiar à cena social, sem perder o suporte identificatório que lhe fornecia um lugar.

O saber familiar se mostra insuficiente; assim, o adolescente terá que se lançar ao trabalho de construir um outro saber para velar a falta, um outro discurso, uma nova posição no mundo. Nessa travessia, vai em busca de outras referências, uma vez que precisa saber que valor tem na cena social, com seus pares, nos grupos de amigos, na sua comunidade, na cidade (Susin; Warpechowski, 2024).

No trabalho psíquico em curso nas adolescências, faz parte tomar a palavra e falar em nome próprio, trata-se da construção de um lugar subjetivo que também é social. Nessa

transição se produz o enfrentamento com muitas perdas, a perda do corpo infantil, da posição da criança, dos pais enquanto figuras idealizadas, a passagem de uma sexualidade até então autoerótica para o estabelecimento de uma relação com o corpo de um outro.

O corpo, a imagem corporal, precisa ser ressignificada, e, nessa direção, a relação com o outro semelhante se constitui como fundamental. Ser olhado, reconhecido, valorizado na sua diferença auxilia na construção desse novo lugar no mundo. Os lugares parentais irão se recolocar no campo social, no público, nas diferentes estruturas sociais onde o adolescente circula. Bleichmar (2005) aponta para um modelo de recomposição de ideais propondo a necessária ampliação de modelos intergeracionais. Neste sentido, podemos pensar no valor dos adultos enquanto figuras identificatórias das instituições de ensino como as que abrigam adolescentes, bem como dos grupos constituídos em torno da arte e dos esportes nos diferentes contextos adolescentes.

Esse tempo da “passagem adolescente” (Rassial, 1997) pode ser muito abreviado para os adolescentes em contextos periféricos e, especialmente, os adolescentes negros que vivenciam situações de maior vulnerabilidade social, uma vez que, pelo desamparo social e discursivo, são obrigados a assumir responsabilidades do mundo adulto muito precocemente, como o trabalho infantil em suas piores formas¹¹. Ao analisar a situação de adolescentes envolvidos em atos infracionais, Guerra et al. (2012) apontam para a hipótese de que, para esses jovens, ocorre um curto-circuito no compasso de espera que a adolescência representa, contrariamente à ideia de uma ampliação da adolescência na atualidade. Dessa forma, precisamos ampliar nosso olhar para as interseccionalidades que marcam esses corpos jovens e produzem adolescências heterogêneas, sujeitos que têm seus corpos atravessados por múltiplos sistemas de opressão que se entrecruzam¹², como classe, raça e gênero, e que incidem em seus processos de subjetivação.

Lembremo-nos ainda dos adolescentes indígenas. O ano de 2023 iniciou com imagens do povo Yanomami em situação de desnutrição, tendo suas terras invadidas pelo garimpo ilegal e, junto com isso, um rastro de violências, bem como o aumento expressivo de suicídios de jovens indígenas. A invasão de suas terras, expulsão do território, degradação do ambiente e mudanças forçadas nos hábitos de vida são destacados como fatores que contribuem para a “morte cultural” e o aumento dos suicídios (Fontanetto, 2023).

Portanto, conforme Guerra (2023), precisamos situar as adolescências e as juventudes em suas diferenças concretas e simbólicas e em seus diversos modos de operação e de apresentação, além de reconhecer o estatuto político e o valor da palavra dos jovens.

São muitas as formas pelas quais podemos abordar as adolescências, mas é comum uma abordagem que a considera como uma etapa preparatória para o futuro em prejuízo de uma valorização do momento presente. Essa concepção coloca uma dimensão de vir a ser e, por consequência, pode desconsiderar as práticas e significados de suas vivências como sujeitos que experimentam o sentido do presente e desejam firmar-se como protagonistas hoje.

¹¹ Para a Convenção 182 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), a expressão “as piores formas de trabalho infantil” abrange: a escravidão ou práticas análogas à escravidão, tais como a venda e tráfico de crianças, a servidão por dívidas e a condição de servo, e o trabalho forçado ou obrigatório, inclusive o recrutamento forçado ou obrigatório de crianças para serem utilizadas em conflitos armados; a utilização, o recrutamento ou a oferta de crianças para a prostituição, a produção de pornografia ou atuações pornográficas, assim como para a realização de atividades ilícitas, em particular a produção e o tráfico de entorpecentes; e o trabalho que, pela natureza ou condições, é suscetível de prejudicar a saúde, a segurança ou a moral das crianças.

¹² Referência ao conceito de interseccionalidade elaborado por Kimberlé Crenshaw, como uma ferramenta de análise que dá conta de mais de uma forma de opressão simultânea. “Os processos discriminatórios não são compreendidos isoladamente, nem se propõem uma mera adição de discriminações, mas sim, abraça-se a complexidade dos cruzamentos dos processos discriminatórios e a partir daí se busca compreender as condições específicas que deles decorrem” (Kyrillos, 2020, p. 1).

Em contraponto à ideia de que as crianças e os jovens são o futuro numa perspectiva de progresso, eles são o presente. Como aponta Geni Núñez (2025), “bem viver é tarefa do presente, crianças, adolescentes são válidos, importantes e dignos de estarem aqui e de serem cuidados e respeitados, não porque serão o futuro, mas porque já são um presente”.

A adolescência é um momento no qual se colocam muitas perguntas sobre os discursos e as figuras de alteridade, bem como onde se experimenta, de forma radical, os limites da linguagem. Nesta operação alteritária nunca acabada, o encontro com o Outro¹³ possibilita para o adolescente espaços de identificações, experimentações e nomeações. Entretanto, quando determinados discursos se colocam de forma totalizante ou mesmo universalizante, o adolescente não consegue ver-se representado. O risco se faz em constituir abismos, segregar diferenças e reificar margens, de forma que o desamparo vivido na passagem adolescente se amplifica pela dimensão sócio-política do sofrimento¹⁴.

Esta dimensão de sofrimento se expressa, muitas vezes, na angústia vivida pelos adolescentes de não conseguirem se identificar nos traços e sentidos no campo discursivo ou mesmo incluir nele as expressões da sua experiência vivida de forma singular e diversa. Nesse sentido, no que se refere à saúde mental, não nos deixemos confundir com os discursos de poder que apresentam os discursos políticos e sociais, como se fossem o campo de linguagem disponível ao sujeito.

RACISMO À BRASILEIRA: ENTRE O APARTHEID PSÍQUICO SOCIAL E UM CAMPO DE POSSIBILIDADES

Interessa-nos analisar o racismo como barreira de acesso aos direitos de crianças e adolescentes, e entendê-lo decorrente do processo histórico da escravização/colonização no nosso país, que se instalou na estrutura de toda a sociedade e que reproduz a violência e mantém hierarquias raciais, por isso é tão difícil de ser nominado e enfrentado (Conte, 2024).

O Brasil, sendo o segundo país com maior população negra ou de origem africana do mundo, submeteu pessoas negras e sua cultura ancestral a uma posição inferior e desprovida de valor, para assim marginalizar essas pessoas, produzindo um abismo social de danos incalculáveis, que deixa “marcas trágicas em nível psíquico, social, econômico e jurídico” (Bonfim, 2021, p. 85).

Como situa Isildinha Nogueira, autora de “A cor do inconsciente” (2021), as rupturas impostas pela escravização impediram que o sentimento de pertença e continuidade de uma herança fosse construído. Ficou um buraco intransponível, sem referências pessoais, alheio aos costumes locais, tendo como consequência uma desumanização e expropriação cultural, um verdadeiro apartheid psíquico.

É importante reconhecer e reafirmar que a maior seqüela da história da escravização foi a consolidação das desigualdades e injustiças sociais, fomentadas pela lei áurea, que não criou políticas públicas de acesso à terra, habitação, educação e condições de cidadania plena, caracterizando-se como uma nova exclusão social. Passados mais de 130 anos do final da escravização, um imaginário social negativo permanece projetado nas populações negras. E a política de branqueamento conduzida ativamente pelo Estado formatou uma nova modalidade de racismo: o racismo à brasileira, que exige a assimilação aos valores sociais, religiosos e estéticos dos brancos como forma de saída, reconhecimento e inclusão social. Esta violência

¹³ Aqui, compreendemos a noção de Outro a partir de Lacan, como um lugar no qual as cadeias significantes do sujeito se articulam. Trata-se de um lugar de alteridade prévio ao nascimento e que inclui o sujeito na linguagem.

¹⁴ Termo proposto por Miriam Debieux Rosa (2016), no qual a política é concebida não apenas como poder e domínio sobre o sujeito, mas também como a ação no espaço entre as relações. Caracteriza, ainda, conflitos políticos e culturais como nos processos de exclusão, desigualdade e violência social.

racista empurra os negros para a condição de “não existência” (Vanucchi, 2017, p. 65-66) e de exclusão social.

Nossa representação de nação foi marcada por uma sociabilidade e uma economia sustentadas pela violência racista, que se enlaça com exigências narcísicas de eliminar o outro (Costa, 2021) devido à própria incapacidade de constituir-se como si mesmo sem excluí-lo, logo excluindo-o através da desvalorização. E isso nos coloca, enquanto sociedade, diante de um problema e de uma dívida histórica de grandes proporções. Por isso, de vários campos, surge a convocação de nos posicionarmos no debate democrático pela superação do racismo à brasileira.

Nominar a violência das práticas racistas desvela a origem da violência social e dos processos discriminatórios no Brasil. Assim, é possível ressituar responsabilidades, reescrever a história elencando as contribuições negras e indígenas fundantes da nossa cultura brasileira, destacando autores e autoras negros e indígenas, suas produções sociais e acadêmicas, os projetos sociais coordenados por movimentos sociais negros e indígenas, e abrindo, assim, possibilidades de mudanças efetivas. Enquanto sociedade precisamos dar respaldo para que todo ato de racismo não passe impune (Conte, 2024).

“Nesse sentido, é imprescindível que haja um compromisso no engajamento de todos os agentes responsáveis pela garantia dos direitos de crianças e adolescentes, assim como por ações de proteção, promoção da vida e cuidado a partir das desigualdades raciais, com políticas públicas direcionadas e articuladas com as políticas e programas de enfrentamento ao racismo, como prioridade absoluta” (Leobet, 2022).

Winnie Bueno (2023) situa vivências próprias da infância e da adolescência para mostrar como pessoas negras são descredibilizadas pela sociedade. São muitos escritores que relatam situações de sofrimento decorrentes de práticas racistas, que produziram rupturas no percurso de vida. Foi necessário apoio de alguém de referência na família, na escola, no trabalho e na clínica psicológica/psicanalítica para seguirem na vida.

COMO TORNAR-SE O OUTRO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PSÍQUICO?

Se o racismo é sempre atribuído ao outro, a pergunta que se pode fazer é: Como o outro é visto e cumpre função de alteridade? E esse olhar depende de que critérios?

Para Lévinas, a alteridade não é apenas a constatação da diferença, mas o reconhecimento do outro como ser único, com sua experiência e singularidade e não pode ser reduzido ao que esperam dele. A ética da alteridade, para Lévinas, se fundamenta numa responsabilidade incondicional frente ao apelo do outro, que exige resposta e cuidado, que vai além de qualquer interesse próprio, não se baseia na reciprocidade e não se espera nada em troca. A ética não é um código de regras ou leis, ela se dá no encontro, sempre na presença do outro: diante da sua fragilidade me torno responsável. A subjetividade é entendida como lugar de afetação pela alteridade, e, a partir desta relação, o sujeito não está mais só (Campos; Ferreira, 2024). Esta ética da alteridade e responsabilidade é o que nos torna humanos e nos conecta com a dimensão ética da existência. Além de bússola, esta ética está no horizonte da utopia para o qual caminhamos.

No processo de identificação e pertencimento, a alteridade é fundamental, respondendo pela constituição do sujeito, sendo o ponto de origem do desejo. O desamparo inicial dos seres humanos, conforme nos traz Freud em *O Projeto para uma Psicologia Científica* (1996), convoca o semelhante a realizar ações específicas¹⁵ que aplaquem a urgência autoconservativa do bebê, sendo impresso algo da sexualidade e da linguagem, fundando a pulsão e, portanto, o desejo. Esse movimento só poderá ocorrer a partir da ética humana, que convoca o sujeito adulto em cena, a partir da alteridade.

¹⁵ Conceito que designa a ação do semelhante com o propósito de reduzir a tensão ou desconforto do bebê.

Neste sentido, Chnaiderman (2015) sinaliza que a constituição do sujeito psíquico sofre com o desenraizamento cultural e com a perda da história dos antepassados que caracterizam uma origem negada aos escravizados no Brasil. O esfacelamento de uma identidade leva o negro a internalizar um Ideal do Eu branco.

Seguindo na proposta de Chnaiderman (2015), uma dimensão importante a ser considerada é o quanto o silenciamento da história de um povo e de sua herança cultural não implica apenas em recalque que leva a conflitos sócio psíquicos, mas a uma negação da dignidade humana no tempo presente, operada pela alteridade. Daí a necessidade de se inventar genealogias (no plural), já que, no mundo branco, a subjetividade da pessoa negra passa por tortuosos caminhos para se constituir, contexto no qual é levada a ficar enclausurada em seu corpo marcado pela violência do ideal de branquura.

A importância de colaborar com essas genealogias se dá pelas formas de reparação e compreensão das consequências e marcas da escravização, bem como para ressaltar as experiências dos movimentos sociais de luta contra o racismo e as desigualdades sociais, a transmissão de valores culturais e saberes, e a contribuição dos negros e indígenas na constituição da sociedade brasileira. Estes são pontos relevantes para a abertura de caminhos que visam a construção da alteridade e do reconhecimento, que vão ancorar desejos singulares e sonhos coletivos.

QUANDO A CRIANÇA E O ADOLESCENTE SE VEEM COMO ALVO DE UM NÃO-OLHAR OU DE UM OLHAR NÃO IDEAL, DE RECUSA E ESTRANHAMENTO, EM QUE VÃO SUSTENTAR SUA IMAGEM?

A identidade é um conceito questionável, porque é totalizante e, na nossa cultura, toma como referência a primazia branca, sem levar em conta a diversidade que nos constitui como identidade brasileira: africano, indígena e europeu.

A criança e o adolescente demonstram modos específicos de agir e sentir, e só podem ser compreendidos a partir da relação que constroem com o mundo de referências. Por isso, os profissionais da rede intersetorial são tão importantes na medida em que fornecem referências para uma relação ética, de cuidado e de confiança que colabora com o desenvolvimento socioemocional e cultural e com a constituição de alteridades.

Fanon (2008) diz que, nas discussões sobre racismo e colonialismo, há uma crítica da alteridade quanto à possibilidade de tornar-se o Outro. O próprio racismo força os negros a saírem da relação entre Eu e Outro, base da vida ética. E tudo passa a ser permitido contra os negros, como a história da escravização revela. A luta contra o racismo é para entrar na dialética do Eu e do Outro — interações sociais, razão e conhecimento.

A maioria dos negros, conforme Fanon (2008), inclusive na África, está obcecada em fixar-se. Por não conseguirem exercer impacto sobre o mundo social, vivem uma impotência e se voltam para si mesmos. Assim como no Brasil, o desencanto e a impotência dos adolescentes se expressam no significativo aumento dos índices de suicídio. Fanon (2008) faz referência a um paradoxo de duplo narcisismo: o branco, fechado na sua branquura, e o negro, na sua negrura, buscam uma liberdade escondendo-se dela. A liberdade requer visibilidade e se faz necessário um mundo de outros, até mesmo para legitimar o auto-reconhecimento.

O QUE ACONTECE SE OS OUTROS NÃO OFERECEM RECONHECIMENTO?

Cartolano (2008) sinaliza que a adolescência tem sido regularmente patologizada. Ao considerar os atos como opostos ao pensamento, aponta ser necessário valorizá-los em sua função ou mesmo interrogar sua ausência, uma vez que estes são expressões do sujeito que está se construindo. Os ritos e as cerimônias são movimentos necessários à construção subjetiva, possibilitando o exercício das aspirações adolescentes, revisando desejos parentais e ideais da cultura. A inserção social e comunitária, segundo Cartolano (2008), contém a importância de possibilitar o encontro, onde a alteridade possa se expressar através do amor, da agressividade e do humor.

Por outro lado, precisamos nomear situações normalizadas na nossa sociedade, mas que são de grande impacto psíquico e social, tais como: colocar constantemente à prova suas competências; envergonhar-se ao entrar ou estar em determinados lugares por achar que "não é seu lugar"; conviver com um sentimento de não ter direito a ser, com a dificuldade de ocupar espaços de destaques, sempre se referindo a tais situações como ligadas à condição racial (Chnaiderman, 2015, p. 87).

Que efeitos psicossociais perceberíamos nas crianças e adolescentes se as escolas tivessem implantado integralmente a Lei n.º 10.639 (Brasil, 2003), que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena há bem mais tempo? Bueno (2023) diz que essa lei tem transformado a realidade. 20 anos depois, o cenário mudou, mas não o suficiente, porque não é devidamente aplicada. Ela se perverte em discursos que assinalam impossibilidades institucionais e individuais, como a falta de recursos e o professor que não tem formação nem tempo para se dedicar a se aprimorar e concretizar o que a lei exige. Na universidade, as disciplinas que abordam questões raciais não são obrigatórias. Os currículos escolares não são transversalizados e, por isso, as escolas e as universidades estão longe de ser espaços democráticos e inclusivos. Na sua época de estudante, cada vez que abria o livro de História e via a sua própria história ser resumida à escravização, se sentia injustiçada, pois sabia que não era apenas isso que lhe cabia na sociedade. A forma como a escola tratava situações de violência racial e a ausência de referências negras no currículo podiam ser resumidas em uma palavra: silêncio.

Como podemos ajudar a romper o silêncio e a legitimar a herança e a língua da infância para as crianças e adolescentes negros e indígenas? No Brasil, o memoricídio impera, enquanto uma prática colonial que impõe o assassinato das memórias dos povos colonizados, e instaura uma rede de dispositivos e tecnologias que atua no esquecimento das memórias sociais (Missiato, 2021). Assim, o memoricídio estabelece modos de apagar os rastros das enormes violências impostas e de delegar o silenciamento, impedindo a transmissão do vivido.

Sabe-se que a violência emudece os sujeitos e impõe uma paralisação que dificulta a construção narrativa, e, conseqüentemente, a ressignificação do vivido, e, desse modo, impede-se a transmissão do traumático. Conforme Rosa (2002b), o trauma propicia uma impossibilidade da linguagem e das narrativas assimilarem o acontecimento, pois separa o sujeito do acesso ao simbólico. Ocorre, então, a perda da transmissão de uma palavra que era ponte entre passado e presente, havendo um rompimento com o passado (Rosa, 2002 b). Assim, o traumático deixa resquícios no sujeito psíquico, mas também no social, tendo em vista que perpetua-se incessantemente a violência colonial, de modo atualizado, sobre os corpos negros e indígenas.

Gagnebin (2006) pontua a necessidade de manter viva a memória dos que foram mortos e tiveram seus corpos desaparecidos, como uma forma de luta contra o esquecimento e a repetição do horror. Ainda, de acordo com Missiato (2021), é necessário recuperar as memórias enquanto um modo de restituir a dignidade e o pertencimento do povo negro e indígena.

COMO O RACISMO INTERROGA A PSICANÁLISE?

Um mundo onde caibam muitos mundos.
(máxima zapatista)

Em "O Racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise" (Kon et al., 2017), Maria Lúcia da Silva, psicanalista e ativista do Movimento Negro e do Movimento das Mulheres Negras, expõe relatos de infância de pessoas que viveram cenas recorrentes de humilhação, exclusão e discriminação, cujos efeitos podem surgir tempos depois sob a forma de sintomas. Como diz a autora, a "clínica vai nos informando" sobre diversas dificuldades produzidas, que, muitas vezes, impedem a convivência.

Djamila Ribeiro (2019) diz que não basta não ser racista, é preciso ser antirracista, e Costa (2021) acrescenta que é necessário tomar posição para “não sermos cúmplices, complacentes ou indiferentes com o racismo no nosso país” (p. 44).

Como estamos todos atravessados pelo racismo estrutural, submetidos a um sintoma social, nos cabe reconhecer nossa parte nessa engrenagem para trabalharmos no sentido da superação da resistência. Essa superação passa pelo letramento racial e pela leitura psicanalítica do pacto narcísico identitário que nos aliena nos ideais do eu da branquitude, como normativa universal.

Os critérios de análise para o letramento racial, segundo Twine e Steinbugler (2006), são: reconhecer os privilégios da branquitude, admitir o racismo como um problema social e atual e que diz respeito a todos nós e buscar conhecer uma gramática que facilite a discussão de raça, racismo e antirracismo através de leituras de autores/as negros/as. Além disso, é necessário capacitar-se para interpretar códigos e práticas racializadas, bem como analisar as formas de racismo mediado por desigualdades de classe, hierarquias de gênero e heteronormatividade.

Para fazer a leitura das barreiras raciais que perpassam a escuta clínica é necessário compromisso ético e político. Assim, com os efeitos do letramento se perfaz o corte dos signos do racismo, transformando o signo raça em significante, rompendo amarras sintomáticas, ampliando a escuta. Deste modo, estaremos mais próximos de libertar-nos tanto do imaginário da branquitude, quanto da negritude. Ao tocar a relação do homem com o significante, altera-se o curso da sua história.

Será um longo percurso. O que mais nos cabe fazer para alterar o curso da História?

A comissão de ações afirmativas da Sigmund Freud ressalta que uma instituição devidamente apropriada de sua inserção no campo social deveria assumir como responsabilidade a transformação das estruturas desiguais de saber/poder para seguir uma vivência democrática com princípios éticos de humanidade. E isso se faz nos coletivos, com pactos civilizatórios (Lara et al., 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Canavê e Damico (2024) alertam que, como psicanalistas, professores e pesquisadores, precisamos estar permeáveis à “verdade do povo” para partilhar o seu território existencial e tornar audível a dor estando próximos dos referenciais que a explicitam. Além disso, não podemos tomar o modelo de sujeito europeu branco, cis e heterocentrado, pois é uma violência, que “opera privilegiando [...] a tradição de pensamento ocidental e colonial (que quase nunca inclui as mulheres, ou as demais lentes com as quais o conhecimento é produzido)” (p. 7).

Focalizar a branquitude significa trazê-la ao debate, tirando as máscaras, como diria Fanon (2008), num movimento de libertar o negro de sua suposta inferioridade, e o branco, da sua suposta superioridade, ambos escravos em nossa sociedade — presos em posições pré-definidas e desumanizadoras.

É preciso avançar para mudanças socioculturais, bem como investir numa educação permanente antirracista para profissionais, professores, juizes, policiais, conselheiros, líderes comunitários, gestores, ativistas, crianças e adolescentes e sociedade em geral.

A psicanálise, a partir de uma posição clínico-política, deve colocar-se contra as exclusões que constituem a história racista e elitista do cuidado em saúde mental, e trabalhar com o testemunho de quem sofreu e sofre violências, buscando construir memórias, narrativas de ressignificação e transmissão do vivido. Assim, acreditamos ser possível construir

espaços de acolhimento às crianças e adolescentes em sua pluralidade, de modo ético e que propicie o cuidado e a devida promoção de saúde.

Buscamos, com esta produção textual coletiva, estimular outros encontros e aprofundamentos que possibilitem o necessário letramento chegando às ações nas redes da infância e adolescência, que sustentam uma ampliação sempre maior dos direitos preconizados no ECA, entre eles que "nenhuma criança ou adolescente seja objeto de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão" (Brasil, 1990).

REFERÊNCIAS

- ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 19, 2025. ISSN 1983-7364.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 25-58.
- BLEICHMAR, Sílvia. *La Subjetividad en riesgo*. 1. ed. 1. reimp. Buenos Aires: Topía Editorial, 2005.
- BONFIM, Flavia. O problema do racismo: um desafio à psicanálise. *Stylus Revista de Psicanálise*. São Paulo, n. 41, p.83-94, março de 2021.
- BORGES, Juliana. *Encarceramento em massa*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2023.
- BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990.
- BRASIL. Lei n.º 10.097, de 19 de dezembro de 2000. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 20 dez. 2000.
- BRASIL. Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.
- BRASIL. Lei n.º 12.010, de 3 de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção [...]. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 4 ago. 2009.
- BRASIL. Lei n.º 13.010, de 26 de junho de 2014. Altera a Lei n.º 8.069 [...]. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 27 jun. 2014.
- BRASIL. Lei n.º 13.431, de 4 de abril de 2017. Estabelece o sistema de garantia de direitos [...]. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 5 abr. 2017.
- BRASIL. Lei n.º 14.344, de 24 de maio de 2022. Dispõe sobre a criação de mecanismos [...]. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 25 maio 2022.
- BRASIL. *Plano Juventude Negra Viva*. Ministério da Igualdade Racial. Brasília, 2024.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. *Levantamento Nacional do SINASE - 2024*. Brasília: MDHC; Universidade de Brasília, 2025.
- BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA — CNJ. *Cadastro Nacional de Inspeção e programas socioeducativos* (Cniups) 4º bimestre (julho/agosto) 2025. Disponível em <https://paineisanalytics.cnj.jus.br/single/?appid=a12c1a54-541f-4fd7-bbdf-afba0ca89a98&sheet=38ee8b5f-07ae-4f87-bf3c-cd9304f01bcc&theme=CNIUPS&lang=pt-BR&opt=ctxmenu,currsel> Acesso em 15/09/2025.
- BUENO, Winnie. *Por que não acredita em mim*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2023.
- CAMPOS, Rafael Aguiar Leal; FERREIRA, Raquel Ribeiro Costa da Cunha; FERREIRA, Arthur Vianna. O conceito de alteridade segundo Emmanuel Lévinas. *Interfaces Científicas — Humanas e Sociais*, Aracaju, SE, v. 12, n. 2, p. 412–425, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2024v-12n2p412-425>. Acesso em: 2 set. 2025.

- CANAVÊS, F.; DAMICO, J.G. *Coirmandade: algumas lições das escolas de samba para a psicanálise. Psicanálise, amefricanidade e contracolonialidade: pensar a transmissão e a subversão a partir de Lélia Gonzalez*. Previsão 2024.
- CARTOLANO, Elsa S. *Adolescencias y subjetividad, tiempo de tomar la palabra*. In: HORNSTEIN, María Cristina Rother et al. *Adolescencias: trayectorias turbulentas*. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- CHNAIDERMAN, Miriam. *Buscando baobás na aridez do asfalto: instaurando origens*. *Revista Eletrônica da Educação*, v. 9, n. 2, p. 139-151, 2015.
- COLLINS, P. H. *Comentário sobre o artigo de Hekman "Truth and Method: Feminist Standpoint Theory Revisited"*: Onde está o poder? *Sings*, v.22, n. 2, p. 375-381, 1997. [Tradução de Juliana Borges].
- CONTE, Marta. *O racismo é uma questão para todos nós: um sintoma do laço social*. *Correio da APOA — Racialidades: psicanálise e instituições*, v. 11, n. 9, 2024.
- COSTA, Jurandir Freire. *Reedição do prefácio à edição original de 1983 com título Da cor ao corpo*. In: SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se Negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERRUGEM, Daniela. *Guerra às drogas e a manutenção de hierarquia racial*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- FIOCRUZ. *Relatório Técnico: Adolescência e suicídio — um problema de saúde pública*. Rio de Janeiro: Portal da Fiocruz, set. 2024.
- FIOCRUZ. *Risco de internação psiquiátrica para jovens com baixa renda expostos à violência é maior*. 2024. Disponível em: <https://fiocruz.br/noticia/2024/11/risco-de-internacao-psiquiatica-para-jovens-com-baixa-renda-expostos-violencia-e>. Acesso em: 10 set. 2025.
- FONTANETTO, R. *Taxa de suicídios entre indígenas supera em quase 3 vezes a da população geral*. *Epidemiologia e saúde pública*, ed. 333, nov. 2023. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/taxa-de-suicidio-entre-indigenas-supera-em-quase-tres-vezes-a-da-populacao-geral/>. Acesso em: 15 set. 2025.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: FBSP, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/279>. Acesso em: 15 set. 2025.
- FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica (1895)*. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1, p. 333-454.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GIL, L.; SALES, L.; NOVAIS, M. *É possível ser mãe aprisionada? Impactos do sistema penal na vida de mulheres-mães encarceradas*. *Brasil de Fato: Rede Transnacional sobre Maternidades (REMA)*, 6 ago. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/colunista/rema/2024/08/06/e-possivel-ser-mae-aprisionada-os-impactos-do-sistema-penal-na-vida-mulheres-maes-encarceradas/>. Acesso em: 15 set. 2025.
- GUERRA, Andréa Maris Campos. *O papel da psicanálise na desconstrução do racismo à brasileira*. *Revista Subjetividades — O contemporâneo à luz da psicanálise*, n. 20 (Especial 2), 2020.
- GUERRA, A. M. C.; SOARES, C. A. N.; PINHEIRO, M. C. M.; LIMA, N. L. *Violência urbana, criminalidade e tráfico de drogas: uma discussão psicanalítica acerca da adolescência*. *Psicologia em Revista*, v. 18, n. 2, p. 247-263, 2012.
- GUERRA, Andréa Maris Campos. *Adolescências plurais*. *Café Filosófico*, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x-9lywMJrtc>. Acesso em: 14 set. 2025.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE. *Censo Demográfico 2022*. Brasília: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 15 set. 2025.
- KYRILLOS, Gabriela M. *Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade*. *Revista Estudos Feministas*, v. 28, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/zbRMR-DkHJtkTsRzPzWTH4Zj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 jan. 2025.

LARA, Luciana Maccari; MONGELÓ, Andréa; BARBI, Ágata; HENZEL, Silvana; DÓCOLAS, Janete; BIRCK, Renata Brum; BRAGA, Eneida; PINHEIRO, Fernanda Storck; DAL CONTE, Luiza; REFOSCO, Lisia da Luz. Por que a psicanálise precisa ser interrogada pelo racismo? *Correio da APPOA*, ed. 347, 2024. Disponível em: https://appoa.org.br/correio/edicao/347/por_que_a_psicanalise_precisa_ser_interrogada_pelo_racismo_/1536. Acesso em: 15 set. 2025.

LEOBET, Leticia. ECA e os direitos de crianças e adolescentes negras e negros. *Geledés — Instituto da Mulher Negra*, 14 jul. 2022. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/eca-e-os-direitos-de-criancas-e-adolescentes-negras-e-negros/>. Acesso em: 15 set. 2025.

MARQUES, Marília. 'A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil', diz ONU ao lançar campanha contra violência. *Geledés — Instituto da Mulher Negra*, 8 nov. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia/>. Acesso em: 15 set. 2025.

MBEMBE, Achile. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Memorícidio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 13, n. 24, jan./jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/20210>. Acesso em: 16 jan. 2024.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

NÚÑEZ, G. Infância não é ensaio. [mensagem em rede social — Genipapos e Revista TPM]. *Instagram*, 3 set. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DOJ8L0ekgkQ/>. Acesso em: 15 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. *Convenção n.º 182 sobre a proibição das piores formas de trabalho infantil e ação imediata para sua eliminação*. Genebra: OIT, 1999. Disponível em: https://www.ilo.org/dyn/normlex/en/f?p=NORMLEXPUB:12100:0::NO:12100:P12100_ILO_CODE:C182. Acesso em: 15 set. 2025.

RASSIAL, J. J. *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1997.

RIBEIRO, Djamilá. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, M. D. *Adolescência: da cena familiar à cena social*. *Psicologia USP*, 2002 a, Vol. 13, N.º 2, 227- 241.

ROSA, M. D. *Uma escuta psicanalítica das vidas secas*. *Textura (São Paulo)*, São Paulo, v. 2, n. 2, 2002 b, p. 42-47

ROSA, M. D. *A clínica sociopolítica em face à dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo, *Escuta/Fapesp*, 2016.

SOUSA, Edson Luiz André de, Por Uma Cultura da Utopia. *E-topia: Revista Eletrônica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 12 (2011). ISSN 1645-958X.

SUSIN, L.; WARPECHOWSKI, M. B. Adolescências e territórios de vida. In: *Infâncias e adolescências: travessias*. *Correio da APPOA*, v. 1, n. 8, out. 2024.

TWINE, F.W.; STEINBURGLER, A.C. The Gap between whites and whiteness: Interracial Intimacy and Racial Literacy. *Du Bois Review: Social Science Research on Race*, 3(2), 2006, p. 341-363.

UNICEF. *Relatório da situação mundial da infância 2021*. Nova Iorque: UNICEF, 2021.

VANNUCCHI, Maria Beatriz Costa Carvalho. A violência nossa de cada dia: o racismo à brasileira. In: KON, Noemia Moritz; SILVA, Maria Lucia; ABUD, Cristiane Curi (orgs). *O racismo e o negro no Brasil — Questões para a Psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

Artigo recebido: 17 de setembro de 2025

Artigo aceito: 10 de outubro de 2025

SUBJETIVIDADES CONTEMPORÁNEAS: CLÍNICA E IDENTIDAD A LA LUZ DE LAS NOVEDADES TECNOLÓGICAS

SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS: CLÍNICA E IDENTIDADE
À LUZ DAS NOVIDADES TECNOLÓGICAS

CONTEMPORARY SUBJECTIVITIES: CLINIC AND IDENTITY
IN LIGHT OF TECHNOLOGICAL ADVANCES

María Cristina Rother Hornstein¹

Resumen: El presente artículo interroga los modos contemporáneos de subjetivación a la luz de las transformaciones sociales y tecnológicas que atraviesan la adolescencia en la actualidad. A partir de la escucha clínica y de la reflexión psicoanalítica, se problematiza el impacto de la revolución tecnológica en las configuraciones identitarias y en los vínculos, marcados por una aceleración cultural sin precedentes. Frente a un escenario en el que el diálogo intergeneracional se debilita y los ideales simbólicos se reconfiguran rápidamente, el texto resalta la urgencia de evitar reduccionismos biologicistas, psicologicistas o sociologicistas, retomando el concepto freudiano de series complementarias. La clínica psicoanalítica es convocada a reposicionarse frente a nuevas formas de sufrimiento y a escuchar los ecos del malestar contemporáneo en los cuerpos y en las narrativas adolescentes. El artículo propone una reflexión abierta y crítica sobre el lugar de la identidad, del narcisismo y de los síntomas en el entrecruzamiento entre sujeto y cultura, en un tiempo en el que la subjetividad se reinventa constantemente.

Palabras clave: Subjetivación contemporánea. Adolescencia. Psicoanálisis.

Resumo: O presente artigo interroga os modos contemporâneos de subjetivação à luz das transformações sociais e tecnológicas que atravessam a adolescência na atualidade. A partir da escuta clínica e da reflexão psicoanalítica, problematiza-se o impacto da revolução tecnológica nas configurações identitárias e nos vínculos, marcados por uma aceleração cultural sem precedentes. Frente a um cenário em que o diálogo intergeracional se fragiliza e os ideais simbólicos se reconfiguram rapidamente, o texto ressalta a urgência de evitar reducionismos biologicizantes, psicologizantes ou sociologizantes, retomando o conceito freudiano de séries complementares. A clínica psicoanalítica é convocada a se reposicionar diante de novas formas de sofrimento e a escutar os ecos do mal-estar contemporâneo nos corpos e nas narrativas

¹ Médica egresada de la UBA. Miembro Titular de la Asociación Psicoanalítica Argentina (APA). Profesora titular de la Carrera de Posgrado "Especialización en Clínica psicoanalítica con niños y adolescentes", de agosto del 2002 hasta 2018, Universidad Nacional de La Plata (UNLP). Profesora en múltiples seminarios sobre la teoría de Piera Aulagnier, Castoriadis y Freud en la APA, en otras instituciones psicoanalíticas y en grupos privados tanto en Argentina como en Venezuela –país en donde vivió desde 1997 hasta 1984, y en el cual revalidó el título de Medica. Profesora invitada en instituciones psicoanalíticas y Universidades de Buenos Aires, Rosario, La Plata, Uruguay, Brasil, Chile. Compiladora y coautora de: *Adolescencias: trayectorias turbulentas*, Paidós, 2006. Bs. As. *Adolescencias Contemporáneas, un desafío para el psicoanálisis*, Psicolibro editores, Buenos Aires, 2015. Publicaciones en Facebook. Trabaja hasta la actualidad en clínica psicoanalítica con adolescentes, jóvenes y familias. Coautora en: *Cuerpo, Historia, Interpretación. Piera Aulagnier: de lo originario al proyecto identificador*. (L. Hornstein y otros,) Buenos Aires, Paidós, 1991. *Organizaciones Fronterizas, Fronteras del Psicoanálisis* (H. Lerner, S. Sternbach, comp.) Buenos Aires: Lugar editorial, 2007. *Los Sufrimientos: 10 psicoanalistas, 10 enfoques* (Hugo Lerner, comp.) Buenos Aires, Psicolibro ediciones, 2013. Email: mc.rotherhornstein@gmail.com

adolescentes. O artigo propõe uma reflexão aberta e crítica sobre o lugar da identidade, do narcisismo e dos sintomas no entrecruzamento entre sujeito e cultura, em um tempo em que a subjetividade se reinventa constantemente.

Palavras-chave: Subjetivação Contemporânea. Adolescência. Psicanálise.

Abstract: This article investigates contemporary modes of subjectivation in light of the social and technological transformations shaping adolescence today. Drawing on clinical listening and psychoanalytic reflection, it explores the impact of the technological revolution on identity configurations and interpersonal bonds, which are marked by an unprecedented cultural acceleration. In a context where intergenerational dialogue is weakening and symbolic ideals are rapidly reconfigured, the text highlights the urgency of avoiding biologist, psychologizing, or sociologizing reductions, revisiting Freud's concept of complementary series. Psychoanalytic practice is called upon to reposition itself in the face of new forms of suffering and to attune to the echoes of contemporary malaise in adolescent bodies and narratives. The article proposes an open and critical reflection on the place of identity, narcissism, and symptoms at the intersection of subject and culture, in a time when subjectivity is constantly reinvented.

Keywords: Contemporary subjectivation. Adolescence. Psychoanalysis.

Dado que pensamos en jóvenes de diferentes latitudes, propongo intercambiar sobre las adolescencias contemporáneas, tema que me convoca desde que comencé a trabajar.

Quisiera que fuera un intercambio dinámico que nos enriquezca a todos.

Los libros que publiqué de los que soy compiladora y autora: *Adolescencias contemporáneas, un desafío para el psicoanálisis* y anteriormente *Adolescencias, trayectorias turbulentas*, tienen títulos que reflejan no sólo su contenido sino lo que consideramos ejes de la problemática adolescente.

Trayectoria, desafío, y ese carácter turbulento con que enfocan la vida.

Los adolescentes y los jóvenes son un desafío para sí mismos, para las generaciones que los preceden, padres, educadores, profesionales de la salud y para la sociedad.

Pensar la adolescencia es indagar sus códigos, propios de cada época, de cada generación, de cada subcultura. La contemporaneidad va cambiando acorde a los cambios en lo histórico social y en cada cultura.

La pregunta obligada es ¿Cómo incluimos los efectos de los cambios de lo histórico social en las configuraciones subjetivas? Son cuestiones abiertas para seguir interrogando las problemáticas que hoy aquejan a quienes pertenecemos a otras generaciones, que —a veces— parece que habitamos mundos tan disímiles que desvanecen el diálogo y la comunicación. Otro interrogante ¿Cómo serán las nuevas subjetividades que se instituyen bajo el sesgo de aceleradas transformaciones de valores, de ideales, de modas, de códigos que impactan recursivamente en la cultura?

Recursivamente en tanto y en cuanto los adolescentes, los jóvenes son protagonista y ofertan nuevos y diferentes valores, ideales, modas etc., que impactan en cambios culturales, y estos cambios a su vez repercuten de diferentes maneras en cada sujeto.

Los adolescentes del siglo XXI nacieron sumergidos en los nuevos avances tecnológicos, rodeados de computadoras, celulares, videojuegos, música digital, redes sociales,

herramientas todas ellas que contribuyen a configurar identidad. Las nuevas generaciones imponen sugerentes y singulares discontinuidades subjetivas. Esta brecha digital impone una serie de reflexiones, dada la multiplicidad de incógnitas, dudas e incertidumbres que afecta a padres e hijos, y les exige un trabajo psíquico no exento de sufrimiento. Los adolescentes rechazan códigos, costumbres e ideales propuestos. Crean los propios, confrontan a los padres, a los educadores, a la sociedad. Los padres por momentos vacilan ante esa descalificación arrogante que muchas veces encubre inseguridad.

Las nuevas tecnologías están presentes en todos los espacios, y en muchos casos los adultos reconocen estar desorientados y en inferioridad de condiciones para enfrentarse con los vertiginosos cambios tecnológicos y las nuevas formas de comunicación que estos proponen.

Los adolescentes en busca de sí mismos intentan encontrar sus propias identidades (y lo hacen frecuentemente por estos medios que son sus formas de comunicación, los blogs, los videos, las redes sociales —tenemos por caso los *booktubers*, que se definen como “chicos que decidimos prender una cámara y grabarnos como si estuviéramos hablando solos; pero lo que queremos, realmente, es charlar con otros chicos que leen, debatir con ellos”; los *youtubers* también recomiendan videos, juegos, lugares etc.) y necesariamente se rebelan, y en buena hora buscan mantener la distancia intergeneracional con los mayores. Gran parte de los adultos (incluidos los profesionales de la salud) no saben cómo actuar ante esos adolescentes que están ahí, justamente, para desafiar y transgredirlo todo.

Los hijos tienen un protagonismo novedoso en las familias en relación con el que tenían o siguen teniendo en culturas que aún mantienen las tradiciones, en las que la clásica función materna y paterna parece universal e inamovible. Los mandatos tradicionales de las así llamadas “culturas frías”, más férreos, y en las cuales los padres imponen sus creencias cuasi inamovibles se contraponen con el predominio actual de esta era posmoderna en donde las “culturas calientes” o, como dice Bauman (2003), en la actual *sociedad líquida*² los jóvenes cobran ese protagonismo que lleva a muchos adultos a vivirlos como un ideal a lograr. La idealización de la “eterna juventud” trae aparejadas consecuencias no del todo bondadosas para los adolescentes y los jóvenes, que se encuentran con mayores que más que comprenderlos y sostenerlos en sus fragilidades, compiten, intentando compartir en exceso sus gustos, costumbres, formas de comunicación, modas etc.

Los adolescentes actuales están inmersos en la revolución informática. No es menor el impacto en las maneras de vincularse con los congéneres, con los adultos, con el aprendizaje, con el saber, con las nuevas formas de comunicación, con el mundo... ese mundo que, como dice Serres (2013), “cambió tanto que los jóvenes deben reinventar todo: una manera de vivir juntos, instituciones, una manera de ser y de conocer...”.

Estos “nativos digitales” del siglo XXI, como los llama Prensky (2012), piensan y procesan la información de manera significativamente diferente a la de sus mayores, los “inmigrantes digitales”, padres, maestros, educadores que, al igual que cualquier inmigrante, han tenido que aprender todo —cada uno a su ritmo—, adaptarse al entorno teniendo como referente su pasado. Y no se trata sólo de diferencias que refieren a la estética, a la indumentaria, al estilo, que siempre fueron marcas de alteridad generacional. Más complejo y trascendental:

² La era de la modernidad sólida ha llegado a su fin. Los sólidos, a diferencia de los líquidos, conservan su forma y persisten en el tiempo: duran. Los líquidos se transforman constantemente: fluyen. El advenimiento de la modernidad líquida ha impuesto a la condición humana cambios radicales que exigen repensar los viejos conceptos que solían articularla, tanto en los vínculos individuales como en las acciones colectivas.

una discontinuidad que constituye una alteridad; motivada, sin duda, por la veloz e ininterumpida difusión de la tecnología digital, que aparece en las últimas décadas del Siglo XX.^{3,4}

Este desafío al que nos enfrentan obliga a los adultos a lidiar con la irreverencia, las transgresiones, los padeceres, pero también con esa vitalidad estimulante que transmiten. Acompañarlos es posibilitarles el despliegue de la creatividad y las inteligencias singulares y amortiguar, así, ciertos aspectos de la violencia propia del estallido juvenil, contribuyendo a que los procesos de aprendizaje introduzcan solidez en el desarrollo de la cultura.

En uno de los textos del libro *Adolescentes desamparados, adultos desorientados*, me extiende en estas cuestiones que obligan a reflexionar. Aceptar el protagonismo de los niños, adolescentes y jóvenes no quiere decir que dejemos de cuidarlos, porque la falta de cuidado es vivida por ellos como desamparo. Entiendo que muchas veces los excesos de transgresiones que pueden atentar contra la vida tienen que ver con llamados de atención ante el sentimiento de desamparo.

Puedo dar el ejemplo del amigo de P. que murió por un exceso de droga. Y P., su íntimo amigo, dijo que era un chico que vivía muy abandonado por ambos padres.

Como profesionales de la salud, es fundamental estar alertas a los riesgos que hacen de la adolescencia un tiempo vulnerable por esa mezcla de omnipotencia y desvalimiento, alertas para contenerlos y acompañarlos en el proceso de encontrar cada uno su camino. Lamentablemente, en estos tiempos pos pandemia, hay un incremento importante de suicidios en jóvenes.

Los humanos somos productos culturales. Y si bien lo biológico tiene su impronta, es un aspecto menor. Es más, cada vez se sabe más del impacto de los efectos culturales, de las situaciones afectivas, de la realidad actual y sus efectos para que se disparen ciertas cuestiones genéticas en un miembro de la familia y no en todos.

RECORDAR LAS SERIES COMPLEMENTARIAS Y EL RIESGO DE CAER EN SIMPLIFICACIONES BIOLOGISTAS, PSICOLOGISTAS O SOCIOLOGISTAS SI SE PRIVILEGIA UNA SOLA

Escuchamos hablar del estrés y sus efectos en el cuerpo. Tanto que a veces es una metililla, y, cuando no se encuentra una causa orgánica para dar cuenta de determinada patología, se acude al estrés.

Pensemos en importantes alteraciones que impactan en la identidad.

La problemática de la identidad y del narcisismo se evidenció en la clínica. Las organizaciones *límites*, que hay que distinguir de las situaciones límites —las que se dan en la vida como en el tratamiento de cualquier neurosis—, indican la heterogeneidad de toda organización psíquica. Los estados límites se diferencian de organizaciones psíquicas más estructuradas con manifestaciones sintomáticas que expresan el conflicto entre el yo y la realidad (psicosis, depresiones melancólicas) o los conflictos en el interior del yo (con síntomas más

³ La Internet comienza en 1991. La generación de nacidos entre mediados de los noventa y principios del año 2000 se están introduciendo en los medios (la cultura, el mundo, la subjetividad) a través del intermediario digital, y ya no a través del papel o de la imprenta. Investigaciones hechas en Argentina por R. Morduchowicz (2013) muestran que hay una diferencia notable entre los nacidos antes y después del 2006 a partir del aumento en el número de pantallas digitales en las familias. El celular, del 65% en el 2006 pasó al 100% en el 2011, el lector de DVD, del 40 al 70%, y la computadora, del 30% en el 2006 al 70% en el 2011. PRENSKY, Marc. From digital natives to digital wisdom: hopeful essays for 21st century learning. [S.l.]: Library of Congress, 2012.

⁴ De acuerdo con la encuesta nacional de Common Sense Media, el 72% de los niños de 0 a 8 años utilizaban un dispositivo móvil en 2013, frente al 38% en 2011. Aún más dramático fue el aumento en el uso en los niños <2 años de edad: 38% en 2013, frente al 10% en 2011.

neuróticos). Momentos de fragilidad del yo que apela a mecanismos más rudimentarios como son la denegación y la escisión. Pánico a vivir, a investir, a quedar fusionado con el otro. Angustia difusa. Rasgos de carácter con tendencia a la acción. Pensamiento fáctico, lineal y poco reflexivo. En los estados límites la diferenciación sujeto-objeto es precaria y amenaza con borrarse, lo cual pone en peligro la relación con el otro real y al mismo tiempo la consolidación del narcisismo que protege al yo.

Esa identidad tambalea cuando el yo muestra fracturas transitorias, lo que evidencia la búsqueda de ilusión de una unidad que insiste, ante el mínimo cuestionamiento, en “yo soy así...”, dando cuenta de un deseo de continuidad, de conocimiento de sí mismo por sí mismo y por los otros, aún cuando ese “yo soy así...” haga referencia a una forma de ser que implique sufrimiento o reconocimiento de aspectos no queribles por sí mismo y por los otros. Respuesta que escuchamos en todo paciente con lábiles fronteras.

Si nuestra meta es apuntar a la autonomía, con estos pacientes es imprescindible no acentuar la angustia que les produce la separación y la intrusión cuando se sienten dependientes del otro, porque el sostén de un sentimiento de identidad estable es para ellos cuestión de supervivencia psíquica. Nuestra tarea analítica (hoy más urgida por los estados límites que por el “buen y leal neurótico”) requiere estar prácticos en emergencias, aceptar la incomodidad de la discontinuidad y de la “locura” repentina que deviene a un período elaborativo que nos entusiasma; momentos en que la problemática edípica cede el lugar ante los avatares del narcisismo y de la identidad, para entender ese desfallecimiento de las barreras del yo y proteger al paciente del avasallamiento de la angustia que vive cuando se enfrenta con la no fusión con el otro. La “locura” es la amenaza de “desvalimiento”, de “agonía” (Winnicott, 1975) al quedar desdibujadas las investiduras narcisistas que sostienen “su identidad”.

Como juega en estas problemáticas y en este “desencuentro generacional”, la realidad virtual, la inteligencia artificial, el metaverso —como se dice ahora—, es un “ruido” autoorganizador que ha modificado y sustituido favorablemente ciertas prácticas de la ciencia y de la vida cotidiana, a la vez que dejó de lado algo tan fundamental como la complejidad a la que invita la conjunción de los órganos de los sentidos (hablar, ver, oír, gustar, tocar) para entender el mundo que organiza y reorganiza la subjetividad. Cuando te miro por la pantalla, no te siento, no te toco, no resuena tu voz a mi lado, no te veo en tu totalidad; anulo expresiones corporales que nos comunican afectos, promueven interacciones, invitan al dialogo, a la fantasía, a la imaginación, a la creación.

A través del cuerpo la realidad humana se aprehende como experiencia sensorial. Desde el comienzo de la vida el cuerpo es lugar de inscripción, de escritura, y mensajero para la psique de experiencias internas y externas que impresionan los sentidos. La cuarentena resultó un encierro que produjo, a nivel del cuerpo, de los vínculos, de los afectos, tantos trastornos, sufrimientos, afecciones, enfermedades y pérdidas que todavía hoy son imposibles de evaluar; produjo la pérdida del dialogo con la realidad sensible.

El mundo digital hizo que las personas se escuchen poco, se miren poco. Predomina la escritura. ¿Es lo mismo decirte “te quiero” o darte un abrazo que mandarte un corazón? Y esto atenta contra la imaginación. Vivir en las pantallas deshabela el tiempo humano. Hay un vértigo que no da tregua y exige cada vez más. Nos hemos ido entregando a él insensiblemente, como en un juego, mientras celebramos una comunicación sin fronteras que, en lugar de abrir, cierra.

Hace ya muchos años que los MAESTROS, con mayúsculas, sustituyeron la clásica clase-conferencia por la que se invita al dialogo, a la pregunta, a esa interacción que permite pensar e improvisar a la luz del estímulo de quienes lo escuchan.

Cuando hablo, doy clases, conferencias, necesito saber quiénes son mis interlocutores. Y el entorno. Sonidos, espacios, “ruidos”. Impactos de la “vida” que resuenan en cada

persona, en cada subjetividad, posibilitando, como en todo “sistema abierto”, extraer materia, energía, información que promueven reorganización (Morin, 1982).

La continuidad de la vida supone reencontrar nuevas metas y proyectos, sin renegar de la riqueza de lo que tenemos y recaudamos a lo largo de nuestras historias. Pero lo nuevo tiene sus límites. Lo nuevo, el metaverso, la inteligencia artificial, nos acompañará cada vez más. Bienvenidas las transformaciones culturales, que no necesariamente tienen que restringir esos otros lenguajes: la presencia, el encuentro.

La cultura actual ha perdido referentes que fueron modelos para transformar y consolidar la identidad —el MAESTRO, los EDUCADORES, los GOBERNANTES, la JUSTICIA—, que proponían valores como la solidaridad, el respeto por el otro, la confianza, la legalidad, contribuyendo a que el “deseo de ser grande” de los niños y adolescentes fuera un ideal a alcanzar. Esos valores han sido arrasados por una violencia social que aniquila proyectos e ideales.

Hoy vemos tanto en las propuestas de las empresas como en la vida de las personas un exceso de entusiasmo en el metaverso. Los avances en inteligencia artificial que trajo enormes progresos remite a lo que genios de la literatura nos propusieron hace no tanto y que tan solo lo leíamos como ciencia-ficción. Lo mismo cuando recordamos algunas series vistas en plataformas de internet, de muertes por pandemias que acababan con toda la población. En el libro de Saramago, *Ensayo sobre la ceguera*, desde la ficción de una pandemia mundial, la ceguera blanca es una alegoría a la deshumanización, a la pérdida de la moral de los protagonistas.

Estos metaversos son entornos virtuales donde las personas interactúan, comparten experiencias, se proponen con una identidad virtual en la que pueden interactuar, hacer negocios, ir al mercado, tener encuentros sociales o conocer el mundo. Todo en el ciberespacio y dentro de sus casas.

Una de las primeras aplicaciones que responden a esta manera de realidad virtual fue “Second Life”, un mundo paralelo, sin las limitaciones que el mundo real depara, y con identidad alternativa. Hoy, muchas de esas propuestas son realidad, no ficción, pero lo uno no debe anular lo otro.

Dije antes que aceptar la diferencia generacional ayuda al diálogo y a la confrontación productiva, propiciando la creatividad y las inteligencias singulares, contribuyendo a que los procesos de aprendizaje introduzcan solidez en el desarrollo de la cultura.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidad líquida*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica, 2003.
- MORDUCHOWICZ, Roxana. *Los adolescentes del siglo XXI*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.
- MORIN, Edgar. *Ciencia con conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1982.
- PRENSKY, Marc. *From digital natives to digital wisdom: hopeful essays for 21st century learning*. [S.l.]: Library of Congress, 2012.
- ROTHER HORNSTEIN, Maria Cristina. Adolescentes desamparados, adultos desorientados. In: ROTHER HORNSTEIN, Maria Cristina (org.). *Adolescencias contemporáneas*. Un desafío para el psicoanálisis. Buenos Aires: Psicolibro Ediciones, 2015. p. 151-175. ISBN 978-9871848416 .
- SARAMAGO, J. *Ensayo sobre la ceguera*. Tradução de Basilio Losada. Madrid: Alfaguara, 1996. ISBN 84-204-2865-5.
- SERRES, M. *Pulgarcita*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica, 2013.
- WINNICOTT, Donald Woods. La capacidad de estar solo. In: WINNICOTT, Donald Woods. *Psicología del niño y del adolescente*. [S.l.]: Editorial Amorrortu, 1975. p. 113-119.

DE MATCH EM MATCH, O AMOR CAI NAS REDES

MATCH BY MATCH, LOVE GOES VIRAL

DE MATCH EN MATCH, EL AMOR CAE EN LAS REDES

Joana Alvares¹

Ana Julia Dierings²

Emily Pinsetta Dalpian³

Laura Gabardo Baggio⁴

Resumo: Este ensaio teórico analisa as novas configurações do amor e dos relacionamentos na era digital sob a perspectiva psicanalítica. A virtualidade transforma as interações humanas, promovendo novas formas de vínculo, mas também acentuando dinâmicas de idealização e frustração. A partir da concepção freudiana do narcisismo e do conceito de amor líquido de Bauman, discute-se como os aplicativos de relacionamento e as redes sociais reforçam uma lógica de consumo das relações, na qual o sujeito se apresenta como mercadoria em busca de validação e reconhecimento. A análise enfatiza como o espaço virtual favorece a criação de um “eu ideal” que se distancia do self verdadeiro, intensificando a fragilidade dos laços afetivos. A busca incessante por conexões reflete o conflito entre Eros e Thanatos, com a promessa de satisfação imediata frequentemente resultando em vazio e angústia. Autores psicanalíticos contemporâneos contribuem para a compreensão da complexidade do amor, destacando suas idealizações, expectativas e os impactos das decepções. A psicanálise revela que, apesar das transformações tecnológicas, a busca pelo amor continua atravessada pela incompletude do sujeito e por sua necessidade de reconhecimento. O estudo conclui que a mediação digital dos relacionamentos amplia tanto as possibilidades quanto as dificuldades do vínculo amoroso, exigindo uma nova leitura das dinâmicas psíquicas que moldam os afetos e a subjetividade na contemporaneidade.

Palavras-chave: Amor virtual. Relacionamentos líquidos. Narcisismo. Psicanálise.

¹ Psicóloga, Psicoterapeuta de Orientação Psicanalítica — Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia (IEPP-RS), Doutora e Mestre em Psicologia Clínica pela UNISINOS-RS, Docente do curso de Psicologia da Faculdade da Serra Gaúcha (FSG) de Bento Gonçalves-RS e coordenadora e orientadora do Grupo de Estudos de Gênero — GREG e do Grupo de Emergências e Desastres (GED).

ORCID: 0000-0003-2073-9729. E-mail: joana.alvares@fsg.edu.br

² Psicóloga pela Faculdade da Serra Gaúcha (FSG) de Bento Gonçalves-RS. Membro do Grupo de Estudos sobre o Pensamento de Winnicott e do Grupo de Emergências e Desastres (GED).

ORCID: 0009-0000-2198-887X. E-mail: psianadierings@gmail.com

³ Psicóloga pela Faculdade da Serra Gaúcha (FSG) de Bento Gonçalves-RS. Membro do Grupo de Estudos sobre o Pensamento de Winnicott e do Grupo de Emergências e Desastres (GED).

ORCID: 0009-0007-4011-0502. E-mail: emilydalpian@gmail.com

⁴ Acadêmica do 8º semestre do curso de Psicologia da Universidade de Caxias do Sul (UCS-RS). Membro do Grupo de Estudos sobre o Pensamento de Winnicott e do Núcleo de Estudos em Psicologia Social.

ORCID: 0009-0007-7501-2806. E-mail: lauragabardobaggio@gmail.com

Abstract: This theoretical essay analyzes the new configurations of love and relationships in the digital age from a psychoanalytic perspective. Virtuality transforms human interactions, fostering new forms of bonding while also accentuating dynamics of idealization and frustration. Based on Freud's conception of narcissism and Bauman's concept of liquid love, this discussion explores how dating apps and social media reinforce a consumerist logic in relationships, where individuals present themselves as commodities in search of validation and recognition. The analysis emphasizes how virtual spaces facilitate the creation of an "ideal self" that distances itself from the true self, intensifying the fragility of affective bonds. The relentless search for connections reflects the conflict between Eros and Thanatos, with the promise of immediate satisfaction often resulting in emptiness and anguish. Contemporary psychoanalytic authors contribute to understanding the complexity of love, highlighting its idealizations, expectations, and the impact of disillusionment. Psychoanalysis reveals that, despite technological transformations, the search for love remains marked by the subject's incompleteness and need for recognition. The study concludes that the digital mediation of relationships expands both the possibilities and the challenges of emotional bonds, demanding a new interpretation of the psychic dynamics that shape affections and subjectivity in contemporary times.

Keywords: Virtual love. Liquid relationships. Narcissism. Psychoanalysis.

Resumen: Este ensayo teórico analiza las nuevas configuraciones del amor y las relaciones en la era digital desde una perspectiva psicoanalítica. La virtualidad transforma las interacciones humanas, fomentando nuevas formas de vínculo, pero también acentuando dinámicas de idealización y frustración. A partir de la concepción freudiana del narcisismo y del concepto de amor líquido de Bauman, se discute cómo las aplicaciones de citas y las redes sociales refuerzan una lógica de consumo en las relaciones, donde el sujeto se presenta como una mercancía en busca de validación y reconocimiento. El análisis enfatiza cómo el espacio virtual facilita la creación de un "yo ideal" que se aleja del self verdadero, intensificando la fragilidad de los lazos afectivos. La búsqueda incesante de conexiones refleja el conflicto entre Eros y Thanatos, con la promesa de satisfacción inmediata que a menudo resulta en vacío y angustia. Autores psicoanalíticos contemporáneos contribuyen a la comprensión de la complejidad del amor, destacando sus idealizaciones, expectativas y los impactos de las desilusiones. El psicoanálisis revela que, a pesar de las transformaciones tecnológicas, la búsqueda del amor sigue atravesada por la incompletud del sujeto y su necesidad de reconocimiento. El estudio concluye que la mediación digital de las relaciones amplía tanto las posibilidades como las dificultades del vínculo amoroso, exigiendo una nueva lectura de las dinámicas psíquicas que moldean los afectos y la subjetividad en la contemporaneidad.

Palabras clave: Amor virtual. Relaciones líquidas. Narcisismo. Psicoanálisis.

*"A modernidade é a era em que nossa existência social depende do olhar dos outros: somos quem conseguimos fazer que os outros acreditem que somos."
(Contardo Calligaris)*

Teria o amor e suas novas possibilidades caído nas redes?

Pretende-se, com esta escrita livre, discorrer sobre a maneira como o amor e os relacionamentos se manifestam e evoluem no contexto das redes sociais e da internet, por meio do olhar psicanalítico, de diversos autores e de elementos culturais que embasam o pensamento acerca da temática.

A virtualidade, ao proporcionar novas formas de interação e comunicação, modifica profundamente o psiquismo humano e a dinâmica dos relacionamentos (Batista; Kazahaya, 2022).

Paralelamente, a psicanálise, com seu foco nos processos inconscientes, oferece ferramentas relevantes para entender como esses laços virtuais influenciam a formação da identidade e da satisfação emocional dos sujeitos. Assim, partindo desses eixos, faz-se aqui a tentativa de elaborar e compreender a forma como a busca pelo amor se dá no campo virtual e como isso atravessa a constituição psíquica e as subjetividades dos sujeitos, especialmente daqueles que adentram os aplicativos de relacionamento. Entre redes, *likes*, *ghosting*, imaginário e real, estaria o amor a serviço do vazio em prol da satisfação imediata?

O amor sempre esteve atravessado pela psicanálise, a exemplo do que Lacan (1992, p. 202) dizia: “o amor é dar o que não se tem (a alguém que não o quer) [...] e não se faz outra coisa em análise, senão falar de amor”. O conceito de amor em psicanálise foi, dessa forma, apresentado ao psicológico, ao simbólico e ao imaginário, no sentido de ampliar as concepções e incidências inconscientes do ser de desejo e de falta. Contemporaneamente, Kuss (2014) corrobora isso ao afirmar que o amor e a psicanálise sempre andaram juntos, e que este esteve presente no surgimento desse campo através da história amorosa de Anna O. e Breuer. Essa relação é evidenciada quando a autora escreve sobre as primeiras aparições do amor na técnica psicanalítica, fazendo referência à confiança e à obediência que a técnica da hipnose exigia do par que dela participava, características que constata serem presentes nas relações amorosas. Ademais, sustenta que a psicanálise surgiu a partir de estudos de uma grande problemática do amor: “o sintoma histérico aparece no lugar de uma proibição amorosa, inscrevendo no corpo a marca de um desejo que fora abafado” (Kuss, 2014, p. 31).

Assim, a escolha da psicanálise como abordagem teórica para discorrer sobre o tema do amor nas redes se faz ainda mais compreensível e justificável. Ao longo do livro *A gente mira no amor e acerta na solidão*, Ana Suy (2022) escreve sobre o amor, sobre as expectativas, idealizações e fantasias que é possível criar a partir dessa palavra e sobre as várias formas e lugares em que o amor pode se encaixar e se mostrar. Ela trata o amor a partir de diversas perspectivas e traz alguns exemplos cotidianos para esboçar como a simplicidade pode ser utilizada para tentar explicá-lo. Isso mesmo, tentar. Ana Suy aborda a temática do amor com pluralidades; entretanto, não o define como sendo única e exclusivamente algo rígido e estático. Ela, em sua escrita, dá ao amor possibilidades.

Bell Hooks (2021), em seu livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, arrisca uma definição de amor que se baseia na somatória dos seguintes ingredientes: “carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta” (p. 34). Ainda nessa obra, a autora cita o que Diane Ackerman (1997) escreveu no livro *Uma história natural do amor*, definindo primeiramente o amor como “o grande intangível”, mas, logo depois, assegura: “todo mundo admite que o amor é maravilhoso e necessário, mas ninguém consegue concordar a respeito de sua definição” (p. 33). Essa afirmativa de Ackerman faz pensar sobre a complexidade de conceituar o termo “amor”, o qual pode atrair diferentes definições e significados.

Já Ana Suy (2022) traz o amor como algo bonito e leve, mas, ao mesmo tempo, como sofrido e que requer investimento. Compreende que o amor se manifesta de forma singular em cada sujeito e que suas expressões também dizem respeito à história de cada um. Hooks corrobora ao afirmar que “aprender definições falhas de amor quando somos bem jovens torna difícil sermos amorosos quando amadurecemos” (2022, p. 34). Suy também marca que o amor depende de faltas e de decepções. Assegura que o amor é interpretado pelos sujeitos a partir de uma ilusão de completude, como se, ao amar e/ou ser amado, todas as faltas fossem tamponadas, preenchidas. Cria-se, assim, a ilusão de que eu sou tudo o que o outro precisa e vice-versa.

Quando essa ilusão começa a se desfazer, as diferenças do outro passam a chamar atenção. E, na medida em que essas diferenças constitucionais se tornam conhecidas, são interpretadas como um ataque a quem ama e ao amor, como uma rejeição (Suy, 2022). Sem

esse ideal de completude, ou sem o objeto de desejo, é como se o sujeito deixasse de existir. As canções de amor descrevem esse sentimento, e o verso a seguir de Claudinho e Buchecha é um exemplo disso: “Eu não existo longe de você / E a solidão é o meu pior castigo”.

Nas redes, isso também acontece dessa forma, talvez com maior rapidez, com uma busca mais rápida e superficial pela satisfação que o amor, ou a ideia de amor e paixão, proporciona. É através da relação com o outro que a imagem pessoal do indivíduo, a sua autopercepção, é construída; ou seja, a ilusão de completude que se cria a partir do amor diz respeito também à busca de uma satisfação pessoal, narcísica. Afinal, imagina-se ser tudo o que o outro precisa (Suy, 2022).

No Renascentismo, Camões (1997) escreve um dos seus versos mais famosos, “amor é fogo que arde sem se ver”, tendo como pano de fundo uma realidade em que o flerte acontecia por meio de olhares, cartas, serenatas na janela e poemas. No contexto das redes sociais, esse verso ganha novas camadas de significado. O encantamento inicia com um *match* e se alimenta de recortes do outro que podem ser controlados e editáveis. O encontro físico se torna dispensável, e a idealização se intensifica, dando literalidade à ideia de um amor que “arde sem se ver” (Saraiva, 2023).

Bauman (2001), em sua obra *Modernidade líquida*, provoca, elegantemente, o leitor a refletir sobre a fragilidade das relações humanas, utilizando-se da metáfora da liquidez para definir as inconstâncias do mundo contemporâneo. O autor propõe que “os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade: [...] eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’ [...]” (p. 7).

Segundo o autor, a sociedade sofreu diversas transformações ao longo do século XX, e as estruturas sociais conhecidas foram dissolvidas e rapidamente alteradas, modificando, por consequência, a forma como o tempo e o espaço são vivenciados pelos indivíduos. Foi necessário, portanto, que o sujeito moderno fosse criado para ser adaptável, flexível, de modo a acompanhar a velocidade com que as evoluções acontecem, não sucumbindo a elas. Em vista disso, a preocupação com a própria individualidade também foi socialmente estimulada a se tornar prioridade na vida do ser humano, com o objetivo de atingir as métricas produtivas que lhe são esperadas. A consequência natural seria que o ser humano passa, então, a viver suas relações como sendo frágeis, voláteis e facilmente substituíveis, tal como um produto de uma prateleira de supermercado, pois ele mesmo encontra-se em um mundo frágil, volátil e instável.

O sociólogo, através do livro *Amor líquido* (2004), aprofunda esse entendimento e, a partir dele, designa os relacionamentos amorosos como semelhantes às práticas do mercantilismo; ou seja, o indivíduo passa agora a ser visto enquanto mercadoria, com prazo de validade e com garantia de troca caso apresente defeito. Dessa forma, pode-se pensar que a modernidade dispõe de uma singularidade em suas relações, a qual certamente combina com esse cenário líquido. Nele, a interatividade humana sofre um esvaziamento, pois a conexão com o outro passa a estar em prol do desejo do próprio sujeito e, quando isso é minimamente atingido, ofertado ou não mais possível, a relação não tem mais utilidade e pode ser descartada, trocada por outra. Afinal, o desejo em si é volátil, e a busca pela satisfação não deixa de ser uma mola propulsora que mantém o indivíduo vivo. De acordo com Bauman: “a tentação de apaixonar-se é grande e poderosa, mas também o é a atração de escapar. E o fascínio da procura de uma rosa sem espinhos nunca está muito longe, e é sempre difícil de resistir” (2004, p. 19).

Ainda nessa lógica, o amor líquido pode ser especialmente visualizado no campo virtual, considerando que as redes sociais alimentam a busca por validação através da exposição do indivíduo, que fica, muitas vezes, preso aos *likes* e visualizações que recebe em suas publicações, às notificações percebidas ao longo do dia ou ao número de conversas respondidas. Dentro de uma realidade virtual, é possível mostrar o que se deseja, o que

é considerado belo, no instante em que se achar pertinente, no ângulo que pareça mais atraente. Essa dinâmica favorece a idealização, a qual rapidamente deságua em frustração; afinal, a realidade concreta apresenta falhas, quebras de expectativas, e é impossível escapar dos ângulos odiáveis. Vale lembrar que o amor só sobrevive se a etapa da idealização/desidealização for ultrapassada. Contudo, de acordo com Petry (2020), apesar de não existir como realidade material, o campo virtual produz impactos concretos nos indivíduos que o vivenciam — e essa relação pode ser pensada também a partir do conceito de amor líquido, explorado até aqui.

O mundo virtual, com sua capacidade de criar um ambiente onde desejos e fantasias podem ser projetados e experimentados de maneira imediata e muitas vezes anônima, torna-se um palco fértil para a expressão do inconsciente. A busca por conexão nas redes sociais e nos aplicativos pode ser vista como uma tentativa de preencher lacunas emocionais e de encontrar reconhecimento e validação, muitas vezes ausentes na realidade concreta. O anseio por cada vez maiores quantidades de curtidas e comentários em fotos é um exemplo disso, uma vez que, sem engajamento nas publicações ou sem *matches* em aplicativos de namoro, o narcisismo se esvazia. Nesse cenário, os aplicativos de relacionamento desempenham um papel central na maneira como os indivíduos buscam conexão, amor e aprovação. A troca de mensagens instantâneas cria uma ilusão de presença contínua, potencializando uma relação de dependência do contato com o outro. Desse modo, o afastamento ou a demora no tempo de resposta é, com recorrência, fonte de angústia (Heinisch et al., 2022).

Esses aplicativos oferecem ao sujeito um espaço onde ele pode explorar diferentes aspectos de sua identidade, muitas vezes de forma idealizada. As escolhas de fotos, descrições e perfis são cuidadosamente curadas para atrair o outro, mas também para refletir uma imagem idealizada de si mesmo, semelhante ao “eu ideal” descrito por Freud. Nesse aspecto, vale comentar como as redes reforçam o falso self, conceituado por Winnicott (1983). Em seu texto “Distorções do ego em termos de verdadeiro e falso self”, o autor (1983) postula que o self verdadeiro vem do gesto espontâneo, da autenticidade, da criatividade e da ideia pessoal, estando intimamente ligado ao nosso processo primário. Já o falso self se constitui a partir das falhas ambientais, enquanto defesa deste verdadeiro. Partindo da ideia de que o mundo virtual também pode ser um ambiente hostil, no qual é preciso sobreviver, a necessidade de proteger o verdadeiro self pode levar o sujeito a fortalecer um falso self como estratégia. Nesse cenário, Cordeiro et al. (2022) falam sobre a “estilização do self”, um processo em que se busca proteger a própria autenticidade em prol da validação e do reconhecimento, onde cada *match* ou *like* é uma confirmação de que o sujeito é desejado e aceito, ainda que essa aceitação seja superficial e fugaz.

Então, pode-se pensar os aplicativos de relacionamento como espaços onde o narcisismo é exacerbado. Aprofundando mais as concepções psicanalíticas, cabe aqui explorar essa temática a partir da concepção de narcisismo para Freud. Em sua obra *Introdução ao narcisismo* (1996d), este pode ser entendido como a libido voltada para o próprio eu, sendo uma fase necessária do desenvolvimento psíquico, mas que também pode se transformar em uma estrutura patológica quando o sujeito permanece fixado nesse estágio. Na era digital, o narcisismo é acentuado pelas redes sociais, onde o sujeito tem o poder de manipular sua própria imagem, construindo um “eu ideal” que é exibido para os outros. Esse “eu ideal” é, na verdade, uma projeção dos desejos e fantasias do sujeito, uma tentativa de preencher as lacunas e deficiências percebidas no self.

A criação de um perfil atraente é, em essência, uma forma de autoexibição narcísica, na qual o sujeito busca a admiração dos outros e, assim, é investido. Ao mesmo tempo, a rejeição ou a ausência de curtidas e ligações com o outro pode provocar uma ferida no narcisismo, reativando sentimentos de inadequação, rejeição e insegurança que o sujeito pode tentar suprimir ou evitar.

Nesse ambiente, o inconsciente encontra novas formas de se expressar. A facilidade de criar e descartar conexões nos aplicativos pode ser vista como uma manifestação do princípio do prazer, em que o sujeito busca gratificação imediata, evitando o desprazer e a frustração (Heinisch et al., 2022). No entanto, essa busca incessante por novas conexões pode, paradoxalmente, aumentar a sensação de vazio, descontentamento e futilidade, uma vez que o contato profundo e significativo é frequentemente substituído por interações superficiais, efêmeras e líquidas. Winnicott (1983) ressalta que somente um self verdadeiro é capaz de se sentir real e criativo.

Entre sociologia e psicanálise, pode-se considerar que esses aplicativos promovem uma forma de consumo das relações humanas, retomando a questão de que o sujeito se torna uma mera mercadoria na conexão com o outro. Esse processo de objetificação pode ser visto como manifestação da pulsão de morte, onde a capacidade de se vincular genuinamente é comprometida pela busca incessante por novidade e excitação.

No entanto, essa busca, marcada por idealizações e projeções, corre o risco de perpetuar o ciclo de insatisfação e frustração, na medida em que a realidade do outro não corresponde à fantasia idealizada. A tendência é idealizar o outro para além daquilo que ele é, ignorando suas faltas e menosprezando suas falhas. “As lentes da paixão beiram o delírio e nos permitem olhar para o outro com uma gentileza que quase rompe com a realidade” (Suy, 2022, p. 76). Dessa forma, o mundo virtual, ao mesmo tempo em que oferece novas possibilidades de expressão e conexão, também revela as limitações e armadilhas do desejo humano, tal como concebido por Freud (1996b) em *O mal-estar na civilização*.

Agregando isso ao campo atual, Bauman, em um de seus diversos trabalhos, nos alerta que as capacidades da internet e das relações virtuais são feitas sob medida para as necessidades dos sujeitos. Nas versões eletrônicas, é a quantidade de conexões que faz toda a diferença, e não mais a sua qualidade (Bauman, 2011; Heinisch et al., 2022; Saraiva, 2023). A partir dessa premissa, pode-se refletir sobre a utilização desses aplicativos de relacionamento, no sentido de que o que importa atualmente é ser visto, ser enxergado e receber aprovação pelo que momentaneamente se apresenta nessas redes. Ainda segundo o sociólogo polonês, nas relações atuais não há mais necessidade de flertar ou cortejar o outro, como Camões escreveu em seus sonetos; hoje, através de poucos cliques, obtém-se aceitação e satisfação imediata.

Assim, os sites ou aplicativos de relacionamento tendem a apresentar parceiros para breves e vagas relações, às vezes de uma só noite, como em catálogos nos quais os “produtos disponíveis” são classificados de acordo com marcadores selecionados, como por altura, tipo de corpo, origem cultural e étnica, ou seja, com o que se considera relevante e adequado ao momento. Dessa forma, os usuários podem ajustar o parceiro escolhido a partir das partes que parecem determinar a qualidade do “conjunto” ou do prazer a ser alcançado naquela relação (Bauman, 2011, p. 34).

Pode-se associar então, diante dessa lógica de catálogo, ao que Zanello (2022) chama de “Prateleira do Amor”, metáfora criada pela autora para explicar a dinâmica, os valores e os costumes que determinam a forma como homens e mulheres se relacionam com o escolhido e com o ser escolhido. Na percepção da autora, especialmente quando se refere às mulheres, é como na prateleira de um supermercado: o bom lugar é aquele que está mais à frente, e tende a ser ocupado pelos objetos de amor escolhidos primeiro.

Em consonância com Zanello (2022), Freud (1920) descreveu o amor como um campo de forças onde pulsões de vida (Eros) e de morte (Thanatos) se entrelaçam. No contexto virtual, essas pulsões se manifestam de maneiras singulares, com a idealização do outro facilitada pela tela e pela possibilidade de controlar a própria imagem e narrativa, ilusoriamente longe das repressões. No entanto, essa idealização pode levar a desilusões e frustrações à medida que a realidade e a virtualidade colidem. Ademais, os mecanismos de defesa, como a repressão, a projeção e a sublimação, encontram novas formas de expressão no ambiente

digital. As redes oferecem um espaço que permite ao indivíduo livrar-se das repressões, tal como Freud descreveu em *Psicologia das massas e análise do ego* (1996c). Nesse sentido, os impulsos instintivos inconscientes dos sujeitos podem ser externalizados através de interações aparentemente superficiais.

Em *Além do princípio do prazer* (1996a), Freud discute amplamente a dinâmica pulsional e o investimento do sujeito na realidade a fim de satisfazê-las. Então, no espaço virtual, essas pulsões poderiam estar encontrando novos meios de expressão. O Eros, representado pela busca por conexão, vinculação e união, pode ser observado nas interações on-line, onde os sujeitos buscam amor, reconhecimento e aceitação. Por outro lado, Thanatos, a pulsão de morte, manifesta-se nas dinâmicas destrutivas que também caracterizam o ambiente digital, como o *ciberbullying*, o *ghosting*, o *love bombing*, o discurso de ódio e as tendências auto-destrutivas que emergem dessa cultura.

No espaço virtual, o amor é mediado por construções narcísicas. A tela oferece um espelho no qual o sujeito pode não apenas ver a si mesmo, mas também ser visto de forma idealizada pelos outros. Essa idealização do outro, facilitada pela ausência de contato físico e pelas possibilidades infinitas de curadoria da própria imagem, cria um ambiente onde as pulsões podem ser expressas de maneiras que seriam reprimidas na vida cotidiana. Contudo, essa idealização também carrega o risco da desilusão, pois a realidade muitas vezes não corresponde à imagem projetada no espaço digital. Quando a fantasia se choca com a realidade, o sujeito pode experimentar frustração e angústia, reativando conflitos internos.

Aquele que é amado geralmente possui as qualidades que faltam ao eu para alcançar o ideal desejado. Durante o programa *Café Filosófico* do CPFL, na série intitulada “O amor é uma coisa que se aprende”, o psicanalista Contardo Calligaris (2005) afirma: “Amar é idealizar o outro, transformá-lo em nosso ideal, de modo que, ao sermos amados por esse ideal, experimentamos um prazer profundo”. Novamente repetindo, o amor, por natureza, é fundamentalmente narcísico. Embora o objeto de amor seja outro, o propósito do amor é sempre a realização dos próprios desejos do amante. O indivíduo ama aquilo que foi no passado e não é mais, ou aquilo que possui as qualidades que ele nunca teve. Espera-se que o outro desempenhe o papel de preencher completamente as lacunas e furos do sujeito. Além disso, o amante deseja que o outro também tenha falhas que ele possa compensar. Isso configura um tipo de pacto, em que “só se pode admitir a própria insuficiência e conceder ao outro a possibilidade de completá-lo, se ele também confessar sua própria insuficiência e lhe conceder a mesma oportunidade” (Borges, 2002, p. 38).

Em *O mal-estar na civilização* (1996b), Freud discute como a sociedade impõe restrições às pulsões individuais, resultando em tensões internas que podem se manifestar como mal-estar. No espaço virtual, no entanto, essas restrições parecem mais flexíveis, permitindo ao sujeito uma liberdade aparente para expressar seu “eu ideal”, mesmo que essa liberdade seja ilusória. Assim, o amor no espaço virtual não é apenas um reflexo das dinâmicas psíquicas descritas por Freud, mas também um novo campo onde essas dinâmicas se expressam e se transformam. A busca pelo amor, mediada pela virtualidade, é marcada por uma tensão constante entre a idealização e a realidade, entre o narcisismo e o desejo de conexão genuína. O sujeito, ao navegar por esse campo de forças, se depara com os desafios de conciliar seu “eu ideal” com a realidade do outro, em um processo que, como em todas as dinâmicas psíquicas, é simultaneamente criador e destruidor.

Neste trabalho, compreendeu-se que a psicanálise, ao investigar esses processos, revela tanto potencialidades quanto desafios na era digital. A virtualidade pode, por um lado, proporcionar novas possibilidades de autoconhecimento e desenvolvimento emocional, ao mesmo tempo que expõe vulnerabilidades e amplia as complexidades dos relacionamentos amorosos. Freud (1996b) também discorre sobre o sofrimento humano oriundo de três fontes: da natureza, do desenvolvimento e do corpo, e dos relacionamentos, sendo esta última a

única que seria possível evitar. Contudo, ao mesmo tempo em que os relacionamentos dão luz aos furos narcísicos dos sujeitos, das três fontes conceituadas por Freud, é justamente esta a principal a agregar sentido à nossa existência. Aliás, McCandless, aventureiro que decidiu realizar um mochilão dos Estados Unidos ao Alasca, nos aproxima dessa compreensão ao escrever: “a felicidade só é real quando compartilhada”, logo antes de desfalecer sozinho, em uma consequência trágica resultante das intempéries da natureza (Krakauer, 1998). Mas essa temática já é assunto para outra escrita.

Assim, ao longo desta breve análise, buscou-se ampliar a discussão sobre a busca pelo amor e pela conexão humana. A psicanálise nos permite compreender que, embora as plataformas digitais ofereçam novas formas de interação e expressão, elas também intensificam as contradições e tensões inerentes às relações amorosas. As dinâmicas psíquicas, como o narcisismo e a idealização, encontram no mundo digital um terreno potencial, mas também revelam os limites e as fragilidades das conexões formadas nesse espaço. O amor, mediado pela virtualidade, continua sendo um reflexo das complexidades humanas, marcado por uma busca incessante por completude que, muitas vezes, esbarra na dura realidade da imperfeição e da incompletude. Ao final, o que se vislumbra é uma paisagem emocional na qual a tensão entre o desejo de ser visto e amado e o medo da rejeição permanece central, desafiando-nos a repensar o que significa amar e ser amado na era digital.

Dessa forma, a psicanálise, ao explorar essas novas formas de relacionamento, oferece uma lente crítica para observar como a busca por conexão e amor se desenrola na era digital. Ao mesmo tempo, essa reflexão também abre portas para novas perguntas sobre o futuro das relações humanas em um mundo cada vez mais virtualizado, sugerindo que o caminho para entender o amor em nossos tempos é um processo contínuo e em constante evolução.

REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, Diane. *Uma história natural do amor*. Tradução de Cristina Yamagami. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BATISTA, Vinícius de Melo; KAZAHAYA, Daniel. Desdobramentos da virtualidade no psiquismo: uma leitura psicanalítica. *Revista de Psicologia da Unesp*, v. 21, n. 1, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1984-9044.20220001>. Acesso em: 19 de junho de 2025.
- BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BORGES, Adriana Chaves. *Sobre o narcisismo: um estudo teórico-clínico numa perspectiva psicanalítica*. 2002. Dissertação [Mestrado em Psicologia] — Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-05122022-163602/publico/borges_me_2002.pdf. Acesso em: 1 jun. 2024.
- CALLIGARIS, Contardo. O direito à tristeza. In: *Fronteiras do Pensamento*, Seção Filosofia: Psicologia e Saúde Mental, jun. 2016. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/contardo-calligaris-pelo-direito-a-tristeza-1425328703>. Acesso em: 11 fev. 2025.
- CAMÕES, Luiz Vaz de. *Amor é fogo que arde sem se ver*. São Paulo: Ediouro, 1997. Originalmente publicado em 1598.
- CORDEIRO, Leonardo Húngaro et al. Um olhar psicanalítico sobre a influência das redes sociais na constituição da autoimagem do adolescente. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 8, n. 11, p. 1368-1381, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v8i11.7729>.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII). Originalmente publicado em 1920.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXI). Originalmente publicado em 1930.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII). Originalmente publicado em 1921.

FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV). Originalmente publicado em 1914.

HEINISCH, Judith S. et al. Investigating the effects of mood & usage behaviour on notification response time. *arXiv*, 7 jul. 2022. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2207.03405>. Acesso em: 19 jun. 2025.

HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021. Originalmente publicado em 2000.

KRAKAUER, Jon. *Na natureza selvagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KUSS, Ana Suy Sesarino. *Amor e desejo: um estudo psicanalítico*. 2014. Dissertação [Mestrado em Psicologia] – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/37140>. Acesso em: 10 jun. 2024.

LACAN, Jacques. *O seminário (livro 8): a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

O AMOR É UMA COISA QUE SE APRENDE. Curadoria de Contardo Calligaris. CPFL — Programa Café Filosófico. São Paulo, 2005. Programa de TV, 45:39m.

PETRY, Níkolos Ruschel. Sobre o papel da virtualidade na captura pulsional e suas consequências. *Psicanálise — Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, v. 22, n. 2, p. 229-242, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.60106/rsbpa.v22i2.766>.

SARAIVA, Luiz Alex Silva. Dinâmicas da vida social organizada de homens gays em aplicativos de relacionamento. *Organizações & Sociedade*, v. 30, n. 105, p. 241-263, abr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-92302023v30n0008PT>.

SUY, Ana. *A gente mira no amor e acerta na solidão*. 13. ed. São Paulo: Paidós, 2022.

WINNICOTT, Donald Woods. Distorções do ego em termos de verdadeiro e falso self. In: WINNICOTT, Donald Woods. *O ambiente e os processos de maturação*. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. cap. 12, p. 128-140. Originalmente publicado em 1960.

ZANELLO, Valeska. *A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações*. Curitiba: Appris, 2022.

Artigo enviado: 11 de fevereiro de 2025

Artigo aceito: 1 de setembro de 2025

MARCAS DO MASOQUISMO ORIGINÁRIO E DA PASSIVIDADE À LUZ DA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA DE LAPLANCHE

MARKS OF ORIGINAL MASOCHISM AND PASSIVITY CONSIDERING
LAPLANCHE'S THEORY OF GENERALIZED SEDUCTION

MARCAS DEL MASOQUISMO ORIGINARIO Y DE LA PASIVIDAD A LA LUZ
DE LA TEORÍA DE LA SEDUCCIÓN GENERALIZADA DE LAPLANCHE

Carla Heloisa Schwarzer¹

Resumo: A teoria da sedução generalizada, proposta por Laplanche, aborda a constituição do psiquismo, tendo como ponto de partida a prioridade do outro adulto que, no manejo do autoconservativo, nas trocas de fralda, no banho, ao fazer dormir e ao dar o leite, encharca a cria humana com sua sexualidade inconsciente por meio de mensagens enigmáticas, verbais ou não verbais. As mensagens enigmáticas podem ter uma qualidade de implantação, que viabiliza o processo de tradução, simbolização e construção de sentido no psiquismo do bebê, e/ou de intromissão, cuja característica é a violência, a rigidez, a imposição e o submetimento. A incipiência do psiquismo do bebê ao receber a sexualidade do outro adulto coloca a cria humana em uma posição de passividade e masoquismo originário, universal a todos e constitutiva. O objetivo deste trabalho é interligar e desenvolver os conceitos teóricos para promover o debate e o exercício teórico. Além disso, esta escrita tem a finalidade de pensar teoricamente como pode ocorrer a constituição psíquica em casos de fronteira com correntes masoquistas, de que forma as mensagens não traduzidas circulam dentro do psiquismo e, por fim, como podem se apresentar na atualidade da vida adulta. Compreende-se que um psiquismo invadido por mensagens sexuais enigmáticas, encharcadas de violência, agressividade e traumatismos, terá obstáculos para traduzir essas mensagens e simbolizá-las, promovendo o empobrecimento do Eu e um aparelho psíquico contaminado pelo intraduzível e pelo desligado, com maior possibilidade de repetição do que de criação.

Palavras-chave: Masoquismo primário. Passividade. Teoria da sedução generalizada. Sexualidade. Laplanche.

Abstract: The theory of generalized seduction, proposed by Laplanche, addresses the constitution of the psyche, taking as its starting point the priority of the adult other who, in the management of self-preservation, changing diapers, bathing, putting the baby to sleep, and feeding, immerses the human child in his or her unconscious sexuality through enigmatic verbal or non-verbal messages. The enigmatic messages may have an implantative quality that enables the process of translation, symbolization, and construction of meaning in the baby's psyche and/or an intrusive quality, characterized by violence, rigidity, imposition, and submission. The incipience of the baby's psyche when receiving the sexuality of the adult other places the human child in a position of passivity and original masochism, universal and constitutive. The objective of this work is to interconnect and develop theoretical concepts to promote debate and theoretical exercise. Furthermore, it aims to reflect theoretically on how

¹ Psicóloga (CRP 07/34011) graduada pela Universidade do Vale do Taquari — Univates (Lajeado/RS), Psicanalista em formação pela Constructo Instituição Psicanalítica (Porto Alegre/RS).
ORCID: 0000-0001-9647-6078. E-mail: Schwarzer.carla@gmail.com

psychic constitution can occur in cases bordering on masochistic currents, how untranslated messages circulate within the psyche, and, finally, how they can present themselves in the present life of adults. It is understood that a psyche invaded by enigmatic sexual messages soaked in violence, aggression, and trauma will encounter obstacles in translating and symbolizing these messages, leading to an impoverishment of the self and a psychic apparatus contaminated by the untranslatable and the disconnected, with a greater likelihood of repetition than of creation.

Keywords: Primary masochism. Passivity. Theory of generalized seduction. Sexuality. Laplanche.

Resumen: La teoría de la seducción generalizada, propuesta por Laplanche, aborda la constitución del psiquismo, tomando como punto de partida la prioridad del otro adulto que, en la gestión de la autoconservación, en el cambio de pañales, en el baño, en el sueño del niño y en la acción de darle la leche, sumerge al niño humano en su sexualidad inconsciente a través de mensajes enigmáticos, verbales o no verbales. Los mensajes enigmáticos pueden tener una cualidad de implantación que posibilita el proceso de traducción, simbolización y construcción de significado en la psique del bebé y/o una intrusión cuya característica es la violencia, la rigidez, la imposición y la sumisión. La incipiente psique del bebé al recibir la sexualidad del otro adulto coloca al niño humano en una posición de pasividad y masoquismo originario, universal a todos y constitutivo. El objetivo de este trabajo es interconectar y desarrollar conceptos teóricos para promover el debate y el ejercicio teórico. Además, pretende pensar teóricamente cómo puede darse la constitución psíquica en casos que bordean las corrientes masoquistas, cómo circulan dentro de la psique los mensajes no traducidos y, finalmente, cómo pueden presentarse en la vida adulta actual. Se entiende que una psique invadida por mensajes sexuales enigmáticos empapados de violencia, agresión y trauma tendrá obstáculos para traducir estos mensajes y simbolizarlos, promoviendo el empobrecimiento del ser y un aparato psíquico contaminado por lo intraducible y lo desconectado, con mayor posibilidad de repetición que de creación.

Palabras clave: Masoquismo originario. Pasividad. Teoría de la seducción generalizada. Sexualidad. Laplanche.

INTRODUÇÃO

Laplanche, ao fazer trabalhar os textos freudianos, reexamina a teoria da sedução freudiana de 1897, chamando-a de restrita, uma vez que, para Laplanche (1992), Freud localiza no campo factual a sedução perversa de abuso sexual perpetuado pelo pai para com sua filha. O psicanalista francês produziu críticas, abrindo novos espaços teóricos e retomando caminhos abandonados ou deixados em aberto pelo criador da psicanálise, mas principalmente recolocando na centralidade da constituição psíquica o sexual inconsciente transmitido na relação intersubjetiva entre adulto cuidador e *infans*. A introdução do conceito da situação antropológica fundamental, base da teoria da sedução originária, determina a relação assimétrica entre adulto e cria humana, em que este adulto, responsável pelos cuidados autoconservativos, também emite, sem conhecimento próprio, mensagens enigmáticas cujo conteúdo sexual do seu inconsciente recalcado contamina e traumatiza o bebê. O *infans* está em um lugar de *Hilflosigkeit*, assimétrico, de passividade e masoquismo originário, e sua defasagem psíquica o torna incapaz de compreender e traduzir o sexual. Através da ajuda do adulto, da dupla tradutivo-recalcante e do processo de metábole, há possibilidade de o bebê apropriar-se do sexual, integrando-o ao seu eu e construindo seu próprio sentido.

A desafiadora proposta deste trabalho é formular questionamentos, hipotetizar e trazer contribuições para a psicanálise por meio da discussão de percursos teóricos laplancheanos. Pretende-se, através desta escrita, conectar a teoria da sedução generalizada (TSG), os conceitos de intromissão e implantação, em que Laplanche faz uma abertura para as patologias não neuróticas, e entrelaçar a prioridade do outro na constituição psíquica do sujeito, a passividade originária e o masoquismo. Estar diante de casos de fronteira ou com correntes de um masoquismo originário aprisionante faz o analista interrogar-se sobre a constituição psíquica destes sujeitos, que viveram episódios de racismo privados de um olhar ético e de proteção, com marcas de mensagens intrometidas e de desamparo, de uma exposição à brutalidade da violência assistida ou “tatuada” na carne e recontada em cena analítica. Questiona-se: Como um psiquismo constitui-se diante de excessos, desamparos e desajudas? Qual o estatuto, dentro do psiquismo, daquilo que não é possível de tradução? Como é possível a simbolização e tradução em uma estrutura psíquica marcada por correntes de um masoquismo originário? De que forma se apresenta o desligado na vida adulta? Encadear os conceitos teóricos citados acima e fazê-los trabalhar com os questionamentos propostos a partir da teoria laplancheana é um dos intuitos desta escrita.

A TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA E AS MENSAGENS ENIGMÁTICAS: IMPLANTAÇÃO E INTROMISSÃO

Em *Novos fundamentos para a psicanálise*, Laplanche (1992) inaugura a teoria da sedução generalizada, referindo que todos os seres humanos vivenciam a relação originária e assimétrica entre bebê e adulto cuidador. A sedução é a junção da factualidade e da teorização, isto é, algo aconteceu na vida desse bebê, houve experiências traumáticas e cenas de sedução. O psicanalista coloca na equação o lado da criança: O que disto que aconteceu foi possível de dar sentido? Qual a construção internalizada pelo sujeito a partir do vivido? Foi possível de tradução? Ainda, quem é esse bebê e quem é esse adulto da situação originária? Como é estabelecida esta relação e de qual direção parte a comunicação? Questionamentos que instigam Laplanche a dar outros sentidos ao texto freudiano, ampliando e revendo o modelo de constituição psíquica do sujeito a partir da prioridade do outro e da importância da ajuda do adulto para o fechamento do psiquismo da criança humana.

A teoria da sedução é abandonada por Freud ao localizá-la no campo do factual com a famosa frase “não acredito mais em minha neurótica” (Freud, 1996, p. 315). Freud compreende que, em toda história de romance familiar, haveria um pai sedutor e perverso que abusa sexualmente de sua filha, e a produção de fantasias sexuais teria necessariamente sua origem no real traumático, como vivência da cena sexual quando criança. Laplanche (1992) retoma esses escritos freudianos e os faz trabalhar, como costumava dizer, abrindo novos paradigmas a respeito da relação entre o adulto cuidador (ampliando para não apenas a relação mãe-bebê) e o que é transmitido ao bebê desde os inícios da vida. Em uma crítica do psicanalista francês à teoria freudiana, para ele trata-se de um recalco de Freud ao localizar na história da espécie a tensão entre a cena mais antiga e um episódio recente da vida do sujeito. Além disso, Freud deixa de lado a concepção de realidade psíquica e realismo do inconsciente, da fundamental importância do lugar do outro adulto cuidador nos manejos iniciais com o bebê e do plus sexual transmitido nesses cuidados. A situação antropológica fundamental, base laplancheana para compreender a teoria da sedução generalizada, destaca a relação assimétrica da dupla adulto e criança. De um lado, o adulto, com aparelho psíquico clivado e com recalco operando; de outro, um bebê desprovido de inconsciente e sem recursos simbólicos para receber esse plus do sexual. A sedução originária introduz a sexualidade e o binômio atividade-passividade, separa o inconsciente da fantasia produzida endogenamente, nos genes humanos, como teorizou Freud, e propõe o realismo do inconsciente: a realidade psíquica é constituída através da relação com o outro que emite mensagens enigmáticas, verbais e não verbais, contaminadas com seu inconsciente sexual recalco, pois a linguagem do adulto veicula um sentido ignorado por ele mesmo e, por consequência, traumatizante na criança, que apenas recebe e guarda dentro de si como estrangeiro, inassimilável.

A incipiência e a passividade do bebê são alguns dos pontos nodais para a teorização laplancheana da sedução generalizada. Ou seja, o bebê nasce equipado com montagens adaptativas e reguladoras do corpo biológico: respirar, comer, digerir e chorar — valores vitais relacionados à autoconservação e à psicofisiologia. Inicialmente aberto ao mundo em estado de *Hilflosigkeit*, de desajuda, despreparo e desamparo, originário e universal, o bebê está entregue a si mesmo, não tem condições internas e externas para viver e se alimentar sozinho, necessita do adulto para sobreviver e para integrar do lado de dentro o que recebe nesta interação. Para o autor (1992), o adulto encharca com a sua sexualidade inconsciente recalcada, junto com o leite e o cuidado, que faz barulho, excita o bebê, pois “a defasagem é terreno do trauma, o sujeito não está preparado para aquilo” (1992, p. 114). O bebê está desprotegido para receber a sexualidade inconsciente do adulto em seu corpo. O que faz, então, o bebê com este sexual que ingressa? O que o chamado do bebê convoca na sexualidade deste adulto?

Nos inícios, não há um eu-instância que faça diferenciação entre dentro e fora. Na verdade, é o tempo do eu-corpo, vivido como o próprio eu, em que as zonas erógenas estão dispostas por toda a extensão do corpo do bebê, sentido nas suas bordas a penetração do sexual adulto. O que ingressa, descreve Laplanche (1992), são signos de percepção: as primeiras inscrições depositadas de algo que é puramente enigmático e incompreensível. A fantasia que vem do adulto e o enigma veiculado nas mensagens deixam marcas e promovem na cria humana o movimento autotradutivo e autoteorizante de interrogar-se, iniciando o processo de metabolização — conceito trazido por Laplanche (1992), que é a deformação da mensagem via ligações de metáfora e metonímia, relacionadas por analogia, contiguidade e semelhança. Tarelho (2012; 2023) nos ajuda a compreender que, no primeiro tempo do recalçamento originário, as mensagens inscritas no eu-corpo do *infans* ficam inicialmente em estado de espera de tradução, numa tentativa e erro da criança de traduzir o sexual que ingressa e circula em seu corpinho. Quando a criança já dispõe de um simbolismo, as mensagens são reativadas e podem ser decodificadas com os seus recursos simbólicos e seu repertório de códigos (adquiridos com ajuda do adulto e da cultura). Na concepção de Laplanche (1992), no segundo momento do recalçamento originário há o início de um eu-instância capaz de integrar o resíduo das mensagens enigmáticas inconscientes recalcadas e do intraduzível — os *fueros* — internalizando o objeto-fonte. Tarelho (2012; 2023) acrescenta que, pela via do autoerotismo, o bebê empreende seu primeiro trabalho de tradução, com aspecto rudimentar de simbolização, sendo o primeiro momento em que a sexualidade deixa de ser do outro e é auto, do bebê.

Em *Novos fundamentos*, Laplanche (1992) destaca que estas primeiras inscrições, quando marcadas por violência ou mensagens intrometidas incapazes de passar pelo processo de tradução, ficam “tatuadas” com violência, agressão e desconsideração pela sua assimetria diante do adulto, como registros no corpo nunca traduzidos. A derme corporal é o palco para tatuar concretamente o transbordamento das mensagens enigmáticas intrometidas e violentas. A passividade, o abuso e os excessos “tatuados” na carne e por meio de mensagens violentas e intrometidas (Laplanche, 1992), que invadem o psiquismo desprotegido da cria humana, transformam o corpo que sofre e não é escutado. Denotam, por consequência, a precariedade do eu-instância em promover uma rede de simbolizações e de metabolização do conteúdo sexual que invade. Desenvolvendo esta ideia, Tarelho (2012; 2023) costura a concepção do autoerotismo na teoria laplancheana, salientando como o tempo auto do eu-corpo no bebê pode ser decisivo para registrar na derme psicofisiológica mensagens sexuais, e refere que “o autoerotismo representa a primeira tentativa da criança no sentido de lidar com essa excitação” (2023, p. 9). Em casos de fronteira, poderíamos pensar que tatuagens, queimaduras acidentais, banhos escaldantes ou gelados são ataques ao corpo, como *fueros* atualizados, mas também tentativas, via *après-coup* e repetição, de dar conta do que transgride desde dentro? Da excitação vivida (à flor da pele) nos inícios da vida e do sofrimento advindo dela? Um corpo indefeso contra o desligado da pulsão sexual de morte.

Em “Intromissão e implantação”, Laplanche (1996) resgata sua crítica ao biologismo do inconsciente freudiano, endógeno e existente desde os inícios da vida; o autor propõe o movimento copernicano de descentramento do ser humano: o sujeito constituído a partir do outro; a atividade do eu é um segundo tempo, em que o primeiro, originário, é de passividade: o da sedução. Em outras palavras, Laplanche (1996) opõe-se ao “endogenismo ptolomaico” da constituição psíquica proposta por Freud, e estabelece sua teoria a partir de um aparelho psíquico aberto para o real, da passividade e submissão da criança humana ao outro adulto, constituindo, assim, o psiquismo e colocando-o em marcha para trabalhar nas tentativas e fracassos (necessários) de tradução, recalque e ligação. Nesse texto, Laplanche (1996) propõe duas qualidades da mensagem enigmática: implantação ou intromissão. A implantação é a mensagem com vias de simbolização e apropriação do bebê, que produz signos e provoca o movimento ativo de tradução. É a possibilidade de transformar o estrangeiro que habita dentro de si em autoral, e constitui um aparelho psíquico com mais plasticidade e recursos para integrar uma rede de significados e pensamentos em sequência. Tarelho (2012) refere que é um adulto que ajuda o *infans* a dar sentido, a pensar sobre si como uma pessoa diferente dele, com sentimentos e desejos singulares. Conforme o modelo tradutivo da Carta 52 (Freud, 1996), a criança precisa de ação específica e ajuda alheia para ajudar a traduzir: é necessário que o adulto ofereça caminhos para teorizar como enigma as mensagens e colocar em marcha o processo tradutivo. Há predominância do inconsciente recalado e resiliência para enfrentar os desafios da vida, com autoestima, recursos de simbolização e espaços psíquicos mais demarcados e clivados. Caracteriza-se por um psiquismo mais complexificado e enriquecido, com possibilidade de elaborar fantasias, com correntes neuróticas e potencial de criatividade, cuja instância egoica está constituída e predomina o processo secundário, o investimento em si mesmo, com maiores possibilidades de contemplar a realidade do outro como diferenciada da sua.

Já a mensagem intrometida ingressa de forma agressiva, violenta, traumática e rígida em sua gênese, capturando o sujeito em um lugar sem saída, oferecendo dificuldade de transitar pelo aparelho, mudar de estatuto e ser historicizada. Com poucos elementos do sexual e quase nenhuma viabilidade de tradução, a mensagem intrometida obstaculiza o processo de tradução e, por consequência, a clivagem do aparelho, permanecendo no interior do psiquismo à deriva, tal como foi intrometida, em um estado literal e inflexível (Laplanche, 1996). Essas mensagens, como explica Tarelho (2012, p. 103), “produzem uma espécie de curto-circuito do processo de simbolização e de diferenciação das instâncias, tendo como resultado a formação de enclaves psicóticos dentro da estrutura do ego e do superego”. Elas atormentam o sujeito com a sexualidade do outro externo que vira interno, *unheimlich*, aprisionante, provocador de manifestações persecutórias por uma falta de discriminação do que é deste outro e do que é do próprio sujeito; a alteridade do outro interna é sentida como insuportável. É um aparelho psíquico com uma conjuntura mais regressiva, parasitado por códigos e signos cujos conteúdos traumáticos invadem o psiquismo e promovem entraves na produção de enigmas, tornando-se um sujeito com menos condições de pensar e representar o que lhe acontece e lidar com o mundo externo (Laplanche, 1996; Tarelho, 2012). Uma modalidade de mensagem intrometida é quando veiculada através de dessubjetivação, apresentando-se como intolerância à diferença, como em casos de racismo em que os adultos podem não ocupar um lugar de proteção, mas de indiferença, negligência ou desprezo, repetindo o racismo sofrido pela criança, seja em falas de desconsideração e aversão, seja pelo não olhar à sua própria. Frente à alteridade do outro, há segregação, pois como nos fala Laplanche (1996, p. 184, nota de rodapé): “é esta alteridade interna que está na raiz da angústia diante da alteridade externa; é essa a que se busca reduzir a todo custo”.

A partir da teoria laplancheana (1996), compreende-se que há implicações futuras no *infans* quando há dificuldade do adulto em discriminar o outro bebê e o olha como uma extensão de si mesmo, apoderando-se dele, seja com cuidados mais mecânicos, rígidos, sem ternura que enlace o sexual e promova rastro simbólico; seja na forma violenta ou agressiva

de como educa sobre as proibições, com desprezo e desimportância na sua singularidade, e pouca ou nenhuma oferta de renúncias ou vias colaterais, vivências de submissão, imposição e autoritarismo, ou no excesso do cuidado do corpo, excitando as zonas erógenas do bebê. Futuramente, pode-se pensar em uma estrutura psíquica de fronteira, com falhas na constituição e recursos escassos de representação e tradução, cujo componente violento da mensagem pode criar um reservatório de destrutividade e violência dentro do aparelho e desembocar em transbordamentos, passagens ao ato ou psicossomática, por exemplo. Aquilo que não se pode pensar fica como que atacando o aparelho desde dentro, num mecanismo rudimentar de volta contra a própria pessoa, via pensamento ou via corpo, numa tirania sem fim, em que não há espaço para ambivalência ou ambiguidade, apenas certezas e verdades (Tarelho, 2012).

MASOQUISMO ORIGINÁRIO E PASSIVIDADE

A partir da teoria da sedução generalizada e do entendimento sobre o masoquismo, Laplanche (1996) retira das vias falsas e da contradição que Freud delineou sua teoria: “para defini-lo [o desastre do abandono da teoria de sedução], digamos que se trata do abandono de uma teoria exógena, intersubjetiva e intrometida da sexualidade humana” (p. 190, tradução livre). Sua intenção é recuperar o que foi perdido e recolocar no lugar de primazia e de estreita vinculação o sexual e a pulsão a partir da relação passiva e traumatizante entre a criança humana e adulto, e não de um entendimento freudiano da pulsão de morte inata e que está no sujeito desde os inícios. A rearticulação laplancheana sobre o masoquismo originário se dá a partir de uma crítica, como pode-se encontrar no texto “Masoquismo y teoría de la seducción generalizada” (Laplanche, 1996), a respeito da fixação freudiana em tratar questões psíquicas a partir do corpo biológico, seja através do espancamento literal, do desejo pelo ato sexual incestuoso ou via orgasmo: a sexualidade é tida como restrita e genital.

No pensamento laplancheano (1996), por outro lado, a base da sexualidade é a fantasia, e tanto o masoquismo é originário quanto a sexualidade, entretanto não originários da ordem do instinto, mas desde os inícios da vida, pois a criança humana, em seu lugar de desamparo, possui um espaço-corpo aberto para receber a sexualidade do adulto, e precisa dele para fechá-lo. Não é possível compreender a constituição do masoquismo dissociado da constituição da fantasia e da sexualidade ampliada, perversa polimorfa, em sua gênese; a fantasia não é um fenômeno secundário ou de origem biológica. A crítica da teoria freudiana feita por Laplanche, sobre o texto “O problema econômico do masoquismo” (Freud, 1924), é principalmente ao corpo como cena puramente biológica do jogo simbólico e de quantidades de excitação presente do masoquismo. Isto é, trata-se de um Freud biologicista que dessexualiza o que ocorre a mais na relação adulto-criança, e reduz para a base fisiológica e genética as origens e desfecho do pulsional de morte, unificando ou confundindo os termos prazer e desprazer na dor.

O traumatismo, aborda Laplanche (1988), é constituído no aspecto temporal da revivência em *après-coup* do que se passou nos inícios da vida do sujeito, do deslocamento do afeto (des)vinculado às representações e da sobrevivência da angústia. Trata-se, então, de um traumatismo originário, vinculado ao lugar de passividade do bebê recebendo a sexualidade recalcada endereçada a ele pelo adulto, cuja fantasia é traumática pelo seu aspecto excitante e incitante. Laplanche (1988) refere que, em Freud, a reconstrução da cena originária factual traumática no processo analítico é ponto de partida e ponto de chegada; em outras palavras, a busca pela imagem a nível perceptivo da cena originária caracteriza-se como principal via para verificação dos fatos, relembrar via sonhos e associação livre a realidade do encaideamento de eventos. Laplanche, entretanto, aponta como a problematização de Freud não inclui os efeitos desse traumático como “corpo estranho interno” (1988, p. 100), nem como a sedução enigmática do adulto haveria de depositar nesse bebê passivo indícios de um externo-interno, o que ele chama de “arrombamento pela energia interna” (1988, p. 86) e

“penetração traumatizante” (1988, p. 89). Laplanche esclarece que “a passividade está toda inteira na inadequação para simbolizar o que ocorre em nós vindo de parte do outro” (1988, p. 90). A irrupção da sexualidade inconsciente recalçada do outro faz ruído do lado de dentro da cria humana; as mensagens enigmáticas do sexual são registradas internamente de forma passiva no psiquismo incipiente. Esse ruído, o intraduzível da mensagem, é ele próprio o que o *infans* não sabe, tornando-se este outro interno a partir do recalçamento originário fundante do inconsciente originário e fonte da pulsão sexual.

A partir de Laplanche (1996), pode-se pensar que, se o conteúdo da mensagem é violento, a tradução fica prejudicada e gera dentro do sujeito uma passividade aprisionante, um submetimento traumático que condena à repetição da violência vivida na carne e na relação com o outro. Os medos e vivências de violência, vivenciados pela criança tanto física quanto psiquicamente, colocam em pauta a força do destrutivo interno, capturando o sujeito na repetição da violência sofrida, sem poder encaminhá-lo para outra direção, pois, quando a mensagem é reativada, o coloca na posição conhecida de masoquismo originário, em que não há possibilidade interna de traduzir e dominar, repetindo um sofrimento sem fim (Tarelho, 2012). Nesse sentido, os elementos violentos e traumáticos da mensagem roubam também a simbolização, a possibilidade de o sujeito apropriar-se e internalizar como seu o que se passa; ou seja, a alteridade interna torna-se atacante, insuportável e ameaçadora, este corpo estranho interno, criminoso, que assombra desde dentro (Laplanche, 1988). Suspeito sem rosto, trauma sem nome; a visão pode não alcançar, mas os ouvidos ficam expostos para o ingresso da violência e dos excessos, que podem configurar um modo intromissivo de lidar com o que se passa na vida atual.

Laplanche (1996) conceitua que houve um extravio biologizante do pensamento freudiano, em que a cena de espancamento seria uma forma de internalização da fantasia. Havendo o corpo como base do sentir e do viver, o excedente de excitação da pulsão de morte que não é expulso pela cria humana sobra internamente e precisa ser ligado para não a destruir. Ou seja, nessa visão endogenista e econômica do aparelho, o masoquismo parte do interno DNA para o externo, mas na ordem da biologia, passado geneticamente através das gerações. Extravio, pois a sexualidade não está adormecida na criança e precisa de um terceiro adulto para despertá-la; para Laplanche, a sexualidade é implantada por meio dos manejos autoconservativos, ou seja, vem desde o adulto que também possui suas fantasias e as envia junto com o leite, a voz, os índices de percepção. A introdução do sexual inconsciente produz um desequilíbrio significativo no plano do autoconservativo, pois envia esse plus que o próprio adulto desconhece e não domina. É essencialmente traumática, pois produz dor física e psíquica, se inscreve no eu-corpo da criança e a coloca em um lugar de masoquismo, passivo, de menos saber, e o adulto em um lugar ativo, de mais saber. Biologizante, pois, para Laplanche, Freud não dá conta de conceituar o inconsciente a partir do mundo relacional e fantasístico, buscando na história da espécie e na biologia suas respostas.

Laplanche (1988; 1992) retira do patológico o processo de constituição psíquica e o masoquismo originário, assim como universaliza a passividade inicial, ampliando para todos os seres humanos e não como uma posição feminina. Trata-se não de uma cena de sedução única de caráter genital, mas de mensagens enviadas pelo adulto comprometidas pelo plus do sexual inconsciente desconhecido por eles mesmos, endereçadas à cria humana, que, na melhor das hipóteses, será inscrita na fantasia inconsciente parental, fonte da pulsão sexual humana e motor do recalque, tradução e simbolização. Sendo assim, é universal a todos os seres humanos justamente por estes serem incapazes de compreender e se apropriar do que o outro adulto emite com seu inconsciente sexual. Na mensagem enigmática, há um plus de representação que é a violação sentida pelo bebê como dor, primeira de origem externa e depois desde o outro de dentro: “a respeito dela [a fantasia inconsciente] estamos em uma posição de essencial passividade, uma posição de masoquismo originário” (Laplanche, 1996, p. 205).

A pulsão de morte, na teoria laplancheana (1996), é a expressão da sexualidade em seu caráter demoníaco e alienante; é o desligado e o último refúgio de livre circulação de energia. Na constituição do masoquismo, a fantasia ocupa lugar central e o masoquismo é constituído a partir da relação com o outro, aquele a cujo espancamento assisto e que me bate. Se há necessidade de ocorrer uma cena traumática, algo se passa com essa criança na relação com seus adultos; como, então, pensar a pulsão de morte existir desde o nascimento? De que forma as quantidades de excitação bastariam para transformar algo desprazeroso em prazeroso e, então, o adulto despertar ou produzir a sexualidade? A partir da concepção de Laplanche (1996), a pulsão sexual de morte ou de destruição é proveniente da situação originária de sedução, localizada no id, e diz respeito a um ataque desde dentro cujos objetos são simultaneamente excitantes e ameaçadores à integridade do Eu. Trata-se de uma pulsão de energia livre, que busca a desunião através do transbordamento e da invasão; opera a nível primário, em que “seu fim é a descarga pulsional total, mesmo que isto custe o aniquilamento do objeto; são hostis ao Ego, o qual tentam desestabilizar; seu objeto-fonte é um aspecto clivado, unilateral, um indício do objeto” (1988, p. 105).

Por vezes, o sujeito não procura ajuda médica quando o corpo está claramente dando sinais de que está doente; poderíamos pensar a não procura de ajuda como uma expressão das mensagens enigmáticas violentas com estatuto de intraduzível? Ou também como um indicador da dimensão interna do desligado, a ponto de o autoconservativo não ser suficiente para cuidar-se, um desafetar-se ao não considerar a dor física ou mal-estar? Afinal, em vias de violências e agressões, o autoconservativo de fato não é suficiente para a autoproteção, pois está inundado pelo sexual que passiviza e atacado pela pulsão sexual de morte. O quão contaminado está o sujeito de seu pulsional mortífero a ponto de maltratar-se? De não ouvir o pedido de ajuda de seu próprio corpo? Se mensagens enigmáticas por si só geram traumatismo no psiquismo (Laplanche, 1988), o que dirá da violência física? O desafeto seria uma representação do desligado interno, resultado da impossibilidade de traduzir a agressão, intromissão e subjetivação sofrida? Sabendo que, inicialmente, o *infans* necessita da ajuda do outro adulto para significar, traduzir e dar sentido ao seu mundo, é a partir da relação com o adulto cuidador que a criança vai podendo integrar dentro de si um Eu forte, criativo e com capacidade simbólica (Laplanche, 1992; Tarelho, 2012). Entretanto, compreende-se que em pacientes de fronteira a comunicação não se dá em nível simbólico, e sim através de transbordamentos. Apresenta-se um Eu-instância precário, com muitas falhas, empobrecido e marcado pelo desamparo, cujo reservatório interno é carente de símbolos e códigos para traduzir o componente violento da mensagem que ingressou, com psiquismo colonizado pelo estrangeiro, com poucas vias de reconquistar o seu terreno interno para si mesmo (Tarelho, 2012).

A criança, no tempo do autoerotismo (Tarelho, 2012), recebe os conteúdos enigmáticos sexuais do adulto; seu primeiro movimento é recolher-se sobre si mesma para fazer frente à efração, à dor e à posição passiva em que está colocada perante o adulto. Não tendo códigos simbólicos para ligar e dar sentido de forma desenvolvida, a criança utiliza-se do seu corpo como palco para descarregar o que irrompe desde dentro, chupando o dedo, por exemplo, na tentativa de dominar o que lhe ataca internamente. O corpo da criança humana de Laplanche, erotizado e supersexualizado pelo adulto, não se restringe às zonas erógenas clássicas freudianas (boca, ânus, mucosas), mas amplia-se, assim como a sexualidade, a toda derme corporal possível de ter intercâmbio sexual. A releitura de Laplanche (1996) do texto *Batem numa criança* (Freud, 1919) a partir da teoria da sedução generalizada propõe que o pai, ao bater, envia uma mensagem sexual e não sexual, sexual da cena de sedução e da excitação sádica do adulto em agredir a criança, e não sexual de limites, do que pode e não pode ser feito. Está transmitindo um desejo inconsciente de submeter o filho e possuí-lo sexualmente através da violência e da passividade. A cena de espancamento é uma cena de sedução e se implanta na criança humana como uma mensagem sexual a ser traduzida, e este filho com um aparelho ainda não constituído, pela falha de tradução, recalca o fantasma

inconsciente inscrevendo o objeto-fonte da pulsão, e a mensagem fica a espera para ser traduzida num segundo tempo da pulsão.

Em compensação, no que diz respeito à tese central de posição originária do masoquismo no campo da pulsão sexual, persisto e assino embaixo. Porque a intervenção do outro, necessariamente traumatizante, traz obrigatoriamente, de forma menor, muitas vezes — às vezes maior — o elemento de efração característico da dor: que a pulsão seja ao eu o que a dor é ao corpo, que o objeto-fonte da pulsão esteja encravado na envoltura do eu como a farpa da madeira está na pele, aqui está o modelo que deve ser conservado constantemente no espírito (Laplanche, 1996, p. 202, tradução livre).

Questiona-se: Em casos de um psiquismo com falhas significativas, como esse bebê foi considerado e olhado pelo adulto que o cuidou no seu choro e na sua individualidade? Por meio de imposições, de subjugamento e violência para existir e ter valor? Foi possível o adulto amalgamar a pulsão de agressividade enquanto o bebê sádico que chora e tenta expulsar essa dor que está sentindo? Ou ficou “tatuada” no eu-corpo desse bebê a dor e o sofrimento da posição de submetimento interno e do sofrimento por não conseguir traduzir, repetindo no atual? A cria humana necessita de uma qualidade libidinal para enlaçar o destrutivo da pulsão de morte e não ficar na parcialidade da pulsão bruta de morte, como no sadismo. É na fusão, na mescla e no enlace da pulsão de morte em pulsão de vida, através da presença do outro adulto, que há possibilidades e vias colaterais de lidar com renúncias e frustrações. Havendo possibilidade de simbolizar e recalcar, há também possibilidade de fazer frente a esse masoquismo e ao lugar de passividade; do contrário, as vivências traumáticas e de violência podem ser determinantes para o sujeito permanecer em um lugar imobilizado de marcar a dor psíquica no corpo, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se, a partir da teoria laplancheana (1992) e da discussão teórica proposta nesta escrita, a necessidade do ingresso do sexual, de uma mensagem capaz de produzir signos e de gerar demanda de tradução no bebê. Entretanto, se este enlace do desligado mortífero for feito de maneira insuficiente pelo adulto, e não for possível traduzir, ou estiver impregnado de violência e da inadequação das mensagens, o bebê fica submetido à sua pulsão de morte, utilizando-se de uma defesa primitiva como a volta contra a própria pessoa, que está diretamente relacionada com o masoquismo originário, ou seja, a pulsão ser uma via de ataque interno, como autoagressão. Cria-se uma via facilitada, havendo marcas de desprazer em um caminho de repetição, em que o sujeito fica capturado em si mesmo, na medida em que, ao ter sido submetido pelo sexual intrusivo do adulto nos tempos de constituição, no atual encontra-se rendido pela sua alteridade interna. Em sujeitos com um Eu fragilizado, as marcas do desamparo ficam “tatuadas”, num caminho de dar conta sozinho da excitação e sofrimento produzidos pelas mensagens enigmáticas intrometidas e pelo sexual inconsciente endereçado a ele via adultos cuidadores. Desamparado e sozinho em sua história e no modo como lida com suas sofrências no atual, o sujeito fica numa posição de passividade e violência com seu corpo, como em situações em que o corpo orgânico clama pelo olhar amoroso, mas há pouco espaço psíquico e poucas marcas de cuidado. Se, nos inícios da vida, o bebê é eu-corpo, as mensagens ingressam via derme corporal e causam desconforto. Parece significativo pensar o destino da pulsão como expressões de transbordamento no corpo. O intraduzível e os *fueros* tomam conta e espaço interno em pacientes com estruturas psíquicas que apresentam grandes falhas na constituição do Eu, numa repetição sem fim de um sem lugar, de um descuido para consigo mesmo. Se houve pouca ajuda do adulto para traduzir, nomear e simbolizar esse bebê, como, no futuro, esse bebê terá condições psíquicas de empreender consigo mesmo movimentos de ligação e construção?

A costura teórica do conceito de masoquismo, à luz da teoria da sedução generalizada desenvolvida por Laplanche (1996), nos mostra que, em estruturas psíquicas de fronteira ou psiquismos com correntes não neuróticas, constitui-se um psiquismo contaminado pela pulsão sexual de morte, operando um funcionamento de correntes predominantemente masoquistas e autodestrutivas, quando vividas situações reais de desajuda e exposição à violência. O psicanalista francês destaca que o masoquismo impõe ao sujeito um modo de viver impiedoso consigo mesmo, em que as mensagens enigmáticas invadem o psiquismo de maneira brutal, deixando pouca possibilidade para simbolização e muito espaço para repetição (1996). Destaca-se que há um maior espaço dentro do psiquismo habitado pelo desligado, que retorna com força de dominar o sujeito a ponto de não reconhecer em si mesmo o sofrimento físico, com um Eu que falha em proteger a si próprio, contribuindo, assim, via *après-coup*, para reviver experiências de desamparo e desajuda, em que os sinais do corpo, manifestados via autoconservativo, podem não ser reconhecidos com a devida importância. Quando o sexual inconsciente não traduzido reativa registros de dor, o sujeito pode reviver em sua derme corporal o desconforto e o sofrimento marcados em sua história.

Percebe-se, a partir deste estudo, o quão aderido um sujeito com psiquismo empobrecido fica perante a sua pulsão sexual de morte, seja no cuidado com filhos, em relacionamentos amorosos ou na falta de cuidado consigo mesmo. Compreende-se como as mensagens enigmáticas intrometidas podem promover um psiquismo com um Eu-instância sem condições de dar conta do traumático. O conteúdo violento do sexual pode contribuir para amarrar o sujeito em uma posição com muitos prejuízos na tradução e com pouco enlace simbólico, ficando passivizado à sua alteridade interna, ao estrangeiro vivido como atacante, desligado. Interroga-se: Como sair disso? Do movimento ptolomaico de entregar-se à repetição do masoquismo originário, do traumático e da passividade que aprisiona? No espaço analítico revive-se a sedução originária e há possibilidade de, via relação transferencial entre analista e analisando, por meio de um movimento copernicano, metabolizar o que não encontrou lugar na tópica psíquica. Além disso, o processo analítico possibilita criar condições para o analisando pensar sobre esses movimentos de repetição, oportunizando enlances simbólicos via transferência e inauguração de um lugar de cuidado.

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo (1924). In: *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos* (1923-1925). Rio de Janeiro: Companhia das Letras, p. 184-202, 2011.
- FREUD, Sigmund. "Batem numa criança": contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais (1919). In: *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos* (1917-1920). Rio de Janeiro: Companhia das Letras, p. 293-327, 2010.
- LAPLANCHE, Jean. *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1996.
- LAPLANCHE, Jean. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAPLANCHE, Jean. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- TARELHO, Luis Carlos. A teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche e o descentramento do ser humano. *Jornal de Psicanálise*, v. 45, n. 83, p. 97-108, 2012.
- TARELHO, Luis Carlos. Tópica da clivagem, supereu e sexualidade. *Constructo: Revista de Psicanálise*, v. 8, n. 1, p. 1-23. 2023.

Artigo recebido: 4 de fevereiro de 2025

Artigo aceito: 17 de março de 2025

ENTRE MÃE E FILHA: EFEITOS DE RELAÇÕES SIMBIÓTICAS NA SUBJETIVAÇÃO FEMININA

BETWEEN MOTHER AND DAUGHTER: EFFECTS OF SYMBIOTIC RELATIONSHIPS ON FEMALE SUBJECTIVATION

ENTRE MADRE E HIJA: EFECTOS DE RELACIONES SIMBIÓTICAS EN LA SUBJETIVACIÓN FEMENINA

Geórgia Fiori¹

Carolina Neumann de Barros Falcão²

Resumo: O presente artigo propõe-se a lançar luz sobre a temática das relações simbióticas entre mães e suas filhas meninas, compreendendo como ocorre, nesses casos, o processo de a filha tornar-se mulher. A pesquisa utiliza-se de uma metodologia qualitativa e empírica, além de uma análise audiovisual, com uma interpretação a partir da análise fílmica psicanalítica. Esse tema é discutido teoricamente a partir de cenas apresentadas nos filmes *Cisne negro*, *Carrie*, *a estranha e Red: crescer é uma fera*. A partir disso, conclui-se que a travessia da menina para mulher é dificultada quando há excesso de presença materna e que o caminho para se tornar mulher é singular em cada caso.

Palavras-chave: Relação mãe e filha. Relação simbiótica. Feminilidade.

Abstract: This article proposes to shed light on the theme of symbiotic relationships between mothers and their daughters, understanding how the process of the daughter becoming a woman occurs in these cases. The research employs an empirical and qualitative methodology, as well as audiovisual analysis, with an interpretation based on psychoanalytic film analysis. This theme is discussed theoretically through scenes presented in the films Black swan, Carrie, and Turning red. From this, it is possible to conclude that girls' transition to womanhood is hindered when there is an excessive maternal presence, and that the path to becoming a woman is unique in each case.

Keywords: Mother-daughter relationship. Symbiotic relationship. Femininity.

Resumen: El presente artículo propone arrojar luz sobre la temática de las relaciones simbióticas entre madres y sus hijas mujeres, comprendiendo cómo ocurre, en estos casos, el proceso de la hija al convertirse en mujer. La investigación utiliza una metodología cualitativa y empírica, así como un análisis audiovisual, con una interpretación basada en el análisis fílmico psicoanalítico. Este tema se discute teóricamente a partir de escenas presentadas en las películas El cisne negro, Carrie y Red. A partir de esto, se concluye que la transición de niña a mujer se dificulta cuando hay un exceso de presencia materna y que el camino para convertirse en mujer es singular en cada caso.

Palabras clave: Relación madre e hija. Relación simbiótica. Feminidad.

¹ Psicóloga graduada pela PUCRS. Membro associado ao ESIPP. ORCID: 0000-0003-2155-8380.
E-mail: psicologa.georgiafiori@gmail.com

² Psicanalista. Psicóloga e Doutora em Psicologia pela PUCRS. Professora Adjunta do Curso de Psicologia da Escola de Ciências da Saúde e da Vida da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Membro efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. ORCID: 0000-0002-0226-251X.
E-mail: carolina.falcao@pucrs.br

INTRODUÇÃO

— Em que parte do corpo dói?
— Dói na minha mãe.
— Mas então não é em você, é nela?
— É em mim.
(Kuss, 2017, p. 56)

A relação de uma menina com sua mãe é singular, visto que, ao contrário do menino, para ela, o modelo e o amor materno a auxiliam também a realizar a passagem de menina para mulher, sendo o fio condutor dessa relação a incansável busca pelo entendimento de como realizar essa travessia (Zalberg, 2003; 2019). Esses encontros iniciais produzem efeitos na forma como a filha se subjetivará, sendo esse um dos caminhos possíveis para a filha se tornar mulher.

Dentro dessa temática, destacam-se especificamente as relações em que essa dupla se encontra excessivamente unida, sem um terceiro que opere e rompa a simbiose instituída. Nessas configurações, as filhas encontram-se “capturadas” pelas mães, sem a possibilidade de haver-se com seus próprios desejos e de constituir seu eu separado da figura materna (Meira, 2021). Esses encontros singulares são importantes de serem analisados, uma vez que permitem a compreensão dos seus possíveis desdobramentos na subjetivação feminina, que tanto aparecem na clínica, na literatura e no cinema. Embora essa seja uma temática clássica à psicanálise, ainda é válido revisita-la, visto que esses encontros ainda ocorrem e têm repercussões na subjetivação de diversas mulheres.

Desse modo, o presente artigo apresenta como objetivo analisar os possíveis efeitos das relações simbióticas entre mães e filhas na subjetivação feminina, a partir das obras *Cisne negro* (2010), *Carrie, a estranha* (1976) e *Red: crescer é uma fera* (2022). Para isso, foram analisados os encontros primários entre mães e filhas, identificadas as singularidades dessas relações, exploradas as relações simbióticas entre mães e filhas, para então identificar os possíveis desdobramentos desse tipo de relação na subjetivação feminina.

A pesquisa, portanto, apresenta uma metodologia qualitativa, empírica e de uma análise audiovisual. Trata-se de um estudo empírico, que se caracteriza como um modelo de pesquisa que se baseia na observação e análise de fenômenos concretos que sustentam o desenvolvimento da teoria (Sisson; Winograd, 2012). Desse modo, este método está presente, à medida que os casos analisados foram extraídos dos três filmes.

É, também, qualitativa, uma vez que aborda questões subjetivas, buscando compreender possíveis efeitos de relações singulares estabelecidas entre mães e filhas. Para Gonzáles Rey (2002), este método de pesquisa tem como característica a busca pela compreensão da subjetividade e da forma como esta é constituída no contexto em que está inserida. Procura-se, dessa forma, entender situações complexas que se inter-relacionam e que, portanto, necessitam de um olhar abrangente da situação para serem compreendidas (Gonzáles Rey, 2002).

Para estabelecer as relações entre os casos exibidos e a teoria, é utilizada a análise fílmica psicanalítica, proposta por Raymond Bellour, conforme descrita por Weinmann (2017). O autor compreende que estas pesquisas fazem parte da psicanálise aplicada, em que a teoria é utilizada como base para compreender o cinema, e podem abarcar os seguintes pontos:

- 1) ensaios de compreensão de uma obra à luz da biografia do autor;
- 2) diagnóstico psicopatológico de personagens;
- 3) leituras do texto fílmico a fim de detectar sua mensagem inconsciente;
- e 4) analogias entre a linguagem do cinema e de determinados processos psíquicos, como os sonhos (p. 6).

A presente pesquisa se encontra no quarto item, buscando compreender, através das cenas assistidas, possíveis desdobramentos das relações simbióticas entre mães e filhas. Este tipo de análise consiste em abordar o cinema como uma linguagem, considerando suas particularidades (Weinmann, 2017). Seu objetivo é compreender o discurso presente nas cenas observadas, explicando-as para, então, interpretá-las (Weinmann, 2017).

Para Hausen (2013), o cinema é um produto do inconsciente, que revela o mundo interno dos sujeitos, além de refletir o momento em que é produzido — e, por esse motivo, pode ser utilizado como objeto de análise da atualidade. Os filmes, portanto, desvelam angústias e desejos humanos. Por essa razão, examiná-los é uma forma de analisar as questões dos sujeitos, tensionando a teoria e verificando se seus conceitos seguem se aplicando às cenas produzidas na atualidade. Dessa forma, é possível analisar algumas das potenciais repercussões dessas relações singulares por meio de uma nova interlocução entre o cinema e a psicanálise.

Segundo Alves (2017), o cinema corresponde a um espaço simbólico e exhibe cenas que auxiliam na compreensão da realidade, dos valores sociais, da cultura, da complexidade da vida e dos dilemas humanos. Para a autora, na psicologia, os filmes podem ser tomados como estudos de caso, realizando, assim, uma interlocução entre a teoria e a prática. Desse modo, a partir dos filmes, é possível articular as leituras teóricas às cenas observadas, tornando-se possível, assim, construir, reconstruir e firmar saberes a respeito da realidade concreta.

O critério utilizado para a escolha dos filmes foi o aparecimento da temática escolhida e a variedade de desdobramentos apresentados. Os filmes foram assistidos diversas vezes para, assim, conseguir destacar as cenas em que aparecem os fenômenos pesquisados. Para a interpretação dos dados coletados, é utilizada a linha teórica psicanalítica, principalmente a partir dos conceitos de relações simbióticas, relação mãe e filha e sobre o processo de tornar-se mulher.

O filme *Cisne negro* (2010), de Darren Aronofsky, conta a história de Nina, uma bailarina que está em busca de conseguir o papel de Rainha dos Cisnes na produção de balé *O lago dos cisnes*. O diretor artístico, Thomas, entende que a protagonista seja perfeita para interpretar o frágil e dócil Cisne Branco, mas teme que não seja ideal para o sedutor e envolvente Cisne Negro, acreditando que a nova bailarina, Lily, seria melhor para este papel. A mãe de Nina, Erica, também bailarina, foi quem a incentivou a dançar. As duas moram juntas em um apartamento e mantêm uma relação muito próxima, em que Erica parece saber mais da filha do que a própria Nina.

Carrie, a estranha (1976), de Brian De Palma, apresenta a relação conturbada de Carrie White e sua mãe, Margaret, mulher muito religiosa que obriga a filha a ficar em casa e a rezar. Carrie descobre que tem poderes de telecinese e está tentando descobrir como controlá-los. Todos acreditam que a relação das duas é estranha. Os vizinhos tentam despistar Margaret e mandá-la embora sempre que aparece em suas casas para falar sobre religião. Enquanto isso, Carrie sofre bullying na escola e é aprisionada em casa por sua mãe.

Por fim, o filme *Red: crescer é uma fera* (2022), de Domee Shi, narra a história da família de Meilin Lee, na qual as mulheres, ao se tornarem adolescentes e experimentarem fortes emoções, tornam-se um panda vermelho. Ming Lee, a mãe da protagonista, é superprotetora e tem uma relação muito próxima com a filha. Elas estão sempre juntas e a mãe acredita saber o que é melhor para ela, não dando espaço para a filha mostrar suas vontades e desejos próprios. Mei-Mei, como é apelidada, tem três amigas e elas querem muito ir ao show da banda 4-Town, mas, para isso, precisam convencer seus pais a deixarem-nas ir.

A fim de assimilar as relações simbióticas entre mães e filhas, o presente trabalho lança um olhar sobre as relações entre as mães e seus bebês. A partir disso, pôde-se compreender o conceito de simbiose presente tanto nas interações primárias quanto nas relações estabelecidas ao longo da vida. Paralelamente a isso, foram exploradas as particularidades que

atravessam o processo de tornar-se mulher nas relações entre mães e filhas. A partir da integração dessas temáticas, o trabalho visa analisar os efeitos do excesso da presença materna na subjetivação feminina das filhas.

A SIMBIOSE NAS RELAÇÕES MÃE E FILHA

O bebê, ao nascer, encontra-se em um estado de desamparo e necessita de um outro que satisfaça suas necessidades, lugar muitas vezes ainda ocupado pela mãe. Estabelece-se, então, uma relação de dependência, que influencia intensamente a forma como ele se desenvolverá (Maciel; Rosemburg, 2006). A mãe, nos primeiros meses de vida de seu filho, deve ser capaz de se identificar com ele, indo ao encontro de suas necessidades (Winnicott, 1988). Para a criança poder, posteriormente, tornar-se um inteiro, ela precisa inicialmente fazer parte de uma dupla. Para atingir esse objetivo, também é necessário ser oferecido um ambiente suficientemente bom, adequadamente adaptado às necessidades do bebê (Winnicott, 1988; 1999). A mãe deve ter uma sensibilidade para, assim, poder satisfazê-lo apropriadamente, sem haver excessos — nem de presença, nem de ausência (Winnicott, 1988).

É nesse momento que o bebê vive o que Mahler (1977) conceituou como simbiose, compreendida como uma característica dos primeiros encontros entre mães e filhos, nos quais ainda não há uma diferenciação entre o eu e o outro, e o bebê acredita que ele e sua mãe são um só. Nesse momento, mãe e filho encontram-se indissociáveis, sendo “uma unidade dual dentro de uma fronteira comum” (p. 62). O conceito é utilizado pela autora como uma metáfora para essas relações iniciais em que uma das partes — o bebê — é completamente dependente, enquanto a outra — a mãe — necessita apenas parcialmente de sua dupla. Desse modo, algo que pode ser observado é que o filho, por ser completamente dependente e necessitado da aprovação materna, integra a seu comportamento certos modos de agir dependendo da resposta que recebe da mãe frente a eles — gratificação ou frustração.

Para Mahler (1977), a simbiose pode representar essa fase, mas também se refere aos casos em que há uma regressão a esta etapa do desenvolvimento normal, devido ao fracasso no processo de individualização. A autora descreve que, na simbiose, há uma “fusão somatopsíquica onipotente, alucinatória ou delirante” (Mahler, 1977, p. 63), em que o sujeito delira uma fronteira comum entre a dupla. É a esse funcionamento para o qual os psiquismos mais primitivos regressam. Dessa forma, é possível observar esse fenômeno em relações já evoluídas, analisando os efeitos que uma relação primária contundentemente marcada pela simbiose tem sobre o sujeito.

É isso que ocorre nas relações entre mães e filhas apresentadas nos filmes escolhidos. Nina vive com sua mãe uma relação em que não há barreiras entre a dupla. A mãe tem livre acesso ao quarto e aos pertences da filha, e sempre determina o que ela deve fazer. Em uma cena, ao acordar, Nina se assusta ao virar para o lado e ver Erica dormindo em uma cadeira ao lado de sua cama, mostrando o quanto esta dupla segue colada mesmo após Nina se tornar adulta. Quando Nina é escalada para o papel de Rainha dos Cisnes, que tanto almejava, a primeira coisa que faz é ligar para a mãe. Esta, por sua vez, pede que vá correndo para casa ficar junto dela. Ao longo dos ensaios para o espetáculo, Nina passa mais tempo no estúdio e, nas noites em que demora para retornar, sua mãe lhe liga insistentemente, querendo saber onde ela está, não tolerando não saber sobre a filha e ser separada dela.

Similar a isso, a mãe de Carrie também buscava saber tudo sobre ela. Logo no início do filme, a menina teve sua primeira menstruação e ficou muito assustada, pois não sabia o que estava acontecendo. Os professores, então, decidem mandá-la para casa. Ao chegar, sua mãe não está. Carrie se esconde em seu quarto e, quando a mãe volta e recebe o telefonema da escola avisando sobre o que aconteceu com a filha, ela imediatamente fala: “Eu sei que você está escutando, pode descer agora”. Mais tarde, quando o colega de Carrie, Tommy, aparece para convidá-la para o baile da escola, Margaret chama insistentemente a filha, querendo que

ela volte para junto dela. A mãe quer saber — e, na primeira cena, demonstra que sabe — tudo sobre o que a filha faz e aonde ela vai.

Mei-Mei também vivencia esse tipo de relação com sua mãe. Logo no início do filme, a menina fala que já é independente, faz suas próprias escolhas, mas que, muitas vezes, elas condizem com o que a mãe espera dela. Não há, portanto, distinção entre o que é desejo da filha e o que é da mãe. No dia em que Mei-Mei se torna o panda pela primeira vez, ela consegue esconder isso da família por algumas horas. Ming, no entanto, percebe que a filha está diferente e acredita que ela teve sua primeira menstruação. Nesse momento, enquanto a filha se esconde na banheira, a mãe invade o banheiro com diversos tipos de absorventes e remédios para suprir toda e qualquer necessidade que Mei-Mei apresente. Nessa relação, a dupla continua tendo a ilusão de completude presente na simbiose: a mãe acredita ter tudo de que a filha precisa.

Nessas primeiras cenas de cada filme, as filhas, embora já adolescentes e adultas, encontram-se ainda em um momento em que o que impera é a língua da mãe. Esse conceito se refere ao período inicial em que o sujeito se encontra alienado ao desejo da mãe, visto que, nessa fase, essa é a única língua existente (Tesone, 2006). À medida que a criança cresce, contudo, é necessário que ela compreenda que essa língua não é sua e nem a única que há (Tesone, 2006). A partir do distanciamento da mãe e da entrada de um terceiro, ela pode passar por outras línguas e, assim, adentrar a língua materna e adquirir um sentido singular, prescindindo daquela que a criou (Tesone, 2006). Apenas então será possível que as filhas consigam se afastar da língua materna e constituir uma língua própria (Tesone, 2006).

Nesses casos em que não há um terceiro capaz de romper a simbiose, segue havendo um vínculo em que há uma extrema dependência, vivenciada como um sentimento de completude advindo dessa relação de indiferenciação entre o eu e o outro (Lisondo, 2001). A relação objetual e a alteridade não estão presentes, uma vez que a mãe captura o filho, tornando-o dependente, visando suprir suas próprias faltas (Lisondo, 2001). Para Summers e Walsh (1977), esse tipo de interação pode ser descrito por seis características: indiferenciação, em que os sujeitos não têm seus próprios desejos e se negam a compreender o outro como diferente de si; dependência do outro; intervenção, que ocorre quando um dos indivíduos toma decisões pelo outro; desaprovação de relações exteriores à dupla; dificuldade de separação; e expectativas rígidas de como o outro deve se portar.

Na relação entre Nina e Erica, é possível perceber algumas dessas características. A mãe deposita sobre a filha suas próprias expectativas frustradas de ser a protagonista de *O lago dos cisnes*. Nina, por sua vez, toma esse desejo como seu, apresentando a indiferenciação que há entre elas. Quando a filha começa a querer algo diferente da mãe, como, por exemplo, ir para um bar com Lily após os ensaios, Erica desaprova a relação com a colega. A mãe não aceita a tentativa de separação realizada por Nina e liga para ela insistentemente ao longo de toda a noite, apresentando a dificuldade de separação. Quando a menina retorna para casa tarde, Erica a está esperando acordada, interroga-a sobre o que aconteceu e fala que Nina precisa descansar para o ensaio do dia seguinte. A filha, bêbada, fala para a mãe que teve relações sexuais com dois homens, e Erica reage batendo nela e mandando-a se calar. Ela corre para seu quarto e tranca a porta, enquanto Erica tenta entrar, dizendo: “Essa não é a minha Nina”, pois não está cumprindo as expectativas rígidas que tem de como ela deve se comportar.

Essa cena mostra a trabalhosa luta de Nina para tentar romper a dependência que há entre elas, fruto da relação simbiótica que se constituiu. Além de conseguir realizar seu desejo de sair com Lily, ao chegar em casa também impõe uma barreira física entre ela e a mãe ao se trancar no quarto. Erica, porém, não gosta dessas tentativas de rompimento. A mãe demonstra uma grande dificuldade em deixar que a filha exista separada dela.

Margaret também não tolera que a filha seja diferente das expectativas rígidas que tem sobre ela. A mãe espera que Carrie seja religiosa e viva apenas para a relação das duas e,

quando ela começa a desejar sair dessa relação dual e se relacionar com seus colegas da escola, a mãe não tolera. Na cena em que conta para a mãe que irá ao baile com Tommy, Margaret intervém, falando que ela não irá e a mandando ir ao quarto rezar. A filha consegue enfrentar a mãe, dizer que nem tudo é pecado e que deseja se enturmar. Em resposta, a mãe implora que ela fique em casa. Nessa cena, é possível perceber que a mãe espera que a filha seja indiferenciada dela e faça apenas o que ela deseja. Ao tentar se envolver com outras pessoas e mudar a dinâmica estabelecida na dupla, Margaret desaprova as relações externas e tenta fazer com que a filha permaneça em casa junto a ela.

Na história de Mei-Mei também podem ser evidenciadas essas características. Ming tem a expectativa de que a filha realize o ritual para banir o panda vermelho, não oferecendo espaço para a filha decidir o que ela quer fazer. Em uma cena, a filha fala para ela que não é mais “sua Mei-Meizinha”, pois está crescendo, gosta de meninos, de dançar e de escutar música alta — atitudes que a mãe critica. Nesse momento, a mãe fica muito brava e tenta capturá-la para que a separação entre elas não ocorra. Ming também desaprova a relação que a filha tem com as amigas, acreditando que elas são má influência e entendendo que o mais importante para Mei-Mei deve ser a relação das duas. A menina quer ir para um show com as amigas e, ao pedir para os pais, seu pai diz que confia nela e que ela poderia ir, mas o que impera é o desejo da mãe de que a filha não vá.

Nas cenas destacadas acima, percebe-se a tentativa da entrada de um terceiro na relação com a mãe — Lily para Nina, Tommy para Carrie e o pai e as amigas para Mei-Mei. As filhas, gradualmente, estão percebendo que a língua da mãe não é a sua, que o que elas desejam não precisa, necessariamente, ser o mesmo que a mãe. Começam, então, a tentar confrontá-las e distanciar-se delas, fazendo um movimento para adentrar a língua materna. Contudo, há ainda um longo caminho para que elas, de fato, consigam constituir uma língua própria diante de tantos excessos.

AS HISTÓRIAS DE CAPTURA

Ao tratar-se de uma menina e sua mãe, a relação estabelecida com a figura materna requer um olhar diferenciado, à medida que o encontro “não é entre uma pessoa que é mãe e outra que é filha, mas entre duas posições do sujeito mulher” (Zalcborg, 2003, p. 6). A relação estabelecida com a mãe, dessa forma, tem efeitos sobre como a menina se desenvolverá como mulher (Zalcborg, 2003). Uma das importantes repercussões desse encontro é a indiferenciação, que se faz presente à medida que os desejos maternos imperam na forma como a filha se constitui (Zalcborg, 2003). A partir disso, a menina se depara com uma ambivalência: por um lado, a vontade de seguir junto à mãe; por outro, o desejo de prescindir dela, distanciar-se e diferenciar-se (Zalcborg, 2003). A menina anseia ter uma identidade própria; contudo, não consegue afastar-se daquela que (não) a ensinou a ser mulher.

Ao falar sobre a construção da identidade de uma mulher, é necessário apresentar a questão do gênero. Para Butler (2003), o gênero não é algo definido diretamente pelo sexo biológico designado ao nascimento, mas sim um ato performativo que se mantém através da repetição de normas sociais que se manifestam por meio de comportamentos, gestos, vestimentas, formas de falar e de se portar. Sendo assim, entende-se que o que é designado no nascimento não é, necessariamente, o mesmo com que a pessoa se identifica. Nesse contexto, pessoas cisgênero são aquelas cuja identidade de gênero corresponde ao que lhes foi imposto ao nascer, enquanto as pessoas transgênero se identificam com um gênero diferente do que lhes foi atribuído. Quando as personagens analisadas nasceram, foi-lhes designado o sexo feminino e, ao longo de suas vidas, constituíram-se neste mesmo gênero, ou seja, são meninas e mulheres cis³.

³ O termo “cis” é utilizado no artigo nos momentos em que o que está sendo apresentado se refere a uma

Um dos fatores que perpassam a relação entre uma mãe e sua filha menina é o conceito de duplo proposto por Freud (2010). Este se refere a uma identificação com outra pessoa que apresenta características idênticas ou semelhantes e faz com que não se saiba exatamente quem é o eu e quem é o outro. Uma vez que as personagens analisadas se identificam como mulheres cis, há uma semelhança entre os corpos que facilita a confusão entre a filha e a mãe. Inicialmente, essa é uma condição estruturante, que oferece uma base para a constituição do eu da menina. Contudo, ao passar desse momento inicial, o duplo de “garantia de sobrevivência passa a inquietante mensageiro da morte” (Freud, 2010, p. 352).

Esse conceito fica evidente na história de Nina. A menina foi tomada pela mãe como seu duplo. Erica almeja que a filha conquiste o que ela não pôde devido à gravidez, esperando que a filha seja como ela — não pior, nem melhor, mas, sim, igual. Dessa forma, mãe e filha confundem-se, não havendo distinção entre elas. É o fato de essa dupla não ter sido desfeita e de haver um tensionamento para ocorrer a separação, através das provocações de Thomas para que Nina deixe esse lugar de filha para tornar-se mulher, que faz com que Nina apresente um surto psicótico. O inquietante aparece com clareza nos delírios e alucinações da menina. Em uma cena, ela está na banheira se masturbando — conforme o diretor do espetáculo sugeriu, visando a florar sua sexualidade — e, ao abrir os olhos, vê a imagem da mãe ao seu lado.

Após esse momento, é possível perceber que Lily também ocupa esse lugar feminino de duplo como uma substituição da mãe. Nina não consegue existir separada de outra mulher, então, ao tentar separar-se da mãe, toma Lily como seu duplo — fato que já fica explícito na dualidade entre o dócil Cisne Branco e o sensual Cisne Negro. Essa confusão se faz presente também na cena em que, após retornar para casa do bar, brigar com sua mãe e se trancar em seu quarto, Nina alucina que está tendo uma relação sexual com Lily e, nesse momento, também há uma confusão entre os corpos dela, de Lily e de Erica, não havendo uma distinção entre ela e seus duplos.

A partir disso, entende-se que, devido à identificação dos corpos que ocorre nas relações entre mães e filhas cis, é mais fácil que a mãe tome a filha para si como objeto fálico para sua satisfação narcísica. É isso o que ocorre nas relações que Meira (2021) cunhou como histórias de captura. Esse tipo de relação se refere àquelas em que há uma mãe fálica que captura especificamente sua filha menina, visto que esta representa um espelho de si. A mãe deposita na filha as expectativas de conquistar o que ela própria não pôde, capturando sua existência. Como descrito por Meira (2021),

A oferta da mãe fálica à filha é de um incestuoso que passa por reincorporar, por reabsorver, por engolir de volta o fruto que saiu de seu ventre, mas que está proibida de sair para mais longe do que isso... A menina, como um espelho que apenas reflete a simetria entre elas, presta-se a ser um duplo com muito mais facilidade (p. 103).

Nina deve ser esse espelho para a mãe: deve alcançar o almejado papel de Rainha dos Cisnes. Não pode, porém, alcançar mais do que Erica; deve manter-se igual e junto a ela. Isso fica explícito na cena em que, após conseguir o papel, a mãe oferece à filha um pedaço de bolo, mesmo sabendo que Nina não poderia comer. Ao recusar, Erica faz chantagem emocional para a filha aceitar, sabotando-a e tentando impedir que se torne melhor do que ela própria foi. Da mesma forma, Margaret coloca sobre a filha expectativas que ela não pode

característica vivenciada especificamente por mulheres cisgênero. Estes elementos são importantes de serem discutidos, pois marcam a constituição dessas mulheres, mas não são imprescindíveis para este processo. A marcação do termo “cis” ocorre para reforçar que este é um dos caminhos possíveis para se tornar mulher, mas que certamente não é o único.

atingir. A mãe se lamenta por ter cedido às tentativas do ex-marido de ter relações sexuais e acredita que Carrie deva fazer o que ela não pôde: se manter “pura e sem pecados”.

A mãe fálica das histórias de captura mantém suas filhas fixadas “em uma *completude enlouquecedora*” (Meira, 2021, p. 102, grifo da autora), na qual uma representa tudo para a outra. A filha torna-se seu objeto fálico, auxiliando-a a desmentir sua castração e a manter-se na ilusão de completude (Meira, 2021). Nessa relação, não há espaço para entrada de um terceiro, visto que este só consegue se fazer presente quando há a noção de falta instituída (Meira, 2021).

A filha, capturada em sua existência, desaparecendo enquanto sujeito, garante que a mãe continue sendo fálica e completa (Meira, 2021). A menina deve ser o que a mãe espera dela, suprimindo as necessidades do narcisismo materno (Meira, 2021). Caso ela tente se diferenciar, desvelará a incompletude materna, retirando a mãe de seu lugar fálico poderoso; portanto, ela não permitirá com facilidade que isso aconteça. Dessa forma, a filha pode acabar “como que em um labirinto, voltando para as mesmas curvas por onde já passou: as curvas do corpo da mãe que a contém e aprisiona” (Meira, 2021, p. 145).

Nos filmes, pode-se notar a falta de um terceiro que seja eficiente na separação da dupla. Nina não possui um pai presente, e o único momento em que está afastada de Erica é no balé, que representa um desejo materno. O diretor artístico se torna um terceiro, fazendo Nina repensar o lugar que ocupa junto à mãe; contudo, não é suficiente para que ela se separe. Lily consegue abrir caminho para a separação das duas, visto que Nina consegue enfrentar a mãe para sair com a colega. No decorrer do filme, entretanto, esta torna-se seu duplo, repetindo a relação que a menina tem com a mãe. Erica reage às tentativas de separação da filha, aprisionando-a em seu quarto.

Carrie também não possui um pai presente, visto que este a abandonou com a mãe há muito tempo. Ao convidá-la para o baile da escola, Tommy se apresenta como um terceiro com potencial de dar início à separação da dupla. A partir do convite, Carrie consegue confrontar Margaret e dizer que irá ao baile, pois quer “começar a tentar ser uma pessoa inteira antes que seja tarde”. A mãe tenta barrá-la, mandando-a para o quarto rezar, implorando para que fique, dizendo que todos ririam dela e afirmando que, caso ela vá, elas se mudarão de cidade. Contudo, nada é suficiente para impedir a menina.

Ao chegar ao baile, dança e se diverte com Tommy e até é coroada a rainha do baile. No entanto, alguns colegas planejam fazê-la passar vergonha e banhá-la de sangue, em referência ao desespero apresentado pela menina frente à sua menstruação no início do filme. Quando isso acontece, a profecia materna se cumpre e todos riem dela. Isso leva a protagonista a usar seus poderes para fazer com que todos os colegas presentes sejam mortos. Ela, então, volta para casa e retorna aos braços da mãe.

Na história de Mei-Mei, inicialmente também não há um terceiro capaz de separar a dupla, visto que, apesar de ter um pai presente, ele não consegue se impor contra as vontades da esposa. Suas amigas também não conseguem auxiliar a menina a fazer suas vontades, e não as da mãe. No decorrer do filme, no entanto, diferentemente de Nina e Carrie, Mei-Mei consegue abrir um espaço para se separar das expectativas maternas. Os primeiros movimentos ocorrem com o incentivo das amigas: para conseguirem comprar os ingressos para o show, Mei-Mei começa a se transformar no panda e cobrar para bater foto com os colegas. Sua amiga é a primeira a questionar por que ela não pode ficar com o panda em vez de bani-lo, como é o desejo materno. Quando Ming descobre, porém, a menina não consegue sustentar sua decisão e deixa as amigas levarem a culpa.

O pai, Jin Lee, encontra então as filmagens dos momentos em que a filha estava com suas amigas, divertindo-se com o panda. Ele diz que nunca a viu tão feliz e que, se for do desejo dela, ela não precisa bani-lo. Nesse momento, ele consegue operar como um terceiro

e, a partir dessa conversa, Mei-Mei consegue falar para a mãe que quer ficar com o panda. Ming não aceita e briga muito com a filha, despertando seu próprio panda. Com a ajuda das tias e da avó, elas conseguem aprisionar o panda da mãe novamente. Durante o ritual, a mãe, mais jovem, desabafa com a filha sobre o quanto é difícil cumprir as expectativas maternas. Mei-Mei a acalma e diz entender como ela se sente. A avó, Wu, percebe o quanto exigiu de Ming e se reconcilia com a filha. Esta, por sua vez, consegue deixar que Mei-Mei faça suas próprias escolhas e aceite que elas se separem, mas sem que a relação se rompa. Liberta-a, dizendo: “Quanto mais longe você for, mais orgulhosa ficarei”.

Nina, por outro lado, não consegue realizar uma separação saudável de sua mãe. Após as tentativas de diferenciar-se, a menina começa a apresentar alucinações. Nesse momento, o duplo que antes garantia sua existência passa a ser o inquietante. Durante a apresentação do espetáculo, a protagonista, vestida de Cisne Branco, alucina uma briga com Lily, seu duplo, representando o Cisne Negro. Nessa batalha, Nina alucina que mata a colega, mas, no final, mostra que feriu a si mesma. Ela dança o espetáculo ferida e, na última cena, olha para Erica na plateia e pula do penhasco. Ao cair no chão, os colegas percebem que ela está morrendo. Cabe lembrar que o próprio enredo de *O lago dos cisnes* apresenta a história de uma mulher presa num corpo que não é seu, buscando uma liberdade que encontrará apenas na morte. Da mesma forma, Nina não tem um corpo próprio, pois se encontra fusionada à mãe e, ao tentar libertar-se, “dança com perfeição a perda de si mesma” (Zalcborg, 2019, p. 83).

Carrie também não encontra o final feliz de Mei-Mei. Ao chegar em casa, a menina procura apoio junto à sua mãe que, no entanto, inconformada com a tentativa de separação da filha que expôs sua castração, estava esperando-a com uma faca para matá-la. A filha se protege da mãe, matando-a. Embora livre, a menina não consegue existir separada dela, pois esta continuaria imperando em seu psiquismo. Então, após livrar-se daquela que a captura, refugia-se junto à mãe morta no local sagrado onde era trancafiada e espera sua morte enquanto a casa desaba e incendeia. Carrie morreu do mesmo jeito que viveu: presa aos braços da mãe.

A CONSTITUIÇÃO DA FILHA COMO MULHER

Como descrito anteriormente, há uma especificidade nas relações entre uma mãe e sua filha menina: o fato de ambas serem mulheres. Torna-se necessário, portanto, lançar luz sobre como ocorre essa passagem de menina a mulher, que é o fio condutor das relações analisadas.

Para compreender o que é ser mulher na psicanálise, é importante entender as primeiras concepções a respeito do tema, mas também é necessário buscar novos entendimentos, visto que, como ressaltado por Zalcborg (2007),

Na equiparação da feminilidade com passividade não deixa de residir o preconceito de Freud à época. Afinal, a primeira versão de Freud sobre a feminilidade estabelecia que a menina deveria renunciar à sua sexualidade ativa para voltar-se para o pai, assumindo uma posição passiva frente ao homem; nisso consistia, a seu ver, a verdadeira essência da mulher (p. 8-9).

A psicanálise deve ser aberta e capaz de se adaptar ao tempo em que está operando. As mulheres que procuravam Freud no final do século XIX não são as mesmas, nem possuem as mesmas questões daquelas que chegam à clínica na atualidade. A teoria, portanto, também não pode se manter inalterada, visto que esta “nasceu para dar voz ao emergente, não para corroborar a tradição” (Kehl, 2008, p. 211).

Ao nascer, a cada sujeito é designado um sexo, sem que este possua a oportunidade de escolha. O sexo se apresenta como um fator anterior ao indivíduo e o inscreve na cultura como homens ou mulheres, causando efeitos no modo como o sujeito se subjetivará (Kehl, 2008). Para Kehl (2008), apenas até esse ponto é possível tomar a frase de Freud “A anatomia

é o destino” (2018, p. 254) como verdadeira. Apesar de já haver algo determinado ao nascimento, entende-se que é a partir da passagem pelo complexo de Édipo que o sujeito se torna sexuado, sendo marcado pelas inscrições da cultura a respeito das concepções de gênero (Kehl, 2008).

A mulher deve ser compreendida em suas especificidades, o que, segundo Kehl (2008),

não é o mesmo que ser reconhecida como um sujeito-menos-alguma-coisa, já que a castração simbólica incide sobre homens e mulheres. Nem se resolve na constituição fantasmática em que a mulher busca ser *desejo do desejo de um Outro*, pois esta é a posição de todo sujeito no fantasma. Ou então, na terceira e pior alternativa: instalar-se no lugar de senhora fulana de tal, impedindo-se voluntariamente de ocupar qualquer outra posição além dessa na vida (p. 189, grifo da autora).

A resposta para a pergunta “O que é ser mulher?”, portanto, deve ser compreendida a partir de outro lugar, que considere as demandas e exigências da sociedade para com o ser feminino, mas que não ignore as particularidades e desejos de cada sujeito que se denomina e se constitui como mulher.

As personagens analisadas são meninas que estão passando pelo processo de se tornarem mulheres. Mei-Mei e Carrie se encontram ainda na adolescência, momento da vida em que o sujeito está se questionando sobre quem é. Elas estão enfrentando mudanças físicas que denotam seu crescimento, demandando um intenso trabalho psíquico para elaborar as transformações que estão ocorrendo (Macedo; Gobbi, 2010). A partir disso, as adolescentes podem se autoconhecer, crescer e decidir quem elas querem se tornar (Macedo; Gobbi, 2010).

Mei-Mei se depara com um primeiro sinal geracional que indica que ela está se tornando uma mulher: a aparição do panda vermelho. Carrie também passa por uma importante mudança que representa o desenvolvimento das mulheres cis: a menarca. Ambas as meninas se encontram desamparadas frente a tais mudanças, pois suas mães não as prepararam para o que aconteceria e, sem entender, questionam-nas sobre por que não foram avisadas. Elas ansiavam por uma significação desses acontecimentos que indicam um pouco do que é ser mulher, vinda de suas maiores referências femininas. Ming responde que acreditava que teria mais tempo, que pensava que, se vigiasse a filha como estava fazendo, ela perceberia e poderia se preparar — o que a mãe não percebeu é que o crescimento da filha não está sob seu controle. Já Margaret condena a filha por estar crescendo, diz acreditar que isso aconteceu porque ela pecou, reprime-a e a manda rezar.

Nina, por outro lado, já passou do período da puberdade e pelas mudanças corporais que dele decorrem, mas isso ainda não foi o suficiente para ela se tornar uma mulher e constituir um eu separado da figura materna. Devido à história de captura, a menina se encontra ainda infantilizada e atrelada às imposições maternas. Seu quarto, decorado pela mãe, é todo rosa e com diversos bichos de pelúcia. Em uma cena, Erica coloca uma caixinha de música para tocar enquanto acaricia os cabelos da filha e fala: “Doce *menina*”. Thomas também percebe sua puerilidade ao dizer que tem dúvidas se ela consegue interpretar o sensual Cisne Negro, uma vez que parece muito frígida para isso.

Para poderem se tornar mulheres, uma das vias possíveis é a de tomar a figura materna como um molde para pensar que traços irão compor seu eu. Como pontuado por Zalberg (2019), “o feminino ecoa no mais íntimo de cada uma, ao modo das matrioscas”, que “representam mães que dão à luz filhas que darão à luz outras filhas, e assim sucessivamente” (p. 10). O entendimento do que é ser mulher pode ser passado de mãe para filha. É a partir da imagem que a mãe tem de si e da forma como ela se entende como mulher que a filha compreende o que é ser mulher naquela família (Cramer, 1997; Zalberg, 2019). Uma vez que, na relação com a filha, a mãe remonta sua experiência com sua própria mãe, a passagem da

filha de menina para mulher será facilitada caso a mãe esteja com suas questões resolvidas com a própria mãe (Zalberg, 2019).

A intergeracionalidade fica evidente na história das mulheres da família Lee. Ming ainda tem questões pendentes com sua forma de ser mulher naquela família e com sua própria mãe, Wu. Para a avó, é necessário que as mulheres da família aprendam a controlar os sentimentos e aprisionem o panda para que ele nunca apareça. É isso que ela ensina para a filha, e é isso que Ming ensina para Mei-Mei. Ming teme a mãe, assusta-se quando ela chega e tem medo de falar com ela. Ao final, após a cena em meio ao ritual para aprisionar o panda da mãe, em que Ming fala para a filha como é difícil suprir as expectativas da avó, Wu liberta a filha e, a partir da resolução do conflito com sua mãe, Ming é capaz de deixar que a filha se separe e se torne a mulher que ela quer ser.

A relação com a mãe, no entanto, não solucionará a questão do que é ser mulher, nem será suficiente para que ela componha sua singularidade e escolha que mulher ela quer ser (Kehl, 2008). Sendo assim, a relação com a mãe não é determinante na constituição da filha como mulher, inclusive por não haver como se desenvolver inteiramente no campo da feminilidade (Kehl, 2008). A identificação com a mãe levará a apenas dois caminhos. O primeiro é a identificação com os ideais da feminilidade calcados no desejo do pai (Kehl, 2008). A menina seguirá demandante do desejo do outro e se situará como falo desse outro que a possui, sendo um discurso que leva à histeria (Kehl, 2008). A segunda possibilidade existente nesse cenário é a identificação com a mãe não castrada, em que a filha poderá se subjetivar como melancólica ou psicótica, visto que se encontra incapaz de simbolizar sua própria castração (Kehl, 2008).

Assim, em nenhum dos destinos traçados a partir da identificação com a mãe a menina é capaz de constituir uma narrativa própria e singular em que ela se responsabilize pela falta e por seu desejo. Para isso ser possível, é necessário que ela se diferencie da mãe e encontre outras significações para o que é ser mulher para além da relação maternal. Ser mulher é, portanto, “ao mesmo tempo, ser como a mãe e tentar ser *uma outra*, distinta dessa que no inconsciente será sempre absoluta, dominadora, mortífera” (Kehl, 2008, p. 203, grifo da autora). A mulher precisa, para além de encontrar a resposta para “O que é ser mulher?”, buscar entender que mulher ela quer ser separada da figura materna.

As mães podem facilitar ou complicar a travessia da filha de menina para mulher. Nas histórias de captura, essa passagem é dificultada, uma vez que não há o espaço necessário para a diferenciação. Mãe e filha encontram-se unidas, impossibilitando a formação de uma identidade para além daquela que lhe foi apresentada por sua mãe. As filhas capturadas ficam impedidas de sair dessa dupla e de deixarem de ser o representante do falo da mãe, uma vez que o crescimento e o desenvolvimento sexual da filha desvelam a castração materna (Meira, 2021). Visto que a falta não foi simbolizada por essa mãe, diante das tentativas de separação, esta tenta impedir que isso aconteça. Assim, seduzidas pela promessa de um amor ilimitado, as filhas se mantêm fiéis à mãe em uma relação de passividade e exclusividade (Meira, 2021). Frente a mães que barram quaisquer movimentos de atividade, as filhas ficam impedidas de se tornarem mulheres (Meira, 2021). A menina fica, portanto, atrelada às identificações maternas do que é ser mulher e apresenta um eu pobremente constituído.

Isso é o que acontece com Nina e com Carrie. Nina realiza diversas tentativas de se separar de Erica, principalmente a partir da intervenção de Thomas. O diretor sugere que ela se masturbe para conseguir ser sensual o suficiente para interpretar o Cisne Negro. É ao despertar sua sexualidade e tentar deixar de ser menina para começar a ser uma mulher que Nina perde o contato com a realidade. Suas alucinações estão muito relacionadas ao tema da sexualidade e de seu duplo, seja ele representado por sua mãe ou por Lily. Ao chegar em casa do bar, a personagem tenta, mais uma vez, separar-se de sua mãe. Ela corre para o quarto e tranca a porta. Sua mãe tenta entrar diversas vezes, questionando o que está acontecendo, ao que a

filha responde: “Isso é privacidade, não tenho mais 12 anos”. Durante o ato sexual com Lily, o rosto da colega se transforma diversas vezes no rosto de Nina e de Erica, como se fossem todas uma só e, apesar do susto, ela pode aproveitar a relação. Ao final, a menina alucina que Lily fala para ela: “Menina doce”, o mesmo que sua mãe lhe diz, e então dorme.

É interessante destacar que, quando sai para o bar com Lily, um homem beija Nina, que se assusta e se retira do local. Depois disso, porém, ela alucina uma relação sexual com Lily e, nela, consegue sustentar a relação que ocorre. Nina só consegue gozar de sua sexualidade dentro de uma relação simbiótica, em meio a uma confusão de corpos em que não é possível discernir ela do outro.

Após esse momento, há uma cena em que Nina se revolta com a decoração de seu quarto, quebra a caixinha de música e joga fora os ursos de pelúcia, tentando se libertar da prisão de ser uma eterna menina e falar da sua mãe. Ela alucina, então, que estão saindo de suas costas penas do Cisne Negro, justamente o representante de um papel mais sensual do que estava acostumada. O símbolo de sua sexualidade, que estava tentando aparecer, emerge de sua pele durante a alucinação, apesar dos esforços maternos para que isso não acontecesse.

Ao chegar ao local do espetáculo, no dia da estreia, Thomas fala para ela: “A única pessoa no seu caminho hoje é você, livre-se dela, solte-se”. Nina entra no espetáculo e faz uma apresentação impecável do Cisne Branco. Ao chegar ao camarim, alucina mais uma vez a confusão de corpos com seu duplo e, nela, mata Lily, que está vestida de Cisne Negro. Após matar seu duplo, ela consegue finalmente se soltar. Ela dança como nunca dançou o papel de Cisne Negro e, ao sair do palco, beija Thomas. Ao se libertar da simbiose, outros coloridos de erotismo podem, enfim, aparecer.

Carrie, apesar da resistência materna que a privou até mesmo de saber de um dos importantes marcos do processo de se tornar uma mulher cis, consegue realizar alguns movimentos para se afastar da mãe e descobrir que mulher ela quer ser. A menina aceita o convite de Tommy para ir ao baile e busca se preparar para o evento. Ela vai a uma loja de maquiagens e prova os produtos, tentando descobrir do que gosta e quem ela é. Carrie costura seu vestido para ir ao baile, tenta entender sozinha que mulher ela quer ser, uma vez que a mãe não a auxilia nessa tarefa. A mãe a repreende pela escolha do vestido por conseguir ver seus seios, querendo queimar a roupa e rezar por perdão, arrancando-lhe os poucos símbolos que conquistou na tentativa de se tornar mulher. Carrie, apropriando-se pela primeira vez de seu eu e de quem quer ser distante da mãe, responde: “Seios, mamãe. Chamam-se seios. E toda mulher tem”.

Apesar do destino se diferir, Ming também não aceitou com facilidade a separação da filha. Logo no início do filme, quando a mãe acredita que a filha está estranha porque teve sua primeira menstruação, ela fala à filha: “Sei que é estranho, mas ninguém vai notar nada”, como se ninguém pudesse notar que ela está se tornando uma mulher — na verdade, quem não podia notar que a filha estava crescendo era ela própria, pois perderia seu lugar fálico. Além disso, após Mei-Mei desenhar em seu caderno o retrato de um menino que ela acha bonito, a mãe o encontra (visto que possui livre acesso a tudo que é da filha) e se revolta. Ming, então, sente-se no direito de confrontar o menino dos desenhos, por acreditar que ele estava se aproveitando da filha, sem considerar a possibilidade de a menina estar crescendo e ter seus próprios desejos.

Uma das formas de a separação entre mãe e filha ocorrer é por meio da entrada da figura paterna, com quem a menina também pode se identificar (Kehl, 2008). Essa relação, no entanto, também não é suficiente para que ela se torne mulher. Para isso ocorrer, a menina pode identificar-se com outras mulheres, além de sua mãe, que contribuirão para a composição de seu ser (Kehl, 2008). Desse modo, ela poderá encontrar outras significações do que é ser mulher e, assim, não se confundir com aquela de quem saiu. A menina pode identificar-se

não apenas com a mãe, mas também aderir às características do pai e de outras pessoas na constituição do seu eu para, então, compreender que mulher ela deseja ser (Kehl, 2008).

Nina, para além de sua mãe, identificou-se com Lily. Quando sai com a colega, esta lhe empresta uma roupa diferente para a menina vestir e a mostra como flertar com homens, ensinando-a um pouco sobre como deixar o lugar de menina e ocupar o lugar de mulher. Já Carrie pode identificar-se com sua professora, a Srta. Collins. Apesar de, no início, não a proteger das risadas das outras alunas quando ela tem sua primeira menstruação, no decorrer do filme ela a acolhe, diz que pode confiar nela e tenta protegê-la das piadas dos outros alunos. Quando Carrie está com medo de aceitar o convite de Tommy para o baile, a Srta. Collins diz que ela é bonita e a faz se olhar no espelho. Ela descreve seus olhos, sua boca, seu nariz, seu cabelo; a faz reconhecer seu eu — algo que a mãe reprime. No baile, a professora elogia sua beleza e conta à menina sobre sua própria experiência no baile da escola.

Mei-Mei tem suas amigas como uma das referências nas quais pode se apoiar para constituir sua identidade. Elas estão passando juntas pela adolescência, descobrindo quem querem ser. Além disso, possui diversas outras referências femininas, como sua avó e suas tias. Outra pessoa com quem a menina pode se identificar é Jin. Foi a partir do que o pai falou que ela consegue enfrentar a mãe e dizer o que queria para si, sustentando sua vontade de ficar com o panda.

Após embates, suas outras referências femininas a apoiam em sua decisão. Mesmo após ficar com o panda, a mãe ainda tenta delimitar o que quer que a filha faça, mas ela já tem força suficiente para bancar os seus desejos, respondendo à mãe apenas: “Meu panda, minhas escolhas”. Ao fim, ela diz que muitos se lembram do incidente do panda vermelho, mas “minha mãe e eu só chamamos de amadurecimento”. Pode-se entender, assim, que Mei-Mei conseguiu fazer o que Nina e Carrie não puderam: constituir uma língua própria e descobrir que mulher deseja ser, separada de sua mãe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jeito agora é virar mulher. Não sei ser mulher. Ninguém sabe ser mulher. Só os loucos sabem ser mulher. Quero saber ser mulher? Não, quero ser sem saber (Kuss, p. 69, 2017).

No presente artigo, buscou-se analisar alguns dos possíveis efeitos que uma relação entre mãe e filha, marcada pelo excesso de presença materna, tem sobre a constituição da filha como mulher. Com esse objetivo, realizou-se uma pesquisa qualitativa, empírica, com análise audiovisual, com base na análise fílmica psicanalítica. Utilizaram-se, para isso, as obras *Cisne negro* (2010), *Carrie, a estranha* (1976) e *Red: crescer é uma fera* (2022). O cinema pode ser tomado como objeto de estudo, tensionando a teoria frente às cenas produzidas na atualidade.

A partir disso, compreende-se que a mãe pode facilitar ou dificultar o processo de a filha tornar-se mulher. Essa relação deixa marcas profundas no psiquismo da menina, no entendimento que ela tem de si e no que significa ser mulher para ela. Ao estar bem resolvida com o que é, para si, ser mulher, com sua filiação e sua maternidade, a mãe pode auxiliar a filha a descobrir que mulher ela deseja ser. Contudo, quando o caso apresentado é uma história de captura, essa travessia fica obstaculizada.

É importante destacar que a simbiose entre a mãe e o bebê, inicialmente, é essencial para a sobrevivência, pois irá auxiliar na constituição de seu psiquismo. Após essa fase inicial, no entanto, é necessário que o bebê possa existir separado de sua dupla, pois, caso contrário, essa fusão se tornará o mortífero na relação. Ao não haver separação, não há o espaço necessário para que a menina se diferencie da mãe e passe a “ser uma pessoa inteira”, como bem pontuado por Carrie. Essa personagem e Nina não conseguiram romper com as amarras

maternas para se tornarem mulheres, ficando, assim, presas às identificações da mãe sobre o que é ser mulher. Ambas as meninas não puderam encontrar uma forma de ser separadas da mãe sem que a relação se rompesse; dessa forma, encontram liberdade da prisão materna apenas na morte.

Há, porém, a possibilidade de diferenciar-se da mãe, ancorando-se na relação com outras pessoas importantes que fazem parte da vida da menina. Mei-Mei é um exemplo disso: a partir da presença paterna, das tias, da avó e das amigas, ela consegue priorizar seus desejos, em vez de apenas realizar as vontades maternas. A menina consegue, assim, constituir uma identidade própria sem romper completamente a relação com Ming.

Tendo isso em vista, é importante ressaltar que ter uma relação com a mãe não é a única via de tornar-se mulher — inclusive porque ela não solucionará essas questões nem nos casos em que está presente. Neste artigo, foram analisadas apenas configurações de família em que a relação é entre uma mãe e uma filha, ambas mulheres cis, visto que é isso que foi representado nos filmes escolhidos. É necessário destacar, no entanto, que existem diversas configurações familiares e que cada uma, em sua singularidade, produzirá um modo diferente para que a passagem de menina para mulher ocorra. Isso se dá porque, nessa travessia, não só a mãe é uma referência, mas também o pai, as tias, avós, primas, amigas, dentre tantas outras pessoas que marcam a constituição do eu da menina.

Dessa forma, entende-se que o caminho para se tornar mulher não é único e que é importante estudar as mais diversas possibilidades de uma menina tornar-se mulher, compreendendo-se as especificidades de cada caso. Tendo em vista que os encontros entre mães e filhas seguem ocorrendo, é importante que essa temática continue sendo pesquisada, tensionando a teoria frente às singularidades dos casos que surgem na atualidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Laura Maria Silva Araújo. O cinema como fonte investigativa para compreensão da infância: o uso de recursos audiovisuais no ensino de psicologia. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 3, n. 10, p. 35-56, 2017.
- BUTLER, Judith. *Problema de gênero: feminismo e a subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARRIE, A ESTRANHA. Direção: Brian De Palma. Produção: Paul Monash. Estados Unidos: United Artists, 1976. Filme.
- CISNE NEGRO. Direção: Darren Aronofsky. Produção: Scott Franklin, Mike Medavoy, Arnold Messer, Brian Oliver. Estados Unidos: 20th Century Studios, 2010. Filme.
- CRAMER, Bertrand. *Segredos femininos: de mãe para filha*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- FREUD, Sigmund. O declínio do complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. *Neurose, psicose e perversão*. Tradução de Maria Rita S. Moraes. São Paulo: Autêntica, 2018. p. 1-10. (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Original publicado em 1924.
- FREUD, Sigmund. O inquietante. In: FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos")*, *Além do princípio do prazer e outros textos* (1917-1920). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 1-56. (Obras completas). Original publicado em 1919.
- GONZÁLEZ REY, F. L. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira, 2002.
- HAUSEN, Denise Costa. *Cinema e psicanálise: o conceito de castração em transversal*. Porto Alegre: Movimento, 2013.
- KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- KUSS, Ana Suy Sesarino. *Não pise no meu vazio*. São Paulo: Patuá, 2017.

- LISONDO, A. D. Na simbiose patológica, uma concha autística para dois: na psicanálise, nasce o ser e a linguagem. In: GRAÑA, Roberto B.; PIVA, Angela B. S. (Orgs.). *Atualidade da psicanálise de crianças: perspectivas para um novo século*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 1-20.
- MACEDO, Mônica Medeiros Kother; GOBBI, A. S. (Orgs.). *Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- MACIEL, Rubens de Aguiar; ROSEMBURG, Coronélio Pedroso. A relação mãe-bebê e a estruturação da personalidade. *Saúde e Sociedade*, v. 15, n. 2, p. 96-112, 2006.
- MAHLER, Margareth. *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. Original publicado em 1975.
- MEIRA, Ana Cláudia Santos. *Histórias de captura: investimentos mortíferos nas relações mãe e filha*. São Paulo: Blucher, 2021.
- RED: CRESCER É UMA FERA. Direção: Domee Shi. Produção: Lindsey Collins. Estados Unidos: Walt Disney Studios, 2022. Filme.
- SISSON, Nathalia; WINOGRAD, Monah. Bachelard e Freud: fenomenotécnica e psicanálise. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, p. 146-162, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000300010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 31 dez. 2024.
- SUMMERS, Frank; WALSH, Froma. The nature of the symbiotic bond between mother and schizophrenic. *American Journal of Orthopsychiatry*, v. 47, n. 3, p. 84-94, 1977.
- TESONE, Juan Eduardo. Da língua da mãe à língua materna ou como construir sua língua. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 40, n. 2, p. 124-143, 2006.
- WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Sobre a análise fílmica psicanalítica. *Revista Subjetividades*, v. 17, n. 1, p. 1-11, 2017.
- WINNICOTT, Donald Woods. *Os bebês e suas mães*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WINNICOTT, Donald Woods. Preocupação materna primária. In: WINNICOTT, Donald Woods. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. 3. ed. Tradução de Jayme Russo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 491-498. Original publicado em 1956.
- ZALCBERG, Malvine. *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- ZALCBERG, Malvine. *Amor paixão feminina*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- ZALCBERG, Malvine. *De menina a mulher: cenas da elaboração da feminilidade no cinema e na psicanálise*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2019.

Artigo recebido: 4 de janeiro de 2025

Artigo aceito: 5 de fevereiro de 2025

O LUGAR DA ESCRITA PSICANALÍTICA NO ENQUADRE INTERNO DO ANALISTA: UMA TOPOGRAFIA ÉTICA

THE ROLE OF PSYCHOANALYTIC WRITING IN THE PSYCHOANALYST'S INTERNAL SETTING: AN ETHICAL TOPOGRAPHY

EL LUGAR DE LA ESCRITURA PSICOANALÍTICA EN EL ENCUADRE INTERNO DEL PSICOANALISTA: UNA TOPOGRAFÍA ÉTICA

Felipe Szyszka Karasek¹

Resumo: O objetivo deste ensaio é articular a relação entre escrita e psicanálise, compreendendo sua dimensão ética e criativa no enquadre interno do analista. A escrita psicanalítica é analisada como um processo de inscrição que transcende o armazenamento de informações, permitindo uma vivência analítica e a criação de novos sentidos, os quais destacam a linguagem como elemento central dos processos inconscientes. O texto propõe (i) a escrita como prática criativa e ético-reflexiva, integrando a análise pessoal do analista com a alteridade do paciente; (ii) a importância da sensibilização como abertura a novas possibilidades, rejeitando a fixação em métodos rígidos e privilegiando o movimento e a diferença; e (iii) a apresentação da escrita psicanalítica como um ato ético que engendra sentido no campo analítico e cultural.

Palavras-chave: Escrita psicanalítica. Enquadre interno do analista. Ética. Psicanálise.

Abstract: The aim of this essay is to examine the relationship between writing and psychoanalysis, focusing on its ethical and creative dimensions within the psychoanalyst's internal world. Psychoanalytic writing is approached as a process of inscription that goes beyond the mere recording of information, facilitating an analytic experience and the creation of new meanings, which highlight language as central to unconscious processes. This text proposes: (i) writing as a creative and ethically reflective practice that integrates the psychoanalyst's personal analysis with the patient's alterity; (ii) the importance of sensitization as an openness to new possibilities, rejecting rigid methodologies and prioritizing movement and difference; and (iii) the conceptualization of psychoanalytic writing as an ethical act that generates meaning within both the analytic and cultural spheres.

Keywords: Psychoanalytic writing. Psychoanalyst's internal setting. Ethics. Psychoanalysis.

¹ Psicanalista. Membro da Sigmund Freud Associação Psicanalítica de Porto Alegre/RS. Realizou estágio pós-doutoral na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com pesquisas na temática "Filosofia, Psicanálise e Processos de Subjetivação", com supervisão do Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza. Realizou doutorado em Filosofia pela PUCRS, com orientação do Prof. Dr. Nythamar de Oliveira; mestrado em Filosofia pela PUCRS, com orientação do Prof. Dr. Nythamar de Oliveira; especialização em Filosofia e Ensino de Filosofia pela PUCRS, com orientação do Prof. Dr. Ronel Alberti da Rosa; licenciatura em Filosofia pela PUCRS, com orientação do Prof. Dr. Ronel Alberti da Rosa. É proponente do Grupo de Estudos "Outros Humanismos: Articulações entre Modos de Existência e Ensaios para Futuros Possíveis", em conjunto com o Prof. Dr. Rafael Werner Lopes. Realizou formação na Oficina de Escrita Criativa do Prof. Dr. Luiz Antônio de Assis Brasil na PUCRS. Participou do Grupo de Pesquisa "Tecnologias do Imaginário: Práticas e Culturas da Comunicação", do Prof. Dr. Juremir Machado na PUCRS. Participou do Grupo de Estudos "Literatura Brasileira Contemporânea", do Prof. Dr. Ricardo Barberena na PUCRS. Publicou os livros: *Declínio âmbar e outras ficções* (2022), *Nos abismos: sobre a interpretação da natureza em Nietzsche* (2022), *A solidão do estilo: escrituras, biografemas; fragmentos, notas* (2021), *Uma filosofia da dor: a sabedoria trágica no jovem Nietzsche* (2013) e *Pelo que vale a pena morrer* (2013), pela Editora Bestiário (Porto Alegre/RS).
ORCID: 0000-0002-7669-637X. E-mail: felipe.s.karasek@gmail.com

Resumen: El objetivo de este ensayo es explorar la relación entre escritura y psicoanálisis, comprendiendo su dimensión ética y creativa en el encuadre interno del analista. La escritura psicoanalítica se analiza como un proceso de inscripción que trasciende el almacenamiento de información, permitiendo una vivencia analítica y la creación de nuevos sentidos, los cuales destacan el lenguaje como elemento central en los procesos inconscientes. El texto propone: (i) la escritura como una práctica creativa y ético-reflexiva, integrando el psicoanálisis personal del psicoanalista con la alteridad del analisante; (ii) la importancia de la sensibilización como apertura a nuevas posibilidades, rechazando la fijación en métodos rígidos y privilegiando el movimiento y la diferencia; y (iii) la presentación de la escritura psicoanalítica como un acto ético que engendra sentido en el campo analítico y cultural.

Palabras clave: Escritura psicoanalítica. Encuadre interno del psicoanalista. Ética. Psicoanálisis.

[...] e que não fique o chão nem fique a sombra
mas que a precisão urgente de ser eterno boie como uma esponja no caos
e entre oceanos de nada
gere um ritmo.
(Carlos Drummond de Andrade)
Trecho de "Eterno" (Andrade, 2015).

PRELÚDIO — DUAS INTUIÇÕES

Este texto² se engendrou a partir de duas intuições, as quais orbitam em torno de uma temática principal, a *escrita psicanalítica*, ao mesmo tempo em que solicitam outros desenvolvimentos particulares. Assim, não pretendo esgotar as possibilidades dessas intuições, mas seguir por alguns caminhos que as conectam.

Nesse sentido, delimito duas trajetórias principais, a saber:

(i) Uma hipótese — *assim como a noção de inconsciente, a escrita psicanalítica cria e define a psicanálise, além de ser algo compartilhado por todas as escolas psicanalíticas, pensando com Ignacio Gerber:*

Parece evidente, quase óbvio, que a postulação por Freud de um Inconsciente cria e define a Psicanálise e se torna seu conceito fundamental. O Inconsciente é o *common ground*, a base comum compartilhada por todas as escolas pós-freudianas. Claro que há diferentes visões no detalhamento dessa noção de um Inconsciente estranho que escapa ao nosso controle consciente, porém a certeza de sua existência inefável e essencial percorre todas as tendências citadas e mais (Gerber, 2023, p. 19-20).

(ii) Uma tese — *a escrita psicanalítica ocupa um lugar fundamental no encuadre interno do analista*³, pensando, com Fernando Urribarri, em duas citações fundamentais:

² "Um texto não é uma superfície plana, mas, antes, é composto por camadas ou placas que se chocam e que deslizam umas sobre as outras, amarradas por fios nem sempre visíveis, nem sempre ancorados em terra firme. Tampouco um texto é uma matéria opaca, impenetrável, que nada absorve do exterior ou que extingue tudo que lhe é estranho" (Iannini, 2021, p. 39).

³ Em sua relação com a escrita psicanalítica, "o encuadre interno do analista, aval da terceiridade, quando o campo analítico tende em direção a uma dinâmica dual, bidimensional. O trabalho psíquico do analista, eixo conceitual terciário que inclui a atenção flutuante (perspectiva intrapsíquica, análise de conteúdo) e a contratransferência (perspectiva intersubjetiva, análise da relação e do continente), subordinando-as a uma gama mais ampla e complexa de operações, na qual se destaca a imaginação (a criatividade) psicanalítica" (Urribarri, 2010, p. 22).

Parece-me importante salientar que a perspectiva “contemporânea” introduz e considera crucial o conceito de enquadre (retomando Winnicott e Bleger), o qual em seguida articula com os de transferência e contratransferência como parte de um esquema terciário do processo analítico. O enquadre é um conceito duplo, ao mesmo tempo epistemológico e técnico: é definido como condição de possibilidade para a constituição do objeto analítico, do seu recorte teórico e da sua transformação prática. Green assinala que, apesar do aparente estabelecimento empírico e artesanal do enquadre por Freud, o certo é que “o sonho é o modelo (metapsicológico) implícito do enquadre (Green, 1974)”. Com base nessa elucidação, centrada no estudo da produção representativa no enquadre, nosso autor pode definir e abordar o que denomina como estados nos limites da analisabilidade (Urribarri, 2010, p. 4).

Na ideia do enquadre interno, há algo da ordem do intrapsíquico e algo que permite a integração do intersubjetivo. Retomando o que destacamos a propósito da estrutura enquadrante, poderíamos pensar que o enquadre interno é uma interface interno-externo. Os processos terciários, incluídos na escuta analítica, são provavelmente aqueles que exercem um papel decisivo no enquadre interno. O fundamento desse enquadre não pode ser outro além da estrutura enquadrante do próprio analista, que, por meio da sua análise pessoal, torna-se fonte de uma nova flexibilidade, suporte do enquadre interno. Se definimos a estrutura enquadrante como o que permite constituir a singularidade (ou seja, a separação em relação ao outro, a flexibilidade e a autorreferência), podemos pensar que o enquadre interno constitui, por meio da análise pessoal do analista, uma matriz ativa para a singularidade do outro, para sua alteridade radical (Urribarri, 2010, p. 31).

Em um passo atrás das condições de possibilidade para o processo dessa escrita⁴, retomo a noção de engendramento em Nietzsche, a qual considero fundamental para pensar o processo de criação de um ensaio:

Na *Gaia Ciência*, Nietzsche questiona: “Para que em geral consciência, se ela é no geral *supérflua*?” (FW/GC §354). Nessa passagem, ele está se referindo à principal dificuldade quando se assume um modelo processual: o modelo é caracterizado por transições dinâmicas, não é possível determinar estados iniciais e nem estados finais. As definições também precisam ser diferentes (da metafísica tradicional, do conceito) —, ocorrem apenas com caráter de engendramento, tratam do acontecer daquilo que ocorre, do vir-a-ser do próprio processo. Com essas interpretações, a natureza se torna uma totalidade de processos, sequências de acontecimentos. A partir da aceitação do modelo do processo, o principal problema se torna saber se nos processos é necessário um sujeito do processo ou se existem processos sem sujeito. Partindo dessa perspectiva: “Não se deve perguntar: ‘Então quem *interpreta*?’”, mas o próprio interpretar mesmo, como uma forma da vontade de poder, tem existência (no entanto, não como um ‘ser’, mas como um processo, um devir) como um afeto” (NF/FP 2[151] 1885-1886). Como analisamos no modelo do *continuum*, na consciência está representada somente uma parte limitada da realidade e, nesse sentido, o Eu (*Ich*) como sujeito da consciência com intencionalidade e autoconsciência, surge na consciência ao mesmo tempo em que surge a própria consciência. Além disso, o modelo do *continuum* sustenta a possibilidade de processos sem sujeito (NF/FP 2[151] 1885-1886). Na perspectiva nietzschiana, o Eu (*Ich*, sujeito) que surge na consciência depende de uma infinidade de processos sem sujeito, e a consciência também é resultado de uma série de processos não conscientes. Isso evidencia que o caráter de interpretação do pro-

⁴ Parafrazeando Immanuel Kant em sua obra: KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Petrópolis: Vozes, 2001. [1781]. *Crítica da razão pura* (1781).

cesso não pertence ao processo mesmo (JGB/BM §17). O modelo do processo, relacionado com o modelo do *continuum*, além de possibilitar a noção de objetos-processos, elimina a possibilidade de uma contaminação categorial do processo com indivíduos-coisa ao sugerir um modelo fundamentado em indivíduos-processo, afastando, em mais um nível, uma teoria dualista. Ocorre, com o modelo do processo, uma passagem da noção de organismo para a noção de organização. O orgânico é uma estrutura de organização; da organização resulta a consciência e todos os processos relacionados à consciência e que emergem dessas relações. Nessa afirmação, podemos perceber uma síntese do entendimento nietzschiano de vida. Se ainda havia uma possibilidade de sugerir a relação entre universal e particular, ela é substituída pela relação parte e todo. A organização processual é um acontecimento fundamental de tudo que se engendra e é vivo, “uma forma duradoura do processo de afirmação da força, onde os lutadores crescem de modo desigual entre si” (NF/FP 36[22] 1884). Nesses processos, nada pode ser representado como atômico, pelo contrário, o caráter dos acontecimentos é a consecução efetivo-relacional do acontecer entre as partes e o todo, sem teleologia; se existe uma aparente conformidade causal é, como afirma Nietzsche, “somente uma expressão de uma ordem de esferas de poder e de sua combinação” (NF/FP 9[91] 1886-1887). Mas como ocorre o engendramento da consciência? Para Nietzsche, a consciência se engendra em representações, e estas, em signos. Pensar é um processo em signos linguísticos, “pensamos somente em forma de linguagem” (NF/FP 5[22] 1886-1887); o pensar consciente é interpretativo e dependente das funções gramaticais da linguagem. A relação entre consciência e linguagem não ocorre somente no pensar consciente, essa relação já existe no surgimento e desenvolvimento da consciência. Além disso, a linguagem tem um caráter público, a utilização da linguagem forma elementos fundamentados na sociedade, na realidade histórica e cultural. Essa conexão pública da linguagem representa algo muito importante para Nietzsche: a consciência e suas relações são problematizadas nos limites do desenvolvimento do orgânico com os processos culturais. A consciência atinge o pensamento consciente e a autoconsciência porque tem uma necessidade de comunicação com outros seres humanos, e, além disso, a consciência demonstra sua força e sua sutileza a partir da sua capacidade de se comunicar (FW/GC §354). Consciência e linguagem se desenvolvem juntas. A partir do momento em que o Eu (*Ich*) consciente está em condições de diferenciar entre coisas diferentes se constitui um sistema de conceitos; a partir da capacidade da consciência de delimitar coisas ocorre a possibilidade de o Eu (*Ich*) consciente afirmar que algo é. Essa função conceitual que conecta os seres humanos não ocorre somente a partir da linguagem, mas também a partir de signos não linguísticos, como o olhar, a expressão e os gestos; Nietzsche afirma que os seres humanos desenvolvem “signos de comunicação”, o ser humano é capaz de inventar signos, e esses processos estão vinculados com a sociabilidade (FW/GC §354). Quanto mais o ser humano desenvolve e cria signos de comunicação, mais ele se torna consciente de si mesmo. “Tudo aquilo que ingressa na consciência é antes completamente acomodado, simplificado, esquematizado, interpretado” (NF/FP 11[113] 1887-1888). As experiências internas se tornam conscientes após elas encontrarem uma linguagem que o sujeito compreende. Esses processos possuem problemas de tradução definidos por indeterminações, transfigurações e reduções na relação do mundo interior com ele mesmo; essa relação do mundo interior com ele mesmo não está separada do mundo cultural e do relacionamento com outros seres humanos, com os quais divide uma semântica e uma pragmática de um modo de viver (NF/FP 15[90] 1888). Não existe a possibilidade de conhecer um mundo diferente do mundo fenomenal, um mundo puro no qual não exista interpretação, ou um mundo que seja existente por si (NF/FP 9[106] 1887). Para Nietzsche, não existe a possibilidade de

uma experiência interna pura, o que significa afirmar que na perspectiva nietzschiana não tem nenhum sentido afirmar: transparência completa da consciência; a manutenção da idealidade do dado; a experiência humana como independente da linguagem e da interpretação; o fenomenalismo como restrito ao mundo exterior; existência de pontos de observação fixos; acesso imediato da consciência a seus próprios estados de experiência interna de si. Essa tal consciência, se existisse, deveria estar em condições de “poder ler um texto como texto, sem acrescentar uma interpretação” (NF/FP 15[90] 1888). A consciência não consegue representar nem suspender o complexo de seus próprios condicionamentos, a partir dos quais e sobre os quais ela é consciência. Os seus fundamentos não ocorrem na consciência e nenhum objeto que lá entra permite o reconhecimento de que esse objeto é dependente de um feixe não consciente de condições. No entanto, o Eu (*Ich*) da consciência consegue retroagir e refletir sobre si próprio, em retroação sobre a complexidade de suas condições. Para Nietzsche, essa capacidade é o perigo que a autoconsciência representa para si mesma. Por causa disso ela pode encerrar-se nela mesma, acreditando em uma autocausalidade, convencendo-se que o pensamento humano é o fim último de todas as coisas (para Nietzsche, esse é o modelo e o engano do modelo de autoconsciência de Descartes) (*Za/ZA I, Dos desprezadores do corpo*). Na perspectiva nietzschiana, a maioria daquilo que o Eu (*Ich*) da consciência inclui na produção de suas sínteses foi produzida em outro lugar, principalmente na corporeidade pré-cognitiva (transição da “pequena razão” cartesiana para a “grande razão” situada no corpo humano). [...] A psicologia, assim, é o “caminho que conduz aos problemas fundamentais”, após a crítica radical de Nietzsche à metafísica platônico-cristã-cartesiana. Na metafísica ocidental, o psíquico está conectado à unidade da consciência. No entanto, Nietzsche pretende erigir uma ciência da psique que afirme o psíquico não apenas conectado ao consciente, mas que diferencie o consciente do inconsciente e, dessa forma, compreenda ambos conectados com o psíquico. Além disso, a psicologia até então estava dependente de preconceitos e temores morais, e não “desceu até a profundidade”. Nietzsche oferece a proposta de uma racionalidade ampliada, na qual a psicologia é o caminho para os problemas fundamentais porque o paradigma é fornecido pelo corpo (a grande razão) e pelos impulsos (Karasek, 2022, p. 135-165).

A partir desse ponto, em busca das condições de possibilidade do processo de escrita, busquei por algumas *vias* de realização, as quais apresento a seguir.

PRIMEIRA VIA — DO ENSAIO

A primeira via implica em escrever *com* um estilo no qual eu estivesse *investido amorosamente* — nesse caso, escrever um ensaio no sentido que Adorno (2003) convocou. *É tarde demais para não levar esse tipo de solidão em consideração*, penso *com* Roland Barthes, ao pensar em seu *Fragmentos de um discurso amoroso*:

A necessidade deste livro se apoia na seguinte consideração: o discurso amoroso é hoje em dia *de uma extrema solidão*. Esse discurso talvez seja falado por milhares de pessoas (quem sabe?), mas não é sustentado por ninguém; foi completamente abandonado pelas linguagens circunvizinhas: ou ignorado, ou depreciado, ou ironizado por elas, excluído não somente do poder, mas também de seus mecanismos (ciências, conhecimentos, artes). Quando um discurso é dessa maneira levado por sua própria força à deriva do inatual, banido de todo espírito gregário, só lhe resta ser o lugar, por mais exíguo que seja, de uma *afirmação*. Essa afirmação é, em suma, o assunto do livro que começa (Barthes, 1981, epígrafe de abertura, s.p.).

A partir dessa via, eu poderia me dedicar a conquistar as palavras com a liberdade de um neófito interessado, mas que ainda *tateia com pés de pomba* o assunto⁵.

Ao transbordar o formalismo, um ensaio possibilita outra forma de enunciação e adiciona a “disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram” (Adorno, 2003, p.16), além de tornar possível a apresentação em primeira pessoa — a possibilidade de subverter o estado de espera da criação como a aterrisagem do completamente novo — uma criação a partir do nada.

Assim, o ensaio possibilita a aparição do *com*:

(i) do terceiro sentido do espaço (ao convocar o *espaço clínico*);

(ii) da inscrição que enuncia os seus lugares (*topos + grafos*);

(iii) do movimento;

(iv) da temporalidade (a tentativa de uma escrita-movimento exige uma constante elaboração da linguagem), bem como uma *intenção de movimento na temporalidade*:

A criação a partir de uma escrita-movimento se torna possível também por uma consideração das possibilidades estilísticas críticas da totalidade sistêmica, agenciando fragmentos, aforismos, ensaios. Nesse mesmo sentido, não pretende se elevar por autoritarismo ou destruir os referenciais. O ato de criação em uma escrita-movimento acontece *a partir de e com* os referenciais (qualquer objeto de pensamento), nunca *sobre* os referenciais, *evitando assim o relativismo e afirmando a relatividade*, já que isso se refere ao sentido e à pluralidade de perspectivas. Da mesma forma, considera os pressupostos relacionais colocando-os *em* relação: referencial e referencial, *uma* perspectiva e não *a* perspectiva; suspeitando de considerações que se afirmam a partir da negação: referencial *ou* referencial (Karasek, 2021, p. 124-125).

A *via do ensaio* oportuniza, mesmo com o rigor e com a honestidade de quem pretende *escrever a psicanálise*, a inclusão do jogo e da interpretação. Explico: existe um estigma sobre a interpretação, sobre o lugar a partir do qual se interpreta — é um problema *topográfico* que nos acompanha desde o Iluminismo. O intérprete pode ser percebido como um sujeito que desorienta o leitor, que empurra a inteligência “para um devaneio impotente e implica onde não há nada para explicar” (Adorno, 2003, p. 17).

No entanto, acredito que é preciso enfrentar os queixosos. Essa observação transcende uma questão de estilo. Entendo que é preciso *ousar interpretar* para escrever psicanaliticamente (para o ofício da psicanálise); a alternativa é ir além de ter os pés no chão: é preciso, também, “ter a cabeça nas nuvens” (Adorno, 2003, p.17) (inscrever o lugar a partir do qual se escreve a clínica, do qual *acontece*⁶ a psicanálise; o lugar a partir do qual se interpreta para se inscrever) — o espaço que permanece *em sonho* após o término da sessão.

Para Nietzsche, a imersão no mundo onírico, no mundo dos sonhos, representa um entendimento imediato das formas, o local onde apareceram primeiro, diante das almas humanas, as figuras divinas. Em sonho, é que o artista plástico viu pela primeira vez a estrutura corporal de seres super-humanos. É o local onde todos os homens são artistas plenos, não existindo nada de indiferente ou desnecessário. Em contrapartida, em meio a essa vida suprema, perfeita, dentro da realidade desse mundo onírico, surge o sentimento

⁵ “As palavras mais silenciosas são as que trazem a tempestade. Pensamentos que vêm com pés de pomba dirigem o mundo” (Nietzsche, 2011, p. 140).

⁶ “[...] o acontecimento é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece” (Deleuze, 2015, p. 152).

de sua aparência. Esse sentimento em relação ao aparente é o que conserva o ser humano em contato com o mundo real, é o sentimento que não permite o delírio, um estado patológico, no qual o sonho é confundido com a realidade. Se o sentimento da aparência cessasse, o sonho não seria mais revigorado e a força curativa natural desse estado criativo da imersão no mundo onírico seria interrompida. Imerso nos limites nos quais o sonho é sentido apenas como aparência, como uma ilusão, Nietzsche enfatiza que não são apenas as imagens agradáveis que procuramos em nós, mas também o triste e o sombrio são contemplados (*angeschaut*) com a mesma satisfação. Isso significa que também a aparência necessita estar em movimento e não pode recobrir completamente as formas fundamentais do real. Nietzsche apresenta esse argumento para diferenciar o homem individual do artista plástico. Nesse sentido, “o sonho é o jogo do homem individual com o real, e a arte do escultor, do artista plástico, é o jogo com o sonho”. Nessa afirmação, Nietzsche apresenta elementos que são importantes para a compreensão do conceito de apolíneo. A pulsão apolínea estética natural do sonho é um jogo com a realidade. Como uma ilusão, o sonho é sempre um furtar-se à realidade, é algo aparente, uma aparência que ilude sem chegar, sem manifestar-se perfeitamente, porém, às consequências do real. A arte plástica é, de forma correlata, um jogo com o sonho. O artista plástico procura fazer com que o real corresponda ao sonho, obrigando os seus materiais a se conformarem e a se relacionarem com o sonho na realização da obra de arte, da sua manifestação no real. Para interpretação do argumento nietzschiano, é importante ressaltar que nessa manifestação no real é inerente uma irremediável distância, uma eterna insatisfação, uma impossibilidade de a manifestação corresponder à figura do sonho (Karasek, 2013, p. 59-60).

O sentido presente nas palavras daqueles que buscam estabelecer uma relação com o campo do criativo — permeado tanto pelo entusiasmo quanto pela desconfiança daquele que se pergunta *a partir de que ponto se escreve psicanaliticamente?* — remete à reflexão de Descartes⁷, para quem, antes do cogito ergo sum [penso, logo existo], a própria ontologia se estrutura na dúvida. Assim, com o ensaio, eu posso duvidar (de *mim mesmo*, enquanto escrevo) e escapar da necessidade de uma convergência (oportuna) em um *fim último* com o meu texto.

SEGUNDA VIA — DOS OPERADORES DE PENSAMENTO

A segunda via pretende propor determinados *operadores de pensamento*, em torno dos quais eu poderia tangenciar. Penso *com* Deleuze (2006): um operador de pensamento utiliza um quase-método — opera pela multiplicidade; já o método opera pela unidade; operadores de pensamento solicitam a lógica do rizoma. Se orbitam e tangenciam, não significa que não produzam significados: apenas propõem outros caminhos até a possibilidade de criação de seu significado. Além disso, os operadores de pensamento podem produzir sensibilizações⁸ (mas isso já é um operador de pensamento e uma sensibilização).

Nesse sentido, é preciso perguntar: *o que se espera de uma sensibilização?* Algumas perspectivas possíveis: um começo de pensamento; um início de afecção. Uma mobilização criativa que conserve a singularidade de quem se afeta. Uma tentativa de subversão. Uma provocação. Um parágrafo-taquicardia. Um entusiasmo. Um olhar diferente sobre o mesmo. Um encontro. Um desejo de sorrir (mesmo com dor). Gargalhar com o dito de Sileno (Nietzsche, 1992). *Principiar*.

⁷ DESCARTES, René. *Discurso do método*. In: _____. *Obras escolhidas*. Tradução de J. Guinsburg e Paulo Neves. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

⁸ Uma sensibilização convoca a uma experiência estética. No sentido da filosofia da Antiguidade Clássica, “estética” deriva de *aisthesis*, e se relaciona com o estudo da percepção, da sensação e da sensibilidade.

Penso que, antes de todas as possibilidades, uma sensibilização deseja iniciar algo sem a obsessão pelas origens: pode ser uma oportunidade de passarmos ao lado dos desejos de unicidade, de univocidade e de unidade, pensando *com* Deleuze e Guattari:

Para o múltiplo, é necessário um método que o faça efetivamente [...] buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico); ainda, que, segundo um primeiro eixo, horizontal, um agenciamento comporta dois segmentos, um de conteúdo, outro de expressão. De um lado ele é agenciamento maquínico de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; de outro, agenciamento coletivo de enunciação, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas atribuindo-se aos corpos. Mas, segundo um eixo vertical orientado, o agenciamento tem ao mesmo tempo lados territoriais ou reterritorializados, que o estabilizam, e pontas de desterritorialização que o impelem (Deleuze; Guattari, 2011, p. 30-31).

Além disso, uma sensibilização pode ser uma oportunidade para conseguirmos *tocar* as múltiplas formas de existência.

O ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado. Com isso quero dizer que seus territórios etológicos originários — corpo, clã, aldeia, culto, corporação... — não estão mais dispostos em um ponto preciso da terra, mas se incrustam, no essencial, em universos incorporais. A subjetividade entrou no reino de um nomadismo generalizado. Os jovens que perambulam nos *boulevards*, com um *walkman* colado no ouvido, estão ligados a ritornelos que foram produzidos longe, mas muito longe de suas terras natais. Aliás, o que poderia significar “suas terras natais”? Certamente não o lugar onde repousam os seus ancestrais, onde eles nasceram e onde terão que morrer! Não têm mais ancestrais; surgiram sem saber por que e desaparecerão do mesmo modo! Possuem alguns números informatizados que a eles se fixam e que os mantêm em “prisão domiciliar” numa trajetória socioprofissional predeterminada, quer em uma posição de explorado, de assistido pelo Estado ou de privilegiado. Mas enfatizemos imediatamente o paradoxo. Tudo circula: as músicas, os slogans publicitários, os turistas, os *chips* da informática, as filiais industriais e, ao mesmo tempo, tudo parece petrificar-se, permanecer no lugar, tanto as diferenças se esbatem entre as coisas, entre os humanos e os estados de coisas. No seio de espaços padronizados, tudo se tornou intercambiável, equivalente. Os turistas, por exemplo, fazem viagens quase imóveis, sendo depositados nos mesmos tipos de cabine de avião, de *pullman*, de quartos de hotel e vendo desfilar diante de seus olhos paisagens que já encontraram cem vezes em suas telas de televisão, ou em prospectos turísticos, assim a subjetividade se encontra ameaçada de paralisia. Poderia a humanidade restabelecer relações com suas terras natais? Evidentemente isso é impossível! As terras natais estão definitivamente perdidas. Mas o que podem esperar é reconstituir uma relação particular com o cosmos e com a vida, é se “recompor” em sua singularidade individual e coletiva. A vida de cada um é única. O nascimento, a morte, o desejo, o amor, a relação com o tempo, com os elementos, com as formas vivas e com as formas inanimadas são, para um olhar depurado, novos, inesperados, miraculosos (Guattari, 2012, p. 164-165).

PRIMEIRA SENSIBILIZAÇÃO — A RELAÇÃO ENTRE ESCRITA E PSICANÁLISE

A relação entre escrita e psicanálise é fundacional do campo psicanalítico. Desde seus textos iniciais, Freud sustentou a associação entre escrita e inscrição psíquica, compreendendo o inconsciente a partir do suporte de uma inscrição. Pensando *com* Ricardo Timm de Souza:

Escrever será hoje, certamente, inscrever. Inscrever exatamente memórias no mundo que sofre da extraordinária facilidade para esquecer o que não convém lembrar [...]. Inscrever utopias na geometria dos calendários, para que as calendas tenham tempo de existir. Inscrever mundos entre as ideias, para que as ideias sejam mais do que simples ideias. Inscrever futuro no passado, e passado no futuro, para que o presente possa se dar. Inscrever para tumultuar o andar da insanidade e perfurar as blindagens dos mortos-vivos (Souza, 2021, orelha do livro).

Em *A interpretação dos sonhos*, Freud (2019) analisou as elaborações oníricas como fenômenos passíveis de leitura e decifração — os sonhos carregam uma condição de escritura. O que parece interessar a Freud, ao aproximar o sonho de uma escritura que não apresenta um texto unívoco — inclusive, que apresenta sentidos antitéticos —, é ressaltar a condição primária de figurabilidade na composição entre letra e desenho (a condição primeira de uma escritura) (Costa, 2012, p. 61).

Com a escrita psicanalítica, Freud inaugurou um estilo ainda não existente, um caminho a partir de um desvio, algo outro entre o estilo literário, o estilo científico e o estilo pessoal (o qual não cessa de se reinventar e se ressignificar). Ainda, alçando a escrita para além de uma forma de retrospectiva, de armazenamento e de recuperação de informações, a escrita foi um traço indispensável, da mais profunda importância, na autoanálise de Freud [...] que foi proeminentemente não uma cura pela fala, mas uma cura pela escrita (Dias, 2019).

Com as características comunicacionais da escrita, somadas à figurabilidade da escritura e à potência de autoanálise, a escrita psicanalítica assume uma condição de inscrever, pela junção entre a análise e a criação (criatividade), uma vivência analítica: “a escritura é uma utopia da linguagem. Desmascarar as ideologias e suas formas de expressão literária, mais tarde e aqui [...]. Mas pela forma. Desmascarar pela forma. Para perturbar, escrever em torno da falta e do silêncio” (Karasek, 2021, p. 97). Pensando *com* Thomas Ogden, a escrita psicanalítica “pode criar no leitor uma experiência de leitura que abarque os elementos críticos da experiência analítica que o escritor viveu com um/uma⁹ analisante, mas também a música do que aconteceu nessa experiência” (Ogden, 2010, p. 99-100); ainda, afirma Thomas Ogden:

A escrita analítica é, para mim, formada por partes idênticas de meditação e da experiência de derrubar uma fera no chão. Enquanto meditação, escrever constitui um modo de estar comigo mesmo e de ouvir a mim mesmo vindo a ser de um modo que tem comparativo com qualquer outro setor de minha vida. Este “estado de escrita” é muito semelhante a minha experiência de devaneio no setting analítico. Quando estou em um “estado de escrita”, estou em um estado de elevada receptividade à experiência inconsciente, mas ao mesmo tempo procurando incluir na experiência uma escuta sobre como eu poderia fazer uso literário do que estou pensando e sentindo. O estado de escrita é uma experiência física na qual meu pensamento é muito mais auditivo do que o são a maioria das outras formas de pensamento. Muitas vezes pronuncio as palavras em voz alta enquanto escrevo, nunca tendo certeza sobre quais eu realmente pronunciei e quais apenas pensei. Experimento uma frase, rejeito-a, tento outra, volto para a primeira, rabiscando e cortando, ligando clausulas isoladas com setas, terminando com um palimpsesto de palavras e ideias. Como o estado de devaneio analítico, o estado de escrita é uma forma de sonho acordado, uma experiência de viver “na fronteira do sonho”. Quando um escritor está neste estado psicológico, a própria linguagem se infunde da cor e intensidade do inconsciente (Ogden, 2010, p. 99-100).

⁹ Adaptação minha.

A partir desses pressupostos, *o que se inscreve na escritura psicanalítica?* Uma inscrição não significa necessariamente uma resposta (ou respostas), mas a criação de possibilidades de elaboração da *aporia*, a partir das quais possa ocorrer a produção de noções envolvidas *no pensamento da escrita psicanalítica*.

SEGUNDA SENSIBILIZAÇÃO — AS SIGNIFICAÇÕES DE UMA INSCRIÇÃO

Quais são as potências de significado de uma inscrição? (exercício de linguagem em *monólogo interior* — provocar pelo *paradoxo da letra*: ainda é monólogo interior ao se inscrever pelo texto, ao se *exteriorizar* pela letra?):

(i) Inscrever as palavras com profundidade para fazer nascer o acontecimento da escritura psicanalítica;

(ii) Aprofundar os significados de uma análise a partir do exercício da escrita psicanalítica como inscrição;

(iii) Encontrar as significâncias de uma análise a partir do ofício da escrita psicanalítica — uma *escritura psicanalítica* (Birman, 2007); antes do texto não há *o terceiro incluído* (para além do analista e do analisando): engendramento do Outro do sentido:

O enquadre interiorizado pelo analista em sua própria análise, disponível como enquadre virtual antes que como protocolo concreto. A diversidade da prática, com seus enquadres variáveis, encontra sua unidade (ao mesmo tempo seu fundamento e sua condição de possibilidade) no “enquadre interno do analista” como aval do método (Urribarri, 2010, p. 20).

Ao mesmo tempo em que transborda a cena psicanalítica, a escritura se origina a partir dela (por causa dela): inclui os restos, os rastros e *tudo aquilo que sobrou da verdade* (as manchas do apagado produzem tanta significância quanto a intenção de apagamento — a força de sentido de um rascunho) (Derrida, 2009).

Inscrever não é apenas esculpir, gravar e registrar — inscrever pela escritura psicanalítica é jogar com a possibilidade do acontecimento (o algo totalmente novo e a espera de que esse algo novo mude tudo) — porque é necessário dizer/escrever; trata-se de *exercícios de expectativas*: a espera do pulmão pela próxima respiração, a espera do ouvido pelo próximo dito, a espera do coração pelo próximo batimento; o viver como expectativa de que tudo seja diferente no próximo segundo e que, a partir disso, tudo se transforme (Souza, 2008).

Para pensar *com* Mallarmé: a escritura psicanalítica é um lance de dados, um encontro *necessário* com o acaso que produz a mudança; um encontro *com a diferença*:

[...] antes de se deter
em algum ponto derradeiro que o sagre
Todo Pensamento emite um Lance de Dados
(Mallarmé, 2019, p. 49).

TERCEIRA SENSIBILIZAÇÃO — A EXPECTATIVA DO ACONTECIMENTO DA ESCRITA COMO ATO ÉTICO

Penso que, na escritura psicanalítica, escrevemos para *nos vingar da perda* (Montenegro, 2018, p. 27). Ao mesmo tempo que é uma escrita para não perdermos algo (Montenegro, 2018, p. 101), esse desejo de manutenção inaugura um dizer sobre algo outro, que não é o em si gerador da escrita, mas que só é inaugural da novidade enquanto perda de alguma coisa. Permanece enquanto perda, mas ainda é um momento roubado da clínica, do estudo, da teoria nascente ou do desejo de inscrição.

A escrita psicanalítica poderia ser o grifo no livro, a dobra na página (Montenegro, 2018, p. 27) de uma *vivência psicanalítica*; uma significação que logramos desse momento, desse instante que recrutamos das nossas solidões de escrever a psicanálise. A escrita psicanalítica escreve ressonâncias oriundas de uma voz pulsional; não escreve literalidades.

A escrita psicanalítica pode inscrever, pela sua potência de escritura, o estranho¹⁰ (uma diferença; uma *estranheidade*); pode inscrever um infamiliar no familiar, uma inquietude na quietude, uma impaciência na paciência — oportuniza uma perspectiva de Alteridade; assim, pode autorizar o engendramento do sentido do/no Outro. Com isso, a escrita psicanalítica flerta com uma ética da psicanálise: a escritura psicanalítica não é (apenas) a fala do/da analisante, não é (apenas) a interpretação do analista, não é (apenas) a soma dos elementos do enquadre¹¹ — a escrita psicanalítica é o engendramento do vivido no enquadre *em relação com* uma ética da psicanálise, a qual se inscreve no mundo pela potência da textualidade, para, em Alteridade, desejar uma diferença em relação à repetição *do mesmo; uma inscrição em outro ritmo*, pensando *com* Deleuze:

Como explicar que quando a repetição incide sobre as repetições, que quando ela reúne todas e introduz entre elas a diferença, ela adquire de pronto um formidável poder de seleção? Tudo depende da distribuição das repetições sob a forma, a ordem, o conjunto e a série do tempo. Esta distribuição é bastante complexa. De acordo com um primeiro nível, a repetição do Antes define-se de maneira negativa e por deficiência: repete-se porque não se sabe, porque não se recorda etc., porque não se é capaz da ação (que esta ação tenha sido empiricamente feita ou que ainda tenha de ser feita). Portanto o “se” significa aqui o inconsciente do Isso como primeira potência da repetição. A repetição do Durante define-se por um tornar-se semelhante ou um tornar-se igual: tornar-se capaz da ação ou tornar-se igual à imagem da ação, sendo que agora o “se” significa o inconsciente do Eu, sua metamorfose, sua projeção num Eu ou eu-ideal como segunda potência da repetição. Mas, como tornar-se semelhante ou igual é sempre tornar-se semelhante ou igual a alguma coisa que se supõe idêntica em si, que, supostamente, se beneficia do privilégio de uma identidade originária, a imagem da ação à qual se se torna semelhante ou igual só vale aqui para a identidade do conceito em geral ou do Eu. Portanto, neste nível, as duas primeiras repetições recolhem e repartem entre si as características do negativo e do idêntico tais como as vimos se constituírem nos limites da representação. Num outro nível, o herói repete a primeira, a do Antes, como num sonho e de um modo nu, mecânico, estereotipado, que constitui o cômico; todavia, esta repetição nada seria se como tal já não remetesse a alguma coisa de oculto, de disfarçado em sua própria série, capaz de nela introduzir contrações como um Habitus hesitante onde amadurece a outra repetição. Esta segunda repetição do Durante é aquela em que o herói se apodera do próprio disfarce, reveste a metamorfose que lhe restitui de um modo trágico, com sua própria identidade, o fundo de sua memória e de toda a memória do mundo, que ele pretende, tornando-se capaz de agir, igualar ao tempo inteiro. Eis, portanto, que as duas repetições, neste segundo nível, retomam e repartem à sua maneira as duas sínteses do tempo, as duas formas, nua e vestida, que as caracterizam (Deleuze, 2006, p. 406-407).

¹⁰ *Das Unheimliche* (Freud, obra de 1919). Ver: Freud, 2010b, p. 328.

¹¹ “O enquadre se distingue da mera situação material e é concebido como uma função constituinte do encontro e do processo analítico. De natureza transicional (entre a realidade social e a realidade psíquica), o enquadre é instituição e encenação do método analítico, do seu núcleo dialógico e da sua matriz simbolizante. O enquadre institui o espaço analítico, que é um terceiro espaço que torna possível o encontro e a separação (a discriminação) entre o espaço psíquico do/da analisante e o do analista. Contenção e distância: o enquadre delimita o espaço potencial que torna possível a comunicação analítica. Seu estatuto é ao mesmo tempo clínico e epistemológico: o enquadre é condição para a constituição do objeto analítico (Green), objeto terceiro, distinto do/da analisante e do analista, produzido pela comunicação de cada par analítico singular” (Urribarri, 2010, p. 19).

O tempo do ritmo é repetição apenas em aparência; a temporalidade do ritmo só poderia ser *diferença* — a transitoriedade (Freud, 2010a) como condição de possibilidade da *escritura psicanalítica*, para que a inscrição, em sua urgência de eternidade, “boie como uma esponja no caos, e entre oceanos de nada, gere um ritmo”, pensando *com* Drummond. Aqui, o sentido de eternidade está em composição com a transitoriedade, a força motriz da *diferença* (e ainda sua temporalidade) (Green, 2000).

Assim, pode possibilitar a inauguração do novo sem uma obsessão pelas origens, já que se põe em movimentação enquanto acontecimento, engendramento; pode emergir desde lugares não controláveis objetivamente — e se opõe à repetição como um idêntico, já que o idêntico se compõe por uma compulsão à repetição (Freud, 2021), pois estaria em relação com o igual, com o mesmo, com o indiferente, com o *aeon* (o tempo que nunca passa, o qual gira sobre si mesmo).

O lugar da escrita psicanalítica é uma topografia ética por sua indissociável relação com a diferença e pelo seu compromisso com a Alteridade¹². Pensando *com* Ricardo Timm, a escrita psicanalítica, pelo movimento, pode “inscrever utopias na geometria dos calendários, para que as calendas tenham tempo de existir” (Souza, 2021, orelha do livro).

O fundamento ético da escrita psicanalítica advém da simbiose entre escritura e transitoriedade como uma fenomenologia do devir, já que “cada ‘escrção’ verdadeira é uma inscrição definitiva. Inscrita no universo dos eventos, nenhuma força será capaz de desinscrever a escrita de sua posição inegociável, esse é o referendo de sua esperança e a razão de sua confiança” (Souza, 2018, p. 59).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2003.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Eterno. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Fazendeiro do ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: F-Alves, 1981.
- BIRMAN, Joel. Escritura e psicanálise: Derrida, leitor de Freud. *Revista Natureza Humana*, v. 9, n. 2, p. 275-298, jul.-dez. 2007.
- COSTA, Ana. Relações entre psicanálise e escrita. *Terceira Margem: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura*, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 26, 2012.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (v. 1). Editora 34: São Paulo, 2011.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DESCARTES, René. Discurso do método. In: _____. *Obras escolhidas*. Tradução de J. Guinsburg e Paulo Neves. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).
- DIAS, Ana Mónica. A escrita psicanalítica na formação do analista. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, Lisboa, v. 39, n. 2, p. 13-17, 2019.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

¹² Em ligação ao que Guattari (1996, p. 47) denomina *processos de singularização*: “o que chamo de processos de singularização é algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam por todos os lados” (1996, p.47).

- FREUD, Sigmund. A transitoriedade. In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Autêntica: Belo Horizonte, 2021.
- FREUD, Sigmund. O inquietante. In: FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil, Além do princípio do prazer e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.
- GERBER, Ignacio. *Inconsciente, nuvem infinita*. São Paulo: Blucher, 2023.
- GREEN, Andre. *El tiempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorroutu Editores, 2000.
- GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- IANNINI, Gilson. Pequeno guia visual: Além do princípio do prazer em camadas. In: FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Autêntica: Belo Horizonte, 2021.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Petrópolis: Vozes, 2001. [1781].
- KARASEK, Felipe Szyszka. *A solidão do estilo: escrituras, biografemas; fragmentos, notas*. Porto Alegre: Bestiário, 2021.
- KARASEK, Felipe Szyszka. *Nos abismos: sobre a interpretação da natureza em Nietzsche*. Porto Alegre: Bestiário, 2022.
- KARASEK, Felipe Szyszka. *Uma filosofia da dor: a sabedoria trágica no jovem Nietzsche*. Porto Alegre: Bestiário, 2013.
- MALLARMÉ, Stéphane. Um lance de dados jamais abolirá o acaso. In: CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo; PIGNATARI, Décio. *Mallarmé*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MONTENEGRO, Marcelo. Eu costumava grifar os meus livros. In: MONTENEGRO, Marcelo. *Forte apache*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. A hora mais silenciosa. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- OGDEN, Thomas. Sobre a escrita psicanalítica. In: OGDEN, Thomas. *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- SOUZA, Ricardo Timm. [Texto de apresentação na orelha do livro]. In: KARASEK, Felipe Szyszka. *A solidão do estilo: escrituras, biografemas; fragmentos, notas*. Porto Alegre: Bestiário, 2021.
- SOUZA, Ricardo Timm. Escrever como ato ético. In: SOUZA, Ricardo Timm. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e Literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018.
- SOUZA, Ricardo Timm. *Sobre a construção do sentido: o pensar e o agir entre vida e filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- URRIBARRI, Fernando. André Green: paixão clínica, pensamento complexo. *Contemporânea — Psicanálise e Transdisciplinaridade*, Porto Alegre, n. 10, jul./dez. 2010.

Artigo recebido: 21 de janeiro de 2025

Artigo aceito: 14 de fevereiro de 2025

A MULHER INTEIRA CONSTITUI TABU: UM ENUNCIADO DO HORROR À DIFERENÇA¹

THE ENTIRE WOMAN CONSTITUTES A TABOO: A STATEMENT ABOUT THE HORROR OF DIFFERENCE

LA MUJER ENTERA CONSTITUYE UN TABÚ: UNA DECLARACIÓN DEL HORROR DE LA DIFERENCIA

Renata Brum Birck²

Resumo: A partir da interrogação “Quem tem medo do desejo feminino e por quê?” e da quase-afirmação de Freud de que “a mulher inteira constitui tabu”, este artigo propõe uma revisão teórica de conceitos freudianos acerca da mulher, abordando a problemática ter/não ter falo, inveja do pênis, complexo de Édipo, a mulher como tabu, até chegar ao ponto de abertura fundamental em *Análise terminável e interminável* de Freud. Neste texto, interessa a teorização acerca do enigma da feminilidade como conceito que transcende a lógica fálica e a identidade “mulher”. Proponho pensar, a partir desse ponto, para além da mulher, em todos os corpos sobre os quais se projetam tabus diante da aparição da diferença, que retorna como uma ameaça e se desdobra em violência. A partir disso, o objetivo do artigo é provocar reflexões para uma psicanálise comprometida com seu tempo, situada na ética da singularidade do desejo e implicada numa posição política que contemple e respeite as diferenças.

Palavras-chave: Psicanálise. Tabu. Feminilidade. Sexualidade. Diferença.

*Abstract: Starting from the question “Who is afraid of female desire and why?” and Freud’s quasi-statement that “the entire woman is taboo”, this article proposes a theoretical review of Freudian concepts about women, addressing the issues of having/not having a phallus, penis envy, the Oedipus complex, and women as taboo, until reaching the fundamental opening point based on *Analysis Terminable and Interminable* by Freud. In this text, we are interested in theorizing about the enigma of femininity as a concept that transcends phallic logic and female identity. From this point, I propose thinking beyond “woman,” toward all bodies onto which taboos are projected in response to the emergence of difference — a difference that returns as a threat and unfolds into violence. Based on this, the objective of the article is to provoke reflections toward a psychoanalysis committed to its time, situated in the ethics of the singularity of desire and implicated in a political stance that contemplates and respects differences.*

Keywords: Psychoanalysis. Taboo. Femininity. Sexuality. Difference.

¹ Fragmento retirado do texto *O tabu da virgindade*, originalmente publicado em 1918 (Freud, 2019). A frase completa diz: “Não apenas o primeiro coito com a mulher é tabu, mas também a relação sexual em geral; quase que poderíamos afirmar que a mulher inteira constitui tabu” (p. 162).

² Psicóloga (UFN/Santa Maria, RS). Membro Efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, Porto Alegre/RS. Pós Graduada em Parentalidade e Perinatalidade, pelo Instituto Gerar de Psicanálise/São Paulo. Diretora Executiva do Instituto Sig Psicanálise & Política. ORCID: 0009-0004-3703-1879. E-mail: renatabirck@hotmail.com

Resumen: Partiendo de la pregunta “¿Quién teme al deseo femenino y por qué?” y la casi afirmación freudiana de que “la mujer entera es tabú”, este artículo propone una revisión teórica de los conceptos freudianos sobre la mujer, abordando el problema de tener/no tener falo, la envidia del pene, el complejo de Edipo, la mujer como tabú, hasta llegar al punto de apertura basado en Análisis terminable e interminable de Freud. En este texto nos interesa teorizar sobre el enigma de la feminidad como concepto que trasciende la lógica fálica y la identidad femenina. Propongo pensar desde este punto más allá de las mujeres, en todos los cuerpos donde se proyectan tabúes ante la apariencia de la diferencia que regresa como amenaza y se despliega en violencia. A partir de esto, el objetivo del artículo es provocar reflexiones para un psicoanálisis comprometido con su tiempo, situado en la ética de la singularidad del deseo e implicada en una posición política que contempla y respeta las diferencias.

Palabras clave: Psicoanálisis. Tabú. Feminidad. Sexualidad. Diferencia.

Sou carne curtida
seca-contorcida
exposta-batida
sofrida
Sou ilha pelada
cercada
de gente
calada, gelada
Sou o que sou
brinquedo
joguete
qualquer coisa
ocupando espaço
finita
vazia
perdida
Sou sombra da noite
claro no dia
sou aquilo que não
foi ainda
para vir ser
aquilo
que passou depois
(Teresinha Soares)

Em 2017, estive a passeio no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e me deparei com a exposição intitulada “Quem tem medo de Teresinha Soares?”. A exposição situava que, somente naquele ano, mais de 40 anos depois do ápice da produção de Teresinha nos anos 1960 e 1970, a obra pôde ser reconsiderada e reinscrita na história recente da arte brasileira (Martins; Pedrosa, 2017). Diante disso, fiquei intrigada e me questionei quais seriam as razões para uma obra tão potente e rica manter-se fora do cenário artístico até então.

No livro lançado no mesmo ano, que também leva o nome da exposição, os diretores do MASP, Heitor Martins e Adriano Pedrosa, lembram que, apesar de haver uma grande produção artística de mulheres brasileiras no século XX, falou-se da inexistência de uma arte verdadeiramente feminista no Brasil. Segundo eles, só agora pode-se ver que trabalhos como o de Teresinha Soares haviam sido marginalizados das narrativas da história da arte; por isso, até então, sua obra manteve-se desconhecida (Martins; Pedrosa, 2017).

Teresinha Soares redesenhou e desenhou zonas erógenas. O caráter de seu trabalho está enraizado em uma celebração do feminino, da erótica, da busca pelo reconhecimento dos direitos da mulher, aliada a uma crítica à repressão ditatorial e ao lugar ocupado pela mulher em uma sociedade patriarcal (Moura, 2017). Penso residir nessa posição o caráter transgressor que culminou na repressão da obra.

Para Moura (2017), o título da exposição “Quem tem medo de Teresinha Soares?”, que faz alusão à peça de Edward Albee *Quem tem medo de Virginia Woolf?*, indaga sobre questões como: “Quem tem medo de que aquilo que sua obra expõe seja exposto?”, “A quem incomoda a arte de Teresinha Soares e por quê?” (Moura, 2017, p. 18). O autor logo sugere que seja porque a obra coloca em xeque o lugar da mulher que parte em busca de uma representação de um feminino potente e emancipado.

Se hoje seu trabalho passa a ser mais conhecido, uma exposição que acompanha sua trajetória de maneira cerrada e analisa a evolução de sua linguagem contribui não apenas para seu reconhecimento mas também para entender os mecanismos e as metodologias que informam uma prática feminista no contexto brasileiro daquele período. Expor o machismo, afirmar a identidade de gênero e tratar de um tema até então considerado tabu para as mulheres, como o sexo, é também expor as assimetrias de gênero que o *métier* artístico repete da sociedade à qual faz parte — no caso do Brasil, uma sociedade ainda marcada pelo patriarcalismo e na qual os avanços políticos nesse campo são lentos e acompanhados de uma reação conservadora. Sua obra coloca em xeque a representação da mulher, não mais vista como objeto de desejo para o homem, e a própria visualidade modernista, exercida a partir de uma visão formalista, falocêntrica e autoritária da história da arte (Moura, 2017, p. 18).

Iniciei, assim, na tentativa de ligar pressupostos teóricos à experiência oferecida pela obra de Teresinha Soares, um estudo teórico acerca do feminino. Cheguei ao livro *Deslocamentos do feminino*, escrito por Maria Rita Kehl (2016), e mais uma vez deparei-me com um fato intrigante, trabalhado por ela em sua escrita. O fato é que Gustave Flaubert, ao publicar, em 1857, o livro *Madame Bovary* (inicialmente a obra saiu em folhetins), inspirado na notícia policial de suicídio de uma mulher burguesa, fora processado, porém não condenado, pelo teor do tema contido no romance. A obra foi inicialmente atacada, assim como o autor, por tratar-se de um adultério feminino cometido pela encantadora Emma Bovary, a protagonista ficcional.

O romance não se trata apenas de um adultério feminino, o que não era pouco para a sociedade da época, mas, além disso, Gustave coloca Emma no lugar de dar voz a uma crise maior vivida pelas mulheres daquele tempo: um casamento cujo cerne era a produção de filhos e o cuidado com o lar como a única possibilidade de ser, não havendo lugar ao erótico, que é então vivido pela protagonista via adultério. Kehl (2016) aponta que os argumentos de acusação de que a obra era ofensiva à família, à moral e à religião, parecem dirigir-se a Emma, e não a Flaubert, o que pode afirmar-se pela leitura da acusação na VI Câmara do Tribunal Correccional de Paris, na qual a personagem é acusada de não ter tentado amar seriamente o marido. Além disso, o processo de acusação sugeriu que Flaubert impusesse algum limite a Emma Bovary.

Deparei-me com duas mulheres, uma real e uma ficcional, que não se contiveram dentro do que era estabelecido como lugar do feminino — mãe, recatada e do lar — e puseram-se em ato a questionar a validade das regras comuns, o que as levou ao lugar do repúdio, da negação e da acusação. Em ambos os recortes, figura um lugar de rechaço ao exercício do desejo da mulher quando este não coincide com o desejo exclusivo de ser esposa e mãe. Para além desse lugar de desvalor, parece haver uma ameaça ao que esse desejo a mais desvela. Assim, de forma a fazer referência ao título da exposição que visitei, pergunto: Quem tem

medo do desejo feminino e por quê? A obra de Teresinha ficou marginalizada porque este é o lugar do feminino?

Não com a finalidade de dar conta das perguntas, mas na intenção de seguir passeando, revisei construções de Freud sobre a mulher, abordando a problemática ter/não ter falo, inveja do pênis, complexo de Édipo, a mulher como tabu, até chegar a *Análise terminável e interminável* (Freud, 1996c), na teorização acerca do enigma da feminilidade como conceito que transcende a lógica fálica e a identidade mulher. A partir desse ponto, proponho pensar a mulher como depositária do enigma do impossível da completa realização do desejo, ou, melhor dizendo, como representação da castração.

FEMININO: PRIMEIRO, UM NÃO LUGAR

Gustave Flaubert causou inquietação ao publicar, em 1857, o livro *Madame Bovary*, na França. O romance é considerado indecente para moças de família, pois a “madame” que intitula o livro é a personagem Emma, uma esposa adúltera que vive aventuras com diferentes amantes. Para além da grandiosidade da obra, hoje considerada uma das mais importantes da literatura francesa, aqui interessa pensar o impacto social causado pelo livro.

Kehl (2016) diz que, mesmo quem nunca tenha lido o romance, conhece-o pela fama. Flaubert foi processado e julgado (depois absolvido) pela VI Corte Correccional do Tribunal de Sena por tratar do tema pecaminoso do adultério, com o agravante de ser cometido por uma mulher. O escritor foi absolvido pelos juízes, mas não pelos críticos puritanos, que sustentaram a acusação inicial de ter ferido a moral pública, a família e a religião. Emma representa a mulher da época aprisionada a uma ética do casamento que não cedia lugar aos mistérios do erotismo, experimentado pela personagem por meio do adultério. Mesmo um bom casamento não garantia a uma mulher muita coisa além de uma vida mais confortável como dona de casa, o que era insuficiente para dar conta das fantasias e da sensualidade da personagem.

Quase cem anos depois de *Madame Bovary*, a artista visual mineira Teresinha Soares trabalhou e expressou, através da arte, temas comuns ao livro, como sexualidade, gênero, feminilidade e erotismo. A repercussão de sua obra muito lembra a indignação causada por Gustave Flaubert por meio de Emma. Algumas chamadas para exposições e comentários sobre a artista denunciam o desconforto gerado por sua ousadia: “A arte pra frente de Teresinha Soares” (Geraldo Magalhães, *Jornal Estado de Minas*, 1973), “A pintora Teresinha não tem medo do tabu sexual” (Denise Moraes, *O Dia*, 1968) e “Pintora que escandaliza ‘society’ vai expor em São Paulo” (*Diário de São Paulo*, 1968) (Moura, 2017).

Em 1857, *Madame Bovary* gerou escândalo. Em 1971, Teresinha Soares causou escândalo. Essas mulheres colocaram em cena, por meio da arte, temas do feminino, o que as levou, em diferentes épocas e contextos, a serem acusadas de ofender a moral pública e a “society”.

Kehl (2016) aponta que a arte e a literatura são tentativas de dar voz ao que está emergente, mas ainda não está incorporado ao discurso social. Não é à toa que, muito frequentemente, personagens femininas apareceram como protagonistas de romances realistas no século XIX. Penso que os recortes acima tenham algo a nos dizer acerca do discurso tradicional sobre a mulher como aquela que é colocada fazendo face ao feminino. Freud não inventou que a mulher é um tabu, mas foi capaz de fazer nomeações a partir de uma escuta singular do sofrimento humano.

Foi com mulheres como Emma Bovary que Freud se deparou em seu consultório. As passagens ao ato da personagem ficcional são substituídas por sintomas conversivos. Portanto, o romance de Flaubert serve como descrição ficcional da mulher freudiana que, alienada nas malhas de um discurso no qual seus anseios latentes não encontram lugar ou palavra, é incapaz de dominá-lo ou modificá-lo a seu favor, inscrevendo nele um significante que a

represente como sujeito. O escritor retratou a feminilidade burguesa, a mesma feminilidade que entrou em crise e produziu a histeria como modo dominante de sofrimento no século XIX (Kehl, 2016).

Freud, que nasceu no mesmo ano em que Gustave Flaubert começou a escrever *Madame Bovary*, debruça-se sobre a histeria e a entende como forma de expressão de uma sexualidade que não encontra voz por outra via. Dessa forma, Freud enfrenta-se com a sexualidade feminina não só atravessada, mas impedida por um sofrimento psíquico.

A histeria ocupa um lugar que é o de não lugar do seu desejo. Nesse sentido, quando Freud oferece um lugar não só de fala, mas também de escuta, possibilita um lugar ao desejo feminino. Assim, Kehl (2016) refere ter sido Freud um dos primeiros a perceber a crise ainda inominada que suas pacientes atravessavam. Mas, afinal, quem é, então, a mulher freudiana?

FREUD E A MULHER

Freud volta-se para a sexualidade infantil para investigar as causas da neurose; assim, amplia o conceito de sexualidade, incluindo o elemento psíquico, e se distancia do olhar médico sobre o corpo. Faz uma quebra com o determinismo biológico ao postular o caráter bissexual da sexualidade humana, de tal forma que, em um mesmo sujeito, a conduta de “atividade” atribuída ao “masculino” pode coexistir com a “passividade” atribuída ao “feminino”.

Em um primeiro momento, a partir de *A interpretação dos sonhos I*, publicado originalmente em 1900 (Freud, 1996d), em uma primeira versão do complexo de Édipo, Freud pensa o desenvolvimento da sexualidade na menina como análogo ao do menino. Porém, é na sexualidade masculina que apoia seus exemplos e tece sua narrativa. Segundo Birman (2016), nesse momento do pensamento freudiano, o paradigma do complexo de Édipo se dava a partir da polarização erótica do menino entre as figuras dos pais; era uma descrição simples e esquemática.

Freud (1996d, p. 287) diz que “apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam nessa época”. Nesse sentido, as crianças (descritas de modo generalista) dirigiriam impulsos hostis ao progenitor do mesmo sexo e impulsos amorosos ao progenitor do sexo oposto.

Depois dessa primeira constatação sobre a universalidade do complexo de Édipo, Freud, em *A dissolução do complexo de Édipo* (Freud, 1996a) e *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (Freud, 1996b), introduz uma diferenciação entre o complexo de Édipo na menina e no menino. O conceito do complexo de castração é que quebra essa equivalência inicial.

Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud (1996b) afirma haver consequências psíquicas distintas devido à diferença anatômica sexual. Apesar de a mãe seguir sendo o objeto original de amor em ambos os sexos, o menino abandona sua pretensão a ela devido à ameaça de castração, ou seja, pelo medo de perder o pênis, que lhe tem máximo valor. Já a menina se comporta de outra maneira: sabe que não o tem e quer tê-lo — desejo que pode impor dificuldades no desenvolvimento de sua feminilidade. Dessa forma, ao contrário do menino, a menina entra no Édipo pela constatação da castração.

Freud postula consequências para a menina devido à inveja do pênis; diz que “uma mulher, após ter-se dado conta da ferida ao seu narcisismo, desenvolve como cicatriz um sentimento de inferioridade” (Freud, 2010a, p. 282). Aqui, ele também afirma que, para as mulheres, o que é eticamente normal é diferente do que para os homens, supondo, assim, um superego menos rígido na mulher.

Posteriormente, dá-se maior importância à ligação da menina com a mãe e à marca impressa nela, oriunda dessa perda. Nas conferências *A feminilidade*, de 1933, e *Sobre a*

sexualidade feminina, de 1931, é que Freud (2010a; 2010b) se debruça com mais rigor sobre o complexo de Édipo e a história pré-edípica da menina. Birman (2016) pontua que, nesse contexto, o discurso freudiano se atém às relações da menina com a mãe primordial (pré-edípica) para precisar melhor o que denominou de “contingente negro da mulher”.

Aqui, Freud enuncia com mais rigor o trabalho psíquico necessário à menina, referindo que ela precisa passar por duas complicadas tarefas rumo à feminilidade. A primeira consiste em uma troca de órgão, do clitóris (num primeiro momento análogo ao pênis) para a vagina. Já a segunda consiste em uma troca de objeto — mãe para pai —, sendo que, somente quando o pai for tomado como objeto de amor, será possível alcançar a feminilidade. Assim, a menina precisa fazer uma troca de zona erógena e de objeto, ambos conservados no menino:

Naturalmente sabíamos que tinha havido um estágio de ligação com a mãe, mas não que podia ser tão rico em conteúdo, durar tanto tempo e deixar tantos ensejos para fixações e predisposições. Quase tudo que achamos na relação com o pai já estava presente naquela, e depois foi transferido para o pai. Em suma, adquirimos a convicção de que não podemos compreender a mulher se não considerarmos esta fase de ligação pré-edípica com a mãe (Freud, 2010a, p. 273).

O afastamento em relação à mãe não envolve simplesmente uma troca de objeto, mas tem como efeito uma forte hostilidade. A menina responsabiliza a mãe por sua falta de pênis e não lhe perdoa essa desvantagem, o que pode culminar em ódio pela vida inteira. Portanto, o ponto de virada — que é, para a menina, a descoberta da castração (dela e da mãe) — a leva a três diferentes direções: à inibição sexual ou à neurose; à mudança de caráter, no sentido de um complexo de masculinidade; ou, então, à feminilidade normal (Freud, 2010a). Mas o que é a feminilidade normal para Freud?

Freud assevera que, ao abandonar a mãe na descoberta de que esta não é fálica, e ao abandonar a masturbação clitoridiana, a garota também abandona alguma atividade, e o que predomina é a passividade. Dessa forma, a virada para o pai é realizada principalmente com a ajuda de impulsos passivos (Freud, 2010a).

Freud (2010a) trata essa onda que remove a atividade fálica como aquilo que dá lugar à feminilidade. O desejo que move a menina em direção ao pai é o mesmo desejo pelo pênis que a mãe não lhe deu e que, então, espera receber dele. A situação feminina, porém, se estabelecerá realmente quando o desejo pelo pênis for substituído pelo desejo de ter um bebê. Em síntese, a feminilidade que levará uma menina a tornar-se mulher será consumada quando esta tornar-se mãe, preferencialmente de um menino, que trará consigo o pênis ansiado. Seguindo essa ideia, há, na vida psíquica da mulher, a preponderância da inveja do pênis, que traz consigo algumas consequências, como uma capacidade menor de sublimação e um interesse social menor que o dos homens.

A MULHER INTEIRA É TABU: UM ENUNCIADO DO HORROR À DIFERENÇA

No texto *O tabu da virgindade*, Freud (2019) investiga a conduta de povos primitivos acerca da virgindade das moças e constata a existência de um ritual de rompimento do hímen antes da primeira relação conjugal — ele cita o autor que identificou tribos e descreveu práticas de defloração (p. ex., Austrália).

Esse texto nos interessa por ser uma pesquisa antropológica que aponta para a ocorrência desses fenômenos nas relações humanas desde os povos primitivos, além de Freud apontar o tempo todo para questões ainda difundidas e presentes nos povos chamados civilizados. Infelizmente, o que podemos concluir é que não somos tão civilizados como esperaríamos.

Quanto à mencionada conduta de povos primitivos, ela não será descrita corretamente se afirmarmos que eles não atribuem valor nenhum à virgindade e se oferecemos como prova disso o fato de que eles realizam a defloração das moças fora do casamento [...]. Parece, ao contrário, que para eles a defloração também é um ato significativo, mas ela se tornou o objeto de um tabu, de uma proibição que chamaríamos de religiosa. Em vez de ser reservada para o noivo e futuro marido da moça, o costume exige que este se esquive dessa operação (Freud, 2019, p. 157).

Na tentativa de esclarecer o tabu da virgindade, ele levanta três hipóteses e diz que as duas primeiras não têm relação com o sexual. A primeira delas é a de que, na primeira defloração, a moça sangra e isso colocaria o homem primitivo diante do horror ao sangue, pela articulação a preceitos espirituais e à proibição de matar. Porém, logo nos lembra da prática de circuncisão nos meninos, que também implica derramamento de sangue. Então, supõe que esse horror pudesse ser superado em benefício do marido na primeira relação sexual (Freud, 2019).

A segunda explicação é que:

[...] o primitivo está à mercê de uma disposição para a angústia que o espreita constantemente, bem semelhante à que supomos na teoria psicanalítica das neuroses sobre os neuróticos de angústia. Essa disposição para a angústia mostra-se mais intensa em todas as situações que desviem do habitual, que tragam consigo algo novo, inesperado, incompreensível, inquietante. Daí também o cerimonial, que se estendeu pelas religiões posteriores, que está vinculado ao início de qualquer novo empreendimento, ao começo de qualquer nova fase [...]. Os perigos pelos quais o angustiado se acredita ameaçado nunca parecem tão grandes na expectativa como no início da situação perigosa, e então é também conveniente primeiro proteger-se contra eles. A primeira relação sexual no casamento, por causa de sua importância, tem certamente a prerrogativa de ser introduzida através dessas medidas de precaução. As duas tentativas de explicação, a do horror ao sangue e a da angústia diante do inaugurar, não se contradizem, mas se reforçam. A primeira relação sexual é certamente um ato preocupante, e muito mais, se nele acontecer de verter sangue (Freud, 2019, p. 161).

A terceira explicação é a de que o tabu da virgindade abrange toda a vida sexual:

Não apenas o primeiro coito com a mulher é tabu, mas também a relação sexual em geral; quase poderíamos afirmar que a mulher inteira constitui tabu. A mulher não é apenas tabu nas situações especiais decorrentes de sua vida sexual, como a menstruação, a gravidez, o parto e o puerpério, mas também fora delas (Freud, 2019, p. 162).

Ao investigar o termo “tabu” (de origem polinésia), no texto *Tabu e ambivalência emocional*, Freud (1996e) apresenta dois sentidos opostos. Por um lado, “sagrado”, “consagrado” e, por outro, “misterioso”, “perigoso”, “proibido”, “impuro”. Curiosamente, porém, pelo contrário, outro significado seria “comum”.

No caso do ritual de defloração, o tabu é colocado no lugar de um perigo temido: há “um horror fundamental à mulher” (Freud, 2019, p. 163). Freud supõe que o horror se justifique pela diferença da mulher em relação ao homem, por ela contemplar um caráter misterioso, eternamente incompreensível e estranho, parecendo, assim, hostil. O homem teme tornar-se enfraquecido e incapaz ao ser contaminado por sua feminilidade. Esse perigo é psíquico e origina-se de uma projeção no mundo externo, em objetos desagradáveis ou estranhos, de hostilidades internas (Freud, 2019).

SOU AQUILO QUE NÃO FOI AINDA

Freud, em certo sentido, corrobora o reforço de uma categoria fechada, dita “a mulher”, inclusive quando formula a questão “O que quer uma mulher?”, e deixa aquilo que chama de “homens” fora de um lugar de enigma. Assim, ao esquivar-se do perigo que comporta uma “mulher”, “o homem” pode acessar a condição de imbrochável, incomível, imorrível. A partir disso, podemos pensar na mulher como depositária dos males do mundo, desencadeadora do pecado original.

Em muitos momentos, Freud parece tocar no cerne da questão: o horror é a alteridade. Curiosamente, é no texto *O tabu da virgindade* a primeira ocorrência da noção de narcisismo das pequenas diferenças — “as pequenas diferenças, em meio à semelhança em todo o resto, fundamentam os sentimentos de estranheza e hostilidade” (Freud, 2019, p. 164). Porém, escorega para fora daquilo em que não consegue entrar quando, no mesmo parágrafo, fala da intolerância à diferença, dizendo que o menosprezo da mulher sobre o homem se remete ao complexo de castração, que tem influência sobre o julgamento dela.

Freud esteve em um processo de negação ao ter sido incapaz de encarar as evidências próprias de sua clínica de que nenhuma mulher seria capaz de ser A mulher. Por isso, seus textos finais vão de um lugar de decepção com a psicanálise, que parece impossibilitada de curar as mulheres não ajustadas aos ideais de feminilidade, ao lugar de perplexidade por não saber responder “o que quer uma mulher?”, negligenciando, assim, o narcisismo das pequenas diferenças e deixando a mulher em um beco sem saída em relação à sua sexualidade (Kehl, 2016).

Se a experiência psicanalítica se inicia com uma indagação sobre a sexualidade feminina, com as histéricas que levam a toda essa construção teórica, é a feminilidade como enigma o ponto de chegada de Freud (Birman, 1999). Em *Análise terminável e interminável* (Freud, 1996c), a posição feminina deixa de estar unicamente ligada a um dos destinos possíveis (o melhor) para a sexualidade da mulher e passa a ser não só um lugar a se chegar ao fim da análise de qualquer sujeito, mas é, justamente, o que sustenta a análise e a transferência. Aqui, o feminino é possibilidade/abertura e está além do registro fálico. Kehl (2016) diz que as indagações propostas por Freud em *Análise terminável e interminável* (1996c) são uma espécie de rendição do autor, que explica o repúdio à feminilidade generalizado entre homens e mulheres.

As contribuições de Paul B. Preciado (2022), no livro *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*, servem de testemunho e nos autorizam a fazer um deslizamento de “a mulher inteira constitui tabu” para “a feminilidade inteira constitui tabu”. Preciado (2022), que é um homem trans, foi convidado, em 2019, a falar em uma jornada internacional da Escola da Causa Freudiana, em Paris, sobre o tema “Mulheres na psicanálise”. Sofreu deboche ao perguntar se estava presente algum psicanalista homossexual, trans ou de gênero não binário, e foi hostilizado quando pediu a responsabilização das instituições psicanalíticas diante das modificações da epistemologia sexual e de gênero. Como resultado do grande incômodo causado, não conseguiu ler grande parte do discurso e, por essa razão, publicou em forma de livro o texto original.

As senhoras e os senhores organizaram um encontro para falar das “mulheres na psicanálise” em 2019 como se estivéssemos ainda em 1917, como se esse tipo particular de animal que chamam de “mulheres”, de forma condescendente e naturalizada, ainda não tivesse adquirido pleno reconhecimento como sujeito político, como se as mulheres fossem apêndices ou notas de rodapé, criaturas estranhas e exóticas sobre as quais é imperativo refletir de tempos em tempos, em colóquios ou mesas-redondas. Seria preciso antes organizar um encontro sobre “homens brancos heterossexuais e burgueses na psicanálise”, porque a maior parte dos textos e práticas psicanalíticas giram em torno do poder

discursivo e político desse tipo de animal: um animal necropolítico que vocês tendem a confundir com o “humano universal”, e que permanece, até o presente, o sujeito da enunciação central nos discursos e nas instituições psicanalíticas da modernidade colonial (Preciado, 2022, p. 14).

Entendo que o horror à feminilidade (enquanto posição) sustente o que Freud vinha trabalhando acerca da lógica fálica. Se, como destaca Birman (1999), as figuras do homem e da mulher foram construídas de acordo com tal lógica, é a presença imaginária do falo no corpo do homem que sustenta sua superioridade ontológica, enquanto quem não o tem, a mulher, acredita na superioridade de seu ser. Dessa forma, quem tem o falo se gaba disso; quem não tem, fica com a inveja. É assim que se inscreve a concepção freudiana da fantasia feminina da inveja do pênis.

Entretanto, o registro da feminilidade proposto por Freud fora uma tentativa de ultrapassar essa lógica fálica. Enquanto pelo falo o sujeito busca a totalização, a universalidade e o domínio das coisas e dos outros, pela feminilidade o que está em pauta é uma postura voltada para o particular, o relativo e o não controle sobre as coisas. Por isso, a feminilidade implica a singularidade do sujeito e as suas escolhas específicas, bem distantes da homogeneidade abrangente da postura fálica. A feminilidade é um correlato de uma postura heterogênea que marca a diferença de um sujeito em relação a qualquer outro. Foi nesse sentido específico que Freud nos disse que a feminilidade seria a fonte de uma experiência psíquica marcada pelo horror (Birman, 1999, p. 12).

Se a feminilidade se coloca como transcendência à lógica fálica, justifica-se o horror à feminilidade. A resistência a ela se dá pelo esforço para negar a castração. Birman (1999) aponta que haver-se com a castração (o conceito de feminilidade é outra maneira de referir-se a isso) é haver-se com o desamparo humano. Assim, a construção fálica é o trabalho que a subjetividade realiza para camuflar sua fragilidade. A fundação do erotismo e do desejo humano se sustenta no desamparo do sujeito e na feminilidade, ou seja, somos todos desamparados por vocação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: “SOMBRA DA NOITE”

Esses tempos, já ocupada da escrita deste artigo, eu chegava em casa de carro em torno de 22h30. Moro em uma casa de rua, não em um condomínio, e, desde que me mudei para a “cidade grande”, aprendi que ter medo de estranhos é protetivo. Ao me aproximar da entrada da garagem, vi um homem desconhecido andando na frente de casa, então dei a volta na quadra e pedi para que meu marido sáísse e me desse um ok antes de eu entrar na garagem.

Deu tudo certo. Entrei em casa e meu filho, que tem cinco anos, me perguntou o que havia acontecido. Contei a ele o mesmo que estou relatando aqui: “Havia um homem desconhecido na frente da nossa casa e, por precaução, eu dei uma volta na quadra e avisei seu pai”. Ele questionou: “Mas como ele era?” Eu insisti: “Era um homem desconhecido”. Ele complexificou a pergunta: “Mas como era o corpo dele?” Muitas outras perguntas decorrem desta: Que corpo tem o estranho? Que cor é o corpo do perigo? É um corpo que sangra? Tem vagina? Tem pênis?

No livro *Problemas de gênero*, Judith Butler (2019) trabalha o conceito de abjeção de Julia Kristeva, a fim de pensar “seres abjetos” como aqueles que rompem com ideias hegemônicas de sexo, raça ou sexualidade devido a algum marcador corporal ou práticas corporais. A partir desse ponto de vista hegemônico, tudo o que apresenta heterogeneidade contém um perigo ou poluição, como se esses outros seres estivessem ocupando um lugar antinatural ou sórdido.

A psicanálise nos implica na produção de linguagem, e essa é uma implicação de muita responsabilidade. Como sabemos, a produção discursiva tem incidência sobre o sofrimento produzido em cada época, e o discurso produz e autoriza atos. Hoje, a psicanálise brasileira se vê diante da urgência de ocupar-se das problemáticas próprias do nosso país, que se desdobram na história e recaem sobre o nosso tempo, ou seja, é preciso buscar saídas do lugar de uma esquiwa que é compartilhada.

Cabe-nos pensar como são produzidos e sustentados, aqui, os lugares que funcionam como depositários do horror. Lugares como o racismo, que cria a raça e coloca o sujeito negro no lugar de outro diferente. A assepsia médica e política que tenta limpar e purificar aquilo que há de disruptivo na verdade do sexo e do corpo. Diz Freud: “O repúdio à feminilidade pode ser nada mais do que [...] uma parte do grande enigma do sexo” (Freud, 1996c, p. 270). Quem são os monstros que precisam de extermínio, isolamento, evitando, assim, o perigo da contaminação que leva à morte, à impotência e à destruição da família, que é projeto de Deus para a eternidade?

No Brasil, os índices que confirmam a violência são alarmantes. Segundo dados de 2022 do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, somos o país que mais mata a população LGBTQIA+ no mundo (Brasil, 2023). Em 2021, a proporção de pessoas negras assassinadas no Brasil atingiu sua maior marca em 11 anos (Lacerda, 2023). Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que apresentou dados em março de 2024, registraram-se 1.463 casos de mulheres vítimas de feminicídio em 2023 — ou seja, cerca de um caso a cada seis horas. Esse é o maior número registrado desde que a lei contra o feminicídio foi criada, em 2015 (Nicoceli, 2024).

Como país, sustentamos cotidianamente um rechaço em forma de extermínio a todos aqueles que não respondem à heterogeneidade de uma cultura masculinista, misógina, racista, representada pelo homem branco, hétero e cisgênero. Como humanidade, assistimos ao avanço do fascismo em vários países do mundo. Todo corpo que não responde a partir de uma suposta homogeneidade que configura pureza é identificado como misterioso, tabu e perigoso, o que leva à urgência de rever a forma como lidamos com a diferença.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, Joel. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- BIRMAN, Joel. *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC). Dossiê apresentado ao MDHC indica 273 mortes de LGBTQIA+ no Brasil, em 2022. MDHC, Brasília, 17 maio 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/dossie-apresentado-ao-mdhc-indica-273-mortes-de-lgbtia-no-brasil-em-2022>. Acesso em: 7 fev. 2025.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: FREUD, Sigmund. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 193-199. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX). Originalmente publicado em 1923-1925.
- FREUD, Sigmund. A feminilidade (1933). In: FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 263-293. (Obras Completas, v. 18). Originalmente publicado em 1933.
- FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: FREUD, Sigmund. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 277-286. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX). Originalmente publicado em 1923-1925.

- FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). In: FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p. 231-270. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXIII). Originalmente publicado em 1937-1939.
- FREUD, Sigmund. O tabu da virgindade (1918). In: FREUD, Sigmund. *Amor, sexualidade, feminilidade*. São Paulo: Autêntica, 2019. p. 155-176. (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Originalmente publicado em 1918.
- FREUD, Sigmund. Sobre a sexualidade feminina (1931). In: FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 371-398. (Obras Completas, v. 18). Originalmente publicado em 1931.
- FREUD, Sigmund. Sonhos sobre a morte de pessoas queridas. In: FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos I* (1900). Rio de Janeiro: Imago, 1996d. p. 276-197. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. IV). Originalmente publicado em 1900.
- FREUD, Sigmund. Tabu e ambivalência emocional. In: FREUD, Sigmund. *Totem e tabu e outros trabalhos* (1913-1914). Rio de Janeiro: Imago, 1996e. p. 37-86. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIII). Originalmente publicado em 1913-1914.
- KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LACERDA, Lucas. Proporção de negros assassinados no Brasil é a maior em 11 anos. *Folha de São Paulo*, 5 dez. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/12/8-de-cada-10-pessoas-assassinadas-no-brasil-sao-negras.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2025.
- MARTINS, Heitor; PEDROSA, Adriano. Teresinha Soares no MASP. In: PEDROSA, Adriane; MOURA, Rodrigo (Orgs.). *Quem tem medo de Teresinha Soares?* São Paulo: MASP, 2017. p. 13-16.
- MOURA, Rodrigo. Quem tem medo de Teresinha Soares? In: PEDROSA, Adriano; MOURA, Rodrigo (Orgs.). *Quem tem medo de Teresinha Soares?* São Paulo: MASP, 2017. p. 17-35.
- NICOCELI, Artur. Brasil registra 1.463 feminicídios em 2023, alta de 1,6% em relação a 2022. *G1*, 7 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/03/07/brasil-femicidios-em-2023.ghtml>. Acesso em: 7 fev. 2025.
- PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

Artigo recebido: 12 de fevereiro de 2025

Artigo aceito: 10 de março de 2025

ENTREVISTA COM JULIETA JERUSALINSKY: A INFÂNCIA DE NOSSOS TEMPOS

INTERVIEW WITH JULIETA JERUSALINSKY: THE CHILDHOOD OF OUR TIMES

ENTREVISTA CON JULIETA JERUSALINSKY: LA INFANCIA DE NUESTROS TIEMPOS

Julieta Jerusalinsky¹

Resumo: A entrevista com Julieta Jerusalinsky situa a infância contemporânea a partir da clínica psicanalítica, considerando que, por estarem menos estruturadas, as crianças estão mais expostas ao sintoma social de sua época, revelando assim os rumos que vão sendo assumidos pela cultura. A infância é atravessada pelo desejo de “ser grande”, sobrepondo a ideia de crescer à de realizar ideais, ao mesmo tempo em que, inconscientemente, a transmissão entre gerações é atravessada pela expectativa de que a geração seguinte possa triunfar onde a anterior fracassou. Por isso, as crianças estão tão atentas ao futuro. Mas é preciso interrogar como se produz a relação com o futuro quando tal esperança convive com a ameaça de um projeto civilizatório que propõe um consumo desenfreado com consequências de devastação ao meio ambiente, crises climáticas causadas por negacionismos políticos e injustiças sociais que recrudescem as intolerâncias com a supressão do convívio e respeito à alteridade. As crianças estão atentas a essas questões. A pandemia de Covid-19 não só privou bebês, crianças e adolescentes de experiências estruturantes, mas também catalisou as “intoxicações eletrônicas”, impondo uma sobredeterminação algorítmica que preenche com respostas prontas as brechas temporais e espaciais desde as quais poderiam se produzir criações inventivas. A virtualidade se apresenta como um quarto registro que tem feito obstáculo aos sintomas de estrutura em seu enlaçamento dos registros Real, Simbólico e Imaginário. Como saída ética e clínica, propõe-se sustentar o brincar, as experiências compartilhadas no convívio e a conversa como modos de elaboração e da sustentação dos laços para que o sentido do viver não seja aniquilado pelo individualismo, pela competitividade e pelo imediatismo impostos por respostas prontas que suprimem as nominações que podem ser produzidas pela subversão do sujeito do desejo.

Palavras-chave: Infância contemporânea. Pandemia. Digitalidade.

¹ Psicanalista, psicóloga (UFRGS,1993), especialista em Estimulação Precoce pela (F.E.P.I/Argentina, 1997); cursou a pós-graduação em Clínica Psicoanalítica con niños (UBA/Argentina, 1995), mestre (2003) e doutora (2009) em psicologia clínica (PUC-SP); docente da PUC/SP na pós-graduação em “Teoria Psicanalítica” (desde 2008); docente e coordenadora da pós-graduação em “Estimulação Precoce: clínica transdisciplinar com bebês” do Instituto Travessias da Infância: Centro de Estudos Lydia Coriat SP, do qual é fundadora, assim como da REDE-BEBÊ; autora dos livros *Enquanto o futuro não vem — a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês* (Ágalma, 2002); *A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê* (Ágalma, 2011); organizadora de *Travessias e travessuras no acompanhamento terapêutico* (Ágalma, 2017); coorganizadora de *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era nas relações virtuais* (Ágalma, 2017); de *Quando algo não vai bem com o bebê: detecção e intervenções estruturantes em estimulação precoce* (2020, Ágalma) e *Janela, Janelinha: psicomotricidade na primeira infância, corpo e sujeito em estruturação* (Ágalma, 2024). ORCID: 0000-0003-3184-5412. E-mail: julietajerusalinsky@gmail.com

Abstract: The interview with Julieta Jerusalinsky situates contemporary childhood from the vantage point of the psychoanalytic clinic, considering that, since children are less structured, they are more exposed to the social symptom of their time, thus revealing the directions culture is taking. Childhood is traversed by the desire to “grow up”, where growing up is overlaid with the pursuit of ideals, while — unconsciously — intergenerational transmission carries the expectation that the next generation will succeed where the previous one failed. Hence, children’s heightened attention to the future. Yet we must question how the relation to the future is produced when such hope coexists with the threat of a civilizational project that promotes unrestrained consumption, causing environmental devastation, climate crises fueled by political denialism, and social injustices that exacerbate intolerance by suppressing sociability and respect for otherness. Children pay attention to these issues. The Covid-19 pandemic not only deprived babies, children, and adolescents of structuring experiences, it also catalyzed “electronic intoxications,” imposing an algorithmic overdetermination that fills temporal and spatial gaps from which inventive creations might otherwise emerge. Virtuality presents itself as a fourth register that has obstructed structural symptoms in their knotting of the Real, the Symbolic, and the Imaginary. As an ethical and clinical way forward, the proposal is to sustain play, shared experiences in daily coexistence, and conversation as modes of elaboration and of supporting bonds, so that the sense of living is not annihilated by individualism, competitiveness, and the immediacy imposed by ready-made answers that suppress the acts of naming producible through the subversion of the subject of desire.

Keywords: Contemporary childhood. Pandemic. Digitality.

Resumen: La entrevista con Julieta Jerusalinsky sitúa la niñez contemporánea desde la clínica psicoanalítica, considerando que, al estar menos estructuradas, las niñas y los niños están más expuestos al síntoma social de su época y, así, revelan los rumbos que va asumiendo la cultura. La niñez está atravesada por el deseo de “ser grande”, superponiendo la idea de crecer a la de realizar ideales, al mismo tiempo que, inconscientemente, la transmisión entre generaciones está atravesada por la expectativa de que la generación siguiente triunfe donde la anterior fracasó. De ahí la atención al futuro por parte de las infancias. Pero se hace necesario interrogar cómo se produce la relación con el futuro cuando esa esperanza convive con la amenaza de un proyecto civilizatorio que promueve un consumo desenfrenado, causando la devastación del medio ambiente, las crisis climáticas impulsadas por negacionismos políticos y las injusticias sociales que recrudecen las intolerancias al suprimir la convivencia y el respeto por la alteridad. Las niñas y niños están atentos a estas cuestiones. La pandemia de Covid-19 no solo privó a bebés, niñas, niños y adolescentes de experiencias estructurantes, también catalizó “intoxicaciones electrónicas”, imponiendo una sobredeterminación algorítmica que llena con respuestas automáticas las fisuras temporales y espaciales desde las cuales podrían producirse creaciones inventivas. La virtualidad se presenta como un cuarto registro que ha obstaculizado los síntomas de estructura en su anudamiento de los registros Real, Simbólico e Imaginario. Como salida ética y clínica, se propone sostener el juego, las experiencias compartidas en la convivencia y la conversación como modos de elaboración y de sostén de los lazos, para que el sentido de vivir no sea aniquilado por el individualismo, la competitividad y el inmediatez impuesto por respuestas prefabricadas que suprimen las nominaciones que pueden producirse mediante la subversión del sujeto del deseo.

Palabras clave: Niñez contemporánea. Pandemia. Digitalidad.

– 1. PARA DARMOS INÍCIO À NOSSA CONVERSA, GOSTARÍAMOS QUE COMPARTILHASSE, A PARTIR DE SUA LONGA TRAJETÓRIA NA CLÍNICA E NA PESQUISA, COMO COMPREENDE A EXPERIÊNCIA DE SER CRIANÇA NA CONTEMPORANEIDADE. QUAIS MARCAS E EXIGÊNCIAS PARTICULARES VOCÊ IDENTIFICA NA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA INFANTIL HOJE?

A clínica psicanalítica sempre nos coloca face à obscuridade do nosso tempo — justamente porque as formações do inconsciente são o retorno do recaiado. Mas escutar crianças na clínica psicanalítica coloca uma questão adicional, porque elas nos revelam para onde se encaminha a cultura, justamente porque, como elas estão em estruturação, estão menos defendidas e muito mais expostas em relação ao que vai se apresentando como ideal e sintoma social de cada época.

A família, a comunidade escolar e também o grupo social em que se vive fazem desse ideal um recorte. No entanto, de maneira geral, na contemporaneidade, podemos escutar as crianças não apenas desejosas, mas também preocupadas com o futuro.

Às vésperas das eleições presidenciais de 2022, perguntei a crianças do consultório (a pacientes meus e de colegas) o que elas fariam se fossem presidentes². Diante dessa pergunta, o primeiro impulso delas foi o de ficarem preocupadas com “abrirem o voto” em meio a uma situação de enorme hostilidade e discórdia política na qual as pessoas se encerram em nichos que retroalimentam as suas certezas em lugar de poder conversar. E justamente é preciso conversar com as crianças sobre o que elas pensam, sobre os valores e as ações que elas consideram certas como projeto do ser humano em um compromisso com o futuro do mundo em que ele vive. E as crianças estão preocupadas com as relações humanas no mundo e com a preservação do planeta. Esse me parece ser um ponto crucial da contemporaneidade.

Afinal, a infância é atravessada pelo desejo de ser grande, ou seja, na ilusão infantil, crescer e se tornar um grande adulto que realiza ideais, em certa medida, se equivalem. Por isso as crianças almejam tanto chegar ao futuro, um tempo em que poderão lançar as suas escolhas a partir de seu desejo, já que, durante o tempo de criança, a responsabilidade, e também as decisões sobre a sua vida, cabem, em grande parte, aos pais.

Ao mesmo tempo, desde a introdução ao narcisismo, Freud nos diz que nós depositamos nas crianças a esperança de que elas, no futuro, venham triunfar onde nós fracassamos. Então, produzir uma realização no futuro é algo que a criança espera e que também se espera dela.

Mas, na contemporaneidade, há uma certa torção nisso, pois as guerras que perduram, o avanço de formas de governos fascistas e crise climática, que revela suas consequências, mostram que o futuro está em questão se não mudarmos os rumos do pacto civilizatório. Temos vivido catástrofes da natureza que não são naturais, e sim produto de uma crise política acerca de como administraremos os nossos recursos sem devastar o planeta. Estamos em uma sociedade que alimenta a ilusão de que o que nos falta pode ser comprado, fomentando um gozo irrefreável através de um consumo voraz que, além de afrontar o compromisso ético com a preservação de espécies, pode acabar por tornar muito difícil e, até mesmo inviável, a vida do próprio ser humano no planeta. Então, o horizonte de nosso tempo não consiste em uma luta do ser humano contra uma natureza hostil que deve ser conquistada e transformada para que lhe seja possível sobreviver. Ao contrário, essa natureza precisa ser preservada.

Diante dessa realidade, vamos nos encontrando com uma queda de natalidade dentro de grupos sociais com mais acesso à formação e informação. Casais muitas vezes se perguntam se devem pôr um filho no mundo, e as crianças, por sua vez, estão muito atentas e

² As respostas delas saíram publicadas em um texto chamado “carta aberta da REDE-BEBÊ em defesa da democracia: o que dizem as crianças”. <https://www.redebebe.com/post/carta-aberta-da-rede-beb%C3%AA-em-defesa-da-democracia-o-que-dizem-as-crian%C3%A7as>

preocupadas com essa questão ambiental, segundo a qual o futuro não é simplesmente uma promessa, mas uma ameaça. Isso muda a forma como as crianças da contemporaneidade têm de lidar com o futuro.

– 2. CINCO ANOS APÓS O INÍCIO DA PANDEMIA DE COVID-19, AINDA SENTIMOS SEUS DESDOBRAMENTOS NAS MAIS DIVERSAS ESFERAS DA VIDA. QUAIS EFEITOS CLÍNICOS, ESPECIALMENTE NO CAMPO DA INFÂNCIA, TÊM EMERGIDO EM SUA PRÁTICA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ISOLAMENTO SOCIAL E DAS TRANSFORMAÇÕES QUE ELE IMPÔS?

A pandemia de Covid-19 tampouco foi um acontecimento natural, e sim uma crise de saúde mundial agravada por negacionismos políticos. No Brasil, o fechamento das escolas ocorreu durante um período muito longo em relação a outros países³, com professores que depois foram obrigados a voltar à sala de aula como serviço essencial, sem vacina. Isso teve um enorme impacto no cuidado das crianças. Além disso, houve a tentativa de um apagão dos dados de saúde de mortos, doentes, e depois, de vacinados, que só foi barrada, fazendo chegar à população informações decisivas para o planejamento de ações preventivas, devido a um esforço conjunto dos jornalistas no Consórcio de Veículos de Imprensa⁴.

Então, a presença de um risco real de morte, junto com uma enorme violência política e isolamento do convívio com pares e cuidadores por um tempo muito longo, criou um cenário extremamente devastador que deixou, sim, marcas profundas para todos, não apenas orgânicas, mas também psíquicas⁵.

Dentro disso, não temos como uniformizar ou igualar as experiências: há diferentes infâncias a depender da territorialidade, classe econômica e momento da estruturação psíquica na qual se está. Se todos foram atingidos por essa pandemia, não o foram igualmente. Assim como um mesmo vírus incide de um modo diferente em cada organismo (sendo preciso considerar fatores de risco), não são nada indiferentes as condições sociais em que se atravessou a pandemia, já que a vulnerabilidade faz com que não se conte com recursos semelhantes para reduzir o risco de contágio, nem para tratar a doença (desde ter água para lavar as mãos e casas que permitam o isolamento até ter acesso a leitos com respiradores). Um vírus se vale das fraquezas biológicas das pessoas, também aquelas que são oriundas de causas sociais, como desigualdades de acesso à segurança alimentar, saneamento básico, moradia, estabilidade laboral. Ou seja, os mais vulneráveis economicamente são sempre os mais atingidos. A questão da inclusão digital também se colocou aí, pois houve crianças que tiveram acesso a aulas virtuais, outras não.

Desde o aspecto psíquico, tampouco são indiferentes os conflitos pré-existentes, nos quais as “cavilhas” dessa pandemia se prestam a encaixe, assumindo significações e provocando consequências psíquicas diversas, dependendo da estrutura subjetiva que esteja em jogo, bem como do momento de estruturação no qual alguém se encontra⁶.

Também, ao longo da estruturação, há certos momentos lógicos em que se atravessam problemáticas cruciais: no tempo de ser bebê (de 0 aos 3 anos), pequena criança (dos 3 aos 6 anos), criança ou adolescente se conta com recursos psíquicos diferentes para poder

³ **Vidas em pausa — o afastamento da escola e o isolamento social vêm fazendo das crianças brasileiras vítimas ocultas da pandemia**, artigo de Milene Chaves com entrevista a Dra. Julieta Jerusalinsky, Universa, UOL. Setembro, 2020. <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/criancas-pandemia-coronavirus/#page10>

⁴ https://pt.wikipedia.org/wiki/Cons%C3%B3rcio_de_Ve%C3%ADculos_de_Imprensa

⁵ Jerusalinsky, Julieta. Psicopatologia na quarentena. Matinal Jornalismo, 23 de abril de 2020.

⁶ Jerusalinsky, Julieta. Ser bebê, criança e adolescente durante a pandemia: cuidar e educar nas encruzilhadas entre a estruturação psíquica e o risco de COVID-19, Revista Crianças. Junho 2020. Acessível em: https://www.travessiasdainfancia.com/_files/ugd/f9c84d_b9fd918a23dd4b99a9d616bf9f98a2f6.pdf

responder às contingências que se apresentam na vida, principalmente àquelas contingências históricas que atingem todo o conjunto da humanidade. Mas, devido aos conflitos e potencialidades próprias de cada etapa, encontramos diferentes consequências da incidência da pandemia de Covid-19.

Quanto menor uma criança, mais difícil é compartilhar um laço através da virtualidade pois, à medida em que alguém vai se estruturando psiquicamente, tem mais possibilidade de simbolizar pela palavra. Quanto menor se é, mais imprescindível é a presença do corpo em cena para se relacionar e apreender.

Por isso, para os pequenos, a virtualidade é muito mais difícil de ser sustentada, não só na educação, mas também nos atendimentos clínicos, pois, quando a articulação corpo-linguagem ainda está por ser produzida — tal como é próprio da primeira infância —, não estar de corpo presente produz entraves que, se nem sempre foram absolutamente impeditivos, certamente produziram maiores obstáculos e resistências.

Além disso, a pandemia de Covid-19 catalisou o processo de virtualização das relações, bem como as intoxicações eletrônicas na infância pois, quando os pais não estavam em insegurança laboral, ou indo trabalhar presencialmente sem ter uma escola para dar suporte aos cuidados das crianças, estavam trabalhando em home-office deixando as crianças diante de telas para aquietá-las e silenciá-las através de joguinhos eletrônicos em todas as classes econômicas. E isso teve consequências nos diferentes momentos lógicos da estruturação psíquica⁷.

Para os bebês é imprescindível estar com adultos que deles cuidem, para que as percepções que chegam até eles na vida cotidiana (cheiros, cores, temperaturas, sons) possam ir ganhando significação. Nesse sentido, a construção da inteligência humana passa bem longe de aplicativos virtuais aos quais tantas vezes ficaram expostos. As intoxicações eletrônicas se viram agravadas nessa etapa da vida, não só pela entrega de aparelhos nas mãos de bebês para aquietar seus movimentos e silenciar suas demandas incompatíveis ao home-office realizado por pais em situação de confinamento; agravaram-se também porque os pais, ao estarem solitários, sem rede de apoio para sustentar os cuidados do bebê, apelaram para respostas prontas aos conflitos da vida advinda dos aplicativos, tantas vezes suprimindo o valor da produção em contexto e a produção e um saber-fazer de modo conjunto com o bebê a partir de uma posição interpretativa.

Para as crianças, a escola virtual implicou uma perda do convívio com pares na construção de experiências de vida e trocas de hipóteses de aprendizagem junto a professores que possibilitem articular seu desejo de saber de um modo mediado, para além dos pais, além de também ter implicado uma perda das construções coletivas do brincar.

Para os adolescentes, houve uma privação da circulação na cidade, de convívio com pares e de encontros que lhes permitissem explorar a sexualidade de modo exogâmico, sendo que adolescência é justamente um momento de desdobrar experiências para fora de casa e da família.

Se um bebê não nasce estruturado nem orgânica, nem psiquicamente, as experiências de vida compartilhadas com os outros – familiares, escolares e culturais – são decisivas para quem ele irá se tornar. Nesse sentido, o mais complicado desse traumatismo coletivo que foi a pandemia de Covid-19 é que, após ela, passa-se bebês, crianças e adolescentes pelo crivo de instrumentos diagnósticos por check-list que supõem neles psicopatologias supostamente intrínsecas ao seu ser, em lugar de considerar o contexto de vida e a perda de experiências

⁷ Jerusalinsky, Julieta, O que podemos aprender com as crianças durante a quarentena? Matinal Jornalismo, 17 de abril de 2020. <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/julieta-jerusalinsky-o-que-podemos-aprender-com-as-criancas-durante-a-quarentena/>

estruturantes pelas quais passaram, para então suscitar-las e favorecer a sua estruturação ainda em curso. Isso é o mais grave: uma pandemia de diagnósticos de doenças mentais pós-pandemia de Covid-19⁸. Trata-se, lamentavelmente, de um projeto de psicopatologização e medicalização generalizada da infância cujo avanço temos testemunhado.

– 3. DIANTE DE UM CENÁRIO EM QUE AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL ATRAVESSAM O COTIDIANO DOS SUJEITOS — INCLUSIVE DAS CRIANÇAS, ENQUANTO PAIS E CUIDADORES LIDAM COM ROTINAS CADA VEZ MAIS SOBRECARRREGADAS —, COMO PENSAR OS EFEITOS DESSAS TRANSFORMAÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE INFANTIL E NAS FORMAS CONTEMPORÂNEAS DE LAÇO SOCIAL?

Essa é uma questão que implica diversos desdobramentos do que temos testemunhado em nossa pesquisa psicanalítica cotidiana oriunda da clínica. Certamente a digitalidade, com seus algoritmos e inteligência artificial, mudou a forma de nos relacionarmos e nos representarmos no discurso a tal ponto de que, se Freud falou de uma psicopatologia da vida cotidiana, em nossos tempos precisamos falar de uma psicopatologia da vida digital cotidiana⁹.

As máquinas lembram por nós, mas nos devolvem uma memória que não é investida ou recalçada pelo crivo do desejo; escrevem e falam por nós, nos impedindo de cometer erros racionais, mas também de produzir os nossos atos falhos; decidem os caminhos por nós, mas não consideram os nossos mapas afetivos; imaginam por nós, produzindo cenários virtualizados nos quais o brincar das crianças não precisa operar com o semelhante a transposição de registro entre palavra e imagem. Nesse sentido, a virtualidade tem operado como um quarto registro, para além do Real, do Simbólico e do Imaginário, que flutua, desliza sobre os outros e que nosso sintoma de estrutura não tem conseguido amarrar. Se isso é assim por ser algo novo e as próximas gerações poderão articulá-lo é uma questão. Pois temos o risco de ficarmos solapados pelo algoritmo e pela inteligência artificial, fazendo-nos instrumento do instrumento na medida em que temos uma máquina muito poderosa e, sempre que a humanidade se fascinou pela técnica sem produzir uma discussão ética à altura, produziu atrocidades.

No que tange às crianças, elas muitas vezes estão retiradas do convívio jogando jogos virtuais em lugar de brincar com pares. Certamente isso tem incentivado muito a competitividade e o narcisismo, pois, com a máquina, cada vez que se está perdendo, se dá um reset. Então, cai a negociação com a alteridade. Também essa é uma forma de brincar muito mais passiva, porque, em lugar de a criança como sujeito, ter que produzir as articulações simbólicas que a entre-tem entre presença-ausência-presença, é a indústria do entretenimento que oferece a diversão já pronta, tornando as crianças muito mais passivas e vorazes, crianças que não suportam um espaço vazio e têm uma absoluta impaciência com o tempo que leva fazer algo, um desenho, uma escultura... isso se torna um tempo insuportável de atravessar porque se espera que tudo surja pronto enquanto o sujeito perde o fio do desejo, tempos de um sujeito *wireless*¹⁰.

Assim, vamos nos encontrando com pandemias de TDAH, mas não se considera seriamente os efeitos de estar exposto a um excesso de estímulos visuais e sonoros em um ritmo alucinante enquanto se está sentado no sofá; ou se fala de TEA em crianças que tem uma sideração pela tela sem buscar o olhar dos outros ou que repetem fragmentos sonoros de

⁸Jerusalinsky, Julieta. In: Geração Pandêmica, org. Kelly e Brandão, editora Appris, 2023.

⁹Jerusalinsky, Julieta. A sobredeterminação algorítmica do sujeito contemporâneo, a sociedade da pós-verdade e a virtualidade como quarto registro. In: https://spcrj.org.br/wp-content/uploads/2023/12/Caderno-de-Psicanalise_Vol-32_2023.pdf

¹⁰Jerusalinsky, Julieta. O sujeito wireless e a inscrição da borda entre realidade e fantasia na era das relações virtuais. In: Revista da APC, Psicanálise e contemporaneidade, n. 35, org. Camila Freire e Rejinaldo Chiaradia, Curitiba, Editora Juruá, setembro de 2019.

eletrônicos, mas que não sustentam uma estrutura dialógica sem que se considere que uma linguagem transmitida sem desejo engendra um apagamento do sujeito do desejo¹¹.

Então, tanto as graves patologias quanto a psicopatologia da vida digital cotidiana têm revelado a incidência da virtualidade como um quarto registro que não estamos conseguindo amarrar com nossos sintomas de estrutura e têm feito obstáculo à produção do brincar como um sintoma de estruturação próprio da infância.

– 4. TEM-SE OBSERVADO UMA CRESCENTE FRAGILIDADE NA TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DE SABERES, COM PAIS FREQUENTEMENTE RECORRENDO A ESPECIALISTAS, TUTORIAIS OU BUSCADORES ONLINE FRENTE ÀS PRIMEIRAS DIFICULDADES COM SEUS FILHOS. EM SUA PERSPECTIVA, QUAIS OS IMPACTOS DESSA DELEGAÇÃO DO SABER NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DA CRIANÇA E NA CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE CUIDADORES E BEBÊS?

Justamente em uma época em que todos podem plugar-se em um totem de autoatendimento, que nos conecta a uma onisciência, onipresença e onipotência através da web, apaga-se a rede simbólica que singulariza o lugar de cada um a partir de uma complexidade de relações que estabelece diferenças geracionais, sexuais e identificatórias e se cai em uma perplexidade. Assim, as novas gerações, a partir da web, têm acesso a informações ilimitadas, mas carecem de ter com quem singularizar os seus percursos investigativos. Fala-se muito em infodemia. A informação em si nunca é excessiva. O problema é quando passamos a carecer do alinhavo simbólico que é necessário para que não percamos o sentido. Esse é o problema de apagar a complexidade pela qual se tece um pensamento e cair na perplexidade em que tudo se torna rápido e fragmentário. Então, se, para as crianças, antes eram os adultos que sabiam, agora, para elas, quem sabe é a IA. Mas quem fala na IA? Como é o artifício de uma fala que se produz sem corpo, que não paga o preço da experiência? Isso é de fato um saber?

Muitas vezes os pais da contemporaneidade são presas de uma impossibilidade de operar no cotidiano com os enigmas que surgem, querendo respostas prontas do que fazer advindas de pseudotécnicas que não consideram o contexto de produção e que apagam o lugar possível da invenção. Desse modo, com os algoritmos, vemos um afunilamento de nomações possíveis diante dos impasses do viver e isso é um empobrecimento psíquico para cada um, mas também para toda a cultura¹².

Por isso a importância de brincar, conversar, conviver sustentando o fazer cotidiano atravessado pelo lúdico. É imprescindível que uma geração conte à outra o que viveu e que escute também os seus impasses porque o saber de uma geração não recobre o que a geração seguinte precisará produzir, mas sim podemos dar o testemunho do que é atravessar impasses, angústias e também experimentar maravilhosas surpresas da vida, que nos permitem construir um saber viver a partir de uma condição não onipotente, não onipresente e não onisciente, compartilhando do viver como uma experiência inventiva sem garantias.

¹¹ Jerusalinsky, Julieta. As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In: Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais. Org. Batista e J. Jerusalinsky, Salvador: Ágalma, 2017.

¹² Jerusalinsky, Julieta. Café filosófico: Por qual janela a criança olha para o mundo? CPFL, 29 de novembro 2024.

A TESE DE VÍCTOR GUERRA — SOBRE A INTERSUBJETIVIDADE E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

VÍCTOR GUERRA'S THESIS — ON INTERSUBJECTIVITY
AND THE PROCESS OF BECOMING A SUBJECT

LA TESE DE VÍCTOR GUERRA — SOBRE LA INTERSUBJETIVIDAD
Y LOS PROCESOS DE SUBJETIVACIÓN

Angela Flores Becker¹

Renata Chaves Serafini²

Tatiana Giron Cardon³

LIVRO: VIDA PSÍQUICA DO BEBÊ: A PARENTALIDADE E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

AUTOR: VÍCTOR GUERRA

SÃO PAULO: BLUCHER, 2022. 336 P.

Resumo: O livro "Vida psíquica do bebê: a parentalidade e os processos de subjetivação", de Víctor Guerra, é resultado de longos anos de estudos e experiência clínica com bebês. Nesta obra, o autor aprofunda conceitos psicanalíticos e apresenta suas próprias conceptualizações, além de uma ampla revisão bibliográfica de grande contribuição para o entendimento da metapsicologia da constituição do psiquismo, para os processos de subjetivação do sujeito e para a prática clínica psicanalítica com o bebê. São destacados os conceitos de intersubjetividade, ritmo, lei materna, objeto tutor e falso self motor e suas funções no processo de subjetivação — ilustrados na "grade de indicadores de intersubjetividade" desenvolvida por Guerra.

Palavras-chave: Intersubjetividade. Subjetivação. Psicanálise.

Abstract: Víctor Guerra's book "Psychic Life of the Baby: Parenting and the Processes of Subjectivation" is the result of many years of study and clinical experience with infants. In this work, the author delves into psychoanalytic concepts and presents his own conceptualizations, as well as a comprehensive bibliographical review that contributes significantly to understanding the metapsychology of the constitution of the psyche, the processes of subjectivation, and psychoanalytic clinical practice with infants. The concepts of intersubjectivity, rhythm, maternal law, tutor object, and false motor self are highlighted, as well as their functions in the process of subjectivation — illustrated in Guerra's "intersubjectivity indicator grid".

Keywords: Intersubjectivity. Subjectivation. Psychoanalysis.

¹ Psicóloga, psicanalista em formação na Sigmund Freud Associação Psicanalítica, membro da Sociedade de Psicologia do RS, coordenadora do Comitê O psiquismo do bebê — um olhar psicanalítico, da SPRGS. ORCID: 0009-0007-1456-8368. E-mail: afbecker5044@gmail.com

² Psicóloga, sócia graduada do Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia (IEPP), membro da Sociedade de Psicologia do RS, coordenadora do Comitê O psiquismo do bebê — um olhar psicanalítico, da SPRGS. ORCID: 0009-0005-6291-032X. E-mail: re_serafini@yahoo.com.br

³ Psicóloga, especialista (CFP), psicoterapeuta (ITIPOA), psicanalista (CEP de PA), membro do Comitê O psiquismo do bebê — um olhar psicanalítico, da SPRGS. ORCID: 0009-0000-7468-4757. E-mail: tagica@hotmail.com

Resumen: El libro de Víctor Guerra, "Vida Psíquica del Bebé: Crianza y los Procesos de Subjetivación", es el resultado de muchos años de estudio y experiencia clínica con bebés. En esta obra, el autor profundiza en los conceptos psicoanalíticos y presenta sus propias conceptualizaciones, así como una exhaustiva revisión bibliográfica que contribuye significativamente a la comprensión de la metapsicología de la constitución de la psique, los procesos de subjetivación y la práctica clínica psicoanalítica con bebés. Se destacan los conceptos de intersubjetividad, ritmo, ley materna, objeto tutor y falso yo motor, así como sus funciones en el proceso de subjetivación, ilustrados en la "cuadrícula indicadora de intersubjetividad" de Guerra.

Palabras clave: Intersubjetividad. Subjetivación. Psicoanálisis.

O livro “Vida psíquica do bebê: a parentalidade e os processos de subjetivação” é um estudo aprofundado sobre os inícios da vida psíquica humana. Nele, o psicanalista Víctor Guerra (falecido em 2017) analisa o encontro intersubjetivo entre o bebê e seu cuidador primordial, a partir de seu trabalho em escola de educação infantil e na clínica.

Nesta obra, publicada postumamente como resultado de sua tese de doutorado, os leitores são apresentados com uma revisão da literatura como um passeio por diversos psicanalistas que estudaram — e ainda estudam — os processos de subjetivação do sujeito. Em seus estudos, percorreu por autores como René Spitz, Melanie Klein, Anna Freud, Donald Winnicott, Esther Bick, dentre outros, que se dedicaram ao estudo do psiquismo do bebê, através da observação e do acompanhamento clínico.

Guerra fazia dialogar diferentes teorias com o objetivo de alcançar um olhar ampliado a partir das complexas experiências humanas primordiais. Amante das artes como a poesia, a música e a literatura, utilizou amplamente a criação artística para ilustrar os tempos arcaicos da vida psíquica.

Neste livro, o autor nos apresenta o conceito de intersubjetividade de forma sensível e profunda, compreendendo-o como um diálogo entre a subjetividade nascente e incipiente do bebê e a subjetividade já constituída daqueles que assumem seus primeiros cuidados (apud Filme: *Indicadores de Intersubjetividad 0 a 12 meses. Del encuentro de miradas al placer de jugar juntos*, 2014). Ele também destaca o conceito de ritmo como uma função essencial para o desenvolvimento da vida psíquica, dedicando a esse tema uma parte significativa de sua construção teórica. Olhou com interesse para os objetos inanimados do ambiente e se perguntou qual seria o papel destes objetos nos processos de simbolização. O conceito “objeto tutor”, elaborado pelo autor, evidencia a importância dos objetos no processo de separação, oferecendo subsídios valiosos para refletirmos sobre a constituição do psiquismo através da interludicidade, ampliando possibilidades no trabalho clínico com bebês. Assim, esta obra se revela como o resultado de um trabalho refinado, sustentado por um olhar atento e sensível, que nos convida a pensar a constituição psíquica na contemporaneidade.

Guerra (2022) analisa o lugar do bebê na cultura e destaca que ele necessita essencialmente do outro para constituir-se como sujeito. É no encontro com o cuidador que se estrutura sua subjetividade, processo que gradualmente o prepara para a separação e a independência. O autor retoma a ideia de Winnicott de que o bebê sozinho não existe e complementa que a mãe sozinha também não existe, evidenciando a natureza relacional da constituição psíquica. Nesse contexto, o vínculo estabelecido entre mãe, pai ou cuidador e bebê é permeado por encontros e desencontros, gratificações e frustrações.

A partir do conceito de intersubjetividade, compreende-se a construção da vida psíquica do bebê como um processo que se inicia nos primeiros momentos de vida. Guerra (2022) retoma C. Trevarthen (2003) ao referir que este conceito corresponde a “[...] uma

potencialidade primária, uma condição do encontro humano, a partir da qual o bebê, desde o início da vida, tem a potencialidade de interagir com o outro e de ter graus de consciência da separação” (Trevarthen, 2003, apud Guerra, 2022, p. 40).

Conforme mencionado anteriormente, o autor ressalta a função essencial do ritmo no desenvolvimento emocional primitivo, entendendo-o como um canal de comunicação não verbal entre mãe e bebê. O ritmo manifesta-se nos sons corporais e na entonação das palavras dirigidas ao bebê, compondo a “melodia do encontro” que sustenta a constituição subjetiva (Guerra, 2022). Mãe e bebê irão *cocriar* um ritmo comum: trata-se de um ritmo compartilhado em construção que, conforme o autor, ajudaria o bebê a organizar progressivamente o fluxo de sensações às quais estaria exposto interna e externamente.

Guerra destaca o conceito da lei materna a partir de Roussillon (1991) e nos apresenta a “lei materna do encontro”, que se estrutura no respeito ao ritmo próprio do bebê, construído através de uma sintonia rítmica. Segue afirmando que é um princípio organizador da vida afetiva e que, quando o encontro inicial não se dá de forma empática, nos leva a pensar que a sintomatologia do bebê pode estar relacionada com as diferentes formas de disritmia.

Com base na observação de bebês e em sua vasta experiência clínica e institucional, Guerra (2022) elaborou uma grade de indicadores de intersubjetividade dos 0 aos 12 meses, que denominou “do encontro de olhares ao prazer de brincar juntos”, a fim de conceituar o papel do outro no processo de subjetivação do bebê. O autor acrescenta que este material potente para pensar o processo de subjetivação poderia ter valor diagnóstico, trazendo importantes contribuições para o trabalho clínico com os bebês. Os conceitos — intersubjetividade, ritmo, *interludicidade*, dentre outros — que o autor explora ao longo de toda a obra se apresentam intimamente relacionados de forma didática e dinâmica neste material.

Na sequência, Guerra traz a importância dos objetos no processo de simbolização. Ele entendeu que o mundo do bebê é povoado por objetos que o acompanham. A partir deste entendimento, conceitualiza como *objeto tutor* aqueles objetos que fazem parte do ambiente do bebê. Guerra percebeu, em suas observações, que, a partir da intencionalidade do bebê, o cuidador atento apresenta o objeto desejado, muitas vezes de forma lúdica, criando uma *interludicidade*. A *narratividade* presente na brincadeira a dois pela disponibilidade lúdica do cuidador libidinizava o objeto inanimado. Estes objetos são plurais e variáveis e passam a ter um investimento especial, representando encontros prazerosos entre a mãe/pai/cuidador-bebê. Desta forma, o adulto e o bebê *cocriam* uma experiência emocional comum, resultando num encontro impregnado de histórias *cocriadas* e *conarradas* pela dupla. São objetos-testemunha destes encontros, guardam em si a memória do encontro.

Os objetos tutores fazem a função de objeto terceiro, o que permite ao bebê separar-se da mãe e avançar na sua autonomia, auxiliando no processo de separação. Simbolizam a mãe e podem proporcionar uma experiência de cuidado na ausência dos pais, desde que já tenha sido investido pela dupla de forma lúdica. Para o autor, “tal objeto surge do encontro intersubjetivo do bebê com sua mãe (ou cuidadora) e que é ao mesmo tempo um objeto tanto de união como de separação” (p.189). Ele se diferencia do objeto transicional de Winnicott: este último é um objeto único e escolhido pelo bebê, com a função de elaborar a angústia de separação.

Por este viés de compreensão, que valoriza os fatores ambientais, afetivos e intersubjetivos, o autor chama a atenção para o aumento dos diagnósticos considerados disfuncionais na infância, como o Transtorno de Deficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Ele questiona tanto a eficácia quanto os excessos da prática diagnóstica e da medicalização, propondo uma reflexão sobre novas formas de articular os aspectos constitucionais da criança com as dificuldades presentes na relação intersubjetiva entre pais e filhos, sem, contudo, desconsiderar a relevância dos fatores genéticos e neuroendócrinos.

O sintoma contemporâneo do excesso de movimento é entendido como uma moeda com duas faces: uma diz respeito ao mundo interno da criança e a outra, à dinâmica familiar. Entender a importância do sintoma e o que está sendo comunicado por ele parece ser o caminho para buscar alguma compreensão. Em muitos casos, a criança que precisa repetidamente “chamar a atenção” está, na realidade, reclamando uma falta de atenção afetiva. Isso nos remete ao papel do olhar materno e a importância de uma conexão afetiva capaz de conter e decodificar as ansiedades do bebê. Muitas vezes, a agitação surge como uma forma de descarga da excitação que o bebê não consegue metabolizar.

Guerra também revisita os conceitos de verdadeiro e falso *self*, de Winnicott, para propor uma relação entre o falso *self* intelectual e o que ele chamou de “falso *self* motor” (p. 208). Nestes casos, o movimento parece tomar a função de sustentação do *self*. Uma aparente autonomia excessiva, sem angústia de separação, mostra que “o movimento substitui a reivindicação do ‘outro’ e o corpo se torna fonte de descarga da excitação, com uma passagem precária ao representacional” (p. 218).

Winnicott já dizia que o essencial é a mais simples de todas as experiências: o sentimento de unidade compartilhado entre o bebê e sua mãe, que são duas pessoas separadas. Somente a partir daí é que poderia surgir o sentimento de ser.

A inquietude exacerbada da criança, que leva à necessidade de colocação de limites por parte do adulto, revela a busca, muitas vezes desesperada, de limites para seu *self*, uma tentativa de encontrar continente para a sensação de transbordamento.

Nessa compreensão, o autor questiona “as modalidades de presença”, visto que ocorreram muitas transformações de parentalidade e vínculos nos últimos tempos. Analisa tais modificações atuais segundo quatro vertentes: mudanças na construção identitária; reconfiguração do público e do privado; tempo e espaço: a aceleração, o investimento do presente e o culto à urgência e às tiranias da visibilidade, e a primazia do sensorial, que geram o risco da disritmia na subjetivação.

A partir do percorrido feito ao longo do livro, no último capítulo, o autor se dedica ao aprofundamento da escuta sensorial e estética nos transtornos de subjetivação arcaica. Nele, o autor retoma o conceito de atenção flutuante e destaca a importância do “afrouxamento das censuras e de uma possível porosidade com o processo primário” (p. 262) para que o psicanalista seja capaz de imaginar e escutar o que é dito pelo paciente não apenas em palavras, mas também em gestos, no olhar, na respiração e no corpo.

Nesse contexto, Guerra discorre ainda sobre o conceito de capacidade negativa, compreendido como a disposição do analista em não resistir ao que emerge do outro e em permitir-se sentir, sem defesas, aquilo que pode inicialmente parecer incerto, desordenado ou ilógico. Para Guerra, essa abertura amplia a receptividade do analista, favorecendo uma escuta mais sensível e profunda do sujeito.

Essa capacidade de escuta que vai além das palavras e se abre ao inesperado é, segundo o autor, fundamental na compreensão de crianças e de seus pais. Guerra (2022) enfatiza a importância não apenas do que se manifesta pela criança, mas também do olhar e da escuta atentos ao “ambiente subjetivante” em que ela está inserida.

Ao longo de toda a obra, evidencia-se o olhar sensível de Víctor Guerra sobre os processos de subjetivação do bebê, sempre pensados a partir da dinâmica da intersubjetividade. Essa construção apoia-se em um ritmo singular entre o bebê e seus cuidadores, sustentado pela presença de trocas afetivas. O vir-a-ser do bebê é constituído pela cocriação de um ritmo comum, em uma narrativa afetiva compartilhada, desde que o adulto cuidador se mantenha disponível. Com uma escrita atual e atenta às questões contemporâneas, o autor alerta para os riscos da patologização e da medicalização excessiva, especialmente quando ocorrem rupturas nesse processo de subjetivação na contemporaneidade.

Os sete capítulos do livro, comentados nesta resenha, apresentam aspectos complexos e profundamente interligados sob o enfoque da intersubjetividade. Trata-se de uma contribuição inestimável de Víctor Guerra ao campo da psicanálise do bebê.

REFERÊNCIAS

GUERRA, Víctor. *Vida psíquica do bebê: a parentalidade e os processos de subjetivação*. São Paulo: Blucher, 2022.

GUERRA, V. *Indicadores de intersubjetividad 0-12 m*. Del encuentro de miradas al placer de jugar juntos. Documentário (Asociación Psicoanalítica del Uruguay), 2014.

WINNICOTT, Donald. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1975.

ROUSSILLON, René. *Paradoxes et situations limites de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1991.

TREVARTHEN, C., & Aitken, K. J. Intersubjectivité chez le nourrisson: recherche, théorie et application clinique. *Devenir*, 15(4), 309-428, 2003.

LER O MASOQUISMO PELO AVESSE

READING MASOCHISM FROM THE REVERSE SIDE

LEER EL MASOQUISMO DESDE EL REVERSO

Rafael Werner Lopes¹**LIVRO: GRAMÁTICAS DO MASOQUISMO: ESCRITOS PSICANALÍTICOS****AUTOR: SANDER MACHADO DA SILVA****PORTO ALEGRE: ARTES & ECOS, 2023. 270 P.**

Resumo: A obra *Gramáticas do masoquismo: escritos psicanalíticos*, de Sander Machado da Silva, realiza uma profunda investigação sobre o conceito de masoquismo. O percurso empreendido destaca a singularidade das propostas teóricas de Freud e Lacan sobre o tema, articulando a psicanálise, em seu exercício clínico e conceitual, com a cultura e outros campos do saber. O desenvolvimento da pesquisa também propicia uma série de desdobramentos que problematizam o estatuto da teoria e da clínica, bem como a inconclusividade que marca o fazer psicanalítico.

Palavras-chave: Psicanálise. Masoquismo. Freud. Lacan.

Abstract: The book Gramáticas do masoquismo: escritos psicanalíticos, by Sander Machado da Silva, conducts a deep investigation into the concept of masochism. The path undertaken highlights the uniqueness of Freud's and Lacan's theoretical approaches to the theme, articulating psychoanalysis — both in its clinical and conceptual practice — with culture and other fields of knowledge. The development of the research also gives rise to a series of reflections that problematize the status of theory and clinical practice, as well as the inconclusiveness that marks the psychoanalytic endeavor.

Keywords: Psychoanalysis. Masochism. Freud. Lacan.

Resumen: La obra Gramáticas do masoquismo: escritos psicanalíticos, de Sander Machado da Silva, realiza una profunda investigación sobre el concepto de masoquismo. El recorrido emprendido destaca la singularidad de las propuestas teóricas de Freud y Lacan sobre el tema, articulando el psicoanálisis, en su ejercicio clínico y conceptual, con la cultura y otros campos del saber. El desarrollo de la investigación también propicia una serie de reflexiones que problematizan el estatuto de la teoría y de la clínica, así como la inconclusividad que marca la praxis psicoanalítica.

Palabras clave: Psicoanálisis. Masoquismo. Freud. Lacan.

O que o tema do masoquismo pode revelar sobre a psicanálise e o ser humano? Em *Gramáticas do masoquismo: escritos psicanalíticos*, Sander Machado da Silva realiza uma experiência investigativa que desentranha o conceito de masoquismo de uma perspectiva nosográfica, fazendo-o retornar na forma de uma concepção multiperspectivada que dialoga com

¹ Professor e psicanalista. Possui doutorado, mestrado e graduação em Filosofia. É membro da Associação Livre Psi — Psicoterapia e Psicanálise: Clínica e Pesquisa (ALPSI) e do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA). Realiza atividade clínica, em seu consultório privado.
ORCID: 0009-0006-2914-0578. E-mail: rafaelwernerlopes@hotmail.com

outros saberes. O livro reúne uma série de ensaios psicanalíticos que investigam essa temática na obra de Freud, Lacan e outros pensadores contemporâneos, dando mostras de como a psicanálise, em vez de se encerrar em seus próprios códigos, ganha potência quando se abre à relação com outras formas de produção simbólica. Ao retirar o tema do “bestiário” que guia os diagnósticos dos profissionais da saúde em sua atividade clínica, revela algo sobre a dinâmica de nosso funcionamento psíquico e a forma como concebemos a própria psicanálise. O texto faz lembrar que, deixando-se guiar pelo interesse e pela curiosidade, uma pesquisa pode sempre levar a lugares novos e desconhecidos, cheios de descobertas e novas possibilidades.

O livro oferece uma série de reflexões que vão da clínica à metapsicologia, e desta a suas fontes literárias, além de inúmeras outras questões que daí se desdobram. O trato com as obras de Freud e Lacan descortina uma pré-história conceitual que encontrará na literatura as “figurações possíveis de estruturas clínicas” do psiquismo. Do âmbito de tratamento do tema à luz da psicanálise, Machado propõe abrir o campo de investigações à gênese do masoquismo, traçando um percurso que envolve a psicopatologia do psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing (1840-1902), em sua obra *Psychopathia sexualis* (1886), e a literatura do escritor Leopold von Sacher-Masoch, em *A Vênus das Peles* (1870). Tal percurso permite historicizar o conceito e sublinhar sua heterogeneidade constitutiva.

O texto também problematiza o lugar da teoria na constituição do campo analítico. A partir de uma experiência clínica marcada pela insistência da repetição e pelas manifestações de sofrimento que se articulam à lógica do masoquismo, Machado volta sua atenção à presença dos pressupostos teóricos que sustentam a prática psicanalítica. Dessa maneira, da costumeira ideia de uma primazia empirista da prática clínica como origem da teorização psicanalítica, o autor realiza uma importante inflexão: concebe a clínica como atividade que se desenrola de intuições teóricas. Nesse âmbito, propõe a presença de um apriorismo teórico como condição de possibilidade para o desenvolvimento da própria prática psicanalítica. Essa ideia pode ser compreendida como revelação de uma indissociabilidade fundamental de teoria e prática, estabelecendo entre essas duas dimensões, em lugar de um “ou” hierarquizante e excludente, um “e” amplificador e includente, que potencializa a psicanálise.

As reflexões que se desenvolvem a respeito das relações entre teoria e prática abrem terreno para interessantes considerações sobre as noções de “gramática” e “condições de leitura” como pressupostos do exercício clínico. Essas ideias fazem referência não apenas a um sistema de regras, mas às estruturas simbólicas e epistemológicas que sustentam a possibilidade da clínica. A respeito disso, lança a pergunta: “Como ler algo desconhecendo a gramática que suporta tal leitura?” (Machado, 2023, p. 14). Nesse sentido, procura evidenciar a relação de suporte que uma gramática desempenha diante da experiência de leitura e da capacidade de desenvolvimento da prática de escuta psicanalítica.

É importante destacar, também, que Machado evidencia o trabalho de constante revisitação da metapsicologia como antídoto às tendências controladoras de nossas instituições sociais, que arriscam mortificar a psicanálise, impedindo-a de ser concebida como saber inscrito na fluidez da vida e sujeito a transformações. Aqui a inconclusividade se manifesta como característica potencializadora de um saber que, marcado pelas condições de seu porvir, está aberto ao novo. Então, do consagrado uso em um restrito perímetro de compreensão, o autor profana conceitos e a própria psicanálise, isto é, restitui aos conceitos e ao saber psicanalítico a fluidez de seu fazer. Isso sugere um contínuo e mutante trabalho hermenêutico que é próprio à psicanálise, em que possibilidades e incertezas estruturam a condição de seu ofício.

Na segunda parte do livro, o autor retoma as concepções de Freud e Lacan a respeito do masoquismo, estabelecendo como estratégia de investigação a busca de um movimento de desambiguação. Esse procedimento estratégico tem o intuito de desfazer a insistente equivalência entre esses autores, buscando mostrar consonâncias e dissonâncias conceituais, mas sobretudo a singularidade de suas propostas teóricas. A respeito da evidenciação de diferentes

perspectivas, vale lembrar que, nas palavras de Machado, “não se trata de produzir uma rivalidade ou hierarquia entre os autores colocados em cena, mas de delimitar criticamente seus modos de resposta ao problema do masoquismo” (Machado, 2023, p. 16). Assim, esse esforço por desambiguar não visa simplesmente decifrar um significado oculto, mas reabrir o campo de possíveis leituras através de um exercício de “desleitura”, ou “ler pelo avesso”.

O texto de Machado propõe que, em Freud, o masoquismo apresenta um uso geral e ampliado, mas também enigmático. A tentativa de estabelecer a conversão da dor em prazer a partir da excedência de limiares quantitativos apresenta um caráter deficitário no estabelecimento da teorização desse conceito, provocando o que o autor refere como uma “inflexão” que relativiza a pressuposta ideia de que o prazer se estabelece como força soberana sobre a vida psíquica, como seu princípio regente. O pensamento freudiano sugere, também, um deslocamento do masoquismo da esfera das perversões para o centro da constituição subjetiva, como estrutura que atravessa o humano e como expressão de uma economia psíquica que desafia o princípio do prazer, tal como Freud já apontava em *Além do princípio do prazer* (1920).

Ainda a respeito do pensamento freudiano, o texto também apresenta reflexões sobre a relação de Freud com o contexto científico de seu tempo. Contra a ideia de ruptura com o modelo científico vigente à sua época, sustenta a tese de que o pai da psicanálise segue no perímetro de desenvolvimento desse paradigma. Aqui podemos lançar as perguntas: Como é esse modelo científico ao qual Freud está ligado? Qual é a tensão que pode existir entre duas perspectivas conflitantes, a saber, a de um mundo marcado por uma determinada forma de ciência e a de outro que irrompe com uma visão radicalmente distinta? Essas e outras inquietações perfazem as reflexões propostas pelo texto de Machado.

Face à concepção freudiana de masoquismo, Machado procura contrastar um uso específico desse conceito em Lacan, referido ao gozo do grande Outro. A respeito disso, afirma que o gozo está ligado a um sentido lógico e concebido como “efeito da articulação significativa” (Machado, 2023, p. 126). Vale destacar que o objetivo de Machado vai além da demonstração de uma teoria de Lacan sobre o masoquismo, procurando também evidenciar uma “ultrapassagem” desse conceito. Aqui cabem as perguntas: Que significa essa “ultrapassagem”? Em que termos ela é realizada? Assim, a exposição do pensamento lacaniano conduz ao reconhecimento de uma teorização, com seus usos e particularidades, que é distinta daquela exposta e desenvolvida por Freud.

Ao abordar a obra de Lacan, o texto procura evidenciar uma teoria lacaniana sobre o masoquismo, o que será feito a partir da referência à ocupação de Lacan com sua escrita, a partir do grafo do fantasma masoquista e da constante presença desse tema ao longo de seu ensino. O ponto de partida nesse processo de singularização da proposta lacaniana, no que diz respeito ao pensamento freudiano, passa pelas ideias, entre outras, de desubstancializar o sujeito e invocar uma base lógica que organiza todo cenário discursivo. A propósito disso, Machado chega a afirmar: “a gramática é, para Lacan, a causa formal do gozo e está implicada na noção de escrito” (Machado, 2023, p. 15).

Gramáticas do masoquismo se inscreve, assim, como uma obra que não apenas restitui complexidade à noção de masoquismo, mas também propõe uma radical abertura da psicanálise às suas próprias especulações. Sem fechamentos e conclusões, o livro de Sander Machado da Silva convida o leitor a percorrer caminhos clínicos, metapsicológicos e literários, adentrando a rica e multifacetada experiência de pensar o ser humano, seu sofrimento e as formas singulares de seu desejo.

Artigo recebido: 4 de agosto de 2025
Artigo aceito: 13 de setembro de 2025

Sigmund Freud Associação Psicanalítica
Rua Rua Doutor Timóteo, 752
Moinhos de Vento . Porto Alegre, RS . Brasil
CEP 90570-140 . (51) 3062.7400
www.sig.org.br . sig@sig.org.br
revista@sig.org.br





Sigmund Freud Associação Psicanalítica
Rua Rua Doutor Timóteo, 752
Moinhos de Vento · Porto Alegre, RS · Brasil
CEP 90570-140 · (51) 3062.7400
www.sig.org.br · sig@sig.org.br
revista@sig.org.br

